

*Ela está determinada a ganhar a
atenção dele, mas terá de pagar o alto
preço do desejo*

LIGADOS PELO

dever

BORN IN BLOOD MAFIA CHRONICLES
LIVRO 2

CORA REILLY

+18

b
EDITORA

LIGADOS PELA DEVER

Born in Blood Mafia Chronicles

Livro 2

Cora Reilly

Copyright © 2015 Cora Reilly

Copyright © 2020 Editora Bezz

Título original: *Bound by Duty*

Tradução: Stéphanie Rumbelsperger

Preparação de Texto: Vânia Nunes

Capa: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Reilly, Cora

Ligados pelo Dever (Born in Blood Mafia Chronicals, livro 2)/ Cora Reilly;
Tradução: Stéphanie Rumbelsperger. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2020.

CONTEÚDO ADULTO

Leitura indicada para Maiores de 18 anos



Índice

[CAPÍTULO UM](#)
[CAPÍTULO DOIS](#)
[CAPÍTULO TRÊS](#)
[CAPÍTULO QUATRO](#)
[CAPÍTULO CINCO](#)
[CAPÍTULO SEIS](#)
[CAPÍTULO SETE](#)
[CAPÍTULO OITO](#)
[CAPÍTULO NOVE](#)
[CAPÍTULO DEZ](#)
[CAPÍTULO ONZE](#)
[CAPÍTULO DOZE](#)
[CAPÍTULO TREZE](#)
[CAPÍTULO QUATORZE](#)
[CAPÍTULO QUINZE](#)
[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
[CAPÍTULO DEZESSETE](#)
[CAPÍTULO DEZOITO](#)
[CAPÍTULO DEZENOVE](#)
[CAPÍTULO VINTE](#)
[CAPÍTULO VINTE E UM](#)
[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
[EPÍLOGO](#)
[SOBRE A AUTORA](#)



PRÓLOGO

— Não me dê as costas. Olhe para mim. Acho que mereço no mínimo essa consideração, Dante.

Quando se virou para mim, emanava tensão. Ele não se aproximou, mas me encarava. Pela primeira vez, não fingiu que eu era invisível. Seus olhos azuis percorriam o meu corpo descoberto.

Meus mamilos endureceram por causa do ar gelado de seu escritório, mas não fechei o roupão de seda, apesar da urgência esmagadora de me cobrir devido ao frio olhar crítico de Dante. Seu olhar permaneceu um pouco mais de tempo no vértice das minhas coxas do que no resto do meu corpo, e fui preenchida por um pequeno rompante de esperança.

— Não sou sua esposa?

Suas sobrancelhas uniram-se.

— Claro que você é. — Havia algo em sua voz que não pude distinguir o que era.

— Então, tome o que é seu por direito, Dante. Faça-me sua!

Ele não se moveu, mas seus olhos deslizaram direto para meus mamilos eretos. Seu olhar era quase palpável, como se um fantasma tocasse minha pele nua.

Faltava pouco para eu implorar. Sabia que ele estava quase cedendo. Eu queria transar esta noite.

— Também tenho necessidades. Ou você prefere que eu encontre um

amante que te libere do fardo de me tocar? — Não estava certa se seria capaz de fazer isso. Não, eu sabia que não seria capaz de fazer isso, mas esse gesto de provocação era a minha última opção. Não sabia o que mais poderia fazer se Dante não reagisse a isso.

— Não — respondeu bruscamente, um misto de raiva e possessividade rompendo sua máscara de perfeição. Ele apertou os lábios, cerrou a mandíbula e caminhou em minha direção. Tremi de necessidade e expectativa quando ele parou na minha frente. Não me tocou, mas pensei ter detectado um vislumbre de desejo em seus olhos. Não era grande coisa, mas o suficiente para me encorajar.

Cobri a distância que ficara entre nós, agarrando seus ombros másculos e pressionei meu corpo nu ao dele. O tecido áspero de seu terno roçou deliciosamente contra meus mamilos sensíveis e deixei escapar um leve gemido. A pressão no meio das minhas pernas era quase insuportável. Os olhos de Dante brilharam quando ele baixou o olhar para mim. Ele me envolveu com um braço devagar e pousou a palma da mão na parte inferior das minhas costas.

A sensação de vitória me inundou. Não estava mais sendo ignorada.



CAPÍTULO UM

Óbvio que eu sabia que isso aconteceria. Meu pai havia deixado bem clara sua opinião no momento em que Antonio, meu primeiro marido, foi sepultado. Eu era jovem demais para permanecer sem marido. Só não esperava que meu pai me encontrasse um novo tão rápido e, definitivamente, não esperava que este fosse Dante Cavallaro, *O Chefe*.

O funeral de Antonio tinha acontecido há nove meses, o que fez o meu novo compromisso beirar a inadequação. Geralmente, Mamma era uma das primeiras a criticar quando alguém assumia um falso compromisso social e, no entanto, ela não via nada de errado no fato de que hoje, menos de um ano após me despedir de Antonio, eu iria encontrar meu próximo marido. Nunca amei Antonio como uma mulher ama um homem, mesmo que eu tenha acreditado nisso em algum momento, e nosso casamento nunca foi de verdade, mas esperava ter mais tempo antes que fosse empurrada para outro noivado, principalmente porque eu nem tive escolha dessa vez.

— Você tem tanta sorte de Dante Cavallaro ter concordado em se casar. Foi uma surpresa para muitas pessoas que ele tenha decidido se juntar a uma mulher que já foi casada. Afinal, ele poderia ter escolhido alguém de uma fila de jovens ansiosas — disse minha mãe enquanto escovava meus cabelos castanho-escuros. Não era sua intenção me magoar, ela apenas constatava o óbvio. Sabia que era verdade. Qualquer um sabia.

Um homem na posição de Dante não tinha que se contentar com sobras de

outro, de outro em posição inferior. Era o que provavelmente a maioria das pessoas pensava e, mesmo assim, eu deveria me casar com ele. Eu, que nem queria me casar com ninguém tão poderoso e ardiloso como Dante Cavallaro. Eu, que queria ficar sozinha, nem que fosse para proteger o segredo de Antonio. De que forma eu poderia manter a mentira? Dante era conhecido por sempre saber quando alguém está mentindo.

— Ele será o Chefe da Outfit dentro de dois meses, e quando se casar com ele, você será a mulher mais influente de Chicago e do Centro-Oeste. E se continuar sua boa amizade com Aria, também terá conexões em Nova York.

Como de costume, minha mãe estava um passo à frente, já planejava o domínio mundial, enquanto eu ainda tentava me acostumar com o fato de que deveria me casar com O Chefe. Era perigoso demais. Eu sabia mentir. Nos anos em que fui casada com Antonio, melhorei minhas habilidades continuamente, mas havia uma enorme diferença entre mentir para o mundo exterior e mentir para o seu marido. A raiva por Antonio reapareceu como se fosse há alguns meses. Ele me forçou a esta situação.

Mamma deu um passo atrás, admirando seu trabalho. Meus cabelos escuros caíam em cachos brilhantes sobre meus ombros e minhas costas. Levantei. Para a ocasião, escolhi uma saia lápis creme e uma blusa ameixa, presa na cintura, e um modesto sapato preto de salto baixo. Eu era uma das mulheres mais altas da Organização, com 1,73m e, logicamente, minha mãe estava preocupada com que Dante não gostasse se eu usasse saltos altos. Não me importei em destacar que Dante era pelo menos treze centímetros mais alto que eu; eu não ficaria mais alta que ele mesmo com saltos altos. E, de qualquer forma, não seria a primeira vez que ele me veria. Nós nos encontramos algumas vezes em eventos da máfia e dançamos uma breve música juntos no casamento de Aria há três meses, em agosto. Porém, nunca trocamos mais do que gentilezas esperadas e, certamente, nunca tive a impressão de que Dante estivesse remotamente interessado em mim, mas ele era conhecido por ser reservado, então, quem poderia saber o que realmente se passava pela cabeça dele?

— Ele teve algum relacionamento desde que a esposa morreu? — Perguntei. Normalmente, esse tipo de fofoca se espalhava rápido em nosso meio, mas talvez eu tenha deixado passar. As mulheres mais velhas da família frequentemente ficavam sabendo primeiro sobre os podres dos outros. Para ser honesta, fofoca era a principal atividade da maioria delas.

Mamma sorriu de maneira triste. — Não oficialmente. Dizem por aí que ele não conseguiu se desapegar da esposa, só que já faz mais de três anos e agora que está prestes a se tornar O Chefe da Outfit, não pode se agarrar à memória de uma mulher morta. Ele precisa seguir em frente e gerar um herdeiro. — Ela pôs as mãos em meus ombros e deu um sorriso radiante. — E será você a dar um lindo filho a ele, querida.

Senti um nó no estômago. — Não hoje.

Minha mãe riu balançando a cabeça. — Em breve. O casamento será em dois meses. — Se fosse pela vontade de Mamma e Papá, o casamento teria sido meses atrás. Eles deviam estar preocupados que Dante pudesse mudar de ideia sobre mim.

— Valentina! Livia! Dante acabou de estacionar o carro.

Mamma bateu palmas e piscou. — Vamos fazê-lo esquecer da esposa.

Tomara que ela não diga algo tão deselegante assim perto de Dante. Segui-a escada abaixo e tentei imprimir minha expressão mais sofisticada. Papá abriu a porta. Nem lembrava a última vez que ele tinha realmente *atendido a porta*. Geralmente era Mamma ou eu que fazíamos isso, ou nossa empregada, mas até eu notei que ele estava praticamente dando pulos de ansiedade. Ele precisava mesmo deixar tão evidente o desespero em me casar de novo? Isso me fez sentir como se fosse o último filhote da ninhada, do qual a loja de animais não podia mais esperar para se livrar.

Os cabelos loiros de Dante apontaram no vão da porta no momento em que minha mãe e eu paramos no meio do salão de entrada. Estava nevando lá fora e o véu suave de neve na cabeça de Dante fez seus cabelos parecerem quase dourados. Entendi por que algumas pessoas ficaram frustradas por Aria ter se

casado com Luca. Dante e ela teriam sido o casal de ouro.

Papá abriu largamente a porta com um sorriso igualmente largo. Dante apertou a mão de meu pai e eles trocaram algumas poucas palavras. Mamma estava praticamente dando pulinhos ao meu lado. Ela exibiu seu sorriso super brilhante assim que Dante e Papá finalmente vieram em nossa direção. Eu mesma forcei um sorriso bem menos radiante.

Como mandava a tradição, Dante cumprimentou minha mãe primeiro, com uma reverência e um beijo na mão, depois, virou para mim. Ele deu um sorriso breve que não alcançava seus olhos azuis, e beijou minha mão.

— Valentina — disse com sua voz macia e sem emoção.

De um ponto de vista exclusivamente físico, achei Dante mais do que um pouco atraente. Ele era alto e discretamente musculoso, impecavelmente vestido com um terno completo cinza escuro, camisa branca e gravata azul clara, e seus cabelos loiros volumosos estavam despretensiosamente penteados para trás. Todos o chamavam de insensível, e pelos nossos curtos encontros eu sabia que estavam certos.

— É ótimo te encontrar novamente — falei com um pequeno aceno de cabeça.

Dante largou minha mão. — É, sim. — Ele voltou seu olhar vazio para meu pai. — Gostaria de conversar a sós com Valentina. — Como de costume, nenhuma gentileza foi usada.

— Claro — disse Papá ansiosamente, segurando o braço de minha mãe e abrindo caminho. Se eu não tivesse sido casada antes, eles nunca me deixariam sozinha com um homem, no entanto, era como se não achassem que precisavam mais proteger minha virtude. E eu não podia contar que Antonio e eu nunca havíamos consumado nosso casamento. Não poderia contar a ninguém, muito menos a Dante.

Quando Mamma e Papá desapareceram para dentro do escritório de meu pai, Dante virou-se para mim.

—Você não vê problema nisso, suponho.

Ele parecia muito contido e controlado, como se suas emoções estivessem reprimidas bem no fundo, e nem mesmo ele fosse capaz de alcançá-las. Perguntei-me o quanto disso era resultado da morte de sua esposa e o quanto era seu temperamento natural.

— Não — respondi, esperando que ele não percebesse o quão nervosa eu estava. Fiz um gesto para a porta à nossa esquerda. — Você gostaria de sentar enquanto conversamos?

Dante assentiu e o levei para a sala de estar. Afundei no sofá e Dante ficou na poltrona à minha frente. Pensei que sentaria ao meu lado, mas ele parecia satisfeito em manter o máximo de espaço entre nós quanto fosse possível. Tirando o breve beijo na minha mão, ele se assegurou de não me tocar. Como não éramos casados, ele provavelmente achava isso inapropriado. Pelo menos era o que eu esperava.

— Suponho que seu pai tenha dito que nosso casamento está programado para o dia cinco de janeiro.

Procurei uma centelha de tristeza ou de melancolia em sua voz, mas não havia nada. Pousei as mãos no colo, entrelaçando os dedos. Assim era mais difícil Dante perceber que eu estava tremendo.

— Sim. Ele me disse há alguns dias.

— Percebi que será menos de um ano depois do funeral de seu marido, mas meu pai irá se aposentar no fim do ano e espera-se que eu esteja casado quando assumir seu lugar.

Baixei os olhos, meu peito apertado com sentimentos enterrados. Antonio não foi um bom marido, ele não foi nenhum tipo de marido, porém, foi meu amigo, e eu o conhecia a minha vida inteira, foi por esse motivo que concordei em casar com ele. Claro, fui inocente, não me dei conta do que realmente significava casar com um homem que não estava interessado em mim, ou em mulheres em geral. Eu quis ajudá-lo. Ser gay não era algo tolerado na máfia. Se alguém tivesse descoberto que Antonio gostava de homens, ele teria sido assassinado. Quando ele pediu minha ajuda, agarrei a chance, esperava

secretamente que pudesse conquistá-lo. Pensei que ele poderia resolver não ser mais gay, pensei que poderíamos ter um casamento de verdade em algum momento, mas essa esperança logo se desfez. Havia uma parte de mim vil e egoísta que ficou aliviada quando Antonio morreu. Pensei estar finalmente livre para encontrar um homem que me amasse ou, pelo menos, me desejasse. Felizmente, era apenas uma parte bem pequena, e me sentia culpada sempre que me lembrava disso. E, mesmo assim, talvez essa fosse minha chance. Talvez meu segundo casamento finalmente fosse me proporcionar um marido que me visse mais do que um mal necessário.

Dante pareceu não entender meu silêncio.

— Se for muito cedo para você, podemos cancelar nosso acordo.

Mamma me mataria e Papá provavelmente sofreria um derrame.

— Não — retruquei rapidamente. — Está tudo bem. Fiquei absorta em memórias por um instante. — Sorri para ele. Ele não retribuiu, apenas me encarou, analisando friamente.

— Muito bem — acabou por dizer. — Gostaria de discutir os preparativos com você, assim como o horário do evento. Dois meses passam rápido, mas, como esse casamento não será uma grande festa, ficaremos bem.

Assenti. Parte de mim estava triste porque o casamento seria discreto, mas qualquer coisa mais suntuosa tão rápido depois da morte de Antonio teria sido ofensivo, e, já que era a segunda união tanto para Dante quanto para mim, ficaria ridículo se eu insistisse numa comemoração estonteante.

— Por que me escolheu? Tenho certeza de que havia muitas outras opções viáveis. — Estive me perguntando sobre isso desde que Papá me contou a respeito do acordo com Dante. Sabia que era algo que não deveria perguntar. Mamma teria um chlique se estivesse ali.

A expressão de Dante não mudou. — Claro. Meu pai sugeriu sua prima Gianna, mas eu não queria uma esposa que acabou de atingir a maioridade. Infelizmente, a maioria das mulheres de vinte e poucos anos já está casada, e a maior parte das viúvas é mais velha que eu ou tem filhos, situações inaceitáveis

para um homem na minha posição, como você deve saber.

Assenti. Existem tantas regras de etiqueta no que diz respeito a encontrar a esposa correta, principalmente para um homem na posição de Dante, por isso, muitos se espantaram quando fui anunciada como sua futura esposa. Dante pisou em vários calos ao tomar essa decisão.

— Então, você era a opção mais lógica. É claro que você ainda é bem jovem, mas não podemos mudar isso.

Fiquei em silêncio, atordoada por um instante devido ao seu raciocínio insensível. Eu não era mais tão inocente quanto antes, mas esperava que pelo menos parte do motivo de Dante ter me escolhido fosse por sentir atração por mim, me achar bonita, ou, no mínimo, interessante em algum ponto; no entanto, a explicação fria destruiu essa pequena fagulha de esperança.

— Tenho vinte e três — repliquei com uma voz surpreendentemente calma. Possivelmente a indiferença de Dante tenha me contagiado. Nesse caso, logo eu seria conhecida como a rainha do gelo. — Para nossos padrões de casamento, não sou muito nova.

— Doze anos mais nova que eu. É mais do que eu gostaria. — Sua esposa falecida era apenas dois anos mais nova que ele e eles ficaram casados por quase doze anos antes de o câncer matá-la. Ainda assim, o jeito como ele disse fez soar como se tivesse sido obrigado a casar comigo. A maioria dos homens em nosso meio arruma uma amante jovem quando suas esposas ficam velhas e, mesmo assim, Dante estava insatisfeito com a minha idade.

— Talvez você deva procurar por outra esposa. Não pedi para se casar comigo. — No instante em que as palavras saíram, coloquei a mão na boca e meu olhar cruzou com o de Dante. Ele não parecia nervoso, ele não parecia *nada*. Seu rosto estava como sempre. Impassível e sem emoção. — Desculpe. Isso foi bastante indelicado. Não deveria ter falado isso.

Dante balançou a cabeça. Nenhum fio de cabelo se mexeu. Não se via nem uma partícula de poeira em suas calças, apesar da neve de novembro. — Está tudo bem. Não quis te ofender.

Queria que ele não tivesse soado tão *blasè*, mas eu não podia fazer nada quanto a isso, pelo menos não até estarmos casados.

— Não ofendeu. Desculpe. Passei do limite.

— Vamos voltar ao que interessa. Ainda há algumas coisas que precisamos discutir e infelizmente tenho uma reunião agendada para esta noite e um voo amanhã cedo.

— Você está indo a Nova York para o noivado de Matteo e Gianna. — Minha família não foi convidada. Assim como para a festa de noivado de Aria, apenas os parentes mais próximos e os respectivos chefes da máfia de Nova York e Chicago foram convidados. Para falar a verdade, eu fiquei contente. Teria sido o primeiro evento social depois do noivado com Dante se tornar público. As fofocas e os olhares curiosos iriam me seguir por toda parte.

Seu olhar demonstrou uma leve surpresa, mas logo desapareceu. — Na verdade, estou. — Ele colocou a mão no bolso do paletó e estendeu uma caixinha de veludo. Peguei-a de sua mão e abri. Dentro, havia uma aliança de noivado de diamante. Eu havia tirado há apenas algumas semanas as alianças de casamento e de noivado que Antonio me deu. Elas nunca tiveram muito significado para mim de qualquer forma.

— Espero que o modelo seja do seu gosto.

— É, sim, obrigada. — Depois de um momento de hesitação, tirei a aliança da caixinha e coloquei no meu dedo. Dante não deu nenhum sinal de que queria fazer isso por mim. Fiquei com náuseas quando meu olhar parou sobre sua mão direita. Ele ainda usava sua aliança antiga. Outra pontada estranha de decepção me atingiu. Se ele ainda a usava depois desse tempo todo, ainda devia ser apaixonado pela esposa morta, ou será que era apenas uma questão de hábito?

Ele percebeu meu olhar e, pela primeira vez, sua máscara de indiferença caiu, no entanto, ela voltou tão rápido que não tinha mais certeza de que realmente vi aquilo. Ele não me deu nenhuma explicação, nem se desculpou, não que eu esperasse algo assim de um homem como ele.

— Seu pai pediu que fizéssemos um evento para anunciar nosso compromisso antes do casamento propriamente. Uma vez que todos concordamos que uma festa de noivado é desnecessária — Nunca me consultaram, mas não estava surpresa. —, sugeri que comparecêssemos juntos à festa anual de Natal da família Scuderi.

Desde que me entendo por gente, minha família vai à casa da família Scuderi no primeiro domingo do advento. — Parece sensato.

Dante deu um sorriso tranquilo. — Então, está combinado. Falarei com seu pai sobre quando virei te buscar.

— Você pode dizer para mim. Tenho um celular e sei como usá-lo.

Dante me encarou. Seu rosto expressou algo como divertimento por um segundo. — Claro. Se você prefere assim. — Ele tirou o celular do bolso. — Qual é o seu número?

Precisei de um instante para suprimir uma risada nada feminina antes de falar.

Quando terminou de digitar, colocou o aparelho de volta no bolso e se levantou sem dizer mais nada. Levantei-me também e fiquei um tempo alisando amassados inexistentes na minha saia para esconder minha irritação por trás das gentilezas que me foram ensinadas.

— Agradeço o seu tempo — disse formalmente. Eu realmente tinha esperança de que ele relaxasse depois do nosso casamento. Ele não era sempre tão retraído. Ouvi histórias sobre como estabeleceu sua posição de herdeiro do título de seu pai e como foi eficiente quando teve que lidar com traidores e inimigos. Havia algo de selvagem e sombrio por trás de sua conduta de príncipe de gelo.

— Sem problemas. — Fui em direção à porta, mas Dante chegou antes e a segurou para eu passar. Agradei rapidamente antes de ir para o corredor. — Vou buscar meus pais para se despedirem.

— Na verdade, gostaria de falar com seu pai em particular antes de ir.

Tentei inutilmente conseguir alguma informação de sua expressão, mas

nem me importei. Em vez disso, andei a passos largos até o fim do corredor e bati à porta do escritório de meu pai. As vozes lá dentro cessaram e, logo depois, meu pai abriu a porta. Mamma estava de pé logo atrás dele. Pela cara dela dava para notar que estava ansiosa para me encher de perguntas, mas Dante vinha bem atrás de mim.

— Dante gostaria de falar com o senhor — comuniquei e virei-me para falar com Dante. — Até a festa de Natal. — Pensei em dar um beijo de leve em sua bochecha, mas descartei a ideia imediatamente. Em vez disso, inclinei a cabeça num sorriso antes de seguir meu caminho. Os saltos de minha mãe estalavam atrás de mim, e logo ela já estava ao meu lado. Cruzou seu braço com o meu.

— Como foi? Dante não parecia muito contente. Você fez alguma coisa que o ofendeu?

Olhei para ela. — Claro que não. O rosto de Dante é congelado em uma única expressão.

— Shhh. — Mamma olhou para trás. — E se ele te ouvir?

Não achava que ele se importaria.

Mamma analisou meu rosto. — Você deveria estar feliz, Valentina. Você ganhou na loteria dos maridos, e tenho certeza de que por baixo daquele exterior gélido existe um amante passionai escondido.

— Mamma, por favor. — Por duas vezes na vida, até agora, já sofri com conversas sobre sexo com minha mãe: aquela na qual ela tentou me contar sobre a história da sementinha, e eu com quinze anos já estava bem ciente dos mecanismos do sexo. Mesmo em uma escola católica para meninas, essa informação vem à tona em algum momento. E a segunda, brevemente antes do meu casamento com Antonio. Não achei que sobreviveria a uma terceira.

Porém, esperava que ela estivesse certa. Graças ao desinteresse de Antonio por mulheres, nunca tive a chance de desfrutar de um amante apaixonado, ou amante de qualquer tipo, de fato. Estava mais do que pronta para finalmente me livrar da minha virgindade, mesmo que isso representasse o risco de Dante

descobrir a verdade sobre meu primeiro casamento ser de fachada... só que eu já teria passado desse ponto quando isso acontecesse.



CAPÍTULO DOIS

Dante me buscou faltando quinze minutos para as 18h, como prometido. Nem um minuto a mais nem a menos. Não esperava que fosse diferente. Meus pais já haviam saído alguns minutos antes. Como futuro chefe da Outfit, Dante não podia chegar cedo demais à festa.

Ele vestia um terno completo azul marinho com risca de giz azul clara e uma gravata combinando. Congelei por um segundo quando o vi. Meu vestido também era azul marinho. As pessoas pensariam que tínhamos combinado de propósito, mas nada poderia ser feito quanto a isso agora. Eu fiz uma dieta detox rigorosa por três dias para caber no vestido justo de frente única; não iria trocar de roupa. Apesar de a saia longa alcançar minhas panturrilhas, a fenda que chegava às minhas coxas me permitia andar pelas escadas sem muita dificuldade.

O olhar de Dante me analisou rapidamente. — Você está linda, Valentina. — Ele estava sendo educado. Não havia absolutamente nenhum indício de que realmente me achasse atraente.

— Obrigada. — Sorri e dei um passo em direção a ele, que tocou a base das minhas costas, me conduzindo ao seu *Porsche* preto estacionado ao meio-fio, e se contraiu ao encostar a palma da mão na minha pele nua. Não tinha certeza, mas pensei ter ouvido um suspiro escapar dele e a ideia de que poderia ter sido provocado por mim, juntou com a sensação de seu toque e me deu um

arrepio de prazer na espinha. Ele colocou levemente a mão nas minhas costas, e não deu nenhum outro indício de que se surpreendeu com minha nudez parcial enquanto me guiava à porta do passageiro e a abria para mim. Quase tonta por causa da vitória pelo fato de que conseguira uma reação do homem de gelo, entrei no carro. Quando estivermos casados, tentarei isso com mais frequência.

Os outros convidados já tinham chegado quando paramos em frente à mansão Scuderi. Poderíamos ter andado se não fosse pelos dez centímetros de neve, a preocupação com a segurança e meus saltos altos. Dante nem se incomodou em conversar sobre qualquer coisa durante o percurso. Ele parecia mesmo distante. Quando colocou a mão nas minhas costas nuas desta vez, não houve nenhuma reação visível.

Ludevica Scuderi abriu a porta para nós. Rocco, seu marido, o atual *Consigliere* do pai de Dante, pairava atrás dela com as mãos em seus ombros. Ambos sorriram largamente nos conduzindo para dentro, no *hall* de entrada agradavelmente aquecido. Uma árvore de Natal de dois metros e meio, decorada com bolas vermelhas e prateadas, dominava o espaço.

— Estamos muito contentes que puderam vir — disse Ludevica cordialmente.

Rocco apertou a mão de Dante. — Preciso te parabenizar pelo excelente gosto. Sua futura esposa é admirável, Dante.

Era óbvio que eles estavam se esforçando para serem gentis. Embora fosse desejável que o novo Capo mantivesse o *Consigliere* de seu antecessor, não era uma tradição, então, Dante poderia nomear um novo *Consigliere* quando substituísse o pai.

Dante inclinou a cabeça e voltou a colocar a mão em minhas costas.

— Ela é — respondeu simplesmente e só o que eu pude fazer foi sorrir.

Ludevica agarrou minhas mãos. — Ficamos felizes quando descobrimos

que Dante te escolheu. Depois de tudo pelo que passaram, é justo que o destino os una.

Não tinha certeza do que dizer sobre isso. Talvez ela estivesse sendo sincera. Difícil dizer. Afinal, eles tentaram casar Gianna com Dante antes.

— Obrigada. É muito gentil da sua parte.

— Entrem. A festa não é aqui no *hall* — falou Rocco, gesticulando para que fôssemos para a sala de estar. Risos e vozes vinham lá de dentro.

— Aria está muito animada para vê-la novamente — anunciou Ludovica enquanto entrávamos na sala de estar. Não tive tempo de manifestar minha surpresa com a presença de Aria porque, assim que fomos avistados pelo grupo, as pessoas reuniram-se à nossa volta, nos parabenizando pelo noivado e pelo casamento iminente. Entre apertos de mão, examinei o recinto. Aria estava parada no outro lado da enorme sala, perto de outra árvore de Natal gigante e de seu não menos gigante marido, Luca, que mantinha uma mão possessiva em sua cintura. Não avistei Gianna nem Matteo em lugar nenhum. Se a fofoca que minha mãe contou era verdadeira, os Scuderi estavam preocupados que a filha do meio pudesse provocar uma cena.

Dante mexeu o polegar nas minhas costas e me arrepiei. Meu olhar se voltou para ele, depois para o casal à nossa frente, que eu tinha ignorado completamente porque fiquei olhando para Aria e Luca. Coloquei meu sorriso mais luminoso no rosto e abracei Bibiana.

— Como você está? — Sussurrei. Ela me apertou brevemente, depois se afastou com um sorriso forçado. Essa era a única resposta que eu iria conseguir na presença de outras pessoas.

Tommaso, seu marido, que era trinta anos mais velho que ela, gordo e careca, beijou minha mão, o que teria sido aceitável se não fosse pelo seu olhar. Desconfiado era a melhor palavra para descrevê-lo. Os dedos de Dante nas minhas costas tensionaram e eu arrisquei olhar para ele, mas sua expressão era a mesma máscara impassível de sempre. Ele olhou fixamente para Tommaso e o homem saiu rapidamente com Bibiana.

Um garçom carregando uma bandeja de bebidas parou ao nosso lado, Dante pegou uma taça de champanhe para mim e um *scotch* para si. Agora que a enxurrada de votos de felicidade tinha finalmente diminuído, Luca e Aria cruzaram o salão em nossa direção. O comportamento de Dante mudou tão discretamente quanto o de um tigre sentindo a presença de outro predador em seu território. Ao invés de ficar tenso, ele relaxou, tentando mostrar que não estava preocupado, porém, seu olhar apresentava-se alerta e calculista.

Luca e Dante cumprimentaram-se com um aperto de mãos, ambos exibindo um perturbador sorriso cheio de dentes. Ignorando-os, sorri para Aria, verdadeiramente feliz por vê-la novamente. Já fazia meses. Ela parecia bem mais tranquila do que no dia do seu casamento.

— Você está maravilhosa — elogiei enquanto a abraçava. Ela usava um vestido vermelho escuro que contrastava lindamente com seus cabelos loiros e sua pele clara. Não era por acaso que Luca não tirava os olhos dela.

— Você também — retribui dando um passo atrás. — Posso ver as costas?

Virei-me.

— Uau! Ela não está maravilhosa?

A pergunta não foi direcionada a Luca e gerou um hiato constrangedor fazendo a tensão disparar. Dante envolveu minha cintura com o braço, olhando friamente para Luca, que segurou a mão de Aria, beijou-a e disse em voz baixa:

— Só tenho olhos para você.

Aria sorriu um pouco envergonhada. — Preciso procurar Gianna, mas adoraria conversar com você mais tarde...

— Tudo bem — respondi, grata por ela e Luca se afastarem. De todo modo, Aria e eu não conseguiríamos conversar com os homens por perto.

Virei-me para Dante. — Você não gosta dele.

— Não é questão de gostar. É questão de autopreservação e uma dose saudável de desconfiança.

— Esse é o espírito de Natal — falei sem tentar esconder meu sarcasmo.

Mais uma vez uma pontada de divertimento fez os cantos da boca de Dante se curvarem, mas logo passou.

— Gostaria de algo para comer?

— Com certeza. — Depois de alguns dias de uma dieta torturante, eu estava faminta. Enquanto passávamos pelas pessoas, percebi que o atual chefe da Outfit não estava presente. — Onde está seu pai?

— Ele não queria roubar a nossa cena. Agora que está praticamente aposentado, ele prefere ficar longe dos olhos do público — disse Dante ironicamente.

— Compreensível. — Esses eventos sociais eram exaustivos. Tinha que tomar cuidado com o que se diz e o que se faz, ainda mais sendo o chefe. Pelos olhares penetrantes que algumas mulheres me dirigiam, sabia que *eu* era o assunto favorito delas. Sabia o que diziam por trás das mãos: “Por que Dante Cavallaro escolheu uma *viúva* em vez de uma noiva jovem e inocente?”.

Dei uma olhada em seu semblante sem emoções, os ângulos rijos das maçãs de seu rosto, o calculismo e a atenção em seus olhos, e me vi desejando mais uma vez que a resposta para essa pergunta fosse outra coisa que não pura lógica.

O *Buffet* estava repleto de iguarias italianas. Peguei uma fatia de panetone para mim, já que estava desesperada por algo doce. Como sempre, o sabor era divino. Eu já fiz algumas vezes, mas nunca ficou tão bom quanto o de Ludevica Scuderi.

— Dante — disse uma agradável voz feminina por trás de nós.

Dante e eu nos viramos ao mesmo tempo. Ines, irmã dele, com quem troquei apenas poucas palavras durante todos os nove anos em que ficamos distanciadas, estava parada à nossa frente. Ela estava grávida, provavelmente no terceiro trimestre, se eu não estivesse enganada. Do outro lado do salão estavam seus gêmeos, um menino e uma menina, ocupados brincando com Fabiano Scuderi, que era da mesma idade que eles. Ines tinha os mesmos cabelos cheios de Dante e trazia a mesma indiferença, mas, assim que seus olhos pousaram em

mim, tornaram-se não necessariamente acolhedores, mas amigáveis.

— E Valentina. Que bom te ver.

— Ines — falei sorrindo. — Você está radiante.

Ela tocou a barriga. — Obrigada. É um desafio encontrar um bom vestido que caiba com essa barriga. Quem sabe você não poderia me ajudar a achar um para o seu casamento?

— Eu adoraria. E se não se importar, ficaria encantada se você pudesse ir comigo quando eu for à procura do meu vestido de noiva.

Ela arregalou seus olhos azuis. — Você ainda não escolheu um?

Eu dei de ombros. Claro que eu ainda tinha o do casamento anterior, mas não tinha a intenção de usá-lo outra vez. Significaria má sorte.

— Ainda não, mas vou atrás de um na semana que vem, então, se você estiver livre...

— Pode contar comigo — aceitou ela. Seus olhos tornaram-se bem mais calorosos. Ela parecia ter bem menos que trinta e dois e, mesmo estando grávida, não tinha ganhado um grama de peso. Imaginei como ela conseguia. Talvez fosse a genética. Definitivamente eu não tinha tido essa bênção. Sem o detox esporádico de um dia ou uma semana, e os exercícios regulares, eu ganharia peso sem piscar.

— Maravilha. — De canto de olho, vi Dante nos observando com um leve interesse. Esperava que estivesse feliz por sua irmã e eu estarmos nos dando bem. Sabia que sua falecida esposa e Ines eram amigas. Frequentemente as via rindo juntas em eventos sociais.

— Onde está seu marido? — Dante acabou perguntando.

— Ah, Pietro foi lá fora com Rocco Scuderi para fumar. Não queriam incomodar você nem sua futura esposa.

Um músculo no rosto de Dante se mexeu.

— Você pode ir encontrá-los, se tiver algo a tratar — falei rapidamente. — Ficarei bem sozinha. Devo falar com Aria. Quer ir comigo, Ines?

Ines balançou a cabeça com os olhos nos gêmeos, que discutiam

acaloradamente.

— Preciso parar aquilo ou teremos lágrimas e narizes quebrados. — Ela sorriu brevemente, depois, se apressou em direção às crianças briguentas.

Dante ainda não tinha saído do meu lado. — Tem certeza?

— Tenho.

Ele assentiu. — Não vou demorar. — Observei-o ir em direção à porta do terraço e desaparecer do lado de fora. Agora que ele tinha saído, eu pude perceber várias mulheres voltando a atenção para mim mais explicitamente. Precisava achar rápido Aria ou Bibiana, antes que uma delas me envolvesse numa conversa constrangedora. Eu me movi por entre os outros convidados, dispensando apenas um breve sorriso. Acabei encontrando Aria e Bibiana num canto calmo do salão de entrada.

— Vocês estão aí — falei, sem tentar esconder meu alívio.

— O que houve? — Perguntou Aria franzindo a testa.

— Parece que todos estão falando sobre mim e Dante. Diga que estou imaginando coisas.

Bibiana balançou a cabeça. — Não está. A maioria das viúvas não tem a mesma sorte que você.

— Eu sei, mas mesmo assim... Gostaria que não se comportassem tão chocados com meu noivado.

— Vai passar — afirmou Aria, depois fez uma careta. — Logo Gianna vai estar de volta ao primeiro lugar das fofocas do dia.

— Sinto muito. Soube que teve um escândalo na festa de noivado de Gianna.

Aria assentiu. — Pois é. Gianna não conseguiu esconder sua relutância em se casar.

— É por isso que Matteo Vitiello não está aqui? — Perguntou Bibiana. Eu também me perguntava a mesma coisa, mas não quis ser intrometida.

— Não. Desde a morte de Salvatore Vitiello, Matteo é o segundo no comando e tem que ficar em Nova York quando Luca não está. — Procurei pelo

mesmo sinal de nervosismo em seu rosto que ouvi em sua voz, mas ela aprendeu a esconder suas emoções. Será que Luca estava com problemas em Nova York? Ele era novo para ser Capo. Talvez alguns grupos em Nova York estivessem tentando um motim. Algum tempo atrás talvez Aria tivesse me contado, mas agora que eu era a noiva do futuro Chefe da Outfit de Chicago, ela precisava tomar cuidado com o que deixava escapar. Talvez estivessem tentando trabalhar juntos, mas definitivamente Nova York e Chicago não eram amigas.

— Faz sentido — falei. Bibiana me lançou um olhar. Ela também deve ter captado a tensão nas palavras de Aria.

Aria arregalou seus olhos azuis. — Você ainda não me mostrou seu anel de noivado!

Estendi a mão.

— É lindo! — Exclamou Aria.

— É mesmo. Dante escolheu para mim. — Meu segundo anel de noivado, e a segunda vez que não era um sinal de amor. — Por quanto tempo ficará em Chicago? Vai ter tempo para um café?

— Iremos embora amanhã de manhã. Luca quer voltar a Nova York. Mas viremos uns dias antes para o seu casamento, então, poderemos tomar um café, a menos que você esteja muito ocupada...

— Não, não será uma grande festa, então, terei tempo para te encontrar para um café. Ligue para mim quando tiver mais detalhes.

— Vou ligar.

— E você, Bibiana? Tem tempo para uma visita amanhã? Nós também não conversamos há um tempo.

Bibiana mordeu o lábio. — Acho que posso. Agora que você é praticamente a esposa do Chefe, Tommaso dificilmente será contra.

— Isso mesmo — concordei e virei-me novamente para Aria. — Cadê Luca?

Aria olhou em volta. — Ele queria conversar com meus pais sobre o casamento de Matteo e Gianna. Está demorando mais que o esperado.

Será que iriam cancelar o noivado? Seria a fofoca do ano. Independente do quão relutante Gianna estivesse, não conseguia imaginar que assumiriam esse risco.

Dante apareceu no batente da porta da sala de estar com os olhos fixos em mim.

— Acho que preciso ir — anunciei. Abracei Aria e Bibiana antes de ir até Dante. Parei na frente dele. — Estamos indo?

Dante parecia bastante nervoso. — Sim. Mas se quiser ficar, pode voltar com seus pais.

Isso levaria a mais fofocas. Não dava para aparecer numa festa com seu noivo e ir embora sem ele.

— Acho que não seria sensato.

A expressão de Dante foi de compreensão.

— Claro.

Dentro do carro, perguntei:

— Está tudo bem? — Agora que tínhamos um compromisso, pensei que não havia problema em perguntar.

Seus dedos apertaram o volante.

— Os russos estão dando mais dor de cabeça que o normal, e o fato de Salvatore Vitiello morrer neste momento crítico e Nova York ter que lidar com um novo Capo certamente não ajuda.

Encarei-o, surpresa. Quando perguntei, não esperava uma resposta tão detalhada. A maioria dos homens não gosta de falar sobre negócios com suas esposas, e eu ainda nem era casada com Dante.

Dante olhou para mim.

— Você parece surpresa.

— Estou — admiti. — Obrigada por me responder honestamente.

— Acho que honestidade é o segredo para que um casamento dê certo.

— Não nos casamentos que eu conheço — falei ironicamente.

Dante inclinou a cabeça. — Verdade.

— Quer dizer que você não considera Luca um bom Capo?

— Ele é um bom Capo, ou será quando eliminar seus adversários.

Disse de maneira analítica. Como se eliminar não significasse matar outras pessoas porque causam desconforto ou correspondem a um risco para o poder de alguém.

— É o que você irá fazer quando se tornar o Chefe da Outfit?

— Se for necessário, sim, mas venho provando meu direito à liderança pelos últimos anos. Sou consideravelmente mais velho que Luca.

E ainda assim o Chefe mais jovem na história da Organização. As pessoas também o testariam.

Dante estacionou em frente à casa dos meus pais. Desligou o motor, desceu e deu a volta pela frente do carro antes de abrir a porta para mim. Segurei na mão dele e me levantei, deixando nossos corpos tão próximos por um instante que teria sido fácil beijá-lo. Então, ele deu um passo para trás, reestabelecendo a distância adequada entre nós dois antes de me levar até a porta. Virei para olhá-lo.

— Nunca te vi com um guarda-costas. Não é perigoso sair sem nenhum?

Dante sorriu sombriamente. — Estou armado, e se alguém quiser me pegar de surpresa, que tente.

— Você é o melhor atirador da Outfit.

— Um dos melhores.

— Que bom, acho que posso me sentir segura.

Era para ter sido uma piada, mas Dante pareceu profundamente sério.

— Você está salva.

Hesitei. Ele não ia tentar me beijar? Daqui a quatro semanas estaremos casados. Não era como se precisássemos ficar afastados um do outro pelo bem da decência. Quando ficou claro que Dante não daria o primeiro passo, cheguei mais perto dele e beijei sua bochecha. Nem me atrevi a olhar seu rosto, em vez disso, abri a porta, entrei e deixei que ela se fechasse atrás de mim. Esperei uns

segundos antes de espiar pela janela ao lado da porta. O carro de Dante se afastou. Eu me perguntei por que ele não tinha tentado me beijar. Será que era por ainda não sermos casados? Talvez ele pensasse que não era apropriado que ficássemos tão fisicamente próximos antes do casamento. Ou, quem sabe, ele ainda fosse apaixonado pela esposa? Eu nem olhei para a mão dele para ver se tinha tirado sua antiga aliança. Será que foi por isso que as pessoas ficaram falando de mim hoje?



CAPÍTULO TRÊS

Bibiana veio na tarde seguinte, seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar. Levei-a depressa para a biblioteca e a fiz sentar no sofá de couro.

— O que aconteceu?

— Tommaso está furioso porque ainda não engravidei. Ele quer que eu vá a um médico para saber qual o problema.

Eles já estavam casados há quase quatro anos, mas Bibiana tomava anticoncepcional escondida.

— Talvez não seja tão ruim engravidar. Se você tiver um bebê, terá alguém para amar e que também te amará. — Abracei-a. Passar os últimos anos vendo a depressão de Bibiana crescer cada vez mais por causa do casamento com Tommaso era de cortar o coração. Queria poder fazer algo por ela.

— Talvez tenha razão. E talvez Tommaso não me toque se eu estiver com uma barriga imensa. — Ela balançou a cabeça. — Não vamos falar sobre isso. Quero esquecer meus problemas por um tempinho. E você? Como estão os preparativos para o casamento?

Dei de ombros. — Minha mãe reservou o salão de um hotel. Só o que preciso fazer é comprar um vestido de noiva.

— Você vai escolher um vestido branco de novo?

— Acho que não. Minha mãe não acha apropriado. Talvez um creme. Vai ser melhor.

Bibiana suspirou. — Acho ridículo que não possa usar um vestido branco só porque já foi casada antes. Não é como se fosse um casamento de verdade.

— Shh — sinalizei, com o olhar fixo na porta fechada da biblioteca. Há algum tempo, tinha contado a Bibiana a realidade sobre meu casamento com Antonio. — Você sabe que ninguém pode saber.

— Não entendo por que você tenta protegê-lo. Ele está morto. E te usou para alcançar um objetivo. Você deveria cuidar de si mesma agora.

— Estou cuidando de mim mesma. Ajudei Antonio a trair a Outfit. Ser gay é um crime, você sabe disso.

— Ridículo.

— Eu sei, entretanto, a máfia não mudará tão cedo, não importa o quanto a gente queira.

— Se não quer contar a Dante sobre isso, então, o que fará na sua noite de núpcias? Não está preocupada que ele vá perceber que seu casamento com Antonio nunca foi consumado?

— Pode ser que ele não perceba.

— Se for ao menos parecido com a minha primeira vez, ele vai perceber.

— Tommaso te tratou terrivelmente. Você não queria, é claro que sangrou. Toda vez que penso nisso, ainda sinto muita raiva.

Bibiana engoliu em seco. — O que está feito não tem volta. Eu queria mesmo era ter me casado com um homem gay. — Riu amargamente. Segurei sua mão.

— Talvez você tenha sorte e Tommaso sofra um infarto, ou seja fuzilado pelos russos. — Isso nem foi uma piada. Queria que Bibiana se livrasse daquele homem.

Bibiana sorriu. — É muito deprimente que eu realmente espere que isso aconteça?

— Claro que você quer que ele suma. Eu entendo. Qualquer um entenderia.

Ela analisou meu rosto. — E você? Quer dormir com Dante?

— Decididamente. Mal posso esperar. — Meu rosto ferveu, mas era a verdade e não via nada de errado em querer transar com meu futuro marido. Afinal, Dante era um homem atraente.

— Então, você tem que se preparar para garantir que Dante não perceba que seu primeiro casamento foi de fachada.

— O quê? Achar um cara para transar? Não quero trair Dante. Para mim, sexo está ligado ao casamento. — Apesar de não ter intenção de tomar como regra tudo o que minha mãe me ensinou e nem querer deixar as palavras rigorosas das minhas professoras católicas se infiltrarem no meu cérebro, não conseguia imaginar ficar tão íntima de alguém com quem não estivesse comprometida.

Bibiana engasgou, dando uma risada. — Não foi o que eu quis dizer. — Ela baixou a voz e sua pele corou. — Achei que você poderia usar um vibrador.

Por um segundo, não soube o que dizer. Nunca havia considerado nada desse tipo.

— Onde eu conseguiria um vibrador? De jeito nenhum que eu posso pedir aos guarda-costas do meu pai que me levem a um sex shop. Minha mãe morreria de vergonha se descobrisse. — E eu provavelmente morreria de vergonha quando entrasse na tal loja.

— Queria poder te conseguir um, mas se Tommaso descobrir, ficará furioso. — Os hematomas no rosto de Bibiana por causa do último rompante de Tommaso ainda eram visíveis.

— Deve ser melhor assim. Não gosto da ideia de transar com um objeto inanimado mesmo. Vou dar um jeito.

— Dante provavelmente estará tão envolvido em suas próprias necessidades que nem vai notar. Os homens são assim.

Não era muito consolador. Espero que Dante se preocupe com as minhas necessidades também.

Quando chegou o dia cinco de janeiro, finalmente o dia do meu casamento, eu estava um pouquinho nervosa, não só por causa da noite de núpcias. Sabia que era a minha segunda oportunidade de um casamento feliz. A maioria das pessoas em nosso mundo não entendia isso. Viviam suas vidas em relacionamentos miseráveis até que a morte finalmente os separassem.

À medida que andava até o altar com meu vestido creme de lantejoulas, me senti esperançosa como há muito tempo não sentia. Dante estava moderno com um terno preto e colete. Ele não tirou os olhos de mim, e quando meu pai me entregou a ele, tive certeza de ter visto uma pontinha de aprovação e admiração em seu rosto. Sua mão sobre a minha era acolhedora e o leve sorriso que ele me deu antes do padre começar o sermão, me fez querer ficar na ponta dos pés e beijá-lo.

Minha mãe chorava copiosamente na primeira fileira. Ela parecia não poder estar mais feliz e meu pai estava praticamente reluzindo de orgulho. Só meu irmão, Orazio, que chegou de Cleveland, onde trabalhava para a Outfit, apenas duas horas antes, parecia estar com pressa de sair dali. Preferi a visão dos sorrisos encorajadores de Bibiana e Aria. Enquanto o padre falava, continuei olhando para Dante e o que vi em seu rosto partiu meu coração. De vez em quando ele ficava marcado pela tristeza. Ambos tínhamos perdido alguém, mas para Dante, se os rumores estavam certos, essa pessoa foi o amor de sua vida. Será que eu poderia competir com isso?

Na hora do beijo, Dante se inclinou sem pensar e pressionou seus lábios quentes nos meus. Ele definitivamente não era um homem de gelo. As palavras de Mamma pipocavam na minha cabeça e um arrepio de expectativa me atingiu. Talvez eu não pudesse fazer Dante esquecer a esposa, e eu nem queria, mas poderia ajudá-lo a seguir em frente.

Depois da igreja, fomos todos ao hotel para a festa. Era o primeiro momento de privacidade que Dante e eu tínhamos como marido e mulher. Ele não segurou minha mão enquanto dirigia, mas não devia fazer o tipo sentimental. O que mais me preocupava era a tensão em seu rosto e a seriedade em seu olhar.

— Acho que correu tudo bem, concorda? — Falei quando o silêncio se tornou sufocante demais.

Dante desviou os olhos para mim. — Sim, o padre fez um bom trabalho.

— Queria que minha mãe não tivesse chorado tanto. Normalmente ela consegue se controlar melhor.

Dante sorriu nervoso. — Ela está feliz por você.

— Eu sei. — Dei uma pausa. — Você está feliz? — Eu sabia que era uma pergunta arriscada.

Sua expressão ficou visivelmente retraída. — Claro que estou feliz com esta união.

Esperei por algo mais, só que fomos em silêncio pelo restante do caminho. Não queria começar nosso casamento com uma briga, então, deixei para lá.

Quando saímos do carro e caminhamos em direção à entrada, Dante colocou a mão em minhas costas.

— Você está linda, Valentina. — Olhei de relance para ele, mas seu olhar estava bem à frente. Talvez ele tenha se dado conta de como foi frio no carro e se sentiu mal.

O salão de festas do hotel estava lindamente decorado com rosas brancas e cor-de-rosa. Dante manteve a mão na minha lombar enquanto íamos para a nossa mesa sob as saudações de nossos convidados. A maioria deles chegou antes de nós e já estava sentada às suas mesas. Dividimos uma mesa com meus pais e meu irmão e os pais de Dante, sua irmã e o marido dela. Eu ainda não havia conversado com os pais de Dante, com exceção de algumas vezes assuntos aleatórios. Mesmo assim, eles tinham sido bem gentis. Orazio, meu irmão, fingia estar ocupado com algo no *iPhone*, mas eu sabia que ele apenas tentava evitar as perguntas de nosso pai.

Aria e Luca, Matteo e Gianna, assim como a família Scuderi, ocupavam a mesa à nossa direita. Aria sorriu para mim antes de voltar a observar sua irmã e Matteo que pareciam prestes a discutir. Esses dois teriam um casamento infernal. Matteo não parecia se importar com o olhar fuzilante que Gianna direcionava a ele.

— Vocês ficam lindos juntos — declarou Ines, trazendo minha atenção de volta à nossa mesa.

Dante me encarou com uma expressão indecifrável.

Os garçons escolheram este momento para entrar no salão com os pratos.

Depois do jantar de quatro pratos, chegou finalmente a hora da nossa dança. Dante me levou para a pista de dança e me puxou para perto de seu peito. Sorri para ele. Ele era quente e forte, e um bom dançarino, tinha o cheiro de uma perfeita brisa quente de verão junto com algo muito másculo. Mal podia esperar para dividir a cama com ele, para ver o que ele escondia por baixo do tecido de seu terno caro. Se estivéssemos sozinhos, eu repousaria meu rosto em seu ombro, mas todos nos olhavam, e eu acho que Dante não gostaria do show de intimidade em público.

É óbvio que nossos convidados não se importariam. Logo começaram a gritar:

— *Bacio, bacio!*

Dante olhou para mim com uma sobrancelha levantada.

— Vamos atender ao pedido deles ou ignorá-los?

— Acho que deveríamos atender ao pedido deles. — Eu queria muito mesmo atender ao pedido deles.

Dante me apertou mais forte e pressionou firmemente seus lábios nos meus. Seus olhos azuis estavam fixos em mim e por um instante eu tive a certeza de ter visto algo de prazer neles. E, então, os convidados invadiram a pista de dança e nosso beijo foi interrompido. Logo depois, Fiore Cavallaro me tirou para dançar e Dante teve que dançar com sua mãe. Sorri para meu sogro, incerta de como agir com ele, que tinha a mesma expressão indiferente de Dante.

— Minha esposa e eu esperávamos que Dante não escolhesse alguém que já tivesse sido casada.

Ficou difícil manter o sorriso em meu rosto, mas não quis que as pessoas percebessem que Fiore disse algo que me magoou.

— Compreendo — falei baixinho.

— Mas o argumento nos convenceu. Dante precisa de um herdeiro logo e alguém não tão jovem pode se revelar uma mãe melhor para nossos netos.

Assenti. Sua lógica fria era algo que eu odiava com todas as minhas forças. Não que eu fosse dizer isso para ele.

— Eu não quis soar tão cruel, mas este casamento é de conveniência, e tenho certeza de que sabe o que é esperado de você.

— Sei. E estou ansiosa para ter filhos com Dante. — Era verdade. Sempre quis filhos. Tinha até considerado fazer fertilização in-vitro quando ainda estava casada com Antonio, mas queria ter a chance de conhecer Dante melhor antes de tentar engravidar. Evidentemente, tampouco poderia dizer isso ao pai de Dante. Como esperado, meu irmão substituiu Fiore.

— Estou contente que tenha vindo — falei olhando para ele. Ele tinha os mesmos olhos verde-escuros que eu e quase os mesmos cabelos pretos, mas essas eram as únicas semelhanças entre nós. Nunca fomos próximos, mas não por falta de tentativa da minha parte. Não sabia ao certo se isso mudaria algum dia. Ele guardava mágoa do nosso pai por me mimar e, algumas vezes, achei que ele guardasse mágoa de mim porque era tudo mais fácil do que para ele.

— Não posso ficar muito tempo — disse simplesmente. Assenti, não esperando nada de diferente. Orazio evitava nosso pai o máximo possível.

Fiquei contente quando Pietro, o marido de Ines, me chamou para dançar. Ele era um homem calmo e não pisou no meu pé, então, eu não me importaria de dançar com ele até o fim da noite para evitar conversas constrangedoras. Claro que isso teria sido mais do que inapropriado. Depois de Pietro, a hospitalidade me mandava dançar com todos os chefes de Nova York. Enquanto Aria parecia perfeitamente confortável perto de Luca agora, eu definitivamente não. Contudo,

aceitei sua mão quando ele a estendeu para mim. Ele não estava sorrindo. Eu só via lampejos de um sorriso de verdade quando ele olhava para Aria. Dante era alto e musculoso, mas com Luca eu tinha ainda que inclinar a cabeça para trás para manter contato visual. Sabia que as pessoas nos observavam enquanto dançávamos. Sobretudo o olhar sério de Dante seguia cada movimento nosso, mesmo que ele estivesse dançando com Aria. Não que Luca parecesse muito feliz com o fato de Dante ter Aria em seus braços. Os homens do nosso meio eram possessivos. Homens como Dante e Luca eram algo totalmente diferente.

Quando terminou uma música e começou outra, quase não consegui esconder meu alívio. A expressão de Luca era de compreensão. As pessoas provavelmente se sentiam desconfortáveis na presença dele. Meu próximo parceiro de dança era Matteo. Eu não o conhecia muito bem, mas ouvi sobre seu temperamento e sua habilidade com a faca.

— Posso? — Perguntou ele com uma reverência exagerada.

Eu retribui com uma debochada. — Claro.

Ele ficou surpreso. Puxou-me para perto dele com um sorriso largo. Mais perto do que Luca arriscara. Mais perto do que qualquer homem são arriscaria.

— Acho que vi seu marido se contorcer um pouquinho agora — murmurou. — Suponho que este seja o equivalente a um rompante emocional para um bloco de gelo como ele.

Soltei um suspiro profundo, tentando reprimir uma risada.

— Você não gosta de enrolar, não é?

Seus olhos negros piscaram de alegria.

— Ah... Rodeios são o meu forte, não se preocupe.

Morri de rir. E não foi uma risada contida e feminina. Foi bem estridente.

— Estou quase certa de que foi inapropriado.

Pude sentir algumas cabeças virando em nossa direção, mas não consegui me conter.

— Você tem razão. Fui avisado para me comportar perto da esposa do Chefe para não causar uma desavença entre Nova York e Chicago — disse ele

brincando.

— Não se preocupe. Não direi a ele.

Matteo piscou. — Receio que seja tarde demais.

— Acho que é minha vez de novo — disse Dante, surgindo ao nosso lado, encarando Matteo, que parecia plenamente inalterado.

Matteo deu um passo atrás.

— Claro. Quem poderia ficar tanto tempo longe de uma beleza morena dessas? — Ele se inclinou e beijou minha mão. Virei pedra, não pelo beijo, mas por causa da expressão no olhar de Dante. Coloquei rapidamente minha mão na dele e apertei; de repente, Aria estava ao nosso lado. — Você deveria dançar comigo agora, Matteo. — Ele concordou e Aria, de maneira esperta, afastou-se com ele de mim e Dante.

— Achei que quisesse dançar comigo? — Falei num tom casual forçado, dando uma olhada na expressão rígida de Dante.

Ele pousou os olhos azuis em mim, passou o braço à minha volta e começou a nos embalar no ritmo da música. Não tinha certeza do que o havia deixado com raiva: ciúme ou o desrespeito de Matteo.

— O que ele disse? — Dante acabou perguntando.

— Hã?

— Para você rir...

Talvez ciúme seja a força motora que mais se destaca, afinal de contas. Isso me deixou irracionalmente feliz.

— Ele fez uma piada sobre rodeios.

A expressão de Dante era de compreensão.

— Ele deveria ser mais cuidadoso. — A ameaça era clara. Ainda bem que nem Matteo nem Luca ouviram.

— Acredito que ele esteja um pouco nervoso por causa dos problemas que anda tendo com Gianna.

— Pelo que ouvi, ele sempre foi instável, mesmo antes do seu noivado com a jovem Scuderi.

— Nem todo mundo é tão controlado quanto você — respondi criticamente.

Ele ergueu as sobrancelhas, mas não disse mais nada.

Logo depois da meia-noite, Dante e eu nos retiramos. O hotel nos ofereceu a maior suíte para a noite, mas Dante preferiu voltar para casa e eu fiquei genuinamente feliz. Estava ansiosa para finalmente me mudar para a casa de Dante. Embora também estivesse preocupada, já que ele a tinha dividido com a falecida esposa. Devia estar cheia de lembranças. Bibiana cruzou os dedos enquanto eu passava por ela e não pude conter um sorriso.



CAPÍTULO QUATRO

Eu estava feliz pela nossa noite de núpcias. Minha primeira noite de núpcias para valer. Esperei tanto.

Nenhum de nós dois pronunciou nenhuma palavra no caminho para a mansão de Dante, no bairro de Gold Coast, em Chicago. Parecia estar se tornando uma tradição abominável para nós. Ocupei-me observando o trânsito pela janela do passageiro enquanto tentava desesperadamente esconder meu nervosismo crescente. Será possível se sentir animada e com medo ao mesmo tempo?

Dante diminuiu a velocidade à medida que nos aproximávamos de uma mansão marrom clara enorme de três andares. Portões de ferro forjado abriram-se quando Dante apertou um botão no painel e entramos, e então, fomos em direção à garagem dupla. A mansão da minha família não ficava muito longe dali. Era menor que a de Dante, o que já era esperado. O subchefe não poderia ter uma casa maior que a do Capo.

Depois de Dante estacionar perto de uma *Mercedes* SUV, ele saiu do carro. Deu a volta e abriu a porta para mim, depois, estendeu a mão e me ajudou a sair, o que estava complicado por causa do vestido. Sua mão era quente e firme. Sempre me surpreendia não achar sua pele tão fria quanto sua personalidade. Ele me soltou assim que fiquei de pé, e quase cheguei a pegar sua mão, mas me detive. Não queria pressioná-lo. Talvez ele só se deixasse descontrair a portas

fechadas.

Ele me levou por uma porta lateral no *hall* de entrada da mansão. O piso e a escadaria eram de madeira maciça escura e um lustre nos lançava um brilho leve. Era estranhamente calmo. Eu sabia que Dante tinha uma empregada e uma cozinheira, que tratava dos assuntos domésticos para ele.

— Dei folga para Zita e Gaby hoje — anunciou com indiferença. Será que ele me decifrava tão facilmente assim?

— Que bom — falei, e logo me retraí pelo tom que isso devia ter soado. Não era como se eu pensasse que iríamos entreter a casa toda com nossos barulhos no quarto, mas preferia ter privacidade total na nossa primeira noite juntos.

Dante foi direto para as escadas, depois, parou com uma mão no corrimão para olhar para mim. Eu parei no meio do salão, mas logo me apressei em ir até ele e o segui escada acima. Meu estômago se contorceu de nervoso.

Era minha segunda noite de núpcias, mas eu era praticamente tão inexperiente quanto há alguns anos, algo que eu esperava de verdade que mudasse esta noite. Antonio e eu nos beijávamos vez ou outra no início do casamento, e ele tocou meus seios por cima da camisola algumas vezes, mas quando ficou claro para mim que isso não era do interesse dele, nós deixamos de lado nossas tentativas inúteis de intimidade.

Eu queria me tornar uma esposa de verdade, uma mulher de verdade, e diferente de Antonio, sabia que Dante era perfeitamente capaz de consumir nosso casamento. Mas esse também era um problema. E se Dante percebesse que eu sou virgem? Será que eu conseguiria esconder isso dele? Talvez se eu pedisse para apagar as luzes, poderia esconder meu desconforto ou culpar o nervosismo por estar com outra pessoa que não fosse Antonio. Mas e se ele sentisse meu hímen? O que eu diria então? Eu deveria ter usado um vibrador para me livrar disso, mas meu lado romântico não queria perder a virgindade com um objeto. Era ridículo!

Meus pensamentos foram interrompidos quando Dante abriu a porta do

quarto principal e fez um gesto me convidando para entrar. Passei por ele, meu vestido de noiva se arrastando levemente com o movimento. Lancei-lhe um breve olhar para avaliar seu humor ao passar, mas, como de costume, sua expressão era indecifrável. A cama *king size* era de madeira negra com lençóis pretos de cetim. Por um instante, eu me perguntei se aquele lençol preto estava lá desde a morte da esposa. Um pensamento pior me ocorreu: será esta a mesma cama que ele partilhou com a primeira esposa?

— O banheiro fica naquela porta — informou Dante, acenando em direção à porta de madeira escura à minha direita.

Hesitei. Será que queria que eu tomasse um banho? Ele fechou a porta do quarto e começou a tirar a gravata. Será que ele queria me despir? Ele foi até a janela e olhou para fora, virado de costas para mim. Entendi a indireta. Decepcionada, entrei no banheiro de mármore. Era de mármore negro, acho que talvez Dante só gostasse de preto mesmo. Fui a passos largos até a janela que tinha a mesma vista do quarto, me perguntando se Dante via a mesma coisa que eu: o lago turbulento, as nuvens escuras salpicando o céu azul noturno e a lua cheia esmaecida; ou será que ele estaria distante, perdido nas lembranças? O pensamento me deixou desconfortável; me afastei da janela, começando a me despir antes de tomar um banho rápido. Já havia depilado minhas pernas me preparando para o casamento como mandava a tradição, então, não precisava mais fazer isso. Depois de me enxugar, vesti a camisola de seda cor de ameixa que comprei para a ocasião e escovei meus cabelos. Meu estômago contorceu novamente por causa do nervoso e da expectativa. Levei um tempinho para me preparar, para parecer totalmente com a mulher experiente que eu deveria ser; depois, voltei ao quarto. Dante não havia se mexido do lugar onde estava na janela. Permiti-me um momento para admirá-lo em seu terno preto. Estava com as mãos nos bolsos, um homem forte e sofisticado, intocável. Um homem de gelo, frio, insensível, controlado.

Limpei a garganta de nervoso e ele se virou para mim. Seus frios olhos azuis analisaram meu corpo rapidamente, mas sua expressão não mudou, não

havia nenhuma fagulha de desejo. Não havia nada. Ele poderia muito bem ter sido esculpido em pedra. Antonio pelo menos elogiou como eu estava bonita vestida de noiva. Ele até me beijou, tentou fingir que poderia me desejar, porém, acabou se tornando óbvio bem rápido que aquele beijo não promoveu nenhuma alteração nele.

Mas o que impedia Dante? Murchei por dentro com a reação dele. Eu sabia que muitos homens me consideravam agradável ao olhar e nenhum deles me viu tão pouco vestida, mas Dante não parecia estar interessado em mim. Eu sabia que sua esposa não parecia nem um pouco comigo. Enquanto eu sou alta e morena, ela era pequenina com os cabelos castanho-claros.

— Você pode se deitar. Vou tomar um banho — falou. Seu olhar se alterou por um tempo ínfimo, mas ele logo entrou no banheiro e fechou a porta.

Tentando conter minha frustração, fui para a cama e me enfiei debaixo das cobertas. Em relação a Antonio, eu sabia que ele não reagiria ao meu corpo do jeito que eu gostaria, mas pensei que com Dante seria diferente. Quem sabe ele não precisasse de um tempo para organizar seus pensamentos... O dia não devia ter sido fácil para ele hoje. Ele amou a esposa e casar de novo deve ter sido bem complicado. Talvez ele precisasse de um banho para se preparar psicologicamente para a noite de núpcias.

O banho demorou demais e minhas pálpebras começaram a pesar. Tentei lutar contra o cansaço, mas em algum momento acabei pegando no sono porque despertei no susto quando a cama afundou. Meus olhos correram para o lado onde Dante se deitava. Ele estava com o peito nu e eu não quis nada além de passar minhas mãos pela sua pele levemente bronzeada, sua barriga durinha e seu peitoral. Ele pousou os olhos frios em mim. Era impossível saber no que ele pensava. Será que ele me procuraria agora?

Deitei de costas, esperando que ele fizesse alguma coisa, nervosa, ansiosa e apavorada. Tive que me impedir de dar o primeiro passo. Seria muito atrevimento.

— Meu dia começa cedo amanhã — disse ele simplesmente, depois,

apagou a luz e virou para o outro lado.

Que bom que a escuridão escondeu meu espanto e minha decepção. Esperei por mais alguns minutos para ver se ele mudava de ideia, exigia seu direito, mas nada. Ele estava deitado ao meu lado quieto e imóvel, com as costas a poucos centímetros do meu braço.

Fui tomada pela dor e virei para o outro lado, dando as costas para ele. Dante gostava de mulheres, então, por que ele não queria dormir comigo? O que tinha de errado comigo para depois de duas noites de núpcias ainda estar tão intocada quanto a neve virgem? Não sei se conseguiria passar por isso de novo. Queria experimentar a luxúria, queria ser desejada. Sempre soube que tentar seduzir Antonio era uma batalha perdida, mas pelo menos precisava tentar com Dante. Mesmo que ele ainda amasse a esposa, ele era homem, tinha desejos, e eu era perfeitamente capaz de dar o que ele precisava, ao menos fisicamente, mesmo que ele mantivesse seus sentimentos trancados.

Fiquei ouvindo sua respiração tranquila. Embora não estivéssemos nos tocando, podia sentir o calor irradiando dele. Ele não era um homem de gelo. Tinha que ter um jeito de tirar essa máscara.



CAPÍTULO CINCO

Dante não estava na cama quando acordei na manhã seguinte. Quando coloquei a mão no lado dele da cama, estava frio. Obrigando-me a acabar com a raiva, me certifiquei de que a porta estava fechada e deslizei a mão para dentro da calcinha. Com o passar dos anos com Antonio, aprendi a me dar prazer com meus dedos. Enterrei o rosto no travesseiro de Dante, inalando seu perfume almiscarado e o imaginei me tocando enquanto eu me proporcionava um orgasmo. Em seguida, deitei de costas por um momento, encarando o teto, querendo chorar e rir ao mesmo tempo.

Saí da cama e fui para o banheiro, levando um tempo para me deixar apresentável. Escolhi um vestido justo marrom que ia até acima dos joelhos e um casaco vermelho fofo de *cashmere*. Mesmo que Dante não se interessasse, eu me sentia mais confortável me esforçando um pouco nas minhas roupas. Saí do quarto, hesitante, e olhei ao longo do corredor comprido, imaginando o que estaria por trás das outras portas. Teria que explorar numa outra hora. Agora, desci as escadas. Não tinha certeza se estava sendo esperada lá embaixo para o café da manhã. Eu não conhecia minha nova casa, não conhecia as pessoas que trabalhavam ali, e o pior de tudo, não conhecia o dono da casa, meu marido.

A porta dupla estava entreaberta e me aproximei dela, ficando parada ali por um tempo antes de entrar. Eu esperava que Dante já tivesse saído, mas, para minha surpresa, ele estava sentado à mesa de jantar na ampla sala de estar, que também era de jantar. Assim como no restante da casa, o piso era de madeira

escura, as paredes, bege claras, e os móveis, escuros e imponentes.

O jornal escondia o rosto de Dante, mas ele o abaixou quando me ouviu entrar. Meus sapatos de salto marrons estalavam no chão duro de madeira conforme eu me aproximava da mesa devagar, sem saber ao certo como agir na presença dele. Antonio foi meu amigo antes de ser meu marido, mas não havia nada entre Dante e eu. Éramos estranhos.

A mesa estava colocada para duas pessoas, mas meu prato não estava ao lado do de Dante, mas, sim, na outra ponta. Encarei a distância entre nós dois, considerando ignorar a arrumação e sentar ao lado dele, entretanto, perdi a coragem e tomei o meu lugar.

— Espero que tenha dormido bem. — Disse Dante num tom suave. Ele não largou o jornal, ainda o segurava, e eu senti que aquilo se tornaria uma barreira entre nós novamente em breve.

Ele estava falando sério?

— Muito bem — respondi sem conseguir conter o deboche. Ele não percebeu que eu esperava um pouco mais da nossa primeira noite juntos?

— Ainda tenho que me preparar para uma reunião com Luca. Ele virá aqui esta noite antes de voltar a Nova York, e eu disse que você ficará contente se tiver a companhia de Aria enquanto discutimos negócios.

Duvido que Aria precisasse da minha companhia. Ela tem família aqui. Era apenas um jeito de me deixar ocupada. Se ele queria uma esposa ingênua, talvez devesse ter concordado em se casar com alguém mais jovem. Mas eu gostava de Aria e seria indelicado retirar o convite, então, sorri de verdade.

— É muita consideração sua... — Minhas palavras emanavam sarcasmo. Agora que estávamos casados, seria mais difícil manter a máscara da simpatia.

Dante olhou em meus olhos, havia algo que me fez baixar o olhar e pegar um *croissant*. Nem estava com fome, mas era melhor do que não fazer nada. O farfalhar do papel chamou minha atenção de volta à outra ponta da mesa. Como esperado, Dante desapareceu por trás do jornal. Era assim que ele queria que o nosso casamento fosse? Ele ainda nem tinha me levado para conhecer a casa.

— Você vai me levar para um *tour* pelas dependências? Não posso recepcionar ninguém sem conhecer direito a casa.

Dante abaixou o jornal novamente e o dobrou, deixando-o na mesa. Senti um impulso irracional de rasgá-lo em pedacinhos. — Você está certa.

O entusiasmo tomou conta de mim, mas logo desapareceu ao ouvir sua palavra seguinte:

— Gaby!

Logo depois, uma porta meio escondida atrás de um armário imenso abriu e uma adolescente baixinha entrou na sala em direção a Dante.

— Pois não, Mestre, em que posso ajudá-lo?

Foi difícil esconder minha surpresa. Gaby parecia uma estudante do Ensino Médio. Como poderia ser a empregada desta casa?

— Minha esposa — informou Dante com um aceno em minha direção. Gaby se virou sorrindo para mim rapidamente. — gostaria de fazer um tour pela casa. Estou ocupado, então, por favor, mostre tudo a ela.

Gaby assentiu e veio até mim. — A senhora gostaria de ir agora? — Havia hesitação em sua voz, mas deu para ver curiosidade em seu olhar.

Engoli a última migalha do meu *croissant* e coloquei café na minha caneca. — Sim, por favor. Vou levar meu café comigo, tudo bem?

Gaby arregalou os olhos e mirou diretamente Dante que voltou a ler o jornal. Para mim, ele não parecia ocupado. Se tinha tempo para ler as notícias, por que não poderia me mostrar a casa? Só que eu não iria fazer uma cena na frente de Gaby. Dante deve ter sentido que nós duas olhávamos para ele com expectativa porque levantou o olhar.

— Essa é sua casa agora, Valentina. Você pode fazer o que quiser.

Quer dizer que ele estava ouvindo nossa conversa... E eu me perguntei se o que ele disse era verdade. Queria ser mais corajosa para poder testar minha teoria. Voltei minha atenção a Gaby e peguei minha caneca com as duas mãos.

— Então, vamos.

Ela assentiu e me levou para a porta de onde havia saído há pouco.

— Podemos começar pela cozinha e pela área dos funcionários?

— Faça como achar melhor — falei. — Você conhece a casa melhor que eu.

Mais uma vez um sorriso tímido cruzou seu rosto. Atrás da porta havia um corredor estreito, que levava a uma cozinha ampla. Panelas pendiam de ganchos presos ao teto. Era tudo de aço inoxidável, o que lembrava mais uma cozinha industrial do que um lugar onde as refeições de uma família são preparadas. Uma senhora redonda estava parada perto do forno checando a temperatura. Dentro dele assava algo parecido com um cordeiro. Presumi que aquela fosse Zita, a cozinheira. Ela virou-se quando nos ouviu entrar e enxugou as mãos no próprio avental. Tinha mechas grisalhas nos cabelos pretos, que estavam presos em uma touca de cozinha no alto de sua cabeça. Acredito que ela tenha pouco mais de cinquenta anos.

— Estou fazendo um *tour* pela casa com a Mestra Valentina — anunciou Gaby animada. Assustei-me ao ouvir “mestra”. Aquilo me soou como se eu fosse uma dominatrix prestes a açoitar alguém com um chicote. Talvez Dante se sentisse confortável em ser chamado de “Mestre”, mas eu definitivamente não poderia conviver com “mestra”.

— Por favor, me chamem de Valentina — apressei-me em pedir. — As duas. — Sorri para Zita, mas ela não retribuiu. Tinha os lábios cerrados e me analisava da cabeça aos pés com um olhar de desaprovação.

— Gostaria de tê-la conhecido antes do casamento — disse Zita altiva.

Obriguei-me a ficar calma mesmo não tendo gostado de seu tom. Não queria começar errado com o pessoal que trabalhava na casa.

— Dante nunca me convidou, e eu não achei apropriado me convidar.

Ela bufou. — Ele nos apresentou à Mestra Carla antes do casamento.

Travei à menção da primeira esposa de Dante, não consegui evitar. Dava para sentir o julgamento em sua voz. Ela me achava menos respeitável que Carla. Tinha a sensação de que não iria me deixar esquecer disso. Eu não estava ansiosa para uma guerra de opiniões com ela, e definitivamente não estava com

paciência para isso hoje. Em vez disso, dei uma olhada pela cozinha, tentando fingir que não estava chateada com o comentário dela.

— Então... Carla costumava cozinhar aqui?

Zita me olhou surpresa. — Claro que não. Ela era a dona da casa. Não cozinhas nem limpava. Quem fazia isso éramos Febe e eu, antes de Gaby assumir o lugar de Febe.

Gaby se mexeu nervosa. Estava claro que ela não sabia o que fazer.

— Bem, você pode esperar que eu venha aqui regularmente. Amo cozinhar — informei.

Zita endireitou a postura. — Não sei se o Mestre Dante vai permitir isso.

Dei um gole no café, voltando a olhar para ela com firmeza.

— Dante disse que eu poderia fazer tudo o que quisesse. — Ela desviou o olhar, me condenando. Eu sabia que aquilo ainda não tinha acabado.

— Por que não me mostra o resto da casa, Gaby? Preciso me certificar de estar pronta quando Aria chegar.

Gaby baixou a cabeça prontamente. — Claro, do... Valentina.

Ela me levou ao cômodo atrás da cozinha. Parecia ser um tipo de sala de convívio para os funcionários. Havia duas camas, uma televisão pequena e um sofá. Nenhuma cadeira ou mesa, mas presumi que os funcionários geralmente se reuniam em volta da mesa de madeira da cozinha, desde que não fosse usada para as refeições de Dante, obviamente. Também havia um pequeno banheiro com um chuveiro atrás de uma porta branca.

— Aqui é onde você e Zita passam o tempo quando não estão trabalhando?

Gaby negou.

— Ficamos na cozinha. Aqui é principalmente para os seguranças, porque eles passam as noites.

— Onde eles estão agora? — Ainda não tinha visto nenhum segurança até agora.

— Eles estão lá fora. Ou patrulhando a área ou na guarita.

— Tem câmeras de segurança por aqui?

— Ah, não! O Sr. Cavallaro não quis. Ele é um homem reservado. — Até aí, nenhuma surpresa.

Ela foi até outra porta. — Por aqui. — Chegamos na parte de trás do corredor de entrada. Gaby apontou para duas portas no *hall*. — Aqui fica o escritório do Sr. Cavallaro e ali é a biblioteca. O Sr. Cavallaro não gosta de ser incomodado quando está no escritório. — Ela ficou corada. — Por nós, quero dizer. Ele provavelmente ficará feliz de ser incomodado pela senhora. — E mordeu o lábio.

Toquei seu ombro. — Entendi. Há mais algum cômodo neste andar?

— Apenas a sala de estar e de jantar e o banheiro de hóspedes.

Enquanto Gaby me conduzia para o andar de cima, perguntei:

— Você tem quantos anos?

— Dezesete.

— Você não deveria estar estudando ainda? — Eu parecia minha mãe falando, mas a natureza tímida de Gaby despertou meu instinto maternal ainda que ela fosse apenas seis anos mais nova que eu.

— Trabalho para o Sr. Cavallaro há três anos. Vim para esta casa logo depois que sua esposa faleceu. Não a conheci, mas Zita sente muita falta dela, por isso ela foi grossa com a senhora.

Arregalei os olhos. — Há três anos? Isso é terrível.

— Ah, não — disse Gaby rapidamente. — Sou grata. Eu provavelmente estaria morta, ou pior, se não fosse pelo Sr. Cavallaro.

Ela estremeceu e percebi algo sombrio em seus olhos. Dava para notar que ela não queria falar sobre isso. Teria que conversar com Dante mais tarde sobre ela. Ela apressou o passo e apontou para as portas neste andar.

— São todos quartos de hóspedes. E ao lado do seu, que é o principal, tem um quarto que a senhora pode usar para o que quiser. O berçário e mais dois quartos ficam no terceiro andar.

Meus olhos fixaram-se na porta que Gaby ignorou no fim do corredor. Acenei na direção dele.

— E esse aqui?

Gaby segurou meu braço antes que eu pudesse girar a maçaneta.

— É onde o Sr. Cavallaro guarda as coisas da primeira esposa.

Mal consegui manter minha expressão séria.

— Claro... — acabei dizendo. Ele não deveria estar trancado, senão Gaby não me impediria de abri-lo. Teria que voltar sozinha, e descobrir mais sobre a mulher que deixou uma sombra tão gigantesca no meu casamento.

Uma hora mais tarde, eu apresentava a sala de estar a Aria. Senti-me estranha agindo como a dona da casa; como se eu fosse uma impostora. Aria pareceu cansada quando afundou no sofá ao meu lado. Nuvens negras cercavam seus olhos. Acho que ela teve uma noite mais longa que a minha.

— Café? — Ofereci. Gaby havia colocado um bule e alguns biscoitos sortidos sobre a mesa.

— Com certeza — respondeu Aria, depois, sorriu desculpando-se. — Eu nem te perguntei como foi a sua noite... Você deve ter dormido menos que eu.

Servi café para ela e entreguei a xícara enquanto tentava pensar numa resposta.

— Eu dormi bem — respondi de maneira evasiva.

Aria me observava com curiosidade, mas não forçou o assunto.

— Então... você e Dante tiveram a chance de se conhecerem melhor?

— Ainda não. Não tivemos tempo.

— Por nossa causa? — Perguntou Aria preocupada. — Luca e o seu marido precisam discutir alguns assuntos relacionados ao casamento de Matteo e Gianna. — Deu para perceber a tensão na voz dela.

— Gianna ainda não está feliz com isso.

Aria riu dentro da xícara. — Para dizer o mínimo.

— Talvez ela só precise de um pouco mais de tempo. Lembro o quanto

você ficou assustada antes do seu casamento com Luca e, agora, vocês dois parecem se dar muito bem. — É óbvio que eu sabia que as aparências enganam. Não tinha ideia do que acontecia entre quatro paredes.

— Eu sei, mas tanto Luca quanto eu queremos que dê certo. Neste momento, eu acho que o principal objetivo da Gianna é deixar Matteo tão cansado dela que queira cancelar o casamento.

— Nem todo casal se dá bem — falei baixinho.

— Tenho certeza de que você e Dante farão dar certo. Ambos são sempre tão equilibrados e controlados.

Bufei. — Eu não chego nem perto do equilíbrio de Dante.

Aria sorriu. — Ele é um pouco frio por fora, mas contanto que derreta quando estiver perto de você, está tudo bem.

— Quer dizer que Luca não é sempre tão assustador? — Brinquei.

Aria corou. — Não.

Ver a felicidade de Aria me deu esperança. Se ela conseguiu fazer dar certo com alguém como Luca, eu também poderia fazer dar certo com Dante.

A conversa de Luca e Dante durou mais tempo que o esperado, e eu comecei a me preocupar. Eles não eram exatamente amigos, mas em algum momento apareceram e nós decidimos almoçar juntos. Foi por isso que Zita preparou um cordeiro assado.

Sentamos à mesa. Diferente desta manhã, Dante não se sentou na cabeceira da mesa. Em vez disso, ele e eu nos sentamos ao lado um do outro e Luca e Aria sentaram-se à nossa frente. A tensão entre Dante e Luca era palpável, e eu comecei a me perguntar se o almoço era mesmo a melhor ideia. Felizmente, Zita serviu a comida logo depois de nos acomodarmos, então, ficamos ocupados saboreando o cordeiro, o que animou os espíritos por um tempo pelo menos, mas assim que esvaziamos nossos pratos as coisas desmoronaram bem rápido.

O rosto de Dante estava mais gélido que o habitual. Parecia que ele tinha sido esculpido em mármore. Luca não parecia muito mais feliz, entretanto, sua boca bastante rígida vinha acompanhada de um fogo ardente nos olhos. Olhei

para os dois, mas era óbvio que eles não tinham nada mais a dizer um para o outro além do que já haviam discutido na reunião.

Aria me lançou um olhar suplicante.

Como anfitriã, era minha obrigação salvar a situação.

— E, então, quando será o casamento?

Dante soltou um som de desdém. — Se as coisas continuarem como agora, nunca.

— Se as coisas continuarem como agora, será um casamento sangrento — rebateu Luca.

Ergui as sobrancelhas e Gaby que entrava com uma garrafa cheia de vinho, congelou.

— Não será um casamento sangrento — disse Aria. E virou-se para Dante. — Você poderia oferecer outra noiva da Outfit a Matteo.

Quase engasguei.

— Aria — disse Luca advertindo. — Matteo não aceitará outra noiva. Ou é Gianna ou nenhuma. — Ele voltou seu olhar a Dante, que parecia indiferente. — Tenho certeza de que o Chefe tem controle suficiente sobre sua *Famiglia* para assegurar que Gianna obedeça.

Acenei para Gaby em direção à mesa. Talvez o vinho distraísse os homens de se atacarem.

— Não estou preocupado com a dimensão do meu controle. Não há membros da Outfit tentando *me* derrubar. — Ele mostrou os dentes num sorriso que me deu frio na espinha.

Os dois homens pareciam estar a apenas alguns segundos de empunharem suas armas. Não sabia qual dos dois poderia sair como vencedor de uma briga dessas. Provavelmente os dois morreriam e a Outfit e a Família de Nova York voltariam à guerra entre si.

Luca se levantou, empurrando a cadeira para trás. Gaby, que estava prestes a encher o copo dele, deu um berro e derrubou a garrafa de vinho, levantando as mãos em frente ao rosto para proteger-se. Por um segundo, ninguém se mexeu.

Dante também se levantou. Apenas Aria e eu continuamos sentadas, quase congeladas em nossas cadeiras.

— Não se preocupe com Nova York. Só se assegure de cumprir sua parte do acordo — rosnou Luca. Ele estendeu uma mão e Aria a segurou, levantando da cadeira.

— Temos um voo para pegar. — Ela sorriu se desculpando.

Levantei-me e olhei para Gaby. Ela ainda estava paralisada ao lado da mesa com vinho tinto ao redor de seus sapatos.

— Vou levá-los à porta — falei para Luca e Aria. Enquanto os levava até a entrada, Dante vinha logo atrás como se estivesse preocupado que Luca me fizesse algo, o que era bem improvável.

Dante e Luca não apertaram as mãos, mas eu abracei Aria bem apertado. Não deixaria que a briga de nossos maridos ficasse no meio de nossa amizade. Ou, pelo menos, eu tentaria. Se as coisas realmente fossem por água abaixo entre Chicago e Nova York, eu não teria mais permissão para falar com Aria. Fiquei vendo os dois irem embora no carro, depois, me virei para Dante, que ainda estava parado atrás de mim.

— O que foi tudo isso?

Dante balançou a cabeça. — Meu pai nunca deveria ter concordado em casar a segunda menina Scuderi fora de Nova York. Isso não vai terminar bem.

— Mas as coisas entre Aria e Luca parecem estar indo bem, e a Outfit tem trabalhado pacificamente em conjunto com Nova York há alguns anos.

— O casamento deles foi por conveniência, mas Matteo Vitiello quer Gianna Scuderi porque ele colocou na cabeça que precisa tê-la. Não é um bom fundamento para uma decisão. Sentimentos são um problema em nosso mundo.

Pisquei. Novamente seu raciocínio frio.

— Você nunca quis tanto algo que teria feito qualquer coisa para tê-lo? — Eu soube que era a pergunta errada assim que as palavras saíram da minha boca, mas não dava para voltar atrás.

Seus olhos gélidos encontraram os meus. — Sim. Mas nem sempre nós

conseguimos o que queremos. — Ele falava sobre a esposa. Queria a mulher de volta.

Engoli seco e assenti.

— Melhor ligar para Bibiana. Quero encontrá-la amanhã.

Virei-me e subi as escadas, sentindo o olhar de Dante em mim o tempo todo. Fiquei contente por ele não poder ver meu rosto.



CAPÍTULO SEIS

De depois de uma conversa rápida com Bibiana ao telefone, fui para a biblioteca. Ela era abastecida principalmente de livros de não-ficção e clássicos antigos, nada que costumasse me atrair, mas eu não queria ir atrás de Dante, nem convidar minha mãe para uma visita. Ela devia estar pensando que algo estava errado e, mesmo que esse fosse o caso, eu não queria que ela descobrisse. Ela tem estado tão contente desde que descobriu que eu iria ser a esposa de Dante. Eu não queria estragar as coisas para ela admitindo que Dante não se importava em nada com a minha presença.

Peguei um livro que ensinava russo básico. Os únicos idiomas que eu falava eram o italiano e o inglês. Eu deveria me familiarizar também com o idioma dos nossos inimigos, e isso me manteria entretida quando Dante estivesse ocupado me ignorando.

O rosnado do meu estômago acabou me atraindo para a cozinha. Já eram quase sete da noite e ninguém havia me chamado para o jantar. Assim que entrei na cozinha, vi Zita, Gaby e mais dois homens reunidos em volta da mesa de madeira, jantando.

Hesitei parada à porta, incerta se deveria entrar, mas, então, Zita olhou na minha direção e não pude mais voltar atrás. Entrei me sentindo bem-vestida demais com meu elegante vestido marrom. Todos se viraram para me olhar, e os dois homens levantaram-se imediatamente. Eles tinham coldres de arma e faca por baixo de suas camisas pretas. Ambos tinham quase quarenta e deviam ser os

seguranças.

— O patrão já jantou no escritório — informou Zita.

— Eu estava mesmo ocupada lendo — falei, esperando soar indiferente. Foquei nos dois homens ainda de pé me observando. — Ainda não nos conhecemos.

Andei a passos largos em direção a eles e estendi a mão para o mais alto, de cabelos curtos e uma cicatriz na sobrancelha.

— Sou Valentina.

— Enzo — disse.

— Taft — falou o outro homem. Ele era alguns centímetros mais baixo, só que bem mais largo.

— Posso me juntar a vocês para um breve jantar? — Eu devia tentar me familiarizar também com as pessoas que eu veria todos os dias pelos próximos anos.

Os dois concordaram ao mesmo tempo. Gaby também. Ela parecia animada com a perspectiva da minha presença; apenas Zita teve dificuldade em esconder sua reprovação.

— A senhora tem certeza de que quer isso? — Ela fez um gesto para o patê de queijos, o presunto de Parma e o delicioso pão italiano.

— Eu não teria perguntado se não quisesse — falei, sentando-me ao lado de Taft.

Ele pegou uma garrafa de vinho. Assenti e peguei uma das taças rústicas de vinho da bandeja na ponta da mesa. Tanto o vinho quanto a comida estavam deliciosos. Mantive meus olhos em Gaby, que, graças a Deus, não estava bebendo vinho. Taft e Enzo não olhavam para ela de nenhum modo que pudesse sugerir que estivessem interessados, o que me deixou mais calma, mas não conseguia esquecer o olhar em seu rosto quando Luca pulou, levantando-se. Claro que ele era um cara assustador nos seus melhores dias, mas aquilo foi algo mais. Tinha a sensação de que Gaby havia aprendido a temer os homens. Apenas precisava descobrir por quê. Taft e Enzo pararam na segunda taça de vinho; eles

ainda tinham os deveres de segurança até de manhã e não poderiam fazer seu serviço bêbados, mas Zita e eu esvaziamos a garrafa. Com álcool no sangue, Zita parecia mais legal. Ou talvez o fato de eu mesma estar alta me deixava cega quanto à sua grosseria. De qualquer modo, eu estava me divertindo bastante. Os homens sabiam contar piadas sujas e logo se esqueceram de que eu era praticamente a chefe deles.

Depois de mais uma piada particularmente obscena, que fez Gaby esconder o rosto com as mãos e eu rir como há muito tempo não ria, a porta da cozinha abriu e Dante entrou. Ele analisou o cômodo rapidamente, pousando o olhar em seus homens, depois, em mim. Ele cerrou o maxilar enquanto fuzilava Taft e Enzo com os olhos.

— Vocês não deveriam estar lá fora mantendo guarda? — Perguntou Dante com uma voz perigosamente baixa.

Os dois homens levantaram-se ao mesmo tempo. E escaparam da cozinha sem dizer mais nada.

— Gaby e eu temos que ir para casa também. Limpamos a cozinha amanhã — disse Zita enquanto colocava o casaco. — Vamos, Gaby. — Gaby me lançou um olhar de desculpas, embora ela não tivesse feito nada de errado.

Dois minutos depois, Dante e eu estávamos sozinhos na cozinha. Eu não fiz nada de proibido, então, não tinha intenção nenhuma de me desculpar. Esvaziei o vinho tinto, olhando para Dante, que parecia perfeitamente calmo enquanto me olhava. “Está se preparando para dar o bote”, ecoou pela minha mente. Levantei da cadeira. Pelo menos em pé eu não precisava inclinar minha cabeça totalmente para trás para olhá-lo nos olhos.

— Por que você comeu com Enzo e Taft?

Quase ri. — Gaby e Zita também estavam aqui. — Será que ele estava com ciúmes? Ou será que estava achando que eu distraí os dois do serviço?

— Você poderia ter comido na sala de jantar.

— Sozinha? — Perguntei num tom desafiador.

Dante avançou em minha direção e, apesar das melhores intenções, eu

congelei.

— Eu não brinco, Valentina. Se tiver algo de que você não gosta, diga e não tente me provocar.

Ele estava parado perto demais, o perfume apimentado de sua loção pós-barba invadiu meu nariz. Tive que lutar contra um impulso de agarrá-lo pelas lapelas e beijá-lo.

— Eu não estava tentando provocá-lo — falei com naturalidade. — Estava com fome e não queria comer sozinha, então, decidi comer na cozinha.

— Você deveria manter distância dos guardas. Não quero que as pessoas confundam sua cordialidade com algo mais.

Dei um passo atrás.

— Você está me acusando de flertar com seus homens?

— Não — falou naturalmente. — Nós estaríamos tendo outro tipo de conversa se eu achasse que você estava flertando com eles.

Levantei o queixo, relutante em deixá-lo me intimidar, independente de quão intimidador ele fosse.

— Eu não ia comer sozinha.

— Você prefere que jantemos juntos todas as noites?

— Claro que sim — falei irritada. Tem muitas coisas que quero fazer com ele à noite. — Estamos casados. Não é o que pessoas casadas fazem?

— Você e Antonio comiam juntos?

— Sim, a menos que ele estivesse longe a trabalho. — Ou tivesse um encontro com Frank, seu amante.

Dante assentiu, como se estivesse arquivando a informação. Ouvi alguém dizer uma vez que ele tinha memória fotográfica, o que fazia dele um adversário difícil de enganar, mas não tinha certeza se era verdade.

Suavizei minha voz:

— E quanto a você e sua primeira mulher? Vocês comiam juntos?

Quase dava para ouvir suas defesas aparecendo. Um véu de animosidade gélida pareceu surgir sobre seu rosto. Ele ergueu a manga da camisa, revelando

seu relógio de ouro.

— Está tarde. Tenho que levantar cedo. Reuniões em nossos cassinos.

— Ah, claro.

— Você não precisa ir para a cama se não estiver cansada.

— Não, o vinho me deixou sonolenta.

Nós dois saímos da cozinha e subimos as escadas. Desta vez, Dante escapuliu para dentro do banheiro primeiro. Vasculhei minha gaveta por uma camisola de cetim minúscula e calcinhas para combinar que mal cobriam minha bunda. Talvez isso fizesse o sangue frio de Dante ferver.

Fiquei andando nervosa de um lado para o outro no quarto, imaginando se esta noite seria a noite. Talvez ontem tenha sido um tipo de período de tolerância. A porta do banheiro abriu e Dante voltou ao quarto. Da mesma forma que ontem, ele estava nu da cintura para cima. Permiti a mim mesma alguns segundos para admirar seu corpo. Nem mesmo as cicatrizes o deixavam menos gostoso. Se possível, elas davam um toque sexy a mais. Dante parou e eu desviei rápido o olhar, correndo para o banheiro.

Tomei um banho rápido e escovei os dentes antes de vestir a *lingerie*. Hora do show. Saí do banheiro. Dante já estava na cama, encostado na cabeceira com o *iPad* na mão, ele tirou os olhos do aparelho, olhando para meu corpo de cima a baixo, demorando nos lugares certos. A ansiedade e o nervoso me preenchiam enquanto eu caminhava devagar para a cama, me certificando de que Dante pudesse me olhar bem. Ele ainda não havia desviado o olhar, mas também não largou o *iPad*. Sentei na cama ao lado dele, também encostada na cabeceira. Nem me incomodei em puxar as cobertas para o meu corpo. Queria que Dante visse o máximo possível de mim.

Nossos olhares se encontraram. Como sempre, seu olhar era indecifrável, mas não estavam tão frios do jeito que costumavam ser. Ele colocou o *iPad* na mesinha de cabeceira e eu quase suspirei de alívio, porém, ele apenas se deitou. Confusa, fiz o mesmo, com a diferença de que rolei para o lado, olhando em sua direção. Ele ainda não havia apagado as luzes. Tinha que ser um bom sinal, e eu

sabia que ele continuava olhando para os meus seios. Se eu fosse mais experiente, tomaria a iniciativa, mas estava preocupada que, se eu arriscasse, revelaria minha inexperiência a Dante. Se ele desse o primeiro passo, eu poderia acompanhá-lo e, com sorte, eu pareceria a mulher experiente que deveria ser.

Dante parou de me olhar, fechou os olhos e cruzou os braços em cima da barriga. Estava com a mandíbula cerrada bem forte. Será que ele estava com raiva? Ele parecia estar à beira de explodir. Talvez não tivesse gostado que eu fosse tão atrevida, praticamente esfregando meus seios na cara dele. Talvez ele preferisse que sua mulher fosse recatada e com medo da própria sombra.

Frustrada, também deitei de costas.

— O que aconteceu com Gaby? — Já que não iríamos transar, então, poderíamos muito bem conversar. Qualquer coisa era melhor que aquele silêncio constrangedor.

Dante continuava de olhos fechados.

— Como assim?

— Ela contou que trabalha para você há três anos, mas ela só tem dezessete. Não deveria frequentar uma escola?

Dante abriu os frios olhos azuis, e focou firmemente no teto.

— Três anos atrás nós atacamos dois clubes russos por vingança. A maior parte de seu dinheiro vinha de tráfico humano. A maioria das mulheres nos clubes era escrava sexual. Mulheres e meninas que foram sequestradas e forçadas a se prostituírem. Quando assumimos os dois clubes, tivemos que descobrir o que fazer com essas mulheres. Não podíamos deixá-las sair por Chicago depois do que haviam testemunhado.

Meu estômago revirou.

— Vocês as mataram?

Dante nem se mexeu.

— A maioria delas estava aqui ilegalmente. Mandamos algumas de volta para a Ucrânia ou para a Rússia. As outras nós realocamos. As que quiseram trabalhar em nossos clubes, nós mantivemos.

— E quanto a Gaby?

— Ela era uma criança. As meninas mais jovens que encontramos foram mandadas para famílias onde poderiam trabalhar como empregadas ou cozinheiras.

— Ou se tornar amantes — falei, porque não tinha dúvidas de que alguns Homens de Honra não conseguiriam ficar sem colocar as mãos numa garota indefesa debaixo de seus tetos.

Dante franziu a testa.

— A pedofilia não é tolerada nem mesmo entre os Homens de Honra, Valentina.

— Eu sei, mas Gaby não é mais exatamente uma menina, e presumo que nem as outras garotas que foram apanhadas.

Dante me olhou fixamente com dureza.

— Você está insinuando que eu toquei em Gaby?

— Ela quase morreu de medo hoje quando Luca se mexeu. Talvez um de seus homens...

— Não — falou Dante com segurança. — Ela não foi abusada de forma alguma desde que chegou a esta casa. Ele está sob minha proteção. Meus homens sabem disso.

— Tudo bem. — Acreditei nele e também acreditei que nenhum de seus homens ousaria ir contra as ordens diretas dele. Se Gaby estava sob sua proteção, então, estava em segurança. — Aposto que essas garotas teriam te rendido bastante dinheiro. Tem um motivo para os russos sequestrarem meninas jovens. Qual o dilema? Não é como se a Outfit não tivesse seus próprios clubes com prostitutas, e não é como se essas mulheres possam parar de trabalhar para a máfia na hora que quiserem. — Eu estava curiosa de verdade. Afinal de contas, Dante era um assassino.

— A Outfit não está no ramo de escravas sexuais. As mulheres em nossos clubes começam a trabalhar neles por vontade própria e sabem que estarão ligadas a nós para sempre. Ganhamos dinheiro suficiente com nossos cassinos e

drogas, não precisamos de escravas sexuais nem de corridas ilegais como os russos e a Família em Las Vegas.

— E quanto à Nova York? Eles trabalham com escravas sexuais?

— Não. Só a Família de Vegas mesmo. Não estou dizendo que não existam vozes na Outfit que gostariam de mudar isso, mas, enquanto eu for o Capo, isso não acontecerá.

— Isso é bom — falei.

Os olhos de Dante suavizaram-se por um segundo, mas logo ele se virou e apagou as luzes.

— Boa noite — sussurrei. Ainda estava decepcionada por Dante não me tocar, mas pelo menos ele conversou comigo como se fôssemos iguais, não como se eu fosse uma mulher descerebrada que não precisasse saber nada sobre os negócios.

— Boa noite, Valentina — respondeu Dante em meio à escuridão. Havia algo em sua voz que não consegui identificar, só que estava cansada demais para tentar.



CAPÍTULO SETE

Se eu pensei que o papo de ontem à noite com Dante o faria reconsiderar nosso sistema de lugares durante o café da manhã ou mesmo o faria falar comigo, estava terrivelmente enganada. Da mesma forma que ontem, ele desapareceu por trás do jornal depois de um rápido cumprimento. Não estava no clima para lutar pela atenção dele. Estava confusa demais e magoada pelo seu contínuo desinteresse em mim. Peguei só algumas frutas e bebi uma xícara de café antes de decidir me retirar. Dante nem tirou os olhos do jornal quando eu saí.

Normalmente, eu teria perguntado se ele queria que um de seus seguranças me acompanhasse à casa de Bibiana, mas eu estava com muita raiva. Eu tinha habilitação para dirigir. Antonio quis que eu tirasse uma quando nos casamos, o que infelizmente não era regra para os homens em nosso mundo. Depois de vestir um casaco e pegar minha bolsa, fui para a garagem. Dante havia me dado as chaves da casa e da garagem. Dos três carros estacionados na garagem, a *Mercedes GL* era o que chamava menos atenção. Tirei as chaves de um gancho na parede e entrei no carro. Levei um tempo para encontrar o botão que abria a garagem no painel, mas logo consegui e conduzi o carro para a saída. Um segurança, que eu não conhecia, patrulhava a grade, mas não tentou me parar quando abri o portão pressionando outro botão. Dirigi para fora e o portão fechou-se automaticamente atrás de mim.

Senti-me bem dirigindo de novo, mesmo sem gostar do trânsito de

Chicago, mas havia tempo demais desde que pude dirigir eu mesma. Meus pais estavam bastante determinados em me conservar sob seus olhares atentos depois da morte de Antonio para me deixar sair sozinha. Eu sabia de cor o caminho para a casa de Bibiana. Havia dirigido para lá inúmeras vezes por todos esses anos, e ficava apenas a dez minutos de distância da mansão de Dante.

A casa de Bibiana e Tommaso era bem menor que a de Dante e a de meus pais. Eles não tinham uma entrada longa onde pudesse estacionar. Pelo contrário, tive que deixar o carro na rua. Não que eu estivesse preocupada que ele pudesse ser roubado. As ruas onde os membros da máfia moram geralmente são bem seguras, a menos que se pense nos riscos de ataques da Bratva ou da Tríade. Caminhei até a porta da frente, percebendo um dos homens de Tommaso sentado no carro do outro lado da rua vigiando a casa. Tommaso não tinha um cargo tão alto quanto os homens da minha família ou os Scuderi, mas também não era apenas um soldado. Ele sempre mantinha um segurança perto da casa para vigiar Bibiana, ou o que eu suspeitava: para garantir que ela não fugisse.

Ele não me parou, apenas acenou com a cabeça num gesto de respeito. Toquei a campainha. Bibiana abriu a porta, depois, olhou por trás de mim.

— Onde estão seus seguranças?

Eu dei de ombros. — Não trouxe nenhum. Dante nunca me disse que eu teria que andar com seguranças.

— Você não vai ter problemas? — perguntou ela fechando a porta e me levando para a sala de estar. Como sempre, seu marido não estava em casa. E é claro que Bibiana não se importava. Ela ganhou alguns quilos desde que Tommaso foi obrigado a trabalhar durante muitas horas. Agora ela não parecia mais tão abatida.

— Por que eu teria? — Repliquei. Nem tinha certeza de que Dante se importava se eu saía de casa sem proteção. Ele parecia muito ocupado com sabe-se lá o quê.

Bibiana me olhou preocupada.

— Você deveria tomar cuidado. Dante é um homem perigoso. Ele sempre

parece tão calmo e controlado, mas Tommaso me disse que Dante não tolera desobediência.

Isso não me surpreendeu, mas como eu poderia desobedecê-lo se ele não me deu nenhuma ordem, para início de conversa?

— Não sou um de seus soldados.

Afundi no sofá. Bibiana sentou-se ao meu lado, a curiosidade em seu rosto era evidente.

— Então, como foi sua noite de núpcias?

Contorci os lábios. — Eu dormi bem — respondi com sarcasmo.

Bibiana piscou os olhos. — Hã? Não foi o que eu quis dizer.

— Eu sei o que você quis dizer — falei frustrada. — Nada aconteceu. Dante me deu um banho de água fria.

— Ele não tentou dormir com você? Nem ontem à noite? — Queria que Bibiana não tivesse soado tão espantada; isso fez eu me sentir ainda pior. Como se, de algum jeito, fosse minha culpa eu não conseguir fazer Dante me querer. Eu sabia que não foi o que ela quis dizer.

— Ele nem me beijou. Apenas se deitou ao meu lado e disse que teria que acordar cedo, depois, apagou as luzes e dormiu. Que tipo de noite de núpcias é essa? — Encostei minha cabeça no sofá. — Não entendo.

— Talvez ele estivesse muito cansado — disse Bibiana timidamente.

Olhei para ela. — Você acredita mesmo nisso? Ele me parecia disposto o suficiente. E ontem? Estava cansado também? — Mordi o lábio. — Você acha que ainda é por causa da esposa?

Bibiana, nervosa, enrolava no dedo uma mecha de seus cabelos castanhos.

— Talvez. Soube que ele a adorava. Eles eram o casal dos sonhos em Chicago.

Nunca dei muita atenção a Dante e sua esposa no passado, mas me lembro de vê-los juntos nos eventos sociais. Lembro-me de pensar que eles foram feitos um para o outro. Havia poucos casais em nosso meio que pareciam feitos um para o outro porque se amavam. A maioria casou por conveniência, mas Dante e

Carla, sua esposa, dava para ver que foram feitos para ficarem juntos. O destino foi cruel em separá-los, e mais cruel ainda por me jogar nos braços de um homem que já tinha encontrado o amor na vida.

— Talvez ele não tenha estado com outra mulher desde a morte da esposa. Pode ser esse o motivo por ele não querer tentar consumir o casamento.

Bibiana evitou meu olhar e pegou um *macaron* na prateleira de prata em cima da mesa à nossa frente. Ela enfiou tudo na boca e mastigou como se aquilo garantisse toda sua concentração. Fui tomada pelo medo.

— Bibi?

Ela olhou diretamente para mim, depois, desviou. Engoliu o que estava em sua boca e pegou mais um, mas segurei seu pulso, impedindo-a.

— Você sabe de alguma coisa. Dante mantém uma amante desde que a esposa morreu?

Bibiana suspirou. — Não queria te contar.

As palavras dela fizeram um buraco em mim.

— Não queria me contar o quê?

E se Dante tiver uma amante fixa? Alguém com quem ele não pode casar por motivos sociais e políticos. Deve ter sido por isso que ele me escolheu, uma viúva, porque ele não quer foder desse jeito com uma garota inocente. Meu coração acelerou.

Bibiana segurou forte minha mão. — Ei, não é tão ruim assim. Calma. Parece que você está prestes a desmaiar.

Peguei um *macaron* verde e enfiei na boca. O gosto doce do pistache se espalhou pela minha língua e eu relaxei levemente.

— Então, desembucha, antes que eu crie mais hipóteses horríveis. — Dava para ver que Bibiana queria perguntar que tipo de hipóteses havia aparecido em minha mente, mas, graças a Deus, ela não perguntou. De qualquer forma, Bibiana me conhece bem demais para adivinhar. Somos amigas desde quando começamos a falar. Ela era a prima mais próxima que eu tinha da minha idade e nós sempre passávamos cada minuto livre juntas. Até na escola éramos

inseparáveis, menos nas aulas que não frequentávamos juntas porque eu era de uma série à frente. Mas era difícil fazer amizade com as pessoas normais, então, ficamos presas uma a outra. E isso não mudou depois que nos casamos. Se é que era possível, nos aproximamos ainda mais porque podíamos dividir nossos problemas conjugais sem nos preocuparmos que nada vazasse.

— Meu marido me contou que Dante frequentou o Clube Palermo por um tempo.

Congelei. O Clube Palermo pertencia à máfia e tinha pole dance, strip-tease e prostituição. O marido de Bibiana era o gerente do clube.

— De que jeito?

Bibiana corou. Ela parecia ter se arrependido de trazer o assunto à tona.

— Ele usava prostitutas para o sexo.

Pressionei os lábios, tentando descobrir por que isso doía tanto. Na noite passada, conversamos sobre prostituição. Por que ele não mencionou nada? Quase dava para ver que rumo essa conversa teria tomado.

— Ele não faz mais isso, não é?

— Ah, não, isso aconteceu já tem tempo. Cerca de um ano depois da morte da esposa, ele passou por um período difícil e ia ao Clube algumas vezes na semana para “aliviar a tensão”, como definiu Tommaso.

Isso foi bem antes do nosso casamento, mas, mesmo assim, saber que Dante dormiu com prostitutas e nem mesmo tentou me beijar magoava demais.

— Então, ele não tem problema nenhum em dormir com outra mulher, ele só não quer dormir comigo.

— Não é verdade. E, como eu disse, ele não vai ao Clube Palermo há muito tempo.

— Tudo bem, mas isso não muda o fato de que ele não quer dormir comigo. Eu conseguia lidar com essa situação no caso de Antonio. Sabia que não era pessoal. Ele não me queria porque não gostava de mulheres, mas qual o motivo por trás do desinteresse de Dante? Ele não deve me achar atraente.

— Não seja ridícula, Val. Você é maravilhosa. Ele teria que ser cego para

não estar afim de você. Quem sabe ele não queira te pressionar? Você perdeu o marido há menos de um ano e Dante não sabe que você e Antonio nunca foram um casal de verdade.

— Não é como se eu não sentisse saudades de Antonio — respondi na defensiva. — Sinto falta de nossas conversas e da confiança que ele tinha em mim.

— Eu sei que você sente, só que não é uma saudade física. Talvez Dante pense que você não está fisicamente pronta para outro homem.

Analisei esse argumento. Parecia uma explicação lógica e Dante não era nada além de um homem lógico. Por outro lado, Dante era um Homem de Honra e eles não costumavam sofrer de sensibilidade excessiva.

— Quantos homens você conhece que se importam com isso?

Bibiana fez uma careta. — Tommaso definitivamente não é um deles.

— Viu? — Falei, sentindo-me ainda mais deprimida. — É bem improvável que Dante não esteja dormindo comigo por causa da consciência dele. Ele é um matador, e um bem habilidoso. Não é à toa que ele é o Chefe.

— Isso não significa que ele não tenha algum escrúpulo. Eu sei que ele não aprova o estupro de jeito nenhum.

Bufei. — Ele não aprova?

Bibiana olhou para mim de forma austera. — É sério. Dante disse aos homens dele que castraria qualquer um que usasse o estupro como forma de tortura, castigo ou diversão. Tommaso odeia isso porque acha que deveria ter permissão para fazer o que quiser com as mulheres no Clube Palermo.

Não duvidava disso nem por um segundo. Perdi as contas de quantas vezes ele havia estuprado Bibiana. Claro que ninguém chamaria de estupro no nosso meio porque ela era sua esposa e seu corpo pertencia a ele. Só de pensar nisso eu ficava enjoada.

— Certo, então, ele tem escrúpulos em relação a algumas coisas. — Fazia sentido depois da conversa que tivemos sobre Gaby na noite passada. Talvez ele realmente não quisesse começar nada comigo porque achasse que eu ainda

estava de luto por Antonio.

— Quem sabe se você tomar a iniciativa? — Sugeriu Bibiana.

— Eu me exibi quase nua para ele ontem, o que mais posso fazer?

— Poderia beijá-lo. Tocá-lo.

Eu sabia beijar. Antonio me beijou algumas vezes. E foi bom. Pelo menos para mim; então, beijar Dante era algo que eu definitivamente poderia fazer.

— Tocá-lo? Quer dizer “aquilo” dele?

Bibiana corou. — Acho que sim. Eu nunca comecei nada com Tommaso, mas ele sempre quer que eu o toque lá e o chupe. — Bibiana pegou outro *macaron*. Eu sabia que ela odiava falar sobre o sexo com Tommaso. Quem não odiaria?

— Tocá-lo pode ser duro demais.

— Ah, vai estar duro mesmo.

Eu ri. — Já estamos nas piadas sujas? Os *macarons* estão fazendo efeito.

Bibiana deu uma risada e balançou a cabeça. — Você ficará bem. Mesmo que você o chupe, não pode fazer nada de errado. As duas coisas mais importantes são: não use os dentes e engula.

Tive que conter uma careta. Eu não tinha tanto nojo da ideia de pagar um boquete para o Dante, mas a imagem de Bibiana tendo que engolir o troço que Tommaso produzia me dava ânsia de vômito.

— O bom do boquete é que a maioria dos homens adora, então, se você não gosta da penetração, mantenha-os felizes desse jeito.

Eu esperava de verdade que não chegasse a isso. Eu sabia que o único orgasmo que Bibiana experimentou foi com a sua própria mão, e eu não queria mesmo compartilhar a sorte dela.

— Esta noite eu vou tentar — falei, me sentindo mais esperançosa de repente.

— Me liga amanhã. Quero saber como foi.

— Não se preocupe, você será a primeira a saber se algo excitante aconteceu.

À noite, quando Dante deitou na cama ao meu lado, eu reuni toda a minha coragem, fui para cima dele e toquei seu peito nu. Era quente e forte. Dante virou pedra sob meu toque, suas sobrancelhas uniram-se enquanto ele me observava. Inclinei-me para frente e coleí meus lábios aos dele. Dante aprofundou o beijo na mesma hora, colocando a língua dentro da minha boca. Este beijo não era nada igual aos que eu tinha dado em Antonio. Dante reivindicava minha boca, me fazendo estremecer por querer mais. Deixei minha mão descer um pouco para sua barriga. Ele recuou e segurou minha mão, impedindo que ela fosse mais para baixo. Ele balançou a cabeça, seus olhos estavam iluminados com algo obscuro e furioso.

— É melhor você dormir agora, Valentina.

Encarei-o sem entender nada. O que acabou de acontecer? Ele me beijou como se quisesse me devorar, depois, parou sem explicação nenhuma. Tirei minha mão da dele, lutando contra as lágrimas de raiva que chegavam aos meus olhos. Sem dizer nada, virei de costas para Dante e fechei os olhos.

— Eu sei que você foi ver Bibiana sem segurança hoje. Isso não vai acontecer novamente. Você pode ir aonde quiser. Pode até mesmo dirigir, mas de agora em diante eu quero um dos seguranças ao seu lado quando sair desta casa. É muito perigoso para você fora desses muros — disse como se não tivesse me beijado, como se não tivesse sido afetado de forma nenhuma pelo que fizemos.

Apertei os lábios. Queria gritar de frustração, mas, em vez disso, mais lágrimas encheram meus olhos.

— Entendeu? — Perguntou Dante depois de um tempo.

Tive que engolir um comentário sarcástico. — Sim, entendi.

Caímos no silêncio de novo, sem nos tocarmos, como se fôssemos dois estranhos na mesma cama por acidente. E isso era bem mais próximo da realidade do que eu gostaria que fosse. A palpitação entre as minhas pernas

estava quase insuportável, mas ficou claro que Dante não faria nada a respeito disso. Não sabia mais o que fazer.



CAPÍTULO OITO

Dante era um homem muito reservado. Foi isso o que todos sempre me falaram, e era por isso que eu sabia o quão errado era desrespeitar sua privacidade. Mas eu precisava ver as coisas que Dante mantinha escondidas atrás da porta que Gaby me mostrou. Talvez aquilo me ajudasse a entendê-lo melhor.

Era início da tarde e Dante havia saído para uma reunião em um dos cassinos clandestinos da Outfit. Não sabia quando ele voltaria, mas, se os últimos dois dias desde a minha tentativa vergonhosa de sedução me diziam alguma coisa, provavelmente não seria antes das 20h. A casa estava silenciosa. Hoje era a folga de Gaby e, como de costume, Zita estava ocupada na cozinha me evitando.

Empurrei a maçaneta para baixo e entrei no quarto onde Dante guardava as recordações da esposa morta. As cortinas estavam fechadas, deixando o quarto no escuro. Apalpei a parede procurando pelo interruptor de luz, mas quando o achei nada aconteceu. Apertei de um lado para o outro algumas vezes até decidir que era inútil. Depois de um tempo de hesitação provocada pela culpa, fui Tateando cuidadosamente para a janela e abri as cortinas. Pisquei, meus olhos lacrimejaram por causa da luminosidade repentina, e tossi por causa de uma crosta de poeira vinda do tecido pesado. Enxuguei rápido os olhos antes de me atrever a dar uma olhada no lugar.

Não havia lustre no teto, apenas alguns fios expostos. Por isso o interruptor

não serviu para nada. Partículas de poeira dançavam no ar e um cheiro de mofo penetrou pelo meu nariz. Havia uma fina camada de poeira em cada superfície e pelo chão. Minhas pegadas estavam claramente visíveis. Resumindo, o pânico tomou conta de mim. Não tinha como esconder minha presença no quarto se minhas pegadas estavam por todo o piso, mas pelo jeito que o lugar estava, ninguém havia colocado os pés ali dentro por muito tempo, nem mesmo Dante, então, ele nunca descobriria.

O quarto estava atravancado de móveis e caixas de papelão. Tinha um armário de madeira escura, duas cômodas e uma cama de dossel *king size*. Fui me dando conta aos poucos. Este deve ter sido o quarto principal que Dante e a primeira esposa dividiam antes de ela morrer. Pelo menos, eu não estava dormindo na mesma cama onde Dante fez amor com a esposa morta. Fui até o armário na ponta dos pés. Nem sabia mais por que estava tentando não fazer barulho, só parecia um sacrilégio estar neste quarto. Abri o guarda-roupa e fui atingida pelo cheiro de roupas velhas e sem uso. Havia duas dúzias de vestidos pendurados em cabides rosa acolchoados, desde vestidos longos de baile, vestidos lindos de *cocktail* a vestidos casuais de verão. Alguns deles pareciam poder ter pertencido ao meu próprio guarda-roupa, mas óbvio que eles eram pequenos demais para mim.

Passei os dedos pelo tecido. Era estranho pensar que a pessoa que tinha usado cada um deles não estava mais aqui, e, sim, enterrada debaixo da terra fria e escura. Com um calafrio, fechei a porta e dei um passo atrás, mas minha curiosidade ainda não foi satisfeita. Abri uma das gavetas do armário ao lado do guarda-roupa e ela estava lotada de *lingerie*. Fechei depressa. Aquilo sem dúvida era pessoal demais. Eu não podia fuçar a *lingerie* de uma mulher morta, mesmo que isso pudesse me contar algo sobre as preferências de Dante. Aproximei-me hesitante da segunda cômoda. Abri a gaveta de cima. Não tinha nada além de dois álbuns de fotos. Senti que a gaveta pertencia a Dante em algum momento, repleta de suas meias e cuecas muito tempo atrás. Ele deve ter deixado tudo para trás quando trocou de quarto, até a própria cômoda.

Ignorando meus escrúpulos, peguei os dois álbuns e os levei para a cama. Esticado sobre ela, um edredom vermelho escuro, que também estava coberto por uma fina camada de poeira. Depois de uma olhada inútil em volta procurando outra opção, sentei na beirada com os álbuns no colo. O primeiro álbum era todo branco, a não ser pela figura de duas alianças de ouro entrelaçadas. Tremendo, abri o álbum.

Um Dante muito mais jovem e uma moça nova, baixinha, vestida de noiva, estampavam a primeira foto. Dante não olhava na direção da câmera. Sua atenção era exclusiva da noiva, e a adoração claramente visível em seus olhos fez minha garganta dar um nó. A frieza calculada e a sofisticação sem emoção não estavam presentes em seu rosto. Talvez fosse por ser jovem ainda, mas algo me dizia que isso tinha muito mais a ver com a mulher ao lado dele.

Era uma foto simples, mas mesmo assim, transmitia tudo o que um casamento deveria significar: amor, devoção, felicidade.

Eu ainda não vira as fotos do nosso casamento, mas sabia o que iria encontrar nelas. Engoli a emoção que chegava. Percorri as outras fotos, esperando infantilmente encontrar o mesmo olhar indiferente em Dante que ele sempre me apresentava. Mas embora sua expressão se tornasse mais reservada e controlada nas fotos posteriores, era difícil não perceber o sentimento pela mulher. Eles foram casados por quase doze anos, mas não tiveram filhos. Eu sabia que Carla, a esposa, lutou contra o câncer durante os últimos três anos de sua vida, mas me perguntava por que eles não engravidaram antes. Nunca a vi com barriga de grávida, nem ouvi rumores sobre um aborto espontâneo. Não que fosse da minha conta.

Talvez seja melhor me sentir sortuda por Dante não ter tido filhos com Carla, ou eles estariam por aqui me desprezando igual ao pai. Odiava a amargura desse pensamento e logo o deixei de lado. Não queria ser mesquinha ou sentir ciúmes de uma mulher morta. Ela nunca fez nada contra mim e era horrível ter morrido tão cedo.

Peguei o segundo álbum. No final dele, havia algumas fotos que

mostravam Carla com uma peruca e sem sobrancelhas. O braço de Dante em torno de sua magra e pálida esposa de maneira protetora. Fui invadida pela tristeza. Como devia ser perder alguém que se amava tanto?

Amei Antonio como amigo, nem chegava perto do que Dante e Carla deviam ter e, para ser sincera, eu frequentemente me magoava com Antonio por me manter numa jaula de ouro sem amor, só para ele poder esconder que era gay.

A porta escancarou, me fazendo dar um pulo, e Dante entrou com aquela expressão avassaladora. Antes que eu pudesse me mexer, ele já estava na minha frente e arrancou o álbum de fotos da minha mão. Ele o atirou na cama com os olhos em mim, flamejantes de raiva.

— O que você está fazendo aqui? — Ele agarrou meu braço e me levantou, nos deixando tão perto um do outro que nossos lábios quase se tocaram. — Este quarto não lhe diz respeito.

Tentei me soltar dele. — Você está me machucando, Dante.

Ele me soltou, um pouco da raiva foi substituída por outro tanto de reprovação.

— Você não devia vir aqui. — Os olhos correram para o álbum que, aberto na cama, exibia a foto dele com a esposa doente. Ele se afastou de mim, deixando o resto de sua fúria ir embora, sendo substituída por uma calma assustadora. — Saia.

Ele não precisou falar duas vezes. Corri para fora do quarto, com medo da explosão de Dante, mas apavorada mesmo com a estranha calma que tomou conta de seu rosto por último. Dante saiu e fechou a porta. Ele não olhou para mim de novo. Fiquei olhando-o de costas enquanto ele caminhava e descia as escadas. Abracei a mim mesma, fechando os olhos. Eu não gostava de desistir das coisas. Eu era cabeça-dura, cabeça-dura demais como minha mãe sempre destacava, mas eu estava considerando seriamente aceitar que o casamento entre Dante e eu não iria dar certo. Era mais rejeição do que eu poderia suportar.

Nós mal nos falamos durante o jantar e, quando isso aconteceu, foi sobre as notícias atuais, que eram a última coisa que passava pela minha cabeça. Dante não mencionou o que aconteceu, e com certeza eu não iria falar nada. Depois que Zita levou nossos pratos com um olhar curioso em minha direção, Dante se levantou.

— Ainda tenho trabalho a fazer.

Claro que ele tinha. Assenti sem dizer palavra e fui para a biblioteca. Se as coisas continuarem desse jeito, eu estarei falando russo em breve. O pensamento amargo cruzou minha mente enquanto pegava o livro didático. Não conseguia focar. As letras flutuavam diante dos meus olhos e acabei desistindo. Saí do cômodo e dei uma olhada em direção ao escritório de Dante. Não havia nenhum vislumbre de luz saindo por baixo da porta. Será que ele foi para a cama?

Fui para a escada, mas parei quando percebi um movimento pelo canto do olho. A porta da sala de estar estava aberta, deixando à mostra Dante sentado na larga poltrona de frente para a lareira escura, bebendo algo que parecia ser *whiskey*. Considerei ir até ele e me desculpar, mas sua expressão melancólica me fez abandonar a ideia. Em vez disso, subi as escadas discretamente e entrei no quarto.

Debaixo da ducha morna do chuveiro, meus dedos foram parar no meio das minhas pernas, mas eu não queria fazer isso de verdade e acabei deixando de lado minha tentativa de encontrar um alívio. Ver todas aquelas fotos antigas fez abrir velhas feridas e aparecer outras novas. Elas me lembraram de algumas vezes no início do meu casamento com Antonio, quando ele levava Frank, seu amante, para dentro de nossa casa para fazer sexo. Era um dos lugares mais seguros para eles se encontrarem, só que apesar das minhas sinceras tentativas de não me incomodar com isso, eu sofria porque a interação entre Frank e Antonio vinha do amor e do desejo que ele nunca poderia me dar. Ver Dante com a esposa hoje me fez sentir do mesmo jeito. Eu não tinha nenhuma chance contra Frank na época, e estava começando a ter certeza de que também não tinha

nenhuma chance contra uma esposa morta.

Bibiana me aconselhou a deixar Dante sozinho por enquanto e esperar pelo melhor, e durante nossa ligação, pareceu uma solução digna, mas depois de um dia de silêncio esmagador, não aguentei mais.

Quando vi Dante sentado de frente para a lareira apagada nesta noite, bebendo seu *whiskey*, me dei conta de uma coisa.

Meu primeiro marido não me queria porque ele preferia homens, e meu segundo marido, porque não conseguia desapegar de uma mulher morta e preferia remoer isso com um copo de álcool. Eu sabia que Dante havia transado com outras mulheres depois da morte da esposa. Bibiana confirmou que ele frequentou o clube de seu marido por um tempo; então, por que ele não queria transar comigo? Talvez eu tivesse alguma coisa que repelisse os homens. Era a única explicação razoável. E se fosse o caso, eu precisava saber e parar de perder meu tempo com esperanças bobas e planos de sedução ridículos.

Entrei na sala de estar, fazendo barulho com meus saltos no chão de madeira de propósito. Dante não tirou os olhos da lareira. Claro que ele me ignorou. Ele quase sempre fazia isso.

Meus braços começaram a tremer por causa da raiva contida.

— É verdade que você frequentava o Clube Palermo?

Dante franziu a testa, girou a bebida no copo, sem olhar para cima.

— O clube pertence à Família, mas foi muito antes de nos casarmos.

Bibiana tinha dito a mesma coisa, mas seu tom casual e sua linguagem corporal indiferente eram demais. Ele agia como se nada disso fosse da minha conta.

Minhas veias fervilhavam de raiva. Dava para sentir minha paciência explodindo, mas eu tremia demais para controlá-la.

— Então, você não se importa em ter a companhia de prostitutas, mas não

é capaz de tirar a virgindade de sua esposa?

Isso chamou a atenção dele e agora eu queria que não tivesse chamado. Ele arregalou aqueles olhos azuis. Queria poder engolir de volta o que eu disse, queria que ele voltasse a olhar para o *whiskey*. Talvez tenha aparecido um lampejo de confusão em seu rosto por um milésimo de segundo antes da máscara treinada de calma voltar.

Dei meia-volta sem dizer nada, chocada com o que havia dito, apavorada com as consequências que o meu rompante pudesse trazer. O tilintar do copo de vidro sendo jogado no mogno soou atrás de mim, seguido pelo ranger da poltrona. Minha garganta fechou e meu peito congelou. Segurei com força o corrimão enquanto subia as escadas. Só ouvia os passos dele atrás de mim, calmos e meticolosos. Reprimi o desejo de olhar para trás ou de correr. Dante não podia ver como eu tremia. O que eu faria?

Ele exigiria explicações. Explicações que eu não poderia dar a ele, prometi nunca contar a ninguém. Mas Dante era O Chefe. Ninguém chegava a essa posição sem saber como extrair informações. Ele não iria me torturar, nem mesmo levantaria a mão para mim. Mas eu tinha certeza de que não precisava.

Entrei no quarto, depois, parei em frente à janela com vista para a propriedade. Não havia mais para onde fugir. Dava para ver a cama pela minha visão periférica. Fechei os olhos quando ouvi Dante entrar no quarto e fechar a porta atrás de si. Sua figura alta apareceu atrás de mim pelo reflexo da janela. Abaixei o olhar para os meus dedos, que delineavam o mármore frio do peitoril da janela. Às vezes, eu sentia que podia lidar com qualquer coisa, como se eu fosse a mulher moderna e controlada que Dante provavelmente desejava, mas em momentos como este, eu me sentia uma garota burra.

— Virgindade? — Questionou sem um pinga de emoção. O dom de todos os homens da Família. Se você cresce em meio à violência e morte, aprende a isolar seu coração do mundo. Por que não ensinavam a mesma coisa às mulheres da Família? — Você e Antonio foram casados por quatro anos.

Eu não me virei, nem mesmo ousei respirar. Como pude deixar isso

escapar? Meu erro poderia arruinar a reputação de Antonio, e a minha por concordar com o plano dele. Ser gay era um crime passível de punição na máfia, e eu havia ajudado Antonio a cometê-lo. Foquei em respirar, em sentir o mármore nas pontas dos meus dedos, nas árvores dançando com o vento do lado de fora.

— Valentina. — Desta vez, um leve toque de tensão preenchia meu nome.

— Eu não deveria ter falado nada disso — sussurrei. — Foi só um jeito de falar. Não falei no sentido literal. — Eu sabia mentir bem, não tive escolha a não ser me tornar uma boa mentirosa. — Como você disse, Antonio e eu fomos casados por quatro anos. Claro que eu não sou virgem.

Ele tocou meu quadril e eu quase dei um pulo, trombando no peitoril da janela. Fiquei sem fôlego com a dor, e, então, mordi o lábio para reprimir o som. Durante dias esperei que Dante me tocasse e agora que ele me tocou, eu queria que ele voltasse a me ignorar.

Dante me olhava pelo reflexo na janela.

— Vire-se — falou baixo.

Nem mesmo pensei. Sua voz, mesmo sem ameaça ou perigo, era cheia de autoritarismo para que eu resistisse. Fui me fortalecendo enquanto o encarava. Foquei nos botões da camisa branca que ele vestia. Seu olhar era capaz de acabar comigo. Cada músculo do meu corpo estava tenso como um arco de tiro ao alvo. Ele pôs um dedo embaixo do meu queixo e o levantou, forçando-me a olhar para ele. Mais uma vez o toque. Por que ele me tocaria agora, logo antes de seguir seu caminho e manter a distância entre nós dois?

Engoli em seco. *Seja forte, Valentina. O desejo de um homem morto é sagrado. Não quebre a promessa.*

E não era como se estivesse protegendo só a Antonio. Eu vivi uma mentira, tinha mentido para Dante praticamente desde nosso primeiro encontro, eu o deixei acreditar em uma coisa quando, na verdade, a realidade era o oposto. Desejei ver alguma emoção no rosto de Dante, ainda que fosse raiva. Eu poderia lidar com isso, mas ele não transparecia nada. Sempre o homem de gelo.

— Quer dizer que o que você falou lá embaixo foi só para provocar? — Ele soava calmo e curioso, mas eu não me deixei enganar por isso. Eu tinha toda a sua atenção.

Não conseguia falar nada. Do jeito que ele falava fazia parecer bem ruim. Em que estava pensando? Queria ter o mínimo de noção se ele estava de bom ou mau humor.

Ele não vai te machucar, Valentina.

Ele não fez nada comigo até agora, mas, na verdade, nós não interagimos tanto assim nesses poucos dias do nosso casamento. E dois dias atrás, ele ficou bastante assustador quando me encontrou com os álbuns de fotos.

A tensão aumentou demais e uma lágrima deslizou do meu olho direito, trilhando um caminho pela minha bochecha, parando no dedo de Dante, que ainda levantava meu queixo. Ele franziu a testa, soltando meu queixo. Imediatamente, eu desviei o olhar e dei um passo para trás.

— Por que você está chorando?

— Porque você me dá medo! — Disse num repente.

— Até hoje você não pareceu ter medo de mim. — Ele estava certo. Exceto por algumas poucas ocasiões, eu não tive medo dele, mas sabia que deveria ter medo de um homem como ele.

— Talvez eu seja uma boa atriz.

— Você não tem nenhum motivo para ter medo de mim, Valentina — disse ele calmamente. — O que você está escondendo?

— Nada — falei depressa.

Ele segurou meu pulso levemente. — Você está mentindo sobre alguma coisa. E, como seu marido, quero saber o que é.

A raiva subiu. Dessa vez foi sem aviso prévio.

— Você quer dizer que como o Chefe quer saber, porque até agora você não agiu exatamente como meu marido.

Ele inclinou a cabeça, analisando cada centímetro do meu rosto.

— Por que você ainda seria virgem?

— Eu te disse que não sou! — Falei desesperada, tentando escapar de sua mão, mas ele apertou um pouco mais os dedos para que eu não saísse dali. Ele me puxou para si, nossos peitos se tocando. Fiquei sem ar assim que olhei para ele. Meu coração batia forte no peito, nas têmporas, nas veias. E ele sentiu. Era por isso que ele segurava minha cintura.

— Então — falou num tom de curiosidade. —, se eu te levasse para cama neste momento — Ele deu um passo, me forçando a chegar mais perto da enorme cama de dossel. — e te fizesse minha, eu não descobriria que acabou de mentir para mim.

Eu não queria nada além de que ele finalmente quisesse me levar para a cama, e agora que ele estava usando isso como ameaça para descobrir a verdade, eu queria nunca ter desejado nada dele, para começo de conversa. Será que ele iria sentir que eu nunca dormi com um homem? Eu apenas havia conversado com outras mulheres sobre suas experiências, mas não sabia se um homem podia sentir que uma mulher era virgem.

— Não iria porque você não vai me levar para a cama agora.

— Não vou? — Ele levantou uma sobrancelha loira.

— Não, porque você não faria isso contra a minha vontade. Você não é a favor do estupro. — As palavras de Bibiana ainda soavam estranhas saindo dos meus lábios, e não seria contra a minha vontade. Eu estava me jogando em cima de Dante há dias; ele devia saber que eu o desejava. Ainda o desejava apesar de tudo. Meu corpo praticamente murmurava à espera de seu toque.

Ele riu. Nunca o tinha ouvido rir. Soava vago.

— Foi o que ficou sabendo?

— Foi — falei com mais firmeza. — Você deu ordens diretas aos Subchefes para que dissessem aos seus homens que castraria qualquer um que usasse o estupro como forma de vingança ou de tortura.

— Dei. Acredito que uma mulher nunca deve se submeter a ninguém a não ser ao seu marido. Só que você é minha esposa.

— Mesmo assim. — Minhas palavras saíram um pouco mais alto que um

sussurro, cheias de incerteza.

Ele concordou. — Sim, mesmo assim. — E soltou meu pulso. Foi um alívio. — Agora, eu quero que me conte a verdade. Sempre te tratarei com respeito, mas espero o mesmo de você. Não tolero mentiras. E vamos acabar dividindo a cama, Valentina, e aí eu vou saber a verdade.

— E quando é que nós vamos compartilhar a cama como marido e mulher, e não simplesmente dormir ao lado um do outro? Isso vai chegar a acontecer? — Não aguentei. Língua idiota, sempre correndo solta.

A expressão dele demonstrou algo que não consegui definir.

— A verdade — falou simplesmente, mas com autoridade. — E lembre-se de que saberei em algum momento.

Baixei o rosto. Será que a verdade deixaria as coisas piores entre Dante e eu? Seria definitivamente muito pior se ele descobrisse que eu menti descaradamente para ele se chegarmos a consumir o casamento.

— Valentina — disse Dante de forma concisa.

— O que eu disse na sala de estar era verdade. — Fiquei aliviada e apavorada quando as palavras saíram da minha boca. Por quanto tempo mais eu conseguiria manter a mentira afinal?

Dante assentiu com uma expressão estranha em seu rosto.

— Foi o que pensei, mas agora pergunto: por quê?

— Por que é tão surpreendente que Antonio não me quisesse? Talvez ele não me achasse atraente. Você, com certeza, não acha, ou não passaria a maioria das noites no escritório ou de costas para mim na cama. Ambos sabemos que se você me quisesse, se me achasse pelo menos desejável, eu teria perdido minha virgindade na nossa noite de núpcias.

— Pensei que tínhamos concordado com o fato de que eu não te forçaria a nada — argumentou ele. Procurei seus olhos porque havia uma pontada de raiva em sua voz.

— Só que você não teria que ter me forçado. Você é meu marido e eu quero estar com você. — Meu rosto ferveu. — Eu praticamente me joguei em

cima de você por dias e você nem reparou no meu corpo. Se me achasse atraente, teria demonstrado algum tipo de reação. Acho que apenas tenho sorte de sempre acabar com maridos que me achem repulsiva.

— Você não é repulsiva para mim — falou com firmeza. — Acredite em mim, eu te acho atraente.

Devo ter parecido em dúvida, porque ele acabou com a distância entre nós.

— Eu acho mesmo. Não duvide do que eu falo. Sempre que posso, dou uma espiada na pele branca das suas coxas. — Ele passou o dedo pela minha coxa através da fenda da camisola. Precisei reprimir um suspiro de surpresa com essa proximidade repentina. Meu corpo inteiro se arrepiou. — Ou quando vejo o contorno de seus seios por baixo dos tecidos finos que você veste para dormir. — E passou o dedo suavemente pelo decote rendado da minha camisola bem acima dos meus seios. — Quero te jogar na nossa cama e me enterrar em você. — E deixou a mão cair, sem mais me tocar.

Meus olhos arregalaram. — Você quer? Então, por que...

Ele me calou, colocando um dedo em meus lábios.

— É a minha vez de fazer as perguntas e a sua de prometer não mentir.

Olhei para ele, concordando. Será que o que ele disse era verdade? Ele me desejava?

— Por que Antonio não dormiu com você? — Perguntou Dante, ainda perto demais a ponto de seu calor preencher meu corpo. Quase não conseguia me concentrar.

— Eu prometi a ele não falar nada.

— Antonio está morto — falou. Ele não parecia arrependido. — Eu sou seu marido agora e a sua promessa a mim é mais importante.

Desviei os olhos. Ele estava certo, mas eu carregava a verdade comigo por tanto tempo que ela praticamente fazia parte de mim. Dante provavelmente descobriria isso em algum momento.

— Valentina?

— Antonio era gay — desabafei. Finalmente o fardo da mentira de

Antonio não pesava mais sobre os meus ombros. Era libertador.

Dante pareceu atordoado por um segundo. — Nunca suspeitei de nada. Você tem certeza?

Revirei os olhos. — Ele levava o amante em casa algumas vezes.

— Por que ele não dormiu com você para gerar descendentes? Isso teria evitado possíveis suspeitas.

Hesitei. — Acho que não teria funcionado. Você sabe... — fiz um gesto na direção da virilha de Dante.

— Ele era estéril?

Corei. — Não, ele mencionou uma vez que não conseguiria levantar com uma mulher. — As palavras pularam da minha boca.

— Quem era o amante dele? — perguntou como quem não quer nada, mas eu sabia bem que não deveria confiar no desinteresse dele. Seus olhos revelaram uma pontada de entusiasmo para obter uma resposta minha. Eu tinha a sensação de que ele estava tentando usar meu estado emocional contra mim, mas eu não baixava a guarda tão fácil assim.

Neguei com um gesto de cabeça. Frank ainda era vivo e não era membro da Família. Se Dante descobrisse que Antonio namorava alguém de fora... Não queria nem pensar nas consequências. Ele não iria parar até encontrar a pessoa e eu sabia exatamente o que aconteceria a Frank quando isso acontecesse.

— Não posso contar. Por favor, não me obrigue.

Dante tocou meus antebraços sem nenhuma força.

— Se for alguém da Família, eu preciso saber e, se não for... A Família vem em primeiro lugar. Preciso proteger todos os que confiam em mim.

Ele mataria Frank e talvez até o torturasse para garantir que dissesse todos os nomes de quem sabia sobre Antonio.

Eu não conseguiria viver comigo mesma se isso acontecesse. Queria fechar os olhos para o olhar penetrante de Dante, mas eu sabia que seria uma má ideia.

— Não posso contar. Não vou contar. Desculpe, Dante, mas não importa o que você faça, eu não vou dizer nenhum nome.

O rosto de Dante irradiava raiva, pior que ontem. Era fúria de verdade, e pela primeira vez era direcionada a mim. O que Bibiana havia dito? Dante não tolerava desobediência.

— Você levava uma vida protegida, Valentina. Tive homens barra pesada que disseram o mesmo para mim e, no final, entregaram todos os seus segredos.

— Então, faça o que tem que fazer — rebati, me afastando. — Corte os dedos dos meus pés e me alimente com eles. Me bata, me queime, me corte, mas eu prefiro morrer a ser responsável pela morte de um homem inocente.

— Então, ele é de fora.

Encarei-o boquiaberta. Foi o que ele conseguiu do meu rompante? Deus, ele era bom nisso, não chegou a arrancar nem um fio de cabelo da minha cabeça e já tirou uma informação de mim.

— Não foi o que eu disse.

Mas era tarde demais. Dante sorriu.

— Não precisou. — Os olhos dele eram perspicazes e ansiosos. Ele parecia um caçador. — Se Antonio levava o amante em casa, presumo que você o conheceu e sabe o nome dele e pode descrevê-lo para mim.

Pressionei meus lábios, fuzilando ele com os olhos. Nem em um milhão de anos eu diria o que ele quer saber. Já tinha falado demais. Teria que ser mais atenta daqui para frente.

Dante se aproximou novamente, tocou meus quadris e, apesar de tudo, o simples toque me fez arrepiar. Eu o desejava, talvez mais do que antes. O que acontecia que os homens perigosos eram tão irresistíveis?

— Você não é leal a mim? — murmurou ele. — Você não acha que me deve a verdade? Que é a sua obrigação? Não só porque eu sou o Chefe da Outfit, mas porque sou o seu marido.

— E você me deve uma noite de núpcias decente. Como meu marido, deveria ser sua obrigação se encarregar das minhas necessidades. Acredito que nós dois teremos que viver com a decepção.

Sua máscara se desfez. Sem aviso, ele me agarrou e me virou de modo que

as minhas costas ficassem contra seu peito.

— Sou um caçador paciente, Valentina — avisou Dante com a voz baixa, que eu pude sentir por todo o meu interior. — Você vai acabar me falando o que eu quero saber.

Pela lateral do meu corpo, sua mão deslizou até a minha coxa, permanecendo ali por um tempo, me fazendo prender a respiração de ansiedade e confusão. Ele levantou minha camisola acariciando minha pele até a calcinha. Fiquei arrepiada e pressionei meu corpo ainda mais contra seu peito. O tecido da camisa dele fez um barulho com o contato. Era um som estranhamente erótico. Dante escorregou um dedo por baixo da minha calcinha rendada e acariciou minhas dobras. Já molhada e dolorida por causa da nossa discussão e da proximidade dele, gemi. Não sabia dizer por que de repente ele estava me tocando ou o que o teria levado a mudar de opinião, mas não me importava, contanto que ele continuasse me tocando. Ele mergulhou os dedos por entre meus pequenos lábios e sua respiração ficou mais pesada.

— É isso que você quer?

— É — sibilei, me esfregando sem vergonha na sua mão, mas ele envolveu minha cintura com o outro braço e me segurou. — Eu quero você, Dante.

— Diga o que eu quero saber. — Ele passava os dedos devagar para frente e para trás. O ataque sensual lento fez minha respiração ficar mais pesada. Eu já estava tão perto... Meu corpo tinha esperado tanto tempo por isso. Minhas pernas começaram a tremer, joguei a cabeça para trás, nos ombros de Dante.

— Você não me quer? — Em vez de falar o que ele queria ouvir, arfei. Seu dedo roçou meu clitóris como se fosse uma resposta, e eu desmoronei dando um gritinho enquanto explodia em êxtase. O braço de Dante em volta da minha cintura me manteve em pé, resistente e firme, enquanto eu tremia de prazer.

— Eu quero. E o problema é esse — grunhiu.

De repente, me soltou e recuou. Agarrei o peitoril da janela para não cair no chão. Me virei, meus batimentos ainda acelerados nas minhas veias, mas

Dante já estava saindo do quarto.

O que acabou de acontecer?



CAPÍTULO NOVE

Dante não veio para a cama esta noite. Esperei muito, sem conseguir dormir, confusa demais pelo que aconteceu. Ele admitiu que me queria, me tocou, só que depois, caiu fora. Por quê? Quando acordei na manhã seguinte, o lado dele da cama estava intocado, e trinta minutos depois, quando fui até a sala de jantar, o jornal estava largado ao lado de um prato limpo.

Preocupada, procurei-o no escritório. Não havia nenhum ruído por trás da porta, mas isso não queria dizer nada. Bati, e logo entrei sem esperar por uma resposta. Não quis dar a Dante a chance de juntar defesas. Talvez se eu o pegasse de surpresa novamente chegaríamos a algum lugar. Dante estava sentado atrás de uma mesa de madeira escura e estreitou os olhos quando entrei em seu escritório pela primeira vez. Talvez ele tenha sentido como se eu estivesse invadindo seu espaço pessoal só de entrar ali.

Meu olhar pousou no porta-retrato de prata na mesa dele. Um foto da primeira mulher sorridente estava no centro da mesa como se ele o tivesse colocado às pressas quando abri a porta. Não havia mais nenhuma foto no ambiente.

Meu estômago se agitou violentamente. Na tentativa de esconder minha dor, encontrei seu olhar de reprovação.

— O que você está fazendo aqui?

— Esta casa é minha também, não é?

— Claro que é, mas este é o meu escritório e eu preciso trabalhar.

— Você sempre precisa. Queria saber se você está bem.

Ele levantou as sobrancelhas. — Por que eu não estaria?

— Por quê? Porque você agiu de maneira estranha ontem. Numa hora você está me tocando e no minuto seguinte, fugiu o mais rápido que pôde.

— Você não sabe nada sobre mim, Valentina.

Eu o interrompi. — Eu sei, e quero mudar isso, mas você continua me afastando.

Dante se levantou, passando a mão pelos cabelos.

— Nunca quis me casar de novo. Por um bom motivo. — Mais uma vez ele fez parecer que este casamento tinha sido ideia minha, como se eu pudesse dar alguma opinião sobre o assunto.

— Eu não pedi para você se casar comigo! — Já estava cansada. Virei-me e saí do escritório dele feito um raio, fazendo questão de bater a porta o mais forte possível. Foi um ato infantil. Deu para ouvi-la abrindo de novo e os passos de Dante atrás de mim. Ele me envolveu pela cintura, me puxando para eu parar.

— Seu temperamento é impossível — grunhiu.

Olhei para ele. — A culpa é sua.

— Este casamento sempre foi por motivos racionais. Eu te falei isso.

— Mas não quer dizer que não podemos tentar fazer dele um casamento de verdade. Não existe nenhum motivo racional para não dormirmos juntos. Você dormiu com prostitutas, então, por que não pode dormir comigo?

— Porque eu estava revoltado e queria foder alguém. Queria que fosse violento e com força. Eu não estava procurando por intimidade nem carinho nem o que quer que você queira. Eu tinha todo o prazer que queria e, depois, ia embora. Eu não posso dar o que você está procurando. A parte de mim que era capaz disso, morreu com a minha esposa e não vai voltar.

— Você não sabe o que eu quero. Talvez nós queiramos a mesma coisa. — Minha voz era quase um sussurro.

Ele zombou. — Dá para ver em seus olhos que não é verdade. Você quer fazer amor, mas eu não posso te dar isso. Eu quero ter você de verdade, quero

possuir cada parte de você, mas não pelos mesmos motivos que você me quer. Sou um filho da puta sem coração, Valentina. Não tente ver nada além disso em mim. O terno e o rosto sem sentimentos são a fina camada que cobre o abismo fodido que são minha alma e meu coração. Não tente enxergar por baixo deles, você não vai gostar do que encontrar.

Eu estava chocada demais para rebater. Pelo contrário, fiquei olhando-o retornar ao escritório.

Passei o resto do dia considerando minhas opções. Dante não queria nenhum envolvimento emocional. Ele nem mesmo queria carinho. *Violento e com força*, essas foram as palavras que ele usou para o sexo que procurou com as prostitutas. Ele estava certo. Não era o que eu queria, mas aprendi com o passar dos anos que às vezes temos que aceitar o pior para alcançar alguma forma de felicidade. Eu queria transar com Dante, talvez não do mesmo jeito que ele queria, mas quem disse que eu não iria gostar também? E ele não falou exatamente que seria violento comigo. Só disse que eu não deveria esperar gestos fofos e carinhosos dele. Eu podia viver com isso, não podia?

Eu queria ser desejada por ele. Talvez isso fosse praticamente como ser amada por ele.

Já era quase a hora do jantar, mas sentia fome de outra coisa quando me despi rápido em nosso quarto e coloquei um roupão de banho, antes que pudesse mudar de ideia. Não podia andar nua pela casa.

Desci as escadas rumo ao escritório de Dante com o estômago doendo de nervoso. Bati, e desta vez esperei ele falar para eu entrar porque eu não queria começar essa tentativa de sedução com uma briga, ainda que nossa discussão no quarto ontem tenha sido extremamente excitante para mim. Ele abriu a porta sem falar nada. Seus olhos frios passearam pelo meu corpo. Eu me perguntei se ele conseguia perceber que eu estava nua por baixo do tecido fino do roupão.

— Posso entrar?

Ele deu espaço e eu entrei. Ouvi a porta fechar e logo Dante passou por mim a passos largos, virando-se com uma expressão questionadora.

— O que está acontecendo?

— Tomei uma decisão.

— Sobre o quê?

Abri o roupão. — Sobre nós. Sobre sexo.

O olhar dele ficou sombrio. Cerrando o maxilar, ele balançou a cabeça e virou as costas.

— É melhor você sair.

— Não me dê as costas. Olhe para mim. Acho que mereço no mínimo essa consideração, Dante.

Quando se virou para mim, emanava tensão. Ele não se aproximou, mas me encarava. Pela primeira vez não fingiu que eu era invisível. Seus olhos azuis percorriam o meu corpo descoberto.

Meus mamilos endureceram por causa do ar gelado de seu escritório, mas não fechei o roupão de seda, apesar da urgência esmagadora de me cobrir devido ao frio olhar crítico de Dante. Seu olhar permaneceu um pouco mais de tempo no vértice das minhas coxas do que no resto do meu corpo, e fui preenchida por um pequeno rompante de esperança.

— Não sou sua esposa?

Suas sobrancelhas uniram-se.

— Claro que você é. — Havia algo em sua voz que não pude distinguir o que era.

— Então, tome o que é seu por direito, Dante. Faça-me sua!

Ele não se moveu, mas seus olhos deslizaram direto para meus mamilos eretos. Seu olhar era quase palpável, como se um fantasma tocasse minha pele nua, mas não chegava nem perto do que eu queria. Queria sentir seus dedos entre as minhas pernas de novo, queria senti-los em cada parte do meu corpo, queria gozar até esquecer os meus problemas.

Faltava pouco para eu implorar. Sabia que ele estava quase cedendo, dava para ver na definição de seus ombros, no seu olhar transtornado. Eu queria transar esta noite.

— Também tenho necessidades. Ou você prefere que eu encontre um amante que te libere do fardo de me tocar? — Não estava certa se seria capaz de fazer isso. Não, *eu sabia* que não seria capaz de fazer isso, mas esse gesto de provocação era a minha última opção. Não sabia o que mais poderia fazer se Dante não reagisse a isso.

— Não — respondeu bruscamente, um misto de raiva e possessividade rompendo sua máscara de perfeição. Ele apertou os lábios, cerrou a mandíbula e caminhou em minha direção. Tremi de necessidade e expectativa quando ele parou na minha frente. Não me tocou, mas pensei ter detectado um vislumbre de desejo em seus olhos. Não era grande coisa, mas o suficiente para me encorajar.

Cobri a distância que ficara entre nós, agarrando seus ombros másculos e pressionei meu corpo nu ao dele. O tecido áspero de seu terno roçou deliciosamente contra meus mamilos sensíveis e deixei escapar um leve gemido. A pressão no meio das minhas pernas era quase insuportável. Os olhos de Dante brilharam quando ele baixou o olhar para mim. Ele me envolveu com um braço devagar e pousou a palma da mão na parte inferior das minhas costas. Queria que ele a colocasse mais para baixo. Eu nunca pensei que poderia ficar tão desesperada pelo toque de alguém, nem mesmo quando tinha que ouvir Antonio fodendo com Frank no quarto ao lado.

A sensação de vitória me inundou. Não estava mais sendo ignorada.

Inclinei a cabeça para olhar em seu rosto. Qualquer desejo que pensei ter visto havia desaparecido, seus muros eram impenetráveis. Fiquei na ponta dos pés, desesperada por um beijo de verdade, mas Dante apertou a mão nas minhas costas e não olhou para baixo, tornando impossível que eu encostasse meus lábios nos dele. Ele não queria que eu o beijasse. Eu não aguentava mais isso. Tinha me jogado em cima dele nua, tinha oferecido não só o meu corpo, mas eu por inteiro e ainda assim ele me rejeitou. Afastei-me dele, me sentindo suja e

vulgar. Evitando os olhos dele, virei-me, fechei o roupão e saí correndo do escritório. Cruzei o corredor e subi as escadas correndo. Era isso. Eu não tentaria de novo. Tinha que aceitar que Dante não me desejava o suficiente, que ele não queria dormir comigo por quaisquer motivos idiotas que ele listara até que fosse totalmente necessário para gerar um herdeiro.

Entrei no quarto cambaleando e me atirei na cama. Uma onda de desespero e de tristeza se apoderou do meu corpo por um segundo, mas eu não permiti me deixar vencer. Sobrevivi a um casamento com Antonio. Poderia sobreviver a um casamento sem amor com Dante. Algum dia, eu teria lindos filhos a quem poderia amar e que me amariam também e, até isso acontecer, eu poderia aguentar. Eu não era a primeira mulher em nosso mundo que teria que viver com um imbecil frio como marido e, definitivamente, não seria a última. Pelo menos, eu não tinha um marido babaca abusivo como Tommaso. Isso devia contar para alguma coisa.

E eu só teria que cuidar das minhas outras necessidades como fiz durante os últimos anos. Virei de costas. Ainda estava furiosa, envergonhada e decepcionada, mas também continuava excitada. Fechei os olhos e deslizei a mão para baixo no meu corpo, entre as minhas pernas. Comecei a me acariciar, pensando nos dedos de Dante me provocando mais uma vez, me lembrando da breve faísca de desejo nos olhos dele que eu provavelmente havia imaginado. Minha respiração se tornou mais rápida à medida que acariciava meu botão sensível. Estava chegando lá. Deixei escapar um gemido e inspirei profundamente.

Abri os olhos e dei de cara com Dante; ele estava parado na porta, com a mão na maçaneta e os olhos em mim. Pela primeira vez eles não eram frios. Deus, por quanto tempo ele ficou me observando?

Tirei a mão do meio das minhas pernas, mortificada, como se uma bola de demolição batesse em mim sucessivamente. Fechei o roupão e me movi para a beira da cama. Não conseguiria ficar no quarto com Dante, não depois do que ele acabou de ver. Eu havia me envergonhado o bastante por hoje, mas Dante se

colocou no meu caminho de repente, parando à minha frente. Seu corpo alto pairando sobre mim. Joguei a cabeça para trás para olhar para ele. Ele estava mais animado do que eu jamais vi. Ele parecia quase furioso.

— Não — disse calmamente.

Não tinha muita certeza do que ele queria dizer. Então, ele se inclinou sobre mim até eu me deitar de costas novamente, e se estendeu em cima de mim. O paletó dele caiu aberto e me envolveu de lado a lado como uma prisão suave. Procurei seu rosto. Fui ficando mais excitada por causa da proximidade dele e do olhar em seu rosto. Ele se apoiou num braço e colocou um joelho no meio das minhas pernas, forçando-as a abrir.

Meu coração acelerou. Será que ele finalmente iria fazer o que eu estive esperando até agora? Durante um longo tempo ele ficou só me olhando, e eu já esperava que ele se afastasse mais uma vez, mas, em vez disso, ele agarrou meu seio, me fazendo arquear as costas com um gemido carente. Seus olhos foram parar em sua mão, então, ele beliscou meu mamilo, mais forte do que eu poderia prever. O prazer percorreu meu corpo inteiro como um raio, alcançando lá embaixo. Eu queria que ele me tocasse ali, precisava disso mais do que comida, do que água, do que ar. Dante puxou e beliscou meu mamilo, com o olhar sombrio e atento me observando. Eu havia acariciado meus seios algumas vezes por todos esses anos, mas nunca senti nada de mais, porém, o toque firme de Dante fez todo o meu ponto de prazer formigar. O tecido áspero do terno roçou pelos lados do meu corpo quando ele se abaixou e abocanhou meu mamilo.

Arqueei meu corpo para cima com um miado, pressionando meus seios em seu rosto, mas Dante agarrou meu quadril e me segurou. Ele chupou o bico do meu seio forte mais uma vez, fazendo com que a excitação se concentrasse no meio das minhas pernas. Me retorci, tentando me esfregar em seu joelho que ainda estava encaixado entre as minhas pernas, contudo, ele me impediu com a mão. Não conseguir me mexer como queria não era algo que algum dia eu considerei sexy, mas, rapaz, eu estava equivocada.

Dante mordiscou meu mamilo, fazendo seus dentes arranharem levemente

minha pele sensível, e eu quase gozei. E eu que já estava tão perto antes... Ele soltou meu bico, que ficou vermelho e duro devido à sua atenção. Ele olhava em meu rosto, percorrendo com a mão o lado do meu corpo. Eu não conseguia tirar os olhos daquele rosto lindo, hipnotizada pelo calor no olhar dele. Havia algo de sombrio, selvagem e furioso em seus olhos. Ele enganchou os dedos na minha coxa e abriu ainda mais as minhas pernas. Tremi pela expectativa.

— Diz agora se é isso que você quer — exigiu falando baixo. Como ele poderia duvidar do meu desejo por ele?

— É isso o que eu quero.

— Que bom.

Abocanhou o outro mamilo com um sorriso sombrio, brincando com a língua nele enquanto escorregava dois dedos sobre meu botão, pressionando meu clitóris. Fagulhas de prazer dispararam do centro por todo o meu corpo. Parecia que eu iria me desfazer em pedaços à medida que o orgasmo se espalhava em mim. Balancei meus quadris desesperadamente. Dante me observava tranquilamente enquanto eu estremecia embaixo dele, e ele continuava com os dedos pressionando meu botão sensível. Lentamente, fui voltando do meu pico de prazer. Estava envergonhada por ter gozado tão rápido, porque ele mal me tocara, mas ergui o queixo, audaciosa, apesar da minha vergonha. Se ele não tivesse me feito esperar por tanto tempo, eu não teria me excitado tão fácil.

Dante deixou escapar um suspiro longo pelo nariz, contraindo o maxilar. Depois, afrouxou os dedos nas minhas dobras. Suas narinas expandiram enquanto ele empurrava dois dedos lentamente dentro de mim. Meus músculos se comprimiram em volta dele e eu respirei fundo com a invasão. Não doeu, apenas foi um pouco desconfortável. Às vezes, eu colocava um dedo dentro de mim, mas nunca vi graça nisso. Só que isso era maravilhoso. Dante baixou o olhar e ficou contemplando seus dedos enquanto os colocava e tirava de mim. Era incrível, melhor do que eu jamais senti sozinha. Aquele movimento constante me fez ofegar.

— Você é incrivelmente apertada. Mal posso esperar para estar dentro de

você — falou bem rude.

Queria que ele continuasse falando com aquele grunhido sexy, mas tudo o que saía dos meus lábios eram gemidos e suspiros.

Estava perto de um segundo orgasmo, dava para senti-lo crescendo bem ali embaixo, senti aquelas fagulhas de prazer familiares ecoando pelo meu corpo. Dante acelerou o entra e sai dos dedos e colocou o polegar sobre meu botão, e eu enfiei os saltos no colchão assim que o clímax me atingiu, ainda mais forte do que o anterior. Eu ainda estava me regozijando com as últimas ondas do meu orgasmo quando Dante tirou os dedos. Emiti um som de protesto, mas ele se endireitou mostrando um profundo desejo em seu olhar. Fiquei assustada pela intensidade, pela resignação e obscuridade misturadas em seu rosto. Ele parecia um homem que perdeu uma batalha contra ele mesmo. Ele era alto e suntuoso, estava imóvel, a não ser pelo subir e descer de seu peito enquanto seus olhos se enchiam do meu corpo nu. E, então, ele se esticou e tirou o paletó. Que escorregou para o chão com um ruído suave. No entanto, ele não se livrou do colete nem da camisa. Desafivelou o cinto com facilidade, o movimento atraiu meus olhos para a parte de baixo de seu corpo e para algo que eu nunca pensei que despertaria num homem. Meus olhos congelaram no volume em sua calça. Fui invadida pela surpresa, seguida por uma grande sensação de vitória.

— Você está duro — sussurrei.

Dante olhou para mim e parou com as mãos no zíper da calça.

— Eu consigo ter uma ereção. Não sou impotente. — Havia uma pontada de divertimento em sua voz, que foi praticamente engolida pelo desejo bruto nela.

— Não foi o que eu quis dizer. É que eu achei que você não se sentisse atraído pelo meu corpo.

Dante olhou para mim de forma estranha. — Não se preocupe. Seu corpo deixaria pouquíssimos membros da espécie masculina inalterados.

Ainda tão controlado, tão equilibrado, e, no entanto... Olhei para o meio de suas pernas. Dante abriu o zíper e tirou a calça. A cueca boxer não

desempenhava muito bem o papel de esconder seu volume admirável. Quis colocar a mão lá e tocá-lo, mas me segurei e assisti enquanto meu nervosismo começava a aumentar. Esperei tanto tempo por isso. Finalmente ele tirou a cueca. O pau dele estava completamente ereto, grosso e grande, e fui invadida por uma estranha sensação de satisfação. Após anos sendo ignorada, primeiro por Antonio, depois por Dante, finalmente tive uma reação do último.

— Sobe — falou com aquela voz de Chefe, uma voz que não admitia discussões, não que eu fosse pensar em protestar.

Me arrastei para cima imediatamente e tirei os braços do roupão, depois, deitei completamente nua na frente de Dante. Ele nem fez menção de tirar a camisa e o colete. Subiu na cama e se mexeu entre as minhas pernas, afastando-as, me abrindo para ele. Me perguntei por que ele não se despia totalmente. Era algum tipo de limite que ele queria manter entre a gente? Ou era só coisa da minha cabeça? Ele parecia mais do que sexy com o colete, mas mesmo assim...

Não pensei em mais nada quando Dante conduziu sua ereção em direção ao meio das minhas pernas e cutucou minha abertura. Ele estava duro e grande, mas eu já tinha esperado tempo o suficiente por isso. Eu estava pronta. Dante se levantou apoiando-se em seus braços, depois, levantou o quadril e escorregou um pouquinho até eu travar e gritar. Apertei os olhos com força e respirei fundo para acalmar minha pulsação acelerada. A dor já quase desapareceu, mas ele ainda não tinha entrado todo. Depois de outro suspiro profundo, abri os olhos e encontrei Dante me encarando. Ele cerrou o maxilar. Pela primeira vez não parecia tão calmo e controlado. Dava para notar o quanto estava lutando para permanecer calmo. Levantei os braços e segurei seus ombros, depois, dei consentimento para que continuasse. Dante balançou o quadril e empurrou tudo de uma vez. Arqueei as costas para cima, mantendo a boca fechada para não deixar escapar nenhum som. Respirei fundo, forçando meu corpo a relaxar.

Dante me espiava, com as sobrancelhas juntas e contraindo um músculo do rosto.

— Avise quando eu puder me mexer — pediu por entre os dentes, me

surpreendendo com aquela mostra de compaixão.

Eu me mexi, impaciente, desesperada para ter Dante se movendo dentro de mim. Ainda sentia um leve desconforto, mas também já estava passando.

— Está tudo bem.

Ele assentiu, depois, saiu quase todo e voltou a meter. Meus músculos agarraram seu pau bem apertado, ainda tentando se acostumar à invasão, mas sentia uma pontada de prazer por trás da dor à medida que Dante diminuía o ritmo. Quis que ele descesse os braços para que ficássemos mais perto, mas ele se apoiou nas palmas das mãos. Acho que não deveria esperar mais nada. Ele havia me avisado, mas pelo menos foi cuidadoso e não se atirou em cima de mim.

Deixei escapar um leve gemido quando ele atingiu um ponto delicioso dentro de mim. Dante acelerou, empurrando cada vez mais forte. Sua expressão era de concentração. Ele não fez nenhum barulho alto, mas sua respiração estava ficando mais ofegante bem rápido. Amei observá-lo, amei ver as leves contrações na sua máscara de gelo quando o prazer o atingia.

— Já tem um tempo que não faço isso — avisou com a voz rouca. — Não sei se posso segurar por muito tempo.

Fiquei surpresa com a confissão. Não achei que ele fosse um homem que admitisse tão rápido algo que se assemelhasse à fraqueza em sua mente. Fiquei contente por essa pontinha de humanidade.

— Tudo bem. — Não era como se eu fosse gozar de novo. Eu sabia que estava perto do limite do que poderia aguentar.

Seus movimentos foram ficando cada vez mais rápidos e menos contidos, quase irregulares e descontrolados. E, finalmente, ele desceu os braços, nos aproximando mais do que jamais estivemos um do outro, nossos corpos um contra o outro como se fôssemos um só, e ele começou a empurrar, rápido e forte; o dolorido virou uma dor aguda, mas eu nem me importei. Dava para sentir o calor através de suas roupas. O colete roçou nos meus mamilos sensíveis, e eu desejei poder sentir sua pele, mas nem isso era importante agora.

Só o que importava era que Dante finalmente me fez mulher, finalmente permitiu intimidade. Talvez fosse um novo começo, o verdadeiro começo do nosso casamento. Agarrei suas costas e enterrei o rosto no vão de seu pescoço enquanto ele metia dentro de mim mais um pouco.

Ele gemeu, seu corpo enrijeceu e eu senti sua ereção se expandindo em mim, seguida pela estranha sensação de ele gozando dentro de mim. Tirei a cabeça de seu pescoço querendo ver seu rosto. Pela primeira vez, a máscara não estava lá. Ele estava despenteado, acessível, menos impiedoso de alguma forma. Ele estremeceu mais uma vez antes de abaixar o rosto e encostar os lábios nos meus, deslizando levemente a língua em meus lábios. Ansiosa, abri a boca para ele. Eu me senti no paraíso quando nossas línguas se encontraram. Esperei tanto tempo pelo nosso primeiro beijo de verdade e, agora, estava acontecendo. O gosto dele era perfeito, e eu amei a sensação de seu peso em cima de mim, e a sensação do seu pau amolecendo dentro de mim. Quem sabe tudo não seria diferente agora? Deslizei as mãos por baixo de sua camisa e percorri suas costas, meus dedos encontrando cada cicatriz, mapeando seu corpo. Ele era tão quente e forte. Parecia que era todo meu.

Dante parou de me beijar e nossos olhares se cruzaram, de repente seus muros voltaram. Deu para ver acontecendo. Como as cortinas se fechando no final de uma peça. Ele se levantou apoiando nas palmas das mãos.

— Você está bem? — perguntou, já saindo de cima de mim num movimento rápido.

Fiquei sem ar por causa da leve dor e Dante pairou sobre mim por um segundo, uma pontada de dúvida em seu rosto, que foi embora bem rápido; ele se endireitou, levantando a camisa para não sujar.

— Preciso limpar isso — disse com naturalidade como se me falasse da previsão do tempo, como se não tivéssemos acabado de transar. Ele me olhou por mais um tempo, depois, desapareceu no banheiro. Alguns minutos depois, a água começou a cair.

Não me mexi de onde estava no meio da cama, tentando desesperadamente

controlar meus sentimentos. Havia alívio por finalmente ter me livrado da virgindade, mas também havia uma sensação estranha de tristeza. Eu não era o tipo de pessoa que precisava ser mimada, mas queria que Dante tivesse ficado comigo por um pouco mais de tempo depois que acabou.

A decepção tomou conta de mim, fechei os olhos lutando contra a emoção que aumentava. Não sei dizer por quanto tempo fiquei deitada desse jeito, mas levei um susto com a voz fria de Dante falando comigo.

— Tome.

Abri os olhos. Ele estava parado ao lado da cama, já de cueca e estendendo uma toalhinha molhada para mim.

Peguei-a e passei na minha carne dolorida, ignorando o rubor que irrompia em meu rosto. Será que ele não iria se deitar comigo por pelo menos um instante? Eu queria mesmo que ele me abraçasse, mesmo se tivesse que fingir que se importava comigo, mas não me permitiria perguntar a ele.

— Você quer que eu te toque para você gozar também?

Eu o encarei. Ele soava tão banal. Neguei. Eu queria intimidade, mas não desse tipo, não agora. Ele assentiu e pegou a calça do chão, depois a vestiu.

— Tenho que trabalhar ainda e preciso visitar outro dos nossos cassinos. Vou voltar tarde. Não precisa me esperar acordada.

Assenti, não teria conseguido dizer nada mesmo que tentasse.

Depois de mais uma olhada demorada no meu corpo nu, Dante saiu do quarto. Ouvi seus passos se retirando. Quando não podia mais ouvi-lo, sentei e me encolhi por causa da dor entre as pernas. Fiquei encarando a toalhinha na minha mão, que tinha umas manchas rosa, e um sentimento bobo de missão cumprida me atingiu. Isso afastou a decepção pela frieza de Dante. Neste momento, eu queria ser feliz. Finalmente consegui o que queria. Agora que Dante cedeu uma vez, tinha certeza de que ele teria muito mais dificuldade em se segurar. E eu estava determinada a tornar o mais difícil possível para ele. Tive o meu primeiro gosto verdadeiro do prazer; de agora em diante, eu queria provar sempre mais dele.



CAPÍTULO DEZ

Eu nem percebi quando Dante deitou na cama esta noite, mas o lado dele estava desarrumado, então, ele deve ter dormido ali. Fiquei um pouco mais na cama, me sentindo um pouco mais leve agora que havia rompido uma barreira entre mim e Dante, mas não estava querendo me enganar acreditando que o sexo mudaria essencialmente nosso casamento. Não achava, de repente, que Dante iria agir como o marido amoroso e atencioso que eu queria quando era mais nova. Era estranho. Enquanto Antonio nunca foi capaz de me dar o que eu precisava fisicamente, ele tinha sido meu amigo e confidente. Passávamos horas juntos quando ele não estava ocupado e eu nunca me sentia sozinha demais em nosso casamento. Eu tinha a sensação de que o mesmo não aconteceria no meu segundo casamento. Mesmo se agora Dante satisfizesse minhas carências sexuais, levaria um tempo até que nos tornássemos parceiros.

Depois de tomar um banho, vesti minha saia lápis cor de ameixa preferida e uma blusa branca, entrei em um dos quartos de hóspedes que agora acomodava algumas das minhas caixas de mudança que ainda não tinha desfeito. Levei alguns minutos vasculhando até encontrar o que estava procurando, uma caixa de madeira onde guardei algumas coisas de Antonio. Dentro, estavam nossas alianças de casamento, às quais nunca dei muita importância. A coisa mais importante na caixa era um álbum fino cujas fotografias eram, na maior parte, do tempo em que Antonio e eu ainda não éramos casados. De quando nós ainda éramos só amigos sem o peso de ter que fingir ser mais que isso. Antonio não se parecia em nada com Dante. Seus cabelos e olhos eram escuros e ele não era

muito alto. Ele nunca quis que eu usasse saltos para que não ficasse mais alta que ele. Mas a aparência não era a maior diferença entre o meu primeiro e o segundo maridos; era a aura. Enquanto Antonio era aberto e amigável, alguém que as pessoas viam como um amigo agradável, ainda que comum, Dante transmitia poder e frieza. Ninguém o confundiria com um discípulo. Se Dante não tivesse nascido em nosso mundo, ele provavelmente seria um governador ou senador, teria se saído bem nesse meio. Mas como para todos nós, o nascimento determinou nosso destino. Estávamos todos ligados à máfia. Baixei os olhos para ver uma foto minha com Antonio em um cavalo. Era a minha primeira vez. Ambos éramos jovens e felizes, cheios de esperança. Antonio não era envolvido com a máfia na época, ainda pensava que poderia encontrar um jeito de escapar de seu dever.

Coloquei a caixa de madeira de volta, antes que mergulhasse em memórias tristes. Ajeitei-me, respirei fundo e saí do quarto de hóspedes. Não tinha volta, e nem sempre era fácil seguir em frente, principalmente se não se sabe qual caminho seguir. Mas eu precisava de alguma coisa que desse significado e estrutura à minha vida, algo em que eu pudesse colocar minha energia, pelo tempo em que Dante não me deixasse entrar em sua vida.

Sentia falta de ter um propósito, uma tarefa diária. Eu não era o tipo de pessoa que ficava o dia todo sentada em casa, ou que passava o tempo fazendo fofocas escabrosas. Queria um emprego, só que mesmo durante o tempo com Antonio, as pessoas achavam estranho ele permitir a esposa trabalhar. Fiquei preocupada que fosse um escândalo o qual Dante não tivesse disposto a arriscar.

Diminuí os passos quando me aproximei da porta na qual ele se escondia quase o tempo todo. Não estava apenas nervosa porque queria pedir um emprego a ele. E se as coisas ficassem estranhas e tensas entre nós agora que tínhamos transado? Embora eu realmente não soubesse como nosso relacionamento poderia ir ainda mais ladeira abaixo. Nós mal éramos civilizados um com o outro. Não havia mesmo jeito de nossas interações mudarem para pior, a não ser jogando pratos na cabeça um do outro e brigando constantemente. E para ser

sincera, eu nem tinha certeza se eu não ia preferir brigas calorosas ao invés de ele me ignorar friamente como agora.

Reunindo toda minha coragem, bati à porta.

— Entre — gritou Dante depois de alguns segundos.

Entrei no escritório. Meus olhos correram imediatamente para o ponto na mesa onde a foto da primeira esposa estava, mas ele a tinha tirado de lá. Eu não pensei que fosse se desfazer dela. Provavelmente, estava escondida em uma das gavetas na mesa, e eu esperava que ele a esquecesse, que jogasse fora cada pedacinho que o lembrasse dela, que expulsasse as lembranças dela do coração; eu só queria que ele deixasse um espacinho em seu coração para mim.

Dante olhou por cima de uma pilha de papéis.

— Está precisando de alguma coisa? — Ele não falou de um jeito hostil, mas ficou óbvio que estava ocupado. Seu comportamento em relação a mim não tinha mudado de forma nenhuma, apesar do que fizemos ontem.

Quando meus olhos assimilaram seu colete cinza escuro, meu corpo lembrou como ele roçou nos meus mamilos ontem e quase cruzei a sala e me joguei em cima de Dante mais uma vez. Porém, eu não queria parecer muito carente. Nossa próxima transa teria que ser iniciada por Dante. Claro que talvez ele voltasse a não me tocar de novo. Coloquei este pensamento inquietante de lado e fechei a porta atrás de mim e me aproximei da mesa.

— Tem algo que gostaria de discutir com você.

Dante analisou meu rosto. — Vá em frente.

— Quero trabalhar. Quando era casada com Antonio, eu o ajudava a administrar os restaurantes da família. — Eles sempre foram só um meio de lavar dinheiro, mas eu gostava do trabalho. Eu recepcionava os clientes e organizava os preparativos quando alguém reservava um casamento em nossos restaurantes. Depois que ele morreu, o irmão mais novo assumiu. Uma mulher sozinha não poderia nunca assumir esse trabalho. Era o que os nossos homens pensavam.

Dante recostou-se na cadeira com uma expressão de incompreensão.

— Trabalhar? O que você tem em mente?

Fiquei contente por ele estar aberto à ideia e não desfazer dela imediatamente. Encorajada por causa disso, dei a volta na mesa e sentei na beirada. O olhar de Dante voou até minhas pernas, mas voltaram para o meu rosto rapidamente.

— Sou boa em organização e planejamento de eventos. E também sou muito boa com pessoas. — Também era boa em liderar pessoas, mas guardei essa informação para mim. Homens de Honra não apreciavam mulheres que gostavam de estar no comando. De alguma forma, a maioria deles não conseguia entender que ter uma mulher forte ao seu lado não os tornava menos homens.

Dante assentiu. — Preciso de alguém em um dos nossos cassinos.

Tentei conter minha animação. Ainda nem sabia o que Dante havia pensado para mim.

— Flutuante ou subterrâneo?

Claro que os cassinos em terra não eram oficiais. Ainda era ilegal manter um cassino em Chicago que não fosse flutuante, entretanto, a máfia e, em particular, Dante estavam trabalhando para mudar isso. Ele podia ser bem convincente e certamente não fazia mal que alguns senadores fossem clientes regulares nos cassinos e bordéis da Outfit. Não que a legalização significasse que a Outfit tornaria públicos seus cassinos secretos. Eles perderiam muito dinheiro se fizessem isso.

— Subterrâneo. Não quero você às vistas de todos.

Fazia sentido. As pessoas sabiam que eu era a esposa de Dante. Se eu trabalhasse em um dos cassinos flutuantes atrairia muita atenção.

— Eu sei um pouco sobre apostas, e tenho certeza de que posso aprender bem rápido qualquer outra coisa que precise. — Na verdade, o único conhecimento que tinha sobre apostas eram as regras do jogo de pôquer Texas Hold'em que Antonio me ensinou, mas Dante não precisava saber disso.

Havia um brilho de compreensão nos olhos de Dante.

— A única coisa que você precisa saber sobre apostas é que a banca

sempre vence.

Ergui as sobrancelhas. — SÉRIO? Que tipo de trabalho você tem em mente que exige o quase nenhum conhecimento sobre o funcionamento de um cassino? — Presumi que Dante não deixaria sua esposa ser uma das garotas no bar encorajando os homens a beber mais.

— Quero que você gerencie um dos cassinos menores da Outfit. O homem que esteve à frente dele nos últimos três anos foi dispensado ontem.

Será que foi isso que Dante fez depois de transar comigo? Por algum tempo, Dante e eu nos encaramos como se estivéssemos pensando a mesma coisa, mas agora não era o momento para falar de sexo.

— Dispensado? — Repeti suas palavras, que eu tinha quase certeza de serem um eufemismo para outra coisa, já que era bem difícil ser demitido de algum cargo na máfia. Se alguém fizesse besteira em um dos negócios da máfia, era improvável que conseguisse um cargo em qualquer outro lugar, a menos que fosse o filho, o sobrinho de um influente, ou algo assim. E se não fosse...

Ao dizer as palavras seguintes, Dante me olhava atentamente.

— Descobri que ele estava enchendo os bolsos com o dinheiro da Outfit.

— Então, você o matou — terminei por ele. Eu sabia como as coisas funcionavam em nosso meio. Posso nunca ter tido permissão para estar no meio disso tudo, mas ouvia as histórias.

Dante assentiu. — Matei. E se você quiser, o emprego é seu.

— Nunca gerenciei um cassino. Por que está me oferecendo um cargo tão importante?

— O subgerente pode fazer o trabalho principal no subterrâneo. Preciso de alguém para fazer com que os jogadores importantes sintam-se bem-vindos.

Fiquei dura igual uma pedra. Com certeza Dante percebeu.

— Acho que me entendeu mal. — Ele se levantou e parou na minha frente. Pousou as mãos suavemente nas minhas coxas, fazendo minha pele formigar, mesmo através da meia-calça. — Você é minha, Valentina.

Tive que reprimir um sorriso provocado pela possessividade em sua voz.

— E o que exatamente eu devo fazer?

Ele tirou as mãos e andou a passos largos em direção à janela com as mãos nos bolsos.

— Quero que você recepcione os jogadores importantes. Mostre a mesa em que eles devem ficar. Apresente-os às nossas meninas de cortesia.

— Meninas de cortesia, sério?

Dante se virou.

— Jogatina e prostituição são nossos principais negócios, que podem ser facilmente combinados.

— Está bem. Posso fazer isso. — Mesmo que “meninas de cortesia” me fizesse querer arrancar os cabelos. — Mas não parece grande coisa.

— Você também vai organizar eventos especiais. Temos noites de evento uma vez ao mês e acho que um toque feminino as deixarão mais tentadoras. Você também vai assegurar que tudo ocorra sem problemas. Quero que seja meus olhos. Tenho a sensação de que ainda não eliminei todas as frutas podres.

— Você quer que eu espione seus funcionários.

— Isso. Quero que fique de olhos bem abertos.

— É porque você acha que eles ficarão menos cuidadosos comigo por lá ou porque você não confia em mais ninguém para a missão?

— Tenho bastantes homens em quem confio. Mas você está certa, acredito que muitos homens vão te subestimar e ficar menos atentos perto de você. — Ele se apoiou no peitoril da janela. — Não confio incondicionalmente em ninguém.

— Nem em mim? — Perguntei numa voz provocativa, mas os olhos de Dante tornaram-se frios.

— Você não me deu nenhum motivo para isso. Menti sobre seu casamento com Antonio e se recusou a me dar o nome do estranho que pode estar a par de informações comprometedoras sobre a Outfit.

O jeito como ele falou me fez parecer uma grande mentirosa.

— Não menti para você sobre o casamento. Conteí que nunca havia estado com Antonio.

— Contou, sim, mas suspeito que você só tenha falado porque teve medo que eu acabasse descobrindo em algum momento.

Claro que ele acertou em cheio. Não podia negar. Ele descobriria que eu menti, o que não teria ajudado com o meu problema.

— E importa por que eu decidi contar a verdade?

— Importa muito, Valentina. Porque eu não sei se você será colaborativa com futuras verdades se não se sentir encurralada. Se eu contasse cada verdade coagida como redenção, teria que poupar cada traidor que entrega o que sabe sob pressão.

Sob pressão, que expressão leve para o que a Outfit faz com os traidores.

— Eu sei o que vocês fazem com os traidores, e é exatamente por isso que eu não vou dizer o nome do amante de Antonio.

— Você compreende que ajudando Antonio na mentira dele, se torna cúmplice e, consequentemente, uma traidora da Outfit, e que continua a trair a Outfit e a mim por ocultar informações?

Desci da mesa, sem conseguir ficar sentada ali por mais tempo.

— Eu sei. Mas não importa o que pense sobre mim, sou leal àqueles com quem me preocupo. Era leal a Antonio. Se ele ainda estivesse vivo, eu levaria seu segredo para o túmulo com a intenção de protegê-lo.

Dante balançou a cabeça.

— Você não pode afirmar isso. Nunca passou por uma dor torturante. Tortura é uma motivação poderosa.

— Acho que nunca vamos saber, a menos que você pretenda testar a teoria em mim e tente extrair o nome do amante de Antonio — falei com insolência.

Dante me olhou fixa e severamente.

— Você está segura por ser mulher e minha esposa. Sabe disso muito bem.

Porque eu era a esposa dele, não porque ele gostava de mim ou se importava comigo.

— Eu sei — falei, e então, por não suportar a tensão entre nós, completei.

— Se você tivesse um segredo que precisasse esconder, eu o guardaria por você.

Eu tentaria enfrentar a tortura, a dor e a morte para escondê-lo por você.

Dante não disse nada, nem mesmo encurtou a distância entre nós, apenas olhou para mim com olhos indecifráveis. Decidi sair antes de dizer algo sentimental, ou antes que Dante me colocasse para fora. Dante não me impediu, mas pude sentir seus olhos nas minhas costas.



CAPÍTULO ONZE

Depois de um jantar praticamente em silêncio, exceto por alguns poucos fragmentos de conversa sobre a minha visita ao cassino amanhã, Dante voltou para o escritório e eu fui para a biblioteca, o que já tinha se tornado um hábito. Ao invés de escolher um livro de lições de russo, decidi ler um dos livros de apostas e cassinos que lotavam as prateleiras, mas me distraí com o som de vozes masculinas que vinha pelas paredes. Não parecia ser Enzo e Taft, então, presumi que Dante estava tendo uma reunião com outros membros da Outfit.

Horas depois, quando fui para o quarto, os corredores estavam escuros e Dante continuava no escritório. Imaginei que se tratava de outra noite longa. Será que Dante me faria mesmo pedir por uma segunda noite de sexo?

Muito tempo depois, fui acordada por uma mão no meu quadril. Abri os olhos, mas praticamente encarei a escuridão. As cortinas estavam fechadas e permitiam que apenas um vislumbre da luz da lua entrasse no quarto. Meu olhar encontrou o brilho pálido do despertador na mesa de cabeceira. Era quase meia-noite. Eu dormi por menos de uma hora. O que estava acontecendo?

Percebi que Dante estava agarrado às minhas costas com os dedos alisando meu quadril.

— Dante? — Sussurrei, virando a cabeça para espiar sobre o ombro,

porém, o rosto dele estava coberto por sombras. Mas ele estava perto. Sua respiração em meu ombro arrepiava os pelos dos meus braços. — O que...

Ele me silenciou com um beijo intenso que me deixou ofegante. Ele não vacilou, sua língua pedia pela minha boca. Tentei virar para ficar de frente para ele, mas o peitoral firme de Dante nas minhas costas e seus dedos me segurando apertado no quadril me mantiveram imobilizada. O beijo dele criava ondas de excitação lá embaixo, mas por fim, me afastei para conseguir tomar fôlego. Ele pressionou sua ereção na minha bunda. Soltei o ar fazendo barulho.

— Diga que não está dolorida — murmurou colado em meu ombro, depois, deu uma mordiscada.

Estremeci.

— Dolorida, não — foi tudo o que consegui, e nem era verdade, mas estaria amaldiçoada se impedisse Dante de fazer o que quisesse comigo.

— Deus — grunhiu antes de lamber meu pescoço. — Diga para eu parar, se não, não paro.

Gemi apenas em resposta porque Dante havia esfregado o pau na minha bunda de novo. Mal podia esperar para tirar a roupa e senti-lo de verdade encostando em mim. Empurrei a bunda para trás para um atrito maior, mas a mão de Dante no meu quadril me impediu mais uma vez.

— Não.

— Dante, eu quero mesmo...

Seus lábios engoliram as minhas palavras de novo, e apertou os dedos em advertência.

— Quero que fique em silêncio agora, a não ser que queira me dizer para parar. — E mordiscou meu pescoço. — Faça o que estou dizendo, Valentina, ou me diga para parar. São suas duas únicas opções.

Assenti, e ele deve ter sentido porque não tinha jeito de ter visto no escuro. Fiquei contente por Dante não poder ver como seu tom dominante me excitava.

— Muito bom — falou baixinho. — Você ainda está muito apertada hoje, é por isso que vamos devagar e levaremos o tempo que precisar para te deixar

muito molhada.

Não conseguia acreditar que o mesmo Dante contido e frio que eu conhecia do dia a dia estava falando aquelas coisas para mim. Queria perguntar por que ele mudou de ideia. Será que uma vez teria feito tanta diferença? Talvez ele tenha aceitado que eu sabia o que queria.

— Quero que tire a roupa agora.

Por um segundo, senti uma leve decepção por Dante não me despir ele mesmo, mas a excitação venceu. Ele soltou meu quadril e eu logo sentei para tirar a camisola pela cabeça, depois, deslizei a calcinha para baixo. Pude sentir os olhos de Dante em mim. Virei-me para ele, me perguntando se eu deveria dar algum tipo de sinal e o pensamento quase me fez rir, mas senti um movimento na cama e vi Dante levantando e começando a se despir. O quarto estava às sombras, mas pude distinguir seu impressionante pau duro.

— Sente-se na beira da cama.

Deslizei para o lado dele na cama e localizei a beirada, nervosa, curiosa e excitada, e quase explodindo de desejo. Dante chegou mais perto até parar à minha frente, sua ereção no nível dos meus olhos. Engasguei antes que pudesse me conter, me dando conta do que ele queria fazer. A orientação de Bibiana cruzou minha mente, mas eu não tinha certeza se Dante queria que eu agisse do meu jeito. Ele fechou as mãos quentes e levemente ásperas em meu rosto.

— Até onde você foi antes de mim?

Hesitei por um instante, mas supus que ele queria que eu respondesse, então, falei:

— Beijei Antonio às vezes e ele tocou meus seios algumas vezes, mas foi só o que fiz antes de você.

O quarto escuro foi preenchido pelo silêncio. Meu coração acelerou, o tum-tum começando a parecer mais alto a cada segundo. Dava para ouvir a respiração rítmica de Dante, nenhum sinal de que ele estivesse excitado sexualmente, exceto pela prova empenhando-se por atenção diante do meu rosto.

— Quero que chupe meu pau, Valentina.

Ele roçou meus lábios com o polegar, depois o deslizou entre eles, separando-os ligeiramente. Ele esperou, eu cutuquei seu polegar com meu dedo antes de chupá-lo suavemente, esperando que ele entendesse como a confirmação que era. Ele chegou mais perto até a ponta tocar meus lábios. O polegar de Dante acariciava meu queixo, a palma da sua mão ainda estava em meu rosto.

— Lamba em volta da ponta. — Coloquei a língua para fora e passei pela cabeça dele. A respiração de Dante ficou pesada, mas foi o único indício de que minhas ações tinham efeito sobre ele. — Agora, lamba até em cima e coloque a língua na fenda.

Segui as ordens dele e fui recompensada pela aceleração da respiração de Dante. Seu polegar apertou um pouco mais meu queixo.

— Abra a boca. — Abri os lábios sem hesitar. Fiquei feliz por Dante dar as ordens. Pelo menos deste jeito eu não iria me atrapalhar e passar vergonha. Ele deslizou a cabeça do pau para dentro da minha boca, deixando-a levemente na minha língua. — Feche os lábios e me chupe devagar.

Fiz o que mandou e ele acariciou meu queixo, daí, subiu o polegar até roçar no lugar onde o seu pau desaparecia no meio de meus lábios.

— Gosto do meu pau na sua boca — falou com a voz grave. — E amo que seja o único pau que você já chupou. — Ele meteu mais fundo na minha boca, mas ainda não tão fundo. — Vamos ver o quanto de mim você aguenta. — Entrou em mim devagar, centímetro a centímetro, até atingir minha garganta e eu engasgar. Coloquei a mão em sua ereção. Ainda havia alguns centímetros dele que não consegui enfiar na boca. Dante recuou um pouco, depois, empurrou algumas vezes em mim, a palma da sua mão me mantendo parada. — Com um pouco de prática, talvez você me coloque inteiro dentro da sua boca, mas por enquanto é o suficiente. — Estremeci de excitação. Será que alguém conseguia gozar só fazendo boquete em outra pessoa?

Dante tirou seu membro da minha boca e alisou meus lábios com o polegar de novo.

— Deite de costas. — Me deixei cair de costas no colchão. Dante ajoelhou e encaixou as mãos entre meus joelhos, depois, empurrou minhas pernas o máximo que conseguiu. — Coloque os calcanhares na beirada da cama.

Deus, eu sabia o que ele ia fazer. Já tinha lido tanto sobre isso, mas nunca nem imaginei como seria.

Agradei por estar escuro. Assim, eu não me sentiria tão exposta. Ele colocou as mãos por baixo da minha bunda e me levantou um pouco. Parei de respirar quando senti seu hálito quente nas minhas dobras molhadas. Dante lambeu devagar em volta dos meus grandes lábios. Balancei o quadril, mas Dante ignorou minha súplica silenciosa e continuou com a provocação torturante. — Dante — implorei.

Ele apertou minha bunda e recuou. — Não.

Apertei meus lábios e, então, ele finalmente passou a língua ao longo de mim num único e longo golpe. Gemi, sem me importar se isso contava como falar ou não. Ele alternava entre lambidas rápidas e leves ou fortes e devagar até eu ofegar e estar à beira do clímax. Num impulso, enterrei as mãos nos cabelos de Dante, querendo apertá-lo mais forte em mim. Dante resistiu. Seus polegares percorreram minhas dobras, separando-as. Com a ponta da língua, ele traçou círculos pelo meu clitóris até que comecei a tremer, a segundos de chegar ao limite. Ele se sentou sem dar pistas. Juntei todo o meu autocontrole para continuar em silêncio.

— Vire-se e fique de joelhos.

Surpresa, arregalei os olhos, mas virei e me ajoelhei na cama.

— Se apoie nos cotovelos.

Fiz o que mandou. Agora, minha bunda estava para o ar. A posição era estranha, e me deixava mais exposta ainda que a anterior. Dante empurrou minhas pernas para abri-las até que eu pudesse sentir por trás o ar frio na minha abertura, e, então, seus lábios estavam de volta no meio do meu corpo. Gritei de prazer quando Dante meteu a língua em mim e começou a me foder num ritmo calmo. Senti cada movimento dele em mim, a aspereza suave de sua língua, o

jeito que ele enrolava a ponta quando estava dentro de mim. Enterrei o rosto no lençol para evitar que mais barulhos embaraçosos escapassem dos meus lábios, mas quando Dante escorregou uma mão para frente e começou a brincar com meu clitóris com os dedos, nem o lençol conseguiu reprimir meus gemidos e suspiros. Levantei ainda mais a bunda, arranhando o colchão à medida que meu orgasmo explodia para fora do meu centro de prazer, aparentemente debilitando e aumentando meus sentidos ao mesmo tempo. Minha respiração estava irregular. Minha pele estava úmida de suor e meu coração, batendo freneticamente no meu peito. Levantei a cabeça para conseguir respirar melhor.

Dante desapareceu atrás de mim, mas antes que eu pudesse ver sobre o meu ombro o que ele estava fazendo, seus dedos agarraram meu quadril e me puxaram para mais perto da beirada da cama. Depois, sua ereção empurrou minha entrada, fazendo meu corpo paralisar de surpresa e nervoso.

Eu li que ficar de quatro permitia ao homem ir mais fundo do que em outras posições. Eu ainda estava um pouco dolorida, e a falta de intimidade que esta posição permitia a deixava ainda menos desejável para mim. Eu queria o peito de Dante encostado no meu.

Dante travou atrás de mim, sem tentar meter. Suas mãos escorregaram para a minha bunda e a massagearam delicadamente. Relaxei um pouco, mas ainda estava apertado. Pude sentir o quanto meus músculos internos estavam contraídos. Dante se inclinou sobre mim e envolveu minha cintura com um braço antes de me puxar para junto de seu peito. Eu ainda estava de joelhos, mas agora a parte de cima do meu corpo estava erguida e Dante me segurava em seus braços. Ele enfiou uma mão no meio das minhas pernas e começou a brincar comigo enquanto a outra foi até os meus seios e os massageou levemente. Joguei a cabeça para trás, apoiando em seu ombro, minha respiração acalmando. Eu ainda estava tensa, mas no abraço de Dante pude sentir meus músculos relaxando devagar. Ele se inclinou um pouco comigo para frente e conduziu a ponta do pau à minha abertura. Eu ainda estava contraída, mas não tanto quanto antes.

— Qual o problema? — Murmurou no meu ouvido. Ele não parecia impaciente nem frustrado, apenas curioso.

A vergonha fez meu estômago se contorcer. Minhas habilidades de sedução eram obviamente deficientes, se eu nem mesmo conseguia ficar de quatro para o meu marido.

— Não sei — admiti baixinho. — Você não pode simplesmente meter logo?

— Claro que posso, mas apertada e tensa como ainda está agora, vai doer. — Ele tinha a voz calma, neutra até, não havia nenhuma pista do que ele achou da minha sugestão. Os dedos de Dante ainda estavam no meio das minhas pernas, acariciando e beliscando de leve.

— Não me diga que você tem algum problema em causar dor nos outros — provoquei num sussurro ofegante, enquanto um formigamento de prazer se espalhava pelo meu clitóris.

— Não tenho — falou simplesmente.

Pude sentir a tensão crescendo enquanto seus dedos faziam sua mágica entre minhas pernas. Ele aumentou a pressão na minha abertura, a ponta do seu pau deslizando para entrar, e, na mesma hora, gozei com força, meus músculos apertando com tudo o pau de Dante, que se inclinou um pouco mais para frente, me pressionando para baixo, joguei os braços para sustentar meu corpo na cama enquanto ainda me recuperava do clímax.

Dante mordeu meu pescoço.

— Mas eu não quero fazer você sentir dor. — Beliscou meu mamilo, empurrando um pouco mais dentro de mim, me fazendo sacudir por causa da mistura de sensações, de leve dor e prazer. — Pelo menos não mais do que você gosta.

Ele se envolveu completamente em mim, depois parou por uns segundos antes de começar a empurrar devagar. Seus movimentos se tornaram gradualmente mais rápidos até eu não ter mais opção a não ser me abaixar, me apoiando nos cotovelos, senão meus braços teriam desabado. Dante se esticou,

me privando do calor de seu peito, e agarrou meu quadril.

— Se toque, Valentina — exigiu.

Demorei um pouco para entender o que ele queria dizer. Estiquei um braço para baixo e encontrei meu clitóris. Esfreguei-o freneticamente à medida que os movimentos de Dante se tornavam mais fortes. Ele puxou para fora o máximo que pôde e enterrou em mim de novo, me fazendo gritar seu nome, com os dedos esfregando ainda mais forte meu botão. As pontas dos meus dedos, ensopados com meus fluidos, roçaram o pau dele algumas vezes, fazendo-o gemer a cada vez que isso acontecia. Estimulada por isso, inclinei a mão para poder continuar me tocando e roçar em seu pau ao mesmo tempo. Quando meus músculos enfraqueceram depois que gozei, Dante caiu gemendo alto sobre a beira da cama também.

Ele ficou parado atrás de mim, com o pau se contraindo dentro de mim mais algumas vezes, e eu enterrei o rosto no lençol. Meus antebraços doíam por eu ter ficado apoiada neles. Assim que Dante saiu de dentro de mim, virei de costas, com o peito arfando. Vi Dante sair da cama como da outra vez, então, as luzes do banheiro acenderam e ele desapareceu lá dentro. No entanto, não fechou a porta. Deslizei para fora da cama e logo fui atrás dele. Ele estava parado em frente ao chuveiro e ligou a água.

— Vai tomar banho? — Perguntei hesitante.

Dante olhou para mim sobre o ombro. Nem me incomodei em cobrir meu corpo. Ele já tinha visto tudo. Dante não parecia ter vergonha da sua nudez.

— Vou. Pode entrar comigo, se quiser.

Aliviada, corri até ele. Ele abriu a porta de vidro do box para eu entrar e me enfiei debaixo do jato de água quente do chuveiro. Dante se juntou a mim logo depois. Fiquei admirando o corpo dele por um tempo. Era a primeira vez que eu olhava de verdade para ele sem roupas, e era um espetáculo a ser assistido. Seu peitoral e abdômen eram levemente esculpidos e uma trilha fina de pelos loiro-escuros ia até sua pélvis. Dante enfiou a cabeça debaixo da água, depois, virou de costas para mim para pegar o sabonete líquido. No ombro, tinha

uma tatuagem. Fiquei surpresa por ele ser tatuado. Por algum motivo, Dante não parecia ser desse tipo.

— *Não há bem na Terra; e pecado é apenas um nome. Venha, diabo. Pois, a ti é dado este mundo* — li em voz alta a citação escrita em letra cursiva em sua pele.

Dante me encarou com uma expressão indecifrável.

— Não é uma visão meio sombria da vida? — Perguntei.

Ele me entregou o sabonete líquido. Uma barreira foi erguida entre nós mais uma vez agora que não estávamos mais na cama e eu não sabia direito como enfrentá-la. Era visível que Dante não permitiria.

— Sou um homem de pecado, Valentina. Minha experiência me ensinou que o bem raramente vence. Se o diabo existe, ele, com certeza, é o padroeiro da Outfit.

Encostei-me no box franzindo a testa.

— Nada o impede de ser um homem melhor.

Aquele sorriso frio estava de volta.

— Sim, minha natureza.



CAPÍTULO DOZE

Minha mãe me ligou cedo na manhã seguinte me convidando para um *brunch*. Sabia que ela estava ansiosa para me interrogar sobre meu casamento com Dante. Na verdade, eu estava até surpresa por ela ter demorado tanto para entrar em contato. Talvez ela quisesse nos dar um tempo a sós para que Dante e eu nos conhecêssemos. Disse a ela que não conseguiria ir para o *brunch*, mas que iria para a hora do chá. Não sabia ao certo quanto tempo iria levar minha visita ao cassino. Escolhi uma roupa bege elegante e saltos baixos para a ocasião. Eu não queria dar uma primeira impressão muito sexy. Tinha a sensação de que seria difícil conseguir o respeito das pessoas mesmo sem mostrar minhas pernas.

Quando desci as escadas, Dante já estava esperando no *hall* de entrada. Como sempre, estava impecavelmente vestido com um terno completo marrom escuro e sapatos *Oxford* combinando. Ele olhou para mim e eu esperei que ele aprovasse minhas roupas.

— Está bom assim? — Fiz um gesto para o meu corpo.

— Você parece uma mulher de negócios. É a escolha certa para hoje — respondeu com um aceno. Aproximei-me dele. Nem tentei segurar sua mão ou beijá-lo, mesmo que eu quisesse.

— Só para hoje?

— Quando for recepcionar nossos jogadores importantes, pode se vestir mais casualmente. A maioria deles é tradicionalista, então, um vestido ou uma saia será uma escolha mais inteligente.

Minhas sobrancelhas levantaram.

— Pensei que não tinha me escolhido para o trabalho pela minha aparência.

O olhar de Dante viajou pelo meu corpo.

— Só um cego não repararia em você, Valentina. É sempre bom agradar os grandes apostadores como se estivesse entretendo os convidados para uma festa em nossa casa. Eles sabem quem você é. Sabem que você é minha, e dedicar seu tempo a recebê-los e contar a eles sobre nossos serviços mais recentes os fará sentirem-se especiais. Ninguém irá confundir sua hospitalidade com sedução inapropriada.

Olhei para ele em dúvida, mas não iria discutir. Estava agradecida demais por ele ter me permitido trabalhar. Não era necessário ouvir os boatos para saber exatamente o que as pessoas falariam sobre mim quando descobrissem que a esposa do Chefe não estava satisfeita em ser uma esposa troféu.

Pegamos a *Mercedes* de Dante para nossa ida até o lado industrial de Chicago porque uma tempestade de neve fez com que as ruas ficassem intransitáveis para o *Porsche*. Depois de trinta minutos, durante os quais Dante explicou que tipo de jogo era mais popular em nossos cassinos e quem eram os apostadores mais importantes, estacionamos em frente a um portão restringindo o caminho que levava a um estacionamento subterrâneo. Atrás dele havia um armazém com janelas cobertas de sujeira e paredes grafitadas. Um segurança numa guarita pequena cumprimentou Dante e abriu o portão para nós. Descemos uma ladeira até uma garagem indefinida. Nada denunciava a presença de um cassino, mas claro que fazia sentido que a Outfit tivesse que esconder seus empreendimentos de jogatinas ilegais. Alguns outros carros já estavam parados na garagem. Dante conduziu a *Mercedes* até uma vaga entre uma elegante *BMW* preta e um pretensioso *Mustang* vermelho com correntes para neve em volta dos

pneus enormes. Tive a sensação de saber a quem pertencia este último.

Dante e eu saímos do carro. Para minha surpresa, Dante colocou a mão na parte de baixo das minhas costas enquanto me levava em direção a um elevador enferrujado do outro lado da garagem.

— É seguro? — Perguntei com desconfiança. Aquela coisa parecia precisar desesperadamente de manutenção.

Dante riu.

— É tudo faz de conta.

Seus olhos encontraram os meus por um segundo e um calor inesperado me invadiu. Dante apertou um botãozinho preto e as portas do elevador abriram. O lado de dentro não era muito melhor que o de fora. Era um elevador de carga com paredes de aço e piso arranhado. Dante tirou um cartão de acesso do bolso e deslizou dentro de uma fenda na qual eu não tinha reparado. Não chegava nem perto dos botões visíveis do elevador. Dante percebeu meu olhar curioso.

— Nunca fomos visitados pelos federais, mas, se eles chegarem a inspecionar o armazém, será mais difícil descobrirem o que está abaixo de nós.

Assim que Dante inseriu o cartão, o elevador começou a descer. A viagem foi rápida e quando as portas finalmente abriram, perdi o fôlego.

Entreí em uma ampla área subterrânea com carpetes felpudos vermelho e dourado, lustres e dúzias de mesas enormes para pôquer, vinte-e-um, roleta e o que mais fosse jogado aqui embaixo. Televisões de tela plana em uma parede do cassino mostravam de tudo, desde a Copa de Futebol Africano até um campeonato de arco e flecha na Escócia, corridas de camelo em Dubai a torneios de esqui nos Alpes. Sofás estavam arrumados pelas paredes para as pessoas que queriam assistir os atletas ou os times em que apostaram. No fim do salão tinha um bar que ocupava quase toda a largura da parede com centenas de garrafas de bebidas alcoólicas, vinhos e champanhes.

Neste exato momento, o cassino estava deserto, com a exceção de duas arrumadeiras que aspiravam o carpete. Várias portas levavam ao que eu presumia serem quartos privativos para convidados VIP.

— Os escritórios ficam nos fundos, assim como uma área de boas-vindas para os jogadores importantes — explicou Dante enquanto me levava para o outro lado do salão em direção a uma porta de madeira escura perto do bar.

— Vou trabalhar todos os dias?

Dante olhou para mim de forma estranha.

— Você pode trabalhar quando quiser. Ninguém irá te obrigar a trabalhar de forma alguma. Mas você sempre será notificada quando um jogador importante estiver sendo esperado para poder decidir se estará lá para recebê-lo.

— Está bem. Você disse que haveria eventos especiais. Tem alguma coisa agendada para as próximas semanas? Para o dia dos namorados, por exemplo?

— Ainda faltavam quatro semanas para a data, mas organizar um evento levava tempo.

Dante acariciou levemente minhas costas, me surpreendendo com o gesto. Eu nem sabia direito se ele percebeu o que fez, já que sua expressão ainda era distante exceto pelo sorriso sarcástico para mim.

— O dia dos namorados não é algo que os homens que vêm aqui estejam interessados. Mesmo que sejam casados, provavelmente as esposas não sabem que eles vêm para cá. Como eu disse, sempre temos pelo menos uma dúzia de prostitutas na área do bar e os quartos nos fundos nunca ficam vazios.

— Então, eu não vou gerenciar só um cassino, mas também serei a rainha do bordel.

Dante riu. Uma risada de verdade. Olhei enviesado para ele, me certificando de que meus ouvidos não me enganavam, mas o sorriso já estava desaparecendo de seu rosto.

— Você não é a cafetina delas. Pode apresentar nossos jogadores importantes para as garotas de cortesia, mas fora isso, a parte de prostituição do cassino está sob o comando de Raffaele.

Raffaele era o primo de Aria. Mas não tinha nenhum parentesco comigo. Percebi, com satisfação, que meu palpite sobre o carro estava certo. Já tinha ouvido rumores sobre sua personalidade ostentosa.

— Não foi ele que teve o dedo cortado por ficar encarando Aria? — Todos sabiam dessa pequena informação, mas eu estava curiosa sobre o que Dante achava desse episódio. Eu ainda me lembrava no enorme alvoroço que isso causou há alguns anos.

Dante contraiu os lábios.

— Ele mesmo. Rocco Scuderi permitiu que Luca o castigasse.

Paramos em frente à porta.

— E você não o teria castigado?

— Eu não teria deixado que alguém de Nova York aplicasse castigos no meu território — disse soando cruel.

Não sabia dizer por que meu corpo reagiu imediatamente ao furor inflexível de Dante, ansiando por estar sozinho com ele, para deixá-lo fazer o que quisesse comigo como na noite passada.

Ignorei minhas necessidades físicas e disse:

— Então, você não acha que Raffaele tenha merecido? — Pessoalmente, achei que foi um pouco extremo cortar o dedo de alguém só por olhar, mas Luca era conhecido por seu sangue frio, mesmo na Outfit.

— Não foi o que eu disse. Só que eu teria insistido em puni-lo eu mesmo, visto que ele é minha responsabilidade. Mas o que está feito, está feito.

— Então, Raffaele é o subgerente?

— Não, ele é o responsável pelas prostitutas. Garante que tenhamos um número suficiente delas disponível o tempo todo. Ele trabalha em conjunto com Tommaso para isso.

Torci o nariz em reação padrão ao nome que ouvi. Dante ergueu uma de suas sobrancelhas loiras.

— Isso foi por causa da prostituição ou por causa de Tommaso? Pensei que você fosse amiga de Bibiana, esposa dele.

— Bibiana é minha melhor amiga, e é por isso que não suporto esse homem. Será que existe alguma chance de Tommaso ser um traidor, então, você pode se livrar dele?

Dante analisou meu rosto.

— Você está falando sério.

— Sim. Desde que se casaram, ele trata Bibiana feito lixo. Eu não derramaria uma única lágrima se você metesse uma bala na cabeça dele.

Por alguns segundos ficamos nos encarando e eu tive a impressão de que Dante também não se importaria de ter um momento de privacidade comigo, mas logo o momento se foi.

— Ele é um soldado leal. Nunca me deu nenhuma chance para duvidar dele. Não há nada que eu possa fazer.

— Nem mesmo se eu te disser que ele estupra Bibiana? — Eu sabia que Bibiana não queria que as pessoas soubessem, mas talvez Dante pudesse ajudar. Não era como se ele fosse contar aos outros sobre isso.

Ele colocou a mão na maçaneta, seu olhar era sombrio.

— Ela é a esposa dele.

— Isso não quer dizer que ele possa estuprá-la — falei entredentes.

— Eu sei, mas não posso dizer aos meus homens como eles devem tratar suas mulheres. Nem um Capo pode interferir num casamento. Minha decisão de proibir o estupro como punição ou diversão já foi recebida com indignação.

Olhei para o outro lado querendo esconder o quanto este assunto me deixava emotiva. Às vezes era fácil esquecer as coisas horríveis que acontecem na Outfit.

— Está pronta para entrar? Raffaele e Leo, o subgerente, estão esperando no seu escritório para te conhecer.

Respirei fundo e concordei.

Ainda com a mão nas minhas costas, Dante abriu a porta e me conduziu por um longo corredor com mais cinco portas.

— Presumo que estas não sejam para o público como são as portas espalhadas pelo piso principal.

— Exato. Este piso é só para você e os outros empregados. As portas do lado de fora levam a vários quartos que as prostitutas podem usar com os

clientes.

Assenti. Parecia surreal o fato de que eu viria trabalhar aqui em breve.

Dante me levou até a porta no fim do corredor e a abriu. Por trás dela, havia um escritório espaçoso e sem janelas com uma mesa de trabalho, uma mesa de reunião com seis cadeiras, um sofá e duas cadeiras de frente para a mesa de trabalho. Raffaele, que era alguns anos mais novo que eu, e um homem de meia-idade com bigodes, ocupavam as cadeiras. Ambos se levantaram quando Dante e eu entramos. Meus olhos foram imediatamente atraídos para a mão de Raffaele. O dedo dele tinha sido recolocado pelo médico da Outifit, mas estava marcado e claramente debilitado.

— Raffaele, Leo — disse Dante friamente, tirando a mão das minhas costas para apertar as mãos deles. Depois, gesticulou para mim. — Esta é Valentina, minha esposa. Como disse a vocês ontem, ela ficará no lugar de Dino. — Presumi que era o cara que encheu os bolsos com o dinheiro da Outifit.

Inclinei a cabeça, esperando parecer autoconfiante. Primeiro, apertei a mão de Leo, que era poucos centímetros menor que eu, depois, a de Raffaele. Os dois me cumprimentaram amigavelmente, mas deu para ver nos olhos deles que não estavam contentes com a escolha de Dante em me envolver nos negócios. Eles não poderiam mesmo gostar de ter uma mulher como chefe, mesmo que Leo ainda fizesse a maior parte do serviço de gerência.

— Por que não mostra o lugar para Valentina? Você conhece melhor que eu todas as particularidades deste lugar — pediu Dante a Leo, que concordou antes de me encarar com um sorriso firme.

— Por aqui — falou enquanto saía do escritório em direção ao piso principal. — Nosso horário de funcionamento é das dezoito horas até as seis da manhã. Claro que às vezes um grupo de jogadores importantes quer reservar o lugar para um horário diferente. Então, abrimos para eles.

Ainda não era meio-dia, então, havia muito tempo antes do cassino abrir as portas. Isso explicava por que tudo estava tão deserto ainda. Apontei para um guichê.

— É ali que os clientes trocam dinheiro por fichas?

Leo assentiu. — Sim. Se um cliente não tem dinheiro algum, nós oferecemos crédito a ele.

— Por uma taxa de juros bem justa, tenho certeza — brinquei.

— Claro — concordou Leo com um sorriso.

— E se eles não devolverem nosso dinheiro, quem cuida disso?

— Os mesmos soldados que cobram todo o nosso dinheiro — respondeu Dante. Ele estava em nosso encalço. Eu não sabia se ele estava garantindo que os homens fossem civilizados ou se queria ver como eu estava me saindo.

— Suponho que este seja um lugar apenas para convidados, então, como as coisas acontecem? Os clientes precisam assinar algum tipo de contrato de não divulgação?

Raffaele bufou, mas ficou quieto quando Dante o fuzilou com os olhos.

— Não precisamos de contratos de não divulgação. Falamos para os clientes que não podem contar às pessoas sobre isto, a não ser que peçam permissão prévia e investigamos os antecedentes da pessoa. Nossos clientes sabem manter a boca fechada.

— Ninguém quer mexer conosco a menos que desejem a morte — disse Raffaele com orgulho.

Raffaele estava começando a me dar nos nervos. Ele era um pouco seguro demais de si. Perder um dedo não parece ter diminuído sua autoestima.

— E você é o responsável pelas garotas?

— Eu asseguro que as piranhas façam nossos clientes felizes. E escolho quais as putas ficarão sentadas no bar para deixar os homens com tesão e também decido quem serão as garotas de cortesia. Experimento todas elas para garantir que saibam como chupar um pau e consigam dar a bunda. Anal é imperativo. A maioria dos bastardos não tem isso em casa.

Os olhos de Dante estavam fervendo de raiva, mas ele não interrompeu. Talvez tenha pensado que isso me faria parecer fraco. Afinal, eu iria estar à frente do cassino.

— Espero que não fale desse jeito perto dos clientes — falei para Raffaele.

O pescoço dele ficou vermelho, não dava para saber se de raiva ou vergonha. Provavelmente um pouco dos dois. Ele abriu a boca e logo fechou depois de um olhar de Dante. Tinha a sensação de que Raffaele me daria mais trabalho que Leo.

— Alguma das garotas já está aqui? Gostaria de falar com elas.

Raffaele olhou para Leo e Dante, como se precisasse da aprovação deles antes de responder a uma pergunta simples.

— A maioria delas trabalha no Clube Palermo até cinco da tarde, depois disso, vem para cá.

As garotas que trabalhavam aqui eram do Clube Palermo? Será que alguma delas transou com Dante? Tinha que perguntar a Bibiana se ela sabia os nomes das mulheres que Dante escolheu quando frequentou o clube.

— Então, eu converso com elas amanhã. Assegure-se de que elas cheguem mais cedo para que eu possa falar com elas antes de abrirmos.

— O que há para conversar? Elas são putas sem cérebro, nada mais que vadias com três buracos.

— Chega, Raffaele. Não vou tolerar que fale com a minha mulher desse jeito — esbravejou Dante.

Raffaele abaixou a cabeça, mas não sem antes me lançar um olhar fulminante. Decidi ignorá-lo por enquanto.

— Algum jogador importante virá hoje?

Leo balançou a cabeça. — Não, mas amanhã dois senadores e alguns amigos deles virão. Eles não apostam tanto. Passam a maior parte da noite com as garotas.

— Então, nós os agradamos porque queremos que protejam nossos interesses no senado?

— Exatamente — confirmou Leo, surpreso, como se não acreditasse que uma mulher chegasse sozinha a tal conclusão. Os homens do nosso mundo ficariam surpresos com o quanto suas esposas e filhas sabem sobre a vida da

qual eles tentam protegê-las. Não dá para crescer numa família mafiosa e não descobrir quase tudo o que acontece.

Dante acenou concordando e um estranho sentimento de orgulho me invadiu.

— Certo, então, estarei aqui amanhã para me apresentar a eles e conhecer os outros funcionários. Espero que trabalhemos bem juntos.

Leo concordou, mas Raffaele visivelmente não achava que era possível. Dante colocou a mão nas minhas costas e voltamos para o carro.

— Então, o que achou? — perguntou assim que ligou o carro.

— Acho que Raffaele vai me trazer problemas. Ele claramente não gosta de mim.

— Ele não se dá bem com mulheres em geral, a menos que sejam prostitutas e tenham que fazer o que ele manda. Não leve para o lado pessoal.

— Não levo. Não estou nem aí para o que ele pensa sobre mim.

— Não — discordou Dante. — Ele deve te respeitar.

— Porque pegaria muito mal para você se ele não respeitar.

— Isso, e porque você é a chefe dele. Você irá garantir que tudo corra bem. Espero que Leo te ajude.

— Ele parece legal. Mas você não confia nele?

— Não confio em nenhum deles.

Assenti. — Eles pareceram surpresos quando eu disse algo inteligente. Isso me irritou de verdade.

— A maioria dos homens prefere pensar em suas mulheres como ignorantes e sem noção. Sei que os mesmos homens que reprovaram minhas regras contra o estupro não aprovarão que você trabalhe em nosso cassino.

— Acho que a máfia deve parar de subestimar as mulheres.

Dante me olhou de lado. — Quem sabe você não os convença.

Será que ele levava mesmo fé em mim? Eu tinha uma pergunta na ponta da língua:

— Sua primeira mulher trabalhava?

A expressão dele ficou triste.

— Não. Ela se mantinha ocupada com compromissos sociais como a maioria das mulheres em nosso meio faz.

— Ah, claro.

Eu me perguntei se, apesar de ter me oferecido um trabalho no cassino, ele não estava feliz com a minha vontade de trabalhar. Será que ele preferia uma esposa troféu? Alguém que se saísse bem nas festas, que aquecesse sua cama e que mantivesse os empregados sob controle? Decidi mudar de assunto.

— Minha mãe me convidou para ir até a casa dela. Suponho que você tenha trabalho a fazer.

— Tenho, sim. Mas posso te levar até a casa dos seus pais se quiser. É caminho. Posso dizer a Enzo ou Taft te pegar quando você for voltar.

— Minha mãe vai adorar — falei revirando os olhos.

— Você prefere ir para casa e de lá para os seus pais sem mim?

— Não — respondi rapidamente. — Eu não estava brincando. Minha mãe ficará radiante de prazer por te ver de novo.

— Seu pai é um dos meus subchefes. Não é como se a sua mãe não tivesse me encontrado inúmeras vezes.

— Mas não como genro dela. Nunca a vi tão feliz como quando ela descobriu que você estava tendendo a casar comigo.

A expressão de Dante era de interrogação.

— Porque você já tinha sido casada?

— Claro. Eu era uma mercadoria estragada para os nossos padrões. Não uma garota pura e inocente como Gianna ou muitas outras que te bajulavam nas festas.

— Acredite, estou mais do que feliz em não concordar em casar com Gianna. Ela é problemática. Não tenho paciência para alguém como ela. E nem presto muita atenção nas garotas em festas.

Bufei.

— Você é homem. Como pode não perceber os olhares delas em chamas?

— Em chamás? — Perguntou Dante com uma pitada de diversão. — E eu não disse que não percebia. Faço questão de sempre estar ciente de tudo o que acontece no local onde estou, mas não estou interessado nas tentativas bobas de sedução delas. Elas bajulam uma imagem que têm de mim, mas não sou esse homem.

— Não sei, não. As garotas te acham sexy porque você é poderoso e impassível. O príncipe de gelo cujo coração elas querem derreter.

Dante balançou a cabeça, então, algo mudou em sua expressão, ele me olhou torto de novo.

— Então, sua mãe não sabe que seu primeiro casamento não foi consumado?

— Claro que não. Não converso com ela sobre essas coisas. E pode acreditar, ela teria encontrado um jeito de te contar sobre a minha virgindade porque isso teria aumentado meu valor. Ela morreria de alegria se descobrisse que você é o homem que tirou minha virtude. — Congelei. — Você não vai contar a ninguém sobre Antonio, vai?

Dante ficou pensativo.

— Não vejo como isso ajudaria a alguém. Claro que facilitaria minha busca pelo amante de Antonio se eu pudesse envolver meus homens.

— Não vou falar o nome dele — intervim, sabendo onde isso iria parar, e eu esperava de verdade que ele não ficasse bravo de novo.



CAPÍTULO TREZE

Dante estacionou em frente à minha antiga casa, desligou o motor e olhou para mim.

— Eu pensei muito. Ainda não consigo entender por quê. Esse homem que você está protegendo não é do seu sangue e, pelo que pude perceber, vocês nunca foram próximos, aliás, ele roubou o seu marido; então, por que você insiste em dar preferência a ele e não a mim?

— Eu não estou dando preferência a ele — falei sinceramente surpresa. — Mas eu sei o que você vai fazer com ele, o que você *tem que fazer* para proteger a Outfit, e eu não posso condená-lo à morte. Se você prometer que ele não vai sofrer nenhum mal, então, eu posso mudar de ideia.

— Você sabe tão bem quanto eu que não posso prometer isso. As regras existem por algum motivo. Temos que proteger os segredos da Outfit. Se detalhes sobre nosso sistema, nossos negócios ou tradições forem a público, muitas pessoas que você conhece podem ir para a prisão, incluindo seu pai e eu.

— Ele nunca contaria nada sobre a Outfit para ninguém. Antonio falou com ele sobre nossos juramentos.

— Mas ele não tem ligação nenhuma com tudo isso. Nós mantemos silêncio porque estamos ligados pela honra e pelo dever, e porque, caso contrário, todos nós pagaríamos o preço, só que esse homem não tem motivo nenhum para guardar nossos segredos agora que Antonio está morto. Nem todos

honram o desejo de um homem morto como você.

— Mas ele amava Antonio.

— Como você pode saber disso? E mesmo que seja o caso, isso não o faria odiar ainda mais o nosso mundo?

— Como assim?

— Antonio não podia viver sua sexualidade abertamente por causa das regras da Outfit. Ele tinha que esconder seus desejos e seu amante, e, por fim, ele morreu porque era um Homem de Honra. Os russos o mataram porque ele era um de nós. Veja, o homem que você está protegendo tem várias razões para desprezar nosso mundo e querer que ele acabe.

Nunca considerei isso dessa perspectiva e pirei de verdade. E se Dante estivesse certo? Eu não via Frank há um ano, desde que contei a ele sobre a morte de Antonio. Ele foi embora correndo, em silêncio e fora de si. Não tentou me contatar e eu só sabia o número do celular dele, o qual parou de funcionar logo depois do funeral. Eu simplesmente presumi que Frank quis cortar qualquer ligação com a máfia. Será que ele tinha conversado com alguém sobre Antonio? Sobre a Outfit? Eu não queria acreditar nisso. Ele tinha motivos para odiar a Outfit e seus métodos. Não só por ter sido obrigado a esconder seu relacionamento com Antonio, mas por não ter tido a chance de se despedir dele. Nem eu tive. A única coisa que restou de Antonio foi um corpo queimado. Nunca o vi. Papai me proibiu. Ele disse que não havia sobrado nada para eu reconhecer. Até a cabeça foi cortada pelos russos antes de atearem fogo nele. A Outfit nunca a encontrou.

Dante me observava com atenção. Ou será que ele tentava me manipular? De qualquer forma, o que ele disse era verdade.

— Você vem até a porta para dizer “oi” para a minha mãe? Ela ficará chateada se você ficar no carro — disse para distraí-lo.

Dante me olhava com compreensão, mas não tentou voltar ao assunto do amante de Antonio. Ele saiu da *Mercedes*, deu a volta pelo capô e abriu a porta para mim. A mão dele encontrou o local de sempre nas minhas costas enquanto

caminhávamos para a porta da frente. Mal toquei a campainha e a porta já estava aberta, minha mãe radiante. Ela devia estar nos espiando pela janela.

— Dante, eu não esperava que você viesse. É tão maravilhoso da sua parte vir nos visitar — disse ela com um sorriso largo. E abraçou Dante. Ele ficou duro feito pedra, mas deu um tapinha de leve nas costas dela. Ao menos ele era contra demonstrações públicas de afeto em geral, não só comigo.

— Só vim para deixar Valentina. Não tenho tempo para ficar. Tenho muito trabalho a fazer. — Ele se endireitou e Mamma não teve escolha a não ser soltá-lo.

Ela ficou visivelmente decepcionada.

— Claro. Agora que é o Capo, tem muitas responsabilidades. Que maravilha você tirar um tempo da sua agenda lotada para levar Valentina pela cidade. — Mamma sorriu para mim. — Você fisgou um cavalheiro.

Olhei para Dante como quem diz “eu te disse”. Uma pontinha de algo mais brando encheu os olhos dele antes de pedir licença e voltar ao carro. Assim que ele saiu com o carro, Mamma fechou a porta, agarrou meu braço e praticamente me arrastou para dentro da sala de estar.

— Giovanni! Valentina chegou! — gritou.

— Papá está em casa?

— Eu disse a ele que você viria. Ele também que dar uma palavrinha com você.

Suspirei.

— Não seja assim. Seu pai e eu nos preocupamos com o seu bem-estar. Queremos saber se a vida de casada está te fazendo bem.

— Sei... Você quer saber se eu não estou estragando as coisas com Dante.

Mamma contraiu os lábios. — Você está distorcendo tudo o que digo hoje.

Papá chegou à sala de estar, fechando as abotoaduras, com o paletó xadrez pendurado no ombro.

— Não tenho muito tempo. Na verdade, tenho uma reunião com o *Consigliere* e o seu marido mais tarde. Então, como vão as coisas entre você e o

Chefe?

— Já que você vai encontrar com meu marido, então, pode perguntar a ele como vai meu casamento até agora e se ele está satisfeito comigo — falei numa voz exageradamente doce.

— Às vezes acho que não fui rigoroso o suficiente com você. Sua insolência era muito mais agradável quando você era uma menininha — falou com carinho.

Levantei e o envolvi pela cintura. Ele deu um beijo em minha testa. Eu sabia que como Subchefe, Papá era quase tão impiedoso quanto Dante e provavelmente tinha matado mais homens do que se podia contar nos dedos, mas para mim ele sempre seria o homem que me carregou nos ombros quando eu era mais nova.

— Está tudo indo bem entre Dante e eu, não se preocupe — declarei, recuando. — Embora eu ache que ele ainda não tenha superado a primeira esposa.

Papá trocou olhares com Mamma.

— Fiore levou um bom tempo para convencer Dante a se casar de novo. Estou feliz por ele ter te escolhido. Não o pressione.

— Ouça seu pai, Valentina. Os homens não gostam de mulheres intrometidas.

— E isso que eu fiquei sabendo sobre você ter convencido Dante a te dar um trabalho? — Perguntou Papá.

— Não finja que já não sabe de tudo. Aposto que metade da Outfit já está reclamando.

— O que você esperava? Uma mulher na sua posição não deve trabalhar — interveio Mamma.

— Algumas pessoas pensam que as mulheres não devem interromper seus maridos também e a senhora faz isso o tempo todo.

Mamma bufou. — Eu não interrompo seu pai.

— Não? — Manifestou Papá surpreso em tom de brincadeira.

O casamento deles nem sempre foi por amor. Da mesma forma que Dante e eu, eles casaram por conveniência, mas com o tempo cultivaram apego um pelo outro. Quando os via, sentia uma nova esperança para o meu próprio casamento.

Não consegui conter um sorriso.

— Dante não se importa que eu trabalhe. Acho que ele gosta que eu faça algo de útil.

— O que pode ser mais útil do que criar filhos lindos? Quando vocês vão se tornar pais?

Olhei suplicante para Papá, mas ele deu de ombros.

— Fiore quer muito um herdeiro para levar seu nome. Dante tem responsabilidades. E se ele for morto sem ter um filho para herdar seu título?

— Não diga isso. Ninguém vai ser morto. Já perdi um marido, não quero perder o segundo — falei desesperada.

Papá deu um tapinha na minha bochecha.

— Dante sabe como cuidar de si, mas qual o problema em ter filhos?

— Não há problema algum. Eu quero filhos, mas não é por causa da minha obrigação de produzir um herdeiro. Quero filhos porque quero alguém para amar e que me ame também incondicionalmente. — Deus, quando essa conversa se tornou tão terrivelmente emocional?

— Val... — clamou Papá com calma. — Dante fez alguma coisa?

Sorri tremendo, feliz por sua preocupação, mas sabendo que era inútil. Mesmo que Dante tivesse feito algo e eu dissesse a meu pai, dificilmente haveria algo que ele pudesse fazer. Ele não iria contra seu Capo, nem mesmo por mim.

— Não, ele é um cavalheiro. — *Fora do quarto*, pensei. Não que eu me importasse. — Ele só é bem reservado. Me sinto sozinha, mas trabalhar vai me manter ocupada, o que provavelmente tornará tudo mais fácil.

— Dê tempo a ele — aconselhou Papá. Dava para ver que ele estava ficando cada vez mais desconfortável com meu sentimentalismo. Por que os Homens de Honra eram tão covardes quando se tratava de expressar sentimentos

e nem pestanejavam perante a morte? Ele olhou para o *Rolex*, depois, fez uma careta. — Preciso mesmo ir agora. — Deu um beijo na minha testa, e se inclinou para dar um beijo decente na minha mãe. E saiu.

Mamma deu um tapinha no lugar ao lado dela no sofá. Sentei deixando escapar um suspiro.

— Preciso muito de um bolo neste momento.

Mamma tocou um sino e nossa empregada entrou na sala de estar com uma bandeja cheia de doces e *macarons* italianos. Aposto que estava esperando atrás da porta desde que cheguei. Desde quando eu lembro, sempre foi intrometida demais. Ela sorriu, pousou a bandeja e desapareceu novamente. Peguei uma guloseima feita de marzipã, chocolate e massa folhada e dei uma boa mordida. Mamma serviu café para mim, sem deixar de me olhar.

— Calma com isso. São cheios de gordura e calorias. Você tem que cuidar do corpo. Os homens não gostam de mulheres gordas.

Dei um show terminando o resto do meu doce, depois, o empurrei com café.

— Talvez a senhora deva escrever um livro sobre o que os homens querem já que parece saber tudo sobre o assunto. — Arregalei os olhos para reduzir o impacto das minhas palavras rudes.

Mamma balançou a cabeça e pegou um doce também. — Seu pai está certo. Nós deveríamos ter sido mais rigorosos com você.

— Vocês foram rigorosos com Orazio e não adiantou.

— Ele é um rapaz. Todos são impetuosos. E ele está se saindo bem de verdade. Disse que está até pensando em sossegar.

Eu duvidava. Ele só devia ter falado isso para tirar minha mãe do seu pé. E levando em conta que não morava em Chicago e ajudava mantendo nossos negócios nos trilhos em Detroit e Cleveland, nossos pais raramente tinham a oportunidade de incomodá-lo. E, claro, ele era homem. Ninguém se importava se dormia com uma garota diferente a cada noite, contanto que não contasse quem ele é de verdade.

— Nunca fiz nada contra a sua vontade, então, não sei do que está reclamando. Afinal de contas, casei com Dante porque você queria.

Mamma pareceu ofendida.

— Ele é o melhor partido que você poderia esperar. Quem não iria querer casar com um homem daqueles?

Bebi meu café sem me incomodar em responder. Era mesmo uma pergunta retórica.

— Dante te procura à noite?

Quase cuspi o que tinha na boca.

— Não vou conversar com você *sobre isso*, Mamma. — Minhas bochechas queimaram de vergonha e Mamma sorriu compreensiva.

Eu a amava, mas ela era a mulher mais irritante do planeta.

Enzo me buscou no SUV. Com exceção de uma conversinha fiada, não nos falamos durante o curto trajeto. Quando passamos pela rua de Bibiana, pedi:

— Espere. Vire a esquina. Quero fazer uma visita a Bibiana Bonello. — Prometi a ela que contaria sobre os progressos entre Dante e eu. Esperava que ela ficasse feliz em me ver.

Enzo não discutiu. Ele conduziu o carro em direção à casa de Bibiana e estacionou no meio-fio.

— Você quer que eu te espere?

Hesitei. — Se não se importar.

Enzo balançou a cabeça em negação.

— Este é o meu trabalho. — Ele esticou a mão atrás do banco do motorista e pegou uma revista sobre automóveis antigos.

— Não vou demorar — disse, mesmo que Bibiana e eu pudéssemos passar horas conversando.

Desci do carro e fui até a porta da frente a passos largos. Toquei a

campanha e esperei. Nada aconteceu durante um tempo, estava quase voltando ao carro quando a porta abriu. Tommaso parado à minha frente. Arregalei os olhos, surpresa, depois me preocupei.

— Oi, Tommaso — falei, forçando gentileza na voz. — Espero que não tenha chegado numa hora ruim. Quero conversar com Bibiana. Ela está? — A pergunta que eu queria mesmo fazer era se ela estava bem. Tommaso estava suado, com a pele vermelha e o zíper ainda aberto. Um temor percorreu meu corpo.

Tommaso mostrou os dentes num sorriso largo. Ele colocou minha mão entre as duas dele.

— Ela descerá logo. Sempre temos tempo para a esposa de Dante.

Lutei contra o impulso de me afastar. Sua pele estava pegajosa de suor, e a ideia de que o motivo para o sua aparência desleixada tivesse algo a ver com o que ele estivesse fazendo com Bibiana me fez querer esfregar as mãos brutalmente até não restar em mim nenhum vestígio dele.

— Ande logo, Bibiana. Valentina Cavallaro está aqui. — Como se Bibiana não soubesse quem eu sou.

Tirei minha mão das dele cuidadosamente.

— Soube que você vai assumir o cassino — disse Tommaso com curiosidade, me observando com aqueles olhos mordazes de besouro.

— Foi Raffaele quem te contou?

Tommaso gargalhou.

— Ele nem precisou. Todos estão falando sobre isso. Eu não permitiria que Bibiana trabalhasse, mas Dante tem tentado mudar as coisas na Outfit há um tempo, mesmo antes de Fiore se aposentar.

Tentei descobrir se poderia interpretar suas palavras como traição, mas infelizmente elas eram apenas críticas. Nada que fizesse Dante colocar uma bala na cabeça de Tommaso.

— Mesmo a Outfit tem que acompanhar o tempo — falei de maneira neutra.

Bibiana apareceu no topo da escada com os cabelos bagunçados, a blusa abotoada errada e sem sapatos. Tommaso piscou para mim.

— Por favor, me dê licença. Tenho uma reunião com Raffaele para discutir a noite das garotas de amanhã.

Manter o sorriso era quase doloroso e assim que ele saiu de vista, parei a farsa e corri até Bibiana, que descia as escadas.

— Ei, está tudo bem?

Ela engoliu em seco. — Podemos conversar lá em cima? Preciso muito de um banho.

— Claro — apressei em responder.

Ela sorriu levemente. Segui-a silenciosamente escada acima, tentando conter a fúria por Tommaso. Já procurava por maneiras de fazer Dante matá-lo e isso não era algo que eu deveria nem considerar. Nunca deveria ser responsável pela morte de ninguém. Mesmo que Tommaso fosse a escória da sociedade, eu não deveria querer matá-lo.

Bibiana me levou até o quarto deles. Fingi não perceber os lençóis bagunçados enquanto a seguia para o banheiro adjacente. Bibiana e eu já tínhamos nos visto nus antes, principalmente quando éramos mais novas, então, não me surpreendi quando ela se despiu na minha presença. Sentei na beirada da banheira.

— Se eu soubesse que Tommaso estava em casa, não teria vindo.

— Não — disse Bibiana. — Estou feliz que esteja aqui. Pelo menos assim, Tommaso não vai tentar a segunda vez. — Meu olhar percorreu os hematomas em seu quadril, na parte interna das coxas e nos braços. Baixei os olhos para o meu colo e espantei lágrimas de raiva. Bibiana entrou no chuveiro e abriu a torneira. — Val?

Levantei e me aproximei do box. A expressão de Bibiana era de súplica.

— Sei que não deveria te pedir isso, mas tem alguma coisa que você possa fazer?

— Ele faz alguma coisa que vá contra Dante ou a Outfit? Qualquer coisa?

Bibi balançou a cabeça negando enquanto a água descia pela sua testa até os cabelos escuros.

— Ele é leal aos Cavallaro.

Foi o que imaginei.

— Dante não fará nada a menos que ele seja um traidor, mas talvez nós possamos armar para ele.

Bibiana arregalou os olhos.

— Você enganaria Dante se fizéssemos isso. Não pode agir contra ele, Val. Não posso te pedir isso. — Ela sorriu bravamente. — Estou sendo dramática. As mulheres passam por isso há séculos e sobrevivem.

Pode ser, mas isso não significava que Bibiana deveria sofrer.

Entreguei-lhe uma toalha quando ela saiu do chuveiro.

— Vamos falar sobre outra coisa. Como está indo tudo entre Dante e você? Já?

Assenti com as bochechas coradas. — Duas vezes.

— E...? Foi ruim?

— Não, na verdade foi... — parei, percebendo o que estava fazendo. Não podia falar sobre o quanto eu gostei de ser do Dante enquanto Bibi tinha acabado de ser montada pelo porco do marido dela. — normal — terminei sem entusiasmo.

Bibi me lançou um olhar.

— Eu te conheço, Val. Sei que está mentindo. Você não tem que se conter por minha causa. Sei que você é uma mulher que gosta de sexo.

— Foi bom — falei.

Bibi pegou minha mão e apertou.

— Que bom. Você merece se divertir depois de todos os anos com Antonio.

Queria jogar meus braços em volta dela e abraçá-la, queria, por ela, que Tommaso fosse morto, mas, em vez disso, eu simplesmente retribuí o gesto.

— Algum dia Tommaso terá ido e, então, será a sua vez.

Ela concordou, mas a falta de esperança em seus olhos me destruiu.

— Ele tem cinquenta e dois anos. Com a sorte que tenho, vai viver por mais trinta. Estarei velha e amarga.

Vinte minutos depois, eu estava de volta ao carro com Enzo indo para casa.

Assim que ele estacionou em frente ao portão da propriedade, avistei um homem parado do outro lado da rua e levei um susto. Era Frank.



CAPÍTULO QUATORZE

Frank? Eu reconheceria seus cabelos ruivos e seu corpo esguio em qualquer lugar. Enzo me olhou com interesse, mas tirei meus olhos do amante de Antonio bem rápido, antes que Enzo seguisse meu olhar. O que Frank fazia aqui? Ele deveria saber muito bem que não se deve espreitar a casa de um membro da máfia, principalmente a do Chefe da Outfit. Entretanto, Frank provavelmente não sabia o que Dante era, a menos que Antonio tivesse revelado ao amante mais do que eu tinha conhecimento.

Tentei manter uma expressão passiva enquanto estacionávamos na entrada, mas não sei se tinha conseguido. Enzo definitivamente tinha percebido que havia alguma coisa errada e continuou olhando em minha direção.

— Obrigada por me buscar — agradei e desci do carro assim que paramos numa vaga da garagem. Dentro de casa, fui direto para um dos quartos de hóspedes que dava para a rua, mas quando espiei pela janela, Frank já tinha ido.

Precisava descobrir um jeito de entrar em contato com ele para desvendar o que ele queria. Mas como?

Eu não deveria mais sair de casa sem segurança. E nem sabia onde Frank morava, mas tinha a sensação de que ele iria voltar a aparecer em breve. Ele devia estar querendo falar comigo sobre alguma coisa. E se ele quisesse me chantagear?

Ótimo, agora a manipulação de Dante estava me deixando paranoica. Da

próxima vez que Frank estivesse por perto, eu simplesmente teria que encontrar um jeito de fugir de casa para falar com ele.

Levei um susto com uma batida. A porta estava entreaberta e só vi a cabeça de Gaby:

— O jantar está pronto — anunciou ela timidamente. — O Sr. Cavallaro está te esperando.

— E ele mesmo não poderia ter me dito?

Gaby ruborizou. — Sinto muito. Ele me mandou para te levar.

Toquei seu ombro quando passei por ela.

— Não se preocupe. A culpa não é sua.

Ela seguia alguns passos atrás de mim enquanto descíamos as escadas. Antes de entrar na sala de estar, virei-me para ela:

— Você não precisa andar atrás de mim. Podemos andar uma ao lado da outra, Gaby.

Ela assentiu e desapareceu pela porta que dava à área dos funcionários. Entrei suspirando na sala de estar. Dante estava sentado em seu lugar de sempre na ponta da mesa. Cruzei a área de estar e fui até ele. Meu prato foi colocado na outra ponta da mesa como tem sido em todas as noites. Por algum motivo, isto me deixou irracionalmente furiosa hoje. Parei perto da minha cadeira, mas não me sentei.

— Por que eu devo me sentar tão longe de você?

Dante ergueu uma sobrancelha. — Você está com raiva?

— Claro que estou. Não quero passar todas as refeições como se fôssemos estranhos. Você nunca tenta manter essa distância toda quando me fode. — A palavra fez minha pele arrepiar por causa do desconforto, mas mantive minha posição.

Dante estreitou um pouco os olhos, sempre tão frios e calculistas.

— Não fui eu quem insisti em transar. Se bem me lembro, você foi bem intransigente quanto a isso.

Eu não podia acreditar que ele estava agindo como se não tivesse gostado.

Talvez eu não fosse experiente, mas sabia que ele tinha se divertido imensamente. Peguei meu prato e os talheres e os levei para o lugar ao lado de Dante, onde os coloquei com um pouquinho de força demais, fazendo um barulho bem alto. Sentei na cadeira e encarei Dante desafiadoramente.

— Por favor, diga a Zita que coloque a mesa assim de agora em diante.

— Se é isso que você quer — concordou ele indiferente.

Zita entrou e não tive a chance de dizer mais nada. Seu olhar voou de Dante para mim e sorriu. Eu queria gritar bem alto. Ela serviu a comida. Nhoque caseiro de batata doce, manteiga de sálvia e bifes de vitela. Ela nos *agraciou* com sua presença mais um pouco e saiu.

Espetei um nhoque e o enfiei na boca, depois, quase suspirei porque estava delicioso, mas não quis que Dante pensasse que minha raiva já tinha passado.

Dante cortou o bife sem pressa. Meus olhos captaram suas mãos fortes, me fazendo lembrar de como elas tocaram minha pele, e me odiando por querer senti-las mais uma vez, apesar do comportamento frustrante dele.

— Como foi a visita a seus pais? — Dante acabou por perguntar. Ele soava tão *blasè* que nem contei a pergunta como uma tentativa de compensar sua grosseria.

— Meu pai não te passou um relatório?

Dante enfiou um pedaço de vitela na boca antes de levantar o olhar para mim.

— Nas reuniões, nós falamos sobre negócios — disse, depois completou um pouco mais incisivo. — Não sei por que está agindo como uma criança petulante. Se eu quisesse uma esposa assim, deveria ter escolhido Gianna.

Larguei o garfo, que fez um barulho.

— Então, é melhor fazer o pedido a ela. Eu me caso com Matteo. Pelo menos eu soube que ele não é um bloco de gelo.

— Bloco de gelo, é? É assim que as pessoas me chamam?

— As pessoas te chamam de muitas coisas, mas esta é a descrição mais certa da sua personalidade com que eu me deparei até agora.

— Quer dizer que está interessada em Matteo?

— Como é? — A pergunta repentina me deixou fora de mim.

— Você dançou com ele no nosso casamento e pareceu estar se divertindo mais que o normal.

— Você está com ciúmes de Matteo?

— Não estou com ciúmes, não. Só estou tentando proteger o que é meu.

Isto pareceu extremamente ciumento.

— Não entendo por que se importa. Você não parece estar interessado em mim fora do quarto, mesmo que tenha sido eu que comecei, como você fez questão de dizer. Neste momento, eu acho que, se você me pegasse na cama com Matteo, provavelmente iria me olhar com frieza, depois, voltaria ao trabalho. — Eu nem sabia por que Matteo era o foco. Nunca tive interesse nele. Ele sempre foi imprevisível demais para o meu gosto.

— Eu voltaria ao trabalho, sim — admitiu ele, com um sorriso predatório. — Depois de atirar em Matteo e vê-lo sangrando até a morte. — E deu um gole no vinho branco.

Eu desisti. Obviamente não era possível conversar com Dante como marido e mulher. Passamos o resto do jantar em silêncio, quebrado apenas pelo arrastar das facas em nossos pratos e pelo som ocasional quando colocávamos nossas taças na mesa.

Eu já estava quase dormindo quando Dante veio para a cama. O colchão afundou e logo seu corpo quente se encostou em mim. Não me mexi. Dante afastou meus cabelos das costas e me deu um beijo gostoso no pescoço, seguido por uma mordida suave. Fiquei feliz por estar deitada de bruços e poder reprimir minha respiração pesada no travesseiro. Eu não queria que ele soubesse o quanto seu toque me afetava, o quanto meu corpo ansiava pelos seus avanços. Eu ainda estava puta pelo que ele disse durante o jantar, mas meu corpo tinha vontade

própria.

Dante não parecia afetado pela minha falta de resposta. Ele passou a língua pelo meu ombro, depois, pela minha coluna até ser interrompido pela camisola. Voltou para cima e chupou a minha jugular, e deu beijinhos suaves na minha orelha. Ele chegou mais perto e eu pude sentir sua ereção através do tecido da calça do pijama. Foi preciso todo o meu autocontrole para não tocar e segurar com vontade o pau duro. Ele estava com a respiração pesada na minha orelha, lambendo meu lóbulo, me dando arrepios de desejo.

Com os nós dos dedos, ele roçou no meu pescoço, então, chegou para baixo alcançando o espaço em cima da minha bunda. Minha respiração estava acelerando e senti minha calcinha grudar de excitação, mesmo assim não me mexi. Desta vez, não seria eu a começar nada.

Dante deslizou a mão na minha bunda, depois, enfiou no meio das minhas pernas. Ele gemeu quando seus dedos encostaram na minha calcinha. Usei toda a minha força de vontade para não me mexer na sua mão, na intenção de um pouco de atrito. Sua boca encontrou minha orelha.

— Eu sei que está me ignorando, mas é bom aprender a controlar seu corpo se quiser conseguir fazer isso.

Que filho da puta irritante.

Dante se sentou e empurrou minha camisola para cima, enroscando minha calcinha nos dedos e puxando-a pelas minhas pernas. Levantei o rosto do travesseiro e olhei sobre o ombro. Estava muito escuro para distinguir alguma coisa. A luz prateada da lua entrando pelas janelas moldava Dante nas sombras, mas eu estava certa de que ele me observava. Suas mãos estavam de volta em mim. Ele massageou minhas panturrilhas, subindo bem devagar. Sua respiração era profunda e calma no escuro. Ele deslizou a mão para o meio das minhas pernas e as afastou. Enterrei o rosto de novo no travesseiro quando seus dedos encontraram minhas dobras e começaram a esfregar meu clitóris. Ele se mexeu e logo seus lábios estavam na minha bunda. Ele mordeu uma nádega de leve, e acalmou o local com a língua e os lábios. Quase gozei naquele momento. Mas

meti os dentes no lábio inferior para conseguir segurar mais um pouco. Estava bom demais para terminar tão rápido. Dante repetiu os movimentos até voltar ao meu pescoço e eu fiquei mole de tanto desejo.

Afastei ainda mais as pernas, sem me importar que, horas antes, havia jurado a mim mesma que iria ignorá-lo até que ele parasse de me tratar com frio desinteresse fora do quarto, mas quando ele tocou meu clitóris a necessidade superou a razão. Ele espalhou minha umidade e enfiou dois dedos em mim. Arqueei a bunda para dar melhor acesso à minha abertura. Ele começou a movimentar os dedos para dentro e para fora devagar enquanto seus lábios continuavam os avanços no meu pescoço e ombro, sempre alternando entre beliscar, lambe e beijar. Ele também estava ofegante. Isso o afetava. Levei minha mão até o volume na calça e comecei a esfregar por cima do tecido. Ele deixou escapar um suspiro pesado no meu ouvido.

— Todos os minutos do dia, eu penso nas coisas que quero fazer com você, me pego lembrando o seu gosto, seu cheiro. Às vezes, acho que vou enlouquecer se não meter em você.

Gemi. Por que ele não podia mostrar isso durante o dia? Por que ele tinha que agir como se eu fosse apenas uma esposa carente? Ele enfiava os dedos mais rápido e mexi meu quadril para ele, querendo que fosse mais fundo. Ele alcançou um lugar sensível dentro de mim; um fogo atingiu o centro do meu corpo e subiu pela minha barriga, me fazendo gritar enquanto ondas de prazer me acertavam. Dante continuou bombeando em mim enquanto eu agitava o quadril desesperadamente, conduzida pelas ondas do meu orgasmo. Despenquei no colchão sem energia suficiente para continuar com a bunda para o alto. Os dedos de Dante ainda estavam enfiados em mim, mas se movimentavam mais devagar, entrando e saindo de maneira quase carinhosa.

Respirei fundo algumas vezes, tentando acalmar meu coração acelerado, mas Dante tinha outros planos. Ele mudou de posição, houve uma farfalhar nos lençóis e logo estava novamente ao meu lado. Ele se inclinou e roçou na minha orelha.

— Quero sentir sua boca gostosa de novo.

Estremeci. Virei e me apoiei nos cotovelos. Na sombra, deu para ver a silhueta de Dante se ajoelhando na cama perto de mim. O pau dele estava a centímetros do meu rosto, grande e duro, esperando por mim. Dante enrolou as mãos nos meus cabelos e me levou com cuidado para mais perto da sua ereção. O cheiro dele era de sabonete, picante e fresco. O membro roçou meus lábios e os abri, depois o coloquei na boca, saboreando o gosto salgado do pré-goço na ponta. Isso fez aumentar a minha própria excitação. O homem de gelo ansiava por mim. Girei a língua em volta do pau dele, e enfiei a ponta na pequena fenda da cabeça. Dante segurou meus cabelos com mais força, emitindo um som gutural. Não estava me machucando, era estranhamente erótico. Ele empurrou devagar e eu o coloquei mais e mais fundo na boca até quase engasgar, depois o deixei escorregar para fora. Logo Dante parecia querer assumir o controle da situação e começou a enfiar na minha boca, entrando e saindo, a princípio devagar, então, mais rápido. A mão em meus cabelos me mantinha no lugar enquanto ele tomava a minha boca. Murmurei em aprovação. Isso era bem mais excitante do que eu poderia ter imaginado. Ter Dante fodendo minha boca, em cima de mim, guiando minha cabeça do jeito que ele queria, dava um tesão enorme, e comecei a movimentar minha boceta nos lençóis, procurando por atrito.

A mão de Dante desceu até a minha bunda, segurando-a. — Não — falou com rispidez, apertando minha nádega. Emiti um som em protesto, embora fosse difícil com o pau dele na minha boca.

Dante tirou de dentro bruscamente, chiando quando meus dentes resvelaram seu pau. Ele pegou um travesseiro e o enfiou debaixo da minha pélvis. E já estava atrás de mim. Agarrou a minha bunda e a ponta do pau dele cutucou minha abertura.

— Porra. Você está tão molhada, Valentina.

Sem aviso, ele enterrou tudo dentro de mim, me preenchendo por inteiro. Fiquei sem ar, me arqueando com o prazer e um pingo de dor que me atingiam.

Dante parou por um instante, esfregando minha bunda e a parte de baixo das minhas costas. Ele se abaixou até seu peito encostar nas minhas costas, me prendendo sob seu peso. Ele se apoiou nos cotovelos, um de cada lado do meu corpo. Dava para sentir cada centímetro dele. Não conseguiria me mexer nem se eu quisesse. Inclinei a cabeça para o lado e encontrei os lábios de Dante prontos para um beijo tórrido. Deslizou para fora de mim devagar até apenas a ponta continuar dentro, depois, empurrou de volta. Logo estabeleceu um ritmo acelerado e forte. Cada estocada do seu pau fazia meus mamilos roçarem no lençol, me deixando ofegante por causa do atrito adicional. As bolas dele batiam nas minhas dobras, enviando raios de prazer ao meu clitóris.

Dante começou a ofegar mais rápido. Seu peito escorregava nas minhas costas. O som das coxas dele batendo na minha bunda a cada estocada preencheu a escuridão e se juntou com meus gemidos desesperados, à medida que eu me contorcia de encontro ao meu segundo orgasmo. Tentei me segurar, mas Dante enfiou a mão sob mim, friccionando o polegar no meu clitóris.

— Goze para mim — sussurrou no meu ouvido.

Fiquei estilhaçada quando o prazer me invadiu numa torrente. Dante levantou se apoiando no braço e começou a meter em mim, mais forte e mais rápido do que antes. Agarrei o lençol. Ele apertou o meu quadril e levantou mais a minha bunda enquanto empurrava em mim, os dedos dele enterrados na minha pele era quase doloroso. Afundei os dentes no travesseiro quando senti os sinais traiçoeiros de outro orgasmo serpenteando pelo meu corpo.

Dante empurrou mais forte e soltou um gemido rouco, apertando ainda mais os dedos no meu quadril. A ereção dele expandiu no meu canal quando ele gozou dentro de mim e o fogo no meu estômago se alastrou pelo meu corpo à medida que eu chegava ao clímax mais uma vez. Dante desabou em cima de mim, depositando beijos de boca aberta no meu ombro e pescoço, sussurrando palavras baixas demais para eu ouvir. Fechei os olhos enquanto meu coração tentava sair do meu peito. Eu provavelmente estaria dolorida no dia seguinte, mas valeu a pena. Eu nem me importava mais de não ter mantido a promessa que

fiz a mim mesma. Por que eu deveria me privar de um bom momento para punir Dante? Só estaria punindo a mim mesma.

Dante estava pensando. Virei a cabeça, torcendo para conseguir respirar mais fácil assim. Poderia pedir para ele sair de cima de mim, mas eu sabia que assim que o fizesse, ele se afastaria de novo como sempre faz. Queria saborear nossa intimidade por um pouco mais de tempo, mesmo que significasse ser esmagada pelo seu peso. Ele era quente e forte, e colados desse jeito, era difícil dizer onde o corpo dele começava e o meu terminava.

Dante levantou a cabeça e nossos lábios se encontraram para mais um beijo, despretensioso e sem pressa, quase doce, porém, ele rolou para longe de mim. Virei para encará-lo. Ele estava deitado de costas, olhando para o teto. Estava escuro demais para decifrar sua expressão. Com cuidado, cheguei mais perto e repousei a cabeça no peito dele, que ficou tenso e eu me preparei para sua rejeição. Meu corpo mesmo enrijeceu de ansiedade por causa da reprovação, mas ela não veio. Ele relaxou, envolveu meu ombro com o braço e eu finalmente ousei me aconchegar nele. Dei um suspiro profundo, desfrutando do perfume acolhedor que se tornava mais familiar; estava misturado com o aroma almiscarado do sexo. Minha mão desceu até sua barriga e fiz um carinho de leve nele. Será que a escuridão o deixava mais acessível? Fazia-o se esquecer de quem era, de quem queria ser?



CAPÍTULO QUINZE

Eu não soube o que me acordou, mas quando abri os olhos, o sol ainda não havia aparecido. O céu já estava clareando ao longe e proporcionava luz suficiente para perceber o ambiente, mas era só. Dante estava colado às minhas costas, com o rosto meio enterrado no meu ombro e a respiração quente na minha pele. Era um calor desconfortável, mas não me mexi. Era a primeira vez que eu acordava e Dante ainda estava na cama me segurando de verdade nos braços. Talvez o subconsciente dele tenha aceitado o que ele não conseguia aceitar, que ele queria se aproximar de mim.

Mantive minha respiração normal, tentando parecer que dormia para não acordá-lo. Devo ter adormecido novamente porque acordei no susto quando Dante se mexeu para longe de mim. Fiquei ouvindo com atenção, mas ele não saiu da cama. Ele se afastou de mim ainda dormindo, se é que o ritmo da sua respiração dizia alguma coisa. Virei para o outro lado devagar para poder vê-lo. Ele estava deitado de costas com um braço sobre o rosto. O lençol na altura do delicioso V do quadril dele. Fiquei apoiada num braço, tomando cuidado para não fazer nenhum ruído. Meus dedos coçavam para mexer em seus cabelos loiros, beliscar os montinhos da sua barriga tanquinho e seguir a trilha dos pelos que iam até o seu membro.

Estiquei a mão hesitante e rocei levemente os dedos em seus cabelos. A mão de Dante disparou como um raio, segurando meu pulso tão forte a ponto de quase esmagar. Ao mesmo tempo, ele se sentou e seus olhos encontraram os

meus. Pressionei meus lábios. Ele soltou meu pulso depressa. Esfreguei-o, abaixando os olhos para ver os hematomas que já apareciam. Dante tocou minha cintura nua, sua mão era quente e leve na minha pele.

— Te machuquei? — Havia uma preocupação verdadeira em sua voz.

Olhei para cima surpresa. — Está tudo bem. Eu te assustei.

Ele pegou minha mão e examinou as marcas que a sua força deixou no meu pulso. Seu polegar roçou na minha pele como uma pluma.

— Não estou mais acostumado a acordar ao lado de alguém.

Essa foi a informação mais pessoal que ele já dividiu comigo. Tinha que parar de cavar mais fundo, de querer mais.

— Eu sei. Está tudo bem. Vou me acostumar.

Ele levantou o olhar, mas os dedos continuaram a fazer carinho no meu pulso.

— Você e Antonio dormiam na mesma cama?

— No início, sim. Na maior parte das vezes era pelas aparências. Ainda tínhamos uma empregada lá e não queríamos que ela desconfiasse de nada. No começo era como dormir com um amigo, mas acabou ficando estranho, principalmente quando ele chegava em casa com o cheiro do amante, então, ele demitiu a empregada e começamos a dormir em quartos separados.

Seus olhos fixaram-se em meus seios expostos.

— Não consigo imaginar um homem olhando para você e não querer te ter para ele.

Corei de felicidade, mas decidi manter o clima leve, preocupada que uma resposta mais emotiva fizesse Dante se retrair de novo.

— Acho que Antonio teria dito o mesmo de você. Acredito que você fosse o tipo dele.

Dante riu, fazendo seu rosto inteiro se transformar.

— Isso não é algo em que eu queira pensar.

Sorri. — Imagino que você não queira — parei, curiosa. — O que faria se um de seus homens fosse até você e admitisse ser gay?

— Eu diria a ele para manter sua condição em segredo e lutar contra ela.

— As pessoas não escolhem ser gays. Elas são ou não são. Você estaria obrigando seu homem a viver uma mentira.

— Eles podem viver uma mentira ou terão que viver com as consequências.

— Você mataria alguém por causa de quem essa pessoa ama.

— A sociedade pode ter progredido muito, mas a máfia é feita de tradições, Valentina. Assim que eu declarasse que aceito que os Homens de Honra sejam gays, a Outfit viraria um inferno. Isso seria uma mudança a qual eu não conseguiria forçar. Eu não mataria ninguém que viesse me confidenciar isso, contanto que mantivesse segredo. Não duvido que tenha soldados na Organização que sintam atração por homens, mas aprenderam a se conter. Eles provavelmente são casados e vivem uma mentira, e estarão seguros enquanto assim for.

Ainda estávamos juntos, conversando de fato à luz do dia. Toquei o peito de Dante, passando as pontas dos dedos de leve em uma longa cicatriz que tinha ali. Dante agarrou meu pulso, com cuidado desta vez, e tirou minha mão dali. Deslizou as pernas para fora da cama e se levantou. Fiquei olhando enquanto ele ia para o banheiro, completamente nu e, ainda assim, coberto por centenas de camadas invisíveis que eu não conseguia penetrar.

Deixei minha mão cair no colo. Também saí da cama, suspirando. Não tinha por que continuar deitada sozinha. Meu dia seria cheio. Meu primeiro dia no cassino sem Dante. Estava ansiosa e animada ao mesmo tempo. Depois de um banho rápido, levei um tempo ridiculamente longo experimentando várias roupas. Eu não queria parecer sexy, mas também não queria esconder minha feminilidade. Sabia que aqueles homens, principalmente Raffaele, não gostaram de ter uma mulher trabalhando com eles agora, e pior, que fosse sua chefe, e eu não tinha a mínima intenção de facilitar para eles. Tinham que aprender a lidar com uma mulher forte, e se não conseguissem, o problema seria deles. Escolhi uma saia lápis azul escuro na altura dos joelhos, combinando com uma sandália

de salto e uma blusa branca de decote redondo e mangas longas bufantes. Depois de afrouxar a barra da blusa na minha cintura, fiz um coque no cabelo, deixando alguns fios soltos.

Quando entrei na sala de jantar, estava vazia. Parei no batente da porta, pousando os olhos no lugar onde Dante sempre se senta. O jornal estava dobrado ao lado do prato vazio. Soltei um suspiro e fui para a minha cadeira. A porta abriu e Gaby entrou carregando uma jarra com suco de laranja fresco e um bule de café. Ela me deu um sorriso radiante.

— Bom dia, Do... Valentina. — Ela me olhou se desculpando, e eu apenas sorri, feliz por ver um rosto amigo pela manhã. — Espero que tenha dormido bem.

Meu rosto esquentou contra a minha vontade. — Dormi, sim, obrigada.

Ela me serviu café e suco.

— Você gostaria de ovos ou panquecas?

— Não, quero só um *croissant* e algumas frutas. — Gesticulei para um monte de guloseimas e frutas que estavam na minha frente.

Gaby virou-se para sair.

— Espere — gritei, corando por ter parecido tão desesperada. Gaby me encarou com os olhos arregalados, como se estivesse preocupada que tivesse feito alguma coisa que me ofendeu e fosse ser castigada. — Por que não me faz companhia?

Gaby congelou.

— Só se você quiser. Gostaria de te conhecer melhor.

Um sorriso tímido se abriu em seu rosto, mas ela não se sentou.

— Não precisa ficar em pé. Sente-se. — Puxei a cadeira ao meu lado. Gaby pousou a jarra e o bule de café antes de se sentar com cuidado na cadeira.

— Você já tomou o café da manhã?

Gaby hesitou, depois, balançou a cabeça em negação.

— Então, coma um pão doce. Tem comida mais do que suficiente para nós duas. — Peguei o cesto e empurrei para ela, que pegou um *croissant* de

chocolate murmurando um “obrigada”, com as bochechas corando.

Peguei um para mim, dei uma mordida e um bom gole no café. Queria dar um tempo a Gaby para que passasse seu nervosismo.

— Onde você mora? Venho me perguntando isso desde que me contou sua história.

— Ah, eu moro com a Zita e o marido dela. Eles me acolheram logo depois que comecei a trabalhar para o Sr. Cavallaro.

— Eles te tratam bem? — Sempre que eu olhava para Zita, ela estava carrancuda ou arredia. Não parecia ser alguém que deveria cuidar de uma garota como Gaby, que tinha passado pelo inferno quando adolescente.

Gaby sacudiu a cabeça afirmativamente com veemência.

— Sim. Zita é rigorosa, mas me trata como se eu fosse da família. — Ela pôs o último pedacinho do *croissant* na boca e engoliu, depois, falou com um pouco de vergonha. — Ela está começando a gostar de você. Zita sempre precisa de um tempo para se acostumar a novas pessoas.

— Sério? Ela não parece estar gostando nem um pouquinho a mais de mim.

Gaby deu de ombros levemente.

— Tenho certeza de que ela logo muda de opinião.

Não conseguia evitar gostar de Gaby. Ela era gentil. Olhei para o relógio no meu pulso.

— Preciso sair agora. Quero chegar cedo no meu primeiro dia de trabalho.

— Boa sorte — desejou Gaby, levantando da cadeira. — Acho ótimo que você queira trabalhar. Você é a única mulher na sua posição que não quer só ficar em casa. Quero dizer, não tem nada de errado em ser apenas uma esposa.

Toquei seu ombro levemente para mostrar a ela que não fiquei ofendida, depois a segui para a área dos funcionários onde Enzo bebia café. Ele se levantou assim que me viu.

— Pode terminar seu café. Não tem pressa — disse a ele.

Apesar do que falei, ele pegou a caneca e virou tudo num gole só. Zita

lançava olhares de reprovação na minha direção. Definitivamente eu não conseguia vê-la gostando de mim. Ela não disse nada a não ser pelo curto “bom dia”, mas dava para ver que queria.

— No meu tempo, a esposa de um Capo nunca deveria considerar trabalhar — resmungou ela enquanto passava pano nos balcões, que já estavam limpos.

— Os tempos mudam — falei simplesmente.

— A Mestra falecida, que descanse em paz, era feliz com o papel de dona de casa. Ela passava os dias tentando fazer o marido feliz e garantir que ele tivesse uma casa linda.

— Zita — repreendeu Enzo. — Chega.

Zita apontou um dedo para ele.

— Não fale assim comigo.

— É melhor sairmos agora — falei para Enzo.

Não queria que brigassem por minha causa. Ele concordou, pegou o coldre da cadeira e andamos em silêncio em direção à garagem.

— Obrigada por me defender — agradei entrando no carro.

— Zita lhe deve respeito. Você é a esposa do Capo. Ele não aprovaria que ninguém a tratasse daquele jeito. — Será que ele se importava mesmo? — Você deveria contar a ele.

Balancei a cabeça.

— Não. Posso cuidar de mim mesma, mas agradeço.

Enzo inclinou a cabeça e o resto do caminho foi feito em silêncio. Para a minha surpresa, Enzo não apenas me deixou em frente ao cassino, ele me seguiu para dentro e não saiu do meu lado. Tinha a sensação de que Dante disse a ele para ficar de olho em mim. Fiquei me perguntando se era porque ele não confiava que seus homens me tratassem com decência ou se ele não confiava que eu não iria fazer besteira. Nenhuma das opções me fez sentir melhor.

Leo pareceu surpreso ao me ver.

— Não te esperava agora. Raffaele e as meninas ainda não chegaram.

Receio que não haja muito a fazer neste momento.

Fui direto para os fundos, onde ficavam os escritórios.

— Eu sei, mas quero me preparar para os jogadores importantes. Presumo que tenham documentos e dados estatísticos sobre eles.

O olhar de Leo foi de mim para Enzo, que estava com os braços cruzados sobre seu peitoral largo, parecendo esperar por uma oportunidade de esmagar a cabeça dele. Não havia nenhum tipo de amizade entre eles.

— Temos, sim. Deixe-me pegá-los para você.

Acomodei-me na cadeira elegante atrás da minha mesa, me acostumando com o lugar, mas quando Leo voltou com pastas cheias de papéis, ergui a cabeça e gesticulei para que ele os colocasse ali em cima.

— Vou ler. Por favor, me avise quando Raffaele e as meninas chegarem para eu conversar com elas.

Leo assentiu e saiu sem dizer mais nada. Enzo hesitou, depois, saiu também e fechou a porta. Despenquei na cadeira, e deixei que meus olhos assimilassem meu escritório sem janelas. Peguei a primeira pasta, determinada a aprender tudo o que precisava saber para fazer um bom trabalho. Não queria desapontar Dante. Sabia que ele estava arriscando a fúria de muitos Homens de Honra ao deixar uma mulher fazer este trabalho.

Meus olhos queimavam por causa do ar seco do ar-condicionado, e eu tinha lido apenas duas pastas quando alguém bateu à minha porta.

— Entre — falei rouca. Limpei a garganta quando a porta abriu e Enzo colocou a cabeça para dentro — Raffaele está aqui. Devo deixá-lo entrar?

Reprimi um sorriso. Enzo tinha virado meu secretário agora?

— Sim, obrigada.

Enzo segurou a porta. Raffaele entrou num rompante, com um olhar fulminante na direção de Enzo, que retribuiu com o mesmo fervor. Ele fechou a

porta e ficou parado em frente a ela com os braços cruzados e o olhar fixo em Raffaele.

— Você não pode falar comigo sem seu cão de guarda? — Perguntou com um sorriso nojento.

Eu me levantei. De salto alto, eu ficava tão alta quanto ele, me senti mais tranquila imediatamente.

— Posso, mas não quero — falei, fazendo parecer como se fosse decisão minha e não uma ordem de Dante.

Raffaele pareceu desconcertado, mas se recuperou rápido.

— Você quer falar com as piranhas. Elas estão se arrumando no camarim.

— Ótimo. Mostre o caminho.

Raffaele caminhou sem falar nada e foi em direção a uma das portas que levava ao piso principal. Enzo vinha logo atrás de nós. Raffaele não se incomodou em bater, apenas abriu a porta com violência. Algumas meninas soltaram suspiros de surpresa, mas quando viram quem era, ficaram quietas. Aparentemente, elas estavam acostumadas com este tipo de comportamento da parte dele. Raffaele fez um gesto ridículo de quem estava varrendo o local, me convidando para entrar no camarim.

— Cuidado — sibilou Enzo, chegando o rosto bem perto do de Raffaele —, ou você quer perder outro dedo? Dante não vai deixar que o costure de volta.

Raffaele ficou vermelho de raiva, mas não ousou replicar nada de desagradável, embora tenha ficado óbvio pela sua expressão que era o que ele queria.

Dei um passo para dentro do camarim e parei.

— Tudo bem se eu conversar com vocês um pouquinho? — Perguntei às meninas que estavam reunidas. Havia umas dez delas, variando em idade, no final da adolescência – pelo menos era o que eu esperava – até quase trinta anos. Algumas delas faziam o tipo garota comum, a líder de torcida, enquanto outras eram mais exóticas. Quase todas tinham silicone nos seios. A expressão de algumas delas era de desconfiança, de outras, preocupação e ainda tinham as

categoricamente assustadas. Como se fosse uma coreografia, elas olharam para Raffaele, pedindo silenciosamente a permissão dele. Dava para notar pelo sorriso convencido e pelo jeito que ele pareceu crescer, o quanto gostou disso.

— Quero falar com as garotas a sós — falei com firmeza para ele.

— Mas...

— Sem “mas” — falei ao mesmo tempo em que Enzo pegou Raffaele pelo colarinho e o empurrou para fora, indo atrás dele, e fechou a porta para que eu ficasse sozinha com as meninas. Voltei toda a minha atenção para elas, que pararam o que estavam fazendo e ficaram me olhando. — Acho que vocês podem se apresentar. Nome, idade, há quanto tempo trabalham para a Outfit.

Apontei para uma pequena menina asiática no canto quando ficou claro que nenhuma delas queria começar. Depois disso, todas pareceram relaxar e me deram seus dados sem muita insistência. Para o meu alívio, a garota mais nova já tinha vinte anos, a menos que estivesse mentindo a idade.

— Como são tratadas?

Silêncio mais uma vez.

— A Outfit nos trata muito bem — respondeu uma garota de nome Amanda.

— Quero a verdade. Raffaele trata vocês com respeito?

Algumas meninas trocaram risadas e, finalmente, uma delas disse:

— Somos prostitutas. Dificilmente alguém nos trata com respeito. Raffaele não é exceção.

— Ele não é dos piores.

— Essa é a sua opinião, não a minha.

— Ah, cala a boca.

Levantei os braços e as meninas se calaram.

— Está bem. Quem é pior que Raffaele?

— Alguns clientes gostam de nos bater. E Tommaso quer umas coisas nojentas também.

Aquilo não me surpreendeu. Bibi não me contava tudo, mas o pouco que

compartilhava comigo sobre sua vida sexual com Tommaso fazia meu estômago revirar.

— Eu gosto de violência.

— Você gosta de tudo, eu não.

— Ah, se enxerga. Eles compram seu corpo para decidirem o que fazer com ele.

— Você está parecendo Raffaele falando.

— Certo, certo — falei devagar. — O que exatamente Raffaele faz?

— Ele é tipo um cafetão. Ele faz testes com a gente antes de decidir se somos suficientemente boas para trabalhar aqui. E ele se assegura que façamos os clientes felizes. E se não fizermos, ele nos castiga.

— Suponho que “testes” signifique que ele faz sexo com vocês?

— Está mais para nos foder do jeito que quiser.

— E o que exatamente ele faz como castigo? — Perguntei, mas os hematomas que as meninas estavam prestes a cobrir com maquiagem antes de eu entrar me davam uma boa ideia.

— Ele bate na gente, ou fode com toda a força. Ou nos manda para prostíbulos nos subúrbios.

— Os clientes de lá são os piores. São bêbados, brutos e gordos.

Respirei fundo.

— Certo. Algo de bom que possam me contar?

— O dinheiro é ótimo. Posso comprar roupas boas e alugar um apartamento maravilhoso. Algo que nunca conseguiria se não trabalhasse aqui.

Muitas garotas concordaram, e eu tentei encontrar consolo nisso. Todas começaram a trabalhar como prostitutas por vontade própria e ganhavam mais do que a maioria das pessoas com um diploma de faculdade. Conversei mais um pouco com elas e pedi para me contarem quando um cliente fosse violento demais. Elas prometeram fazer isso, mas eu não tinha certeza se só concordaram para se livrar de mim. Eu tinha que conversar com Leo e Raffaele sobre a situação.

Quando saí do camarim, Enzo esperava por mim.

— Cadê Raffaele?

Enzo acenou com a cabeça em direção ao bar.

— Ele ficou de mau humor. Esse garoto deveria ter sido afastado da Outfit há muito tempo se não fosse pelo pai. Filho da puta inútil. — Ele se calou. — Peço desculpas pelo palavreado.

— Não precisa. Já ouvi coisas piores.

Ele ficou surpreso. Feliz por estar fazendo progresso com os homens de Dante, fui em direção a Raffaele, que estava sentado em um dos banquinhos do bar, bebendo o que parecia um martini.

— Não é um pouco cedo para começar a beber?

Raffaele esvaziou o copo.

— Somos a máfia, não um convento.

— Ainda assim, eu gostaria que todos estivessem lúcidos no horário de serviço.

— Talvez um copo seja o suficiente para te deixar bêbada, mas eu aguento bem o álcool. Não sou uma mulher mimada.

— Raffaele — a voz de Dante cortou o ambiente como uma faca. Virei para trás quando Dante veio até nós, o corpo dele transbordava raiva. Seus olhos frios estavam focados em Raffaele, que logo deslizou saindo do banquinho e ficou de pé, uma pontada de nervosismo substituiu aquela arrogância convencida. Enzo sorria ameaçadoramente. Tive a sensação de que ele manteve Dante atualizado sobre o jeito que as coisas estavam indo até agora.

Dante parou bem em frente a Raffaele, encarando-o com uma expressão gritante de brutalidade.

— Se eu ouvir mais uma palavra de desrespeito saindo da sua boca, vou te cortar em pedacinhos e te servir de comida para os cachorros do seu pai. Entendeu?

— Sim, Chefe — respondeu Raffaele com rapidez. E se virou para mim. — Sinto muito se a ofendi. — Ele parecia sincero, mas havia alguma coisa de

rancor e amargura em seus olhos.

Finalmente Dante olhou para mim.

— Gostaria de falar com você.

Cheguei ao lado dele e, então, fomos para o meu escritório. Dante fechou a porta. Antes que ele dissesse qualquer coisa, resmunguei:

— Enzo te chamou?

— Enzo não precisou me chamar. Eu pretendia ver como você estava se saindo desde o início. Quero me assegurar que seu primeiro dia corra bem.

Olhei para ele com dúvida.

— Por que está tão surpresa?

— Porque até agora você não me pareceu o tipo de marido que se importa.

Dante não disse nada, só me observava com aquele olhar frio perturbador.

— Não preciso que me defenda. Posso me virar sozinha — falei quando ficou claro que ele não diria nada.

Dante estreitou os olhos.

— Este é o meu território. Aqueles são meus homens, e é meu dever mantê-los na linha. Se eles apresentarem desrespeito para com você, será apenas um pequeno passo para que ousem me desrespeitar também. E eu não permitirei isso.

— Você me fez parecer incapaz de fazer o meu trabalho. Raffaele vai pensar que sou fraca porque preciso que você me proteja.

Dante chegou muito perto, me envolvendo com sua loção pós-barba.

— Valentina, o único motivo pelo qual aqueles homens te respeitam é porque você é minha esposa. Sei que você não gosta disso. Sei que você é forte, mas não pode ter o mesmo domínio sobre esses homens que eu tenho porque você não tem as mesmas armas que eu.

— Que armas?

— Crueldade, brutalidade e determinação absoluta em matar qualquer um que dispute meu direito ao poder.

Prendi o fôlego.

— O que te leva a pensar que eu não mataria alguém se precisasse? Talvez eu seja capaz da mesma brutalidade que você.

Dante sorriu sem vontade.

— Pode ser, mas eu duvido. — Ele passou um dedo pela minha garganta. — Talvez você tivesse o potencial para sobreviver na Outfit, se tivesse sido criada do mesmo jeito que os meninos em nosso meio. Meu pai me mandou matar o primeiro homem quando eu tinha quatorze anos. Um traidor que meu pai torturou na minha frente antes de eu colocar uma bala na cabeça dele. Depois disso, meu pai fez um de seus soldados me torturar para ver até onde eu aguentava a dor antes de enfraquecer e implorar para parar. Não aguentei nem trinta minutos. Na segunda vez, eu já aguentei quase duas horas. Na décima vez, meu pai teve que parar o soldado ou eu teria morrido. Não implorei, nem mesmo para salvar a minha vida. Agradeça por você nunca ter tido a chance de edificar sua crueldade, Valentina.

Tive que engolir em seco duas vezes antes de conseguir falar.

— Isso é uma barbaridade. Como pode você não odiar seu pai pelo que ele fez com você?

O dedo de Dante permaneceu na ondulação do meu seio. O tecido da minha blusa poderia muito bem nem estar lá, porque parecia que ele estava tocando minha pele nua.

— Eu o odeio. Mas também o respeito. Medo, rancor e respeito são os três sentimentos mais importantes que um Capo deve instigar em outras pessoas.

— Na sua esposa também?

Dante tirou a mão.

— Rancor e medo não têm lugar num casamento. — Ele se afastou de mim e caminhou casualmente para a minha mesa, que estava amontoadas com as pastas que eu pretendia ler. — Vejo que está tentando se familiarizar com nossos jogadores importantes.

Tive dificuldade em lidar com a súbita mudança de assunto. Minha mente ainda se recuperava das coisas horríveis que Dante contou sobre sua juventude.

Não era de se espantar que ele fosse tão bom em se fechar depois da crueldade que seu pai o submeteu. Imaginei quantas cicatrizes em seu corpo foram o resultado dessas sessões de tortura e quantas foram o resultado de ataques inimigos.

— Sim. Quero memorizar seus rostos, nomes e peculiaridades.

— Pensei que deveria ficar até os jogadores importantes chegarem e apresentá-la a eles. Vai parecer mais oficial. Mande Leo convidá-los para uma festa mais cedo. Você terá a oportunidade de conversar com eles sem o caos costumeiro do cassino e eles terão a oportunidade e apostar reservadamente por um tempo.

Eu estava agradecida a Dante por garantir que as coisas fossem tranquilas para mim. Claro que eu sabia que ao menos parte disso era porque ele gostava de controlar tudo.

— Obrigada.

Ele inclinou a cabeça e olhou para mim por mais um instante, depois, checkou o relógio.

— Por que você não se prepara mais um pouco? Os primeiros jogadores importantes deverão chegar em uma hora. Vou falar com Leo e me certificar de que tudo esteja arrumado para a festa.

Quando ele tentou passar por mim, coloquei a mão em seu braço para pará-lo. Depois, fiquei na ponta dos pés e dei um beijo em sua bochecha antes de ir para a minha mesa e pegar uma pasta. Depois de um tempo, ouvi a porta abrir e fechar.

Quinze minutos antes do horário em que a festa deveria começar, fui até o piso principal onde algumas mesas estavam arrumadas com taças e baldes de gelo cheios de garrafas de champanhe. Também havia um pequeno bufê de canapés. Dante veio até mim assim que me viu. Sua presença me tranquilizava.

Logo chegaram os primeiros apostadores. A maioria deles tinha pelo menos uns cinquenta anos. Homens velhos e ricos, com ternos de estilistas caros, bronzeados por causa de muitas horas no campo de golfe e sorrisos que

denotavam uma confiança excessiva. Esses homens achavam que o mundo era deles. E, mesmo assim, não deixei de notar o olhar de respeito que tinham ao olhar para Dante. Pelo jeito que apertavam as mãos dava para dizer que tentavam prestar respeito. Dante sempre voltava rapidamente sua atenção a mim, me apresentando como a nova gerente e sua esposa. A última parte sempre levava a uma onda de elogios respeitosos sobre a minha beleza. Eu não me importava de modo algum em ser elogiada pela minha aparência, porém, isso não era algo que me ajudaria a manter os funcionários do cassino sob controle. Conduzi a conversa para longe da minha aparência e envolvi os homens numa conversa superficial. Por sorte, eles me deixaram, ansiosos demais para compartilhar suas histórias sobre enganar a Receita Federal, suas conquistas no campo de golfe ou a seleção em suas adegas, e ficou óbvio que eram acostumados a mulheres que se apegavam a cada palavra.

Eu os conduzi para a mesa da roleta, cheia de sorrisos, e logo eles começaram a jogar seu dinheiro fora sem nem perceber, ocupados demais em se gabar e me impressionar. Pelo canto do olho, notei Dante falando com Enzo antes de sair do cassino. Eu sabia que ele estava ocupado, mas queria que ficasse um pouco mais. Contudo, eu não tinha muito tempo para pensar nisso; tinha que ser a anfitriã perfeita para outro grupo de jogadores importantes ansiosos por bajular a esposa do Capo.

Já passava da meia-noite quando as coisas evoluíram o suficiente para que eu me despedisse. Vários jogadores importantes haviam desaparecido nos quartos com as meninas, ou estavam absortos demais nos jogos para precisarem da minha atenção. Eu estava exausta, mais exausta do que algumas horas de conversa poderia deixar alguém.

Depois de afundar no assento do passageiro, deixei escapar um suspiro baixo de alívio por finalmente descansar meus pés. Minhas pernas doíam por ter ficado tanto tempo em pé, principalmente com saltos desconfortáveis. Para os homens era fácil. Eles podiam usar seus sapatos *Oxford* ou *Budapest*, sem espremer os dedos em sapatos de bico fino.

Devo ter adormecido, porque a próxima coisa que lembro foi Enzo desligando o motor na garagem. Sentei, envergonhada.

— Sinto muito ter dormido. Foi indelicado da minha parte.

Enzo balançou a cabeça em negação. — Eu não ligo.

Eu estava cansada demais para analisar essa declaração. Entrei em casa e olhei para a porta do escritório de Dante, querendo saber se ele ainda estava ali. Decidi que estava exausta demais para relatar o evento da noite e subi as escadas, me contraindo a cada vez que meus pés tocavam o chão. Precisava tirar os saltos o quanto antes ou enlouqueceria. Entrei no quarto e gelei. Dante estava na cama, lendo algo no *tablet*. Como de costume, ele estava com o peito nu, mas desta vez meus olhos fixaram-se nas cicatrizes em sua pele, não pude deixar de pensar em Dante com quatorze anos sendo torturado pelo pai com a intenção de endurecê-lo.

— Correu tudo bem depois que fui embora? — Perguntou Dante, sem nem tirar os olhos direito do que quer que estivesse lendo.

— Sim, os apostadores perderam uma boa quantia de dinheiro. — Tirei os saltos e poderia até ter chorado de alívio. — Vou tomar um banho rápido.

Distraído, Dante só assentiu. Eu estava cansada demais para me importar. Depois do banho, vesti uma camisola de cetim com calcinhas combinando, e voltei para o quarto, onde sentei na beirada da cama, de costas para Dante. Não estava no clima de tentar nada. Levantei o pé e comecei a massageá-lo. Talvez da próxima vez eu devesse trocar por sapatilhas de balé. Elas ainda ficariam elegantes e não me doeriam tanto. O colchão se mexeu e ouvi a voz de Dante em meu ouvido.

— Deixa que eu faço isso.

Antes que eu pudesse protestar, ele me fez deitar de costas e colocou meus pés em seu colo. Seus dedos começaram a esfregar meus pés cansados e minhas panturrilhas com o ponto certo de pressão.

— Hoje foi uma exceção. Os jogadores importantes precisavam te conhecer. Você não precisa ficar tanto tempo assim daqui para frente. Só

apareça, cumprimente-os, faça-os sentirem-se bem-vindos e depois saia. Leo é competente.

Cantarolei com os olhos fechados enquanto relaxava com a massagem dele. De vez em quando, o dedo de Dante subia um pouco mais, acariciando meus joelhos e até as coxas e a minha respiração ficava mais pesada. Dante também sentiu algo. Senti sua ereção em meus pés, que ainda descansavam em seu colo.

— Vire-se — mandou.

Rolei para deitar de bruços, sabendo exatamente o que Dante queria. Nesta noite, eu nem me incomodei com o fato de que ele nunca queria olhar para o meu rosto. Levantei a bunda quando seus dedos engancharam no cóis da minha calcinha e a puxou para baixo. Suspirando no travesseiro, deixei Dante acordar meu corpo cansado com seu toque.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Dante tinha razão. Nas próximas semanas, garanti minha saída do cassino até o máximo 22h. Eu gostava de passar o tempo conversando com as garotas, os bartenders ou os crupiês, mas ouvir a maioria dos clientes era extenuante. Pelo menos, Raffaele fez questão de ficar longe de mim, o que era uma grande vantagem.

Quando Enzo me levava para casa à noite, eu sempre conferia a rua para ver se tinha algum sinal de Frank, mas a única pessoa que eu via frequentemente na calçada era uma mulher mais velha passeando com o seu *Yorkshire Terrier*. A esta altura eu já estava quase convencida de que imaginei tê-lo visto. Talvez, inconscientemente, meu cérebro sentisse saudades de Antonio, e invocar Frank teria sido um jeito de lidar com isso. Dante não era tão presente na minha vida quanto eu gostaria. Ele me pegava todas as noites, na maioria das vezes no escuro, e sempre de costas para ele, às vezes, de quatro, às vezes, deitada de bruços. Não que eu estivesse reclamando, ele sempre se certificava de que eu gozasse pelo menos uma vez quando estava dentro de mim, mas eu estava começando a ansiar por mais. Isso parecia muito mais com uma simples foda, quase como se eu não fosse nada mais para ele do que um modo de aliviar a tensão, mas sempre que a mão de Dante deslizava para o meio das minhas pernas à noite, prometia a mim mesma conversar com ele na próxima vez, desesperada demais pelo seu toque.

Como de costume, meu olhar passou pela calçada quando Enzo dirigia o

carro pelos portões para a casa. Mas, nesta noite, eu o vi de novo. Frank estava passeando pela calçada atravessando a rua, tentando parecer como se estivesse querendo apenas um pouco de ar puro. Ele não conseguiu. Parecia suspeito para mim, e eu nem ousei pensar em como ele pareceria para os seguranças de Dante. Agora, teria que encontrar um jeito de mandá-lo embora para longe. Era arriscado demais. Fui direto para o quarto de hóspedes que permitia ver a rua, mas, como da última vez, Frank pareceu ter desaparecido.

Meu telefone tocou e por um instante tive certeza de que era Frank, mas ele sabia que não deveria me ligar. Afinal, não havia como saber se alguém rastreava minhas ligações e eu havia mudado o número há alguns meses. A tela brilhou com o nome de Bibiana. Eu atendi.

— Oi, Bibi.

— Val — sussurrou Bibi. Sua voz tremia, ela parecia apavorada. — Você pode vir aqui?

Fiquei tensa e virei de costas para a janela.

— O que houve?

— Tommaso, ele... — Ela fungou. — Ele estava de péssimo humor hoje.

— O que ele fez? Ele ainda está aí?

— Não, ele saiu para uma reunião com Raffaele, mas vai voltar logo. Você pode vir? Estou com medo do que ele fará quando voltar.

Olhei para o relógio, que marcava quase nove horas da noite.

— Estarei aí em dez minutos, Bibi.

Corri para fora do quarto de hóspedes e desci as escadas. Não tinha certeza de onde Enzo estava. Provavelmente teria sido fácil achá-lo, mas eu não estava a fim de me explicar. Em vez disso, tirei as chaves do gancho na garagem e peguei o SUV. Antes que as portas subissem tudo, pisei no acelerador e saí depressa da garagem, o teto do carro passou de raspão pela porta. Diminuí a velocidade apenas para esperar o portão abrir para mim. Dante ficaria furioso.

Quando virei a esquina no fim da rua, avistei um dorso familiar e pisei no freio. Frank deu um pulo, lançando um olhar de pânico por sobre o ombro. Ele

estava com o celular na orelha, mas terminou a ligação assim que me viu. Verifiquei o entorno antes de abaixar o vidro da janela e fazer um gesto para que ele chegasse perto.

— O que você está fazendo aqui?

Ele veio se arrastando, olhando em volta nervoso. Eu entendia muito bem sua angústia. Ele arriscava muito estando aqui.

— Preciso falar com você em particular.

Olhei desconfiada.

— Sobre o quê?

— Sobre Antonio, sobre a Outfit, sobre tudo.

Olhei no retrovisor mais uma vez.

— Não posso conversar com você agora. Encontre-me amanhã por volta das 17h30.

Expliquei o caminho para o armazém que escondia o cassino, mas não contei a ele sobre isso.

— É onde fica um dos cassinos subterrâneos, não é?

Encarei-o. Antonio contou a ele? Maldição! Por que Frank não continuou longe?

— Conversaremos amanhã.

Deixei a janela subir de novo e arranquei com o carro. Ninguém parecia ter me seguido, ou ao menos não vi ninguém. Esperava poder dar uma fugidinha do cassino amanhã sem ninguém me ver. Precisava esclarecer as coisas com Frank. Mas, e se ele quisesse mesmo me chantagear de alguma forma? Eu sabia que não me deixaria escolha a não ser contar para Dante sobre o que ele fez.

Por que o dia tinha que ficar tão complicado hoje?

Levei menos de dez minutos para chegar à casa de Bibi. Como sempre, tinha um segurança sentado dentro de um carro em frente a ela. Ele acenou brevemente para mim quando me viu sair do carro. Praticamente corri para a porta. Bibi a abriu antes que eu pudesse tocar a campainha. Tive que reprimir um suspiro quando vi seu rosto. Seu lábio inferior estava arrebitado, tinha sangue

seco embaixo do queixo e na blusa. Um hematoma já se formava no lado direito do rosto dela e o olho, do mesmo lado, começava a inchar. Ela me puxou para dentro, fechando a porta rapidamente depois. Antes que eu tivesse tempo para dizer alguma coisa, ela se atirou em meus braços. Eu a abracei, mas ela se retraiu quando toquei suas costelas e acabei soltando-a. Dei um passo atrás para olhar em seu rosto.

— Por que ele te bateu?

Bibi deu de ombros, depois recuou. Eu nem queria saber como o corpo dela estava por baixo da roupa. Seu pescoço e clavícula tinham marcas de dedos ficando vermelho-azuladas.

— Ele estava de mau humor o dia inteiro e quando eu disse que ainda não estava grávida, perdeu a cabeça.

Algo alfinetava a minha cabeça, mas eu deixei isso de lado por ora.

— Talvez o problema seja dele. Talvez o velho idiota seja estéril — resmunguei.

Eu não gostava da palavra “ódio”, nem do sentimento que ela implicava. O ódio sempre levava a mais ódio, mas eu definitivamente odiava Tommaso. Dante não sabia que eu era capaz de tirar a vida de outra pessoa, mas eu era.

— Não pode ser ele. Ele deixou algumas prostitutas grávidas no Clube Palermo.

Meus olhos arregalaram. Bibi nunca havia me dito isso.

— Então, ele tem filhos com outras mulheres?

— Não, ele as obrigou a fazer um aborto. Ninguém quer foder uma puta grávida, palavras dele.

— Sinto muito, Bibi.

— Eu me senti tão mal por ter te tirado de Dante no dia dos namorados.

Havia me esquecido completamente disso. Não que Dante tivesse dado alguma pista de que hoje fosse um dia especial durante nosso café da manhã juntos.

— Não seja ridícula. Você sabe que sempre estarei ao seu lado. O que eu

posso fazer?

Ela deixou escapar um pequeno soluço e pôs a mão para tapar a boca, seus olhos estavam arregalados e cheios de medo. Ela abaixou a mão.

— Não sei. Simplesmente não sei, mas estava tão apavorada que não soube para quem mais ligar. Você é a única que parece se importar.

— Eu me importo, Bibi. Você sabe disso.

— Estou com medo de quando ele voltar. Ele disse que não tinha acabado. E sempre fica mais violento depois de se encontrar com Raffaele. São dois sadistas nojentos. Ah, Val, as coisas que Tommaso faz comigo às vezes, as coisas que ele me obriga a fazer... não consigo nem te contar.

Segurei a mão dela.

— Vem comigo. Passe a noite lá em casa.

— Não posso fugir dele. Você sabe que ele nunca me deixaria. Eles sempre vão me obrigar a voltar para ele independente do que faça comigo.

Eu sabia. Como pude sentir pena de mim mesma por ter um casamento sem amor se o de Bibi é mil vezes pior?

— Eu sei, e não quis dizer que você deve se mudar. Mas poderia passar a noite conosco para que Tommaso tenha um tempo para esfriar a cabeça, e amanhã depois do café da manhã, eu te trago de volta para casa.

Bibi concordou com calma.

— Tem certeza de que Dante não vai se importar? Não quero atrapalhar o tempo de vocês juntos.

Quase ri.

— Ele não se importa, não se preocupe — falei. — Quer ir agora?

Ela estremeceu, abraçando-se com seus braços finos. Também havia hematomas em seus pulsos. Se só a minha raiva pudesse matar Tommaso, ele estaria morto agora.

Ajudei Bibi a arrumar algumas coisas na bolsa antes de levá-la para fora de casa. O segurança olhou para nós e se assustou, obviamente sem saber o que fazer. Tommaso provavelmente disse a ele que Bibi não tinha permissão para sair

de casa, mas eu era a esposa do Capo, que era o seu principal chefe. Bibi ficou tensa em meu braço, mas não parou de andar, nem mesmo quando ele pegou o celular e ligou para alguém, com certeza para Tommaso. Senti um impulso infantil de mostrar o dedo para ele, mas já passei da idade em que eu consideraria agir assim. Bibi afundou no assento do passageiro e eu entrei atrás do volante.

— Você está sem segurança?

Eu dei de ombros.

— Não quis perder tempo procurando por Enzo ou Taft.

— Não quero que tenha problemas por minha causa — disse ela se lastimando.

Dei partida no carro e o afastei do meio-fio. O segurança de Bibi não tentou nos seguir. De qualquer forma, ele sabia onde estávamos indo.

— Não vou ter.

— Dante já te bateu ou abusou de você alguma vez?

— Não. Ele não é violento. Bem, pelo menos não no casamento. Claro que eu sei que ele é perfeitamente capaz de atos de atrocidade. Ele me disse que não acredita que medo ou ódio pertençam a um casamento. Deve ser por isso.

— Ele é um bom homem.

— Eu não diria isso. Se você quer um bom homem, tem que procurar fora da Outfit.

— Lembra quando éramos novas e sonhávamos em encontrar nosso Príncipe Encantado e casar com ele? Eu era obcecada pelos príncipes da *Disney*. Eram todos tão valentes e bons.

Sorri ao lembrar.

— Éramos jovens e burras. Daria tudo para ser ingênua daquele jeito de novo, mesmo que por algumas horas.

— Sim.

Já eram quase dez da noite quando finalmente entramos na minha casa.

— Você quer comer alguma coisa ou prefere tentar dormir um pouco?

— Não estou com fome — falou Bibi hesitante. — Mas também não acho que vou conseguir dormir agora.

— Podemos ir para a biblioteca e conversar um pouco. Ou eu posso te preparar um banho para você poder relaxar.

— Acho que prefiro conversar. Não quero ficar sozinha.

— Tudo bem, eu... — parei quando vi Dante vindo em nossa direção. Bibi ficou tensa ao meu lado, seu olhar apavorado em mim. Não sabia direito por que, mas eu me posicionei entre Dante e Bibi. Claro que ele percebeu e me olhou de forma questionadora.

— Boa noite, Bibiana — disse educadamente.

— ‘Noite — respondeu ela baixinho. Os frios olhos azuis de Dante analisaram os hematomas no rosto e nos braços dela rapidamente antes de se fixarem em mim.

— Tommaso me ligou para perguntar se a mulher dele estava aqui. Ele disse que você a pegou em casa sem a permissão dele.

— Permissão? — Sibilei. — Ela não é um cachorro. Eu não preciso da permissão dele para nada.

— Foi o que eu falei para ele — disse Dante calmamente, me deixando impressionada.

— Falou?

Bibi nos observava com os olhos arregalados.

— Claro que sim, você é minha esposa. Se você quer conversar com uma das esposas dos meus soldados, você tem todo o direito de fazer isso.

Nós dois sabíamos que este não era o motivo de Bibi estar aqui. Dante não era cego. Esperava que ele pudesse ver o quão grata eu era pelo seu apoio.

— Então, tudo bem para ele se ela passar a noite aqui?

— Eu não sabia que esse era o plano porque você não me comunicou — disse ele simplesmente. Dava para ouvir o tom de reprimenda em sua voz. Ele sabia que eu tinha saído sem um segurança... *de novo*.

— Não deu tempo — falei. — Mas acho que Bibi deve ficar aqui para que

Tommaso se acalme.

— Se ele vier aqui e quiser levá-la, irá contra nossas tradições negar-lhe isso. Ela é a mulher dele.

Bibi concordou.

— Ele está certo. Eu não deveria ter vindo. — A derrota em seus olhos e em sua voz quase me deixou de joelhos. Olhei para Dante com súplica.

Dante tirou o celular do bolso e o colocou no ouvido. Depois de dois toques, pude ouvir uma voz grossa do outro lado da linha, mas não consegui ouvir o que dizia.

— Sim, Tommaso. Quero que você acompanhe Raffaele quando ele for checar a nova mercadoria. Confio na sua opinião, e sangue novo pode ser bom para o Clube Palermo. Quero seu relatório amanhã. — Dante ouviu algo que Tommaso disse. — Minha esposa e Bibiana têm planos. Não se preocupe. Ela está segura aqui. Vou mandar meu motorista levá-la para casa amanhã. — Dante abaixou o telefone e pôs de volta no bolso.

— Obrigada — agradeceu Bibi com a voz trêmula. Permaneci em silêncio, impressionada com a gentileza de Dante.

— Você tem noção de que eu mandei seu marido dormir com nossas novas prostitutas, mas acho que você não se importa.

— Não, não me importo. Espero pelo dia em que ele finalmente ache uma amante com quem prefira estar.

Dante inclinou a cabeça mostrando que compreendia. Seu olhar encontrou o meu. Tentei mandar toda a gratidão que eu conseguisse através daquele olhar. Estava bem certa de que ele podia ver.

— Vou voltar ao trabalho. Tenho certeza de que você e Bibiana têm muito o que conversar.

Ele se virou e foi a passos largos para o escritório, desaparecendo de nossas vistas. Cruzei meu braço com o de Bibi, que estava boquiaberta.

— Não acredito que ele fez isso por você. Ele deve se importar de verdade.

— Ele tentou te ajudar. Viu seus hematomas.

Bibi riu.

— Ele fez isso por você. Estava escrito na cara dele. — Ela parou, e acrescentou depressa: — Não que eu me incomode. Só estou feliz por ele ter se livrado de Tommaso por ora.

— Venha, vamos para a sala de estar. Vou colocar um filme e tomamos uma taça de vinho. Você merece. Quer um analgésico junto?

Bibi fez uma careta.

— Sim, por favor. Estou dolorida. Acho que Tommaso machucou minhas costelas.

Essa foi a última menção ao que aconteceu com Tommaso hoje. Passamos o resto da noite lembrando nossa infância e adolescência, rindo e bebendo.

No dia seguinte, me arrependi do vinho da noite passada quando uma enxaqueca me acordou. Sentei, gemendo. Coloquei a mão na testa e respirei fundo algumas vezes, esperando que ajudasse com o enjoo. Algo vermelho chamou minha atenção. Havia um pacotinho no lado de Dante na cama. Arranquei o cartão apoiado no pacote.

Eu iria te dar isto ontem à noite, mas não quis te acordar era só o que estava escrito no cartão. Encantada, peguei o presente e desembulhei. A caixinha de veludo guardava um colar delicado de ouro branco com um pingente de esmeralda. Saí da cama cambaleando e correndo em direção à minha penteadeira, segurando o colar diante dos meus olhos. A esmeralda tinha quase a mesma cor deles. Isso não podia ser uma coincidência. Afundei na cadeira e fechei o colar no pescoço com as mãos trêmulas.

Eu provavelmente não teria ido trabalhar hoje – Leo podia cuidar de tudo

sem mim – se não tivesse dito a Frank para me encontrar lá.

Depois de deixar Bibiana na casa dela e fazê-la prometer que me ligaria assim que Tommaso chegasse em casa, Enzo dirigiu até o cassino e entramos como sempre fazíamos. Para minha sorte, Raffaele estava gritando com uma das meninas, o que também não era uma coisa boa, mas hoje eu precisava daquela distração. Virei-me para Enzo.

— Você pode, por favor, conversar em particular com Raffaele e fazê-lo entender que eu não gosto dele maltratando nossas garotas? — Enzo parecia bem ansioso para obedecer.

Ele foi direto em cima de Raffaele e o enfiou num dos quartos privados. Leo vinha direto para mim, mas balancei a cabeça e disse a ele que estava ocupada. Ele pareceu confuso, mas não tentou me impedir de entrar no elevador. Quase fui detida pela culpa algumas vezes. Meu encontro secreto com Frank poderia ser interpretado como traição aos olhos de Dante. Depois do presente atencioso desta manhã, a ideia de ir contra ele desse jeito me fez sentir ainda pior. Ele parecia disposto a tentar, e eu estava arriscando tudo por causa de Frank.

Três minutos depois, acelerei o passo para sair do armazém. Olhei em volta nervosa; não só porque estava preocupada de estar sendo seguida, mas também porque era uma área deserta e assustadora. Já estava ficando escuro, o que não ajudava em nada a minha preocupação. Pelo menos, eu estava de sapatilhas para poder correr caso fosse atacada. Ao longe, encostado na parede de outro armazém abandonado, consegui distinguir uma figura alta. Corri até ele, depois, diminuí a velocidade porque não dava para ver muito.

— Frank? — Sussurrei. — É você?

Ele se afastou da parede, parecendo tão nervoso quanto eu.

— Valentina... oi.

Diminuí a distância entre nós dois.

— O que está acontecendo? Por que você continua aparecendo em frente à minha casa? Quer que a Outfit descubra sobre você?

Frank passou a mão pelos cabelos, olhando tudo em volta.

— Claro que não. — Seu nervosismo evidente me deixava nervosa também. — Preciso falar com você.

— Então, fala. Não tenho muito tempo. Você não percebe o risco que estamos correndo conversando aqui e agora?

— Acho perigoso você ter concordado em casar com Dante Cavallaro.

Eu estava desconcertada. Não era isso que eu esperava quando ele disse que queria conversar.

— E o que você tem com isso? Sua ligação com a Outfit morreu com Antonio. — Percebi um pouco tarde demais o quanto fui insensível, mas Frank não pareceu notar. Ele estava ocupado analisando o lugar, principalmente a escuridão que se estendia por ali.

— Dá para parar com isso? — Perguntei impaciente. — Está me deixando nervosa.

— Desculpe. Não estou acostumado a me esconder em becos escuros. Isso é coisa do Antonio.

Será que ele ainda não havia superado a sua morte? Suas palavras me faziam acreditar que não. Devia ser por isso que ele estava aqui. Ele não devia estar conseguindo se desligar da antiga vida e eu era a única conexão que ele tinha.

— A decisão de me casar com Dante não foi minha. Você deveria saber que os casamentos são frequentemente decididos por outras pessoas, por causa de poder ou estratégia.

— Você não o ama.

— Não vou discutir meus sentimentos com você, Frank. O que você quer?

— Você contou ao Cavallaro sobre Antonio e eu?

— Eu contei que Antonio era gay.

— Por que você fez isso? — Perguntou Frank com raiva, dando alguns passos em minha direção, me assustando com seu rompante, mas não o suficiente para eu recuar. Estava acostumada com outros tipos de homem. Frank

não era assim tão assustador.

— Não é da sua conta.

— Mas você prometeu a Antonio que guardaria o seu segredo!

— Eu sei, mas ele está morto, Frank, e estou tentando seguir em frente. Se Antonio ainda estivesse vivo, eu levaria o segredo dele para o túmulo, mas a verdade não pode mais machucá-lo. E Dante não vai mesmo contar a ninguém da Outfit.

— Não vai? — Perguntou Frank com esperança. — E eu? Você não disse o meu nome para ele? — A angústia voltou para seu rosto com toda a força.

— Não. E não vou dizer. Você está seguro, mas para continuar assim, precisa parar de rodear nossa rua. É pura sorte que nenhum dos homens de Dante tenha te notado ainda. E quando isso acontecer, você terá um grande problema. Então, faça um favor a nós dois e suma.

— Não posso — disse Frank baixinho. — Você não sente falta dele? Você não o quer de volta? Você não faria qualquer coisa para tê-lo de volta?

— É melhor mesmo você ir embora. Isso não vai nos levar a lugar nenhum. Prometo que está seguro.

Frank agarrou meu braço, me impedindo de sair dali.

— Valentina...

— Tira as mãos dela — uma voz fria saiu das sombras e soltei um grito. Frank se virou e tentou fugir, mas Enzo estava lá e o puxou numa chave de braço. Dante apareceu ao meu lado e agarrou forte meu braço.

Ele sinalizou com a cabeça em direção à porta do armazém. Enzo arrastou Frank para lá, apesar de ele lutar para se soltar.

Dante me olhou.

— Então é isso que você faz quando não estou por perto? Se encontra com outros homens?

— Não! — Protestei, chocada por ele pensar isso. — Não é o que você está pensando.

— Ele já foi visto rondando a casa duas vezes, Chefe — informou Enzo,

depois grunhiu quando Frank deu uma joelhada na virilha dele.

— Explique — rosnou Dante.

Enzo ainda tentava fazer Frank parar de chutá-lo. Surpreendentemente, Frank estava se mostrando um bom lutador.

— É o Frank — apressei-me em dizer, porque a autopreservação superava o meu desejo de proteger Frank.

Dante afrouxou seu aperto em meu braço.

— O amante de Antonio.

Isso chamou a atenção de Enzo. Ele conheceu Antonio. A Outfit não era dessas tão grandes que os Homens de Honra não se conheciam.

De repente, tiros foram disparados de algum lugar. Enzo gritou e segurou sua arma, acabando por soltar Frank. Mais tiros. Um deles atingiu a parede meio metro acima da minha cabeça. Dante me empurrou para o chão e agachou na minha frente, sacou da arma e disparou na direção de onde os tiros vinham. Enzo puxou a própria pistola, mas sua mão direita estava ruim e era óbvio que ele não estava acostumado a atirar com a esquerda. Frank corria tão rápido quanto suas pernas permitiam, indo para longe de nós em direção à escuridão. Dante apontou a arma para ele. Segurei a mão dele quando puxou o gatilho e a bala atingiu o chão ao invés de Frank.

— Valentina — rosnou Dante, mirando de novo, mas Frank desapareceu no escuro. Dante olhou para Enzo, que pressionava o braço que sangrava, resmungando de forma inaudível.

— Que porra foi essa? — Perguntou Dante, com os olhos flamejantes de raiva enquanto olhava para mim.

— Eu não sei! Pensei que ele estivesse sozinho. Frank nem mesmo conhece alguém que saiba atirar.

— Você deveria ter me deixado atirar nele. Nunca interfira desse jeito novamente.

— Ele é inocente. Não merece morrer.

— Fala sério. Aquele cara preparou uma armadilha e você caiu nela,

merda — resmungou Enzo.

— O que você está querendo dizer? — Perguntei com cuidado. Dante balançou a cabeça. — Você não se perguntou o porquê de ele querer te encontrar? Ele deve ter sido abordado pelos russos e concordou em ajudá-los. Eles adorariam te matar.

— Frank não faria isso.

— Tem certeza? — Não, eu não tinha. — A Bratva pode ser bem convincente. Ou quem sabe eles não ofereceram uma boa quantia em dinheiro? O dinheiro faz da maioria dos santos um pecador.

Enzo pegou o celular. — Chame reforços.

— Vamos — disse Dante, levantando-se e estendendo a mão para mim. Segurei-a e ele me ajudou a levantar.

— Você acredita mesmo que foi uma armadilha? Tive a sensação de que Frank estava se sentindo sozinho e quis conversar com alguém sobre Antonio.

— Alguém atirou na gente — falou Dante simplesmente. Isso não era discutível. E, definitivamente, Frank correu na direção dos atiradores. Aos poucos eu começava a entender por que Dante não confiava em ninguém.

— Sinto muito — falei baixinho, mas Dante olhava em outra direção. Mais alguns de seus homens corriam do cassino até nós. Ele gritou algumas ordens para eles, que se dividiram para procurar pelos nossos atacantes no perímetro.

— Leve Enzo ao nosso médico — ordenou Dante a outro homem, apesar dos protestos de Enzo. Depois se virou para mim. — Vamos para casa agora.

A sua voz furiosa me deu arrepios. Dante me impulsionou para frente com a mão nas minhas costas. Não falou nada enquanto me levava para o carro nem durante o caminho de casa. Continuei olhando para ele, tentando decifrar qual era o tamanho do meu problema.

— Sinto muito mesmo.

Ele me ignorou, mas mexeu um músculo do maxilar. Voltei meu olhar para a janela do passageiro. Dante estacionou o carro na nossa garagem e saiu na hora. Segui-o para dentro de casa. Quase dava para sentir sua raiva queimando

minhas costas caminhando atrás de mim. Entrei no quarto.

— Sinto de verdade — tentei mais uma vez e, então, perdi o fôlego quando Dante bateu a porta e me imprensou contra ela. Eu estava espremida entre seu corpo musculoso e a porta. Assustada e confusa, mas não com medo. Era evidente que Dante cuidava para não me machucar.

— Por que você insiste em me desobedecer, Valentina? — Ele levantou minha saia e, violentamente, encostou minha bunda em sua virilha, roçando em sua ereção, dura como uma pedra. Eu já estava molhada entre as pernas.

— Não sei — respondi, tentando esconder minha excitação.

— Resposta errada.

Dante puxou minha calcinha – eu não estava de meias, usava apenas ligas – para o lado e enfiou dois dedos dentro de mim. Antes que eu tivesse tempo para formular outra resposta, Dante substitui os dedos pelo pau, metendo em mim de uma vez só com força e começou a me foder contra a porta. Eu estava bem segura de que ele sabia que isso estava longe de significar qualquer tipo de castigo para mim.



CAPÍTULO DEZESSETE

Logo percebi que me foder contra a porta não era Dante tentando me punir. O castigo veio dias depois. Dante me tratou com mais frieza ainda do que antes e eu quase nunca o via porque ele estava muito ocupado procurando por Frank e seus comparsas. Ele nem me procurava mais à noite, e mesmo sendo orgulhosa demais para admitir a ele, meu corpo ansiava pelo seu toque outra vez.

Numa tarde, por volta de uma semana depois do meu encontro confuso com Frank, encontrei Rocco Scuderi no *hall* de entrada de nossa casa.

— Que bom te ver, Valentina — cumprimentou-me seguindo para a porta da frente.

Embora surpresa, sorri. Scuderi sempre me tratou com educação e respeito, mas eu não tinha uma relação pessoal com ele como tinha com sua esposa, ou com Aria.

— Preciso te pedir um favor — disse ele.

— Claro. — Não era comum um *Consigliere* se aproximar da esposa de seu chefe para pedir um favor, mas ele também era meu tio, então, talvez isso mudasse as coisas.

— Você sabe que minha filha, Gianna, deve se casar com Matteo Vitiello, mas ela ainda tem um pouco de dúvida sobre o casamento.

Pelo que eu ouvi, dúvida nem começava a explicar o que Gianna sentia em relação ao seu casamento com Matteo, mas concordei mesmo assim.

— E eu pensei... Quem sabe se você conversasse com ela?

Nunca fui muito próxima de Gianna, então, o pedido me pegou de surpresa.

— Não seria melhor se Aria conversasse com Gianna? Afinal, ela é casada com outro Vitiello?

— Gianna não vai ouvir a irmã. Acredito que alguém que não seja um parente tão próximo possa ter mais chance de resolver isso com ela. — Eu era prima de Gianna, mas claro que ele tinha razão.

— Claro que eu posso tentar, mas não posso prometer que ela ouvirá o que eu tenho a dizer.

— Tentar é só o que se pode fazer — falou, parecendo quase conformado.

— Tem alguma coisa em particular que o senhor gostaria que eu falasse?

— Talvez possa dizer a ela que o casamento não significa que ela vai ficar presa numa gaiola dourada. Quero dizer, olhe para você, pode até mesmo trabalhar.

Podia, mas era uma grande exceção. Gianna também sabia disso. E mesmo que Dante começasse a forçar seus homens a deixar suas esposas trabalharem, isso não ajudaria Gianna. Ela viveria em Nova York, sob as regras de Vitiello.

— Farei o possível.

— Obrigado.

— Por que você e sua família não vêm jantar amanhã?

— Ótima ideia. Assim Gianna não vai desconfiar e você pode trazer o assunto à tona casualmente. — Levou um tempo até ele inclinar a cabeça em agradecimento mais uma vez e ir embora.

Fechei a porta e fui para a cozinha. Zita preparava o jantar – pelo que parecia, canelone com recheio de ricota – quando entrei. Gaby passava as camisas de Dante no canto da cozinha, longe o bastante do fogão para não arriscar que o tecido absorvesse o cheiro da comida.

— Zita, convidei os Scuderi para jantar amanhã.

Zita contraiu os lábios.

— Um pouco mais de tempo para me preparar teria sido bom. Preciso ir às compras, pensar num cardápio e, depois, cozinhar tudo.

— Eu sei, mas você não vai cozinhar.

Zita abriu a boca, mas não falou nada. Gaby parou de passar roupa e me encarou também.

— Vou cuidar de tudo. Costumava cozinhar no meu primeiro casamento e quero preparar o jantar para os nossos convidados.

— Tem certeza de que é sensato? Eles esperam certo padrão.

— Não se preocupe. Sei o que estou fazendo.

— E o que a senhora vai preparar? — Perguntou Zita com ceticismo.

Sorri.

— É surpresa. Vou deixar vocês voltarem ao trabalho agora. — Pisquei para Gaby, que estava boquiaberta, e saí da cozinha, indo para o escritório de Dante. Bati à porta.

— Entre.

Entrei de mansinho. Dante estava limpando suas armas, que estavam dispostas em cima de uma toalha na mesa.

— Convidei Rocco Scuderi e família para jantar amanhã à noite. Espero que não se importe.

Ele praticamente nem me olhou. Era visível que ainda estava com raiva de mim.

— Suponho que seja para você poder conversar com Gianna, certo?

— Ele te pediu primeiro, não é?

— Sou seu marido. Rocco queria se certificar de que não tinha problema vir falar com você.

Às vezes, as regras e tradições implícitas me deixavam louca.

— Claro.

— Não se esqueça de falar com Zita e Gaby para que possam preparar

tudo para os nossos convidados. — Ele esfregou uma mancha de graxa no cano da pistola.

— Já fiz isso. Mas eu mesma vou preparar o jantar.

Isso fez com que ele levantasse os olhos cheios de surpresa.

— Você sabe cozinhar?

— Sei. Costumava cozinhar com frequência no meu primeiro casamento — falei, ficando claro que foi a coisa errada de se falar porque a expressão de Dante obscureceu de novo. — Vocês ainda não encontraram Frank?

— Não. Não encontramos. Se tem algum juízo, ele dever ter se escondido.

Concordei, depois fui para a porta. Percebi que a discussão estava acabada para Dante, mas eu odiava como as coisas tinham ficado tensas entre nós. Abri a boca para dizer alguma coisa, qualquer coisa, só que perdi a coragem e saí sem dizer nada.

Eu nem tinha me dado conta de quanto eu sentia falta de cozinhar até estar em frente ao fogão novamente. Zita ficou o tempo todo atrás de mim, olhos de água me observando a cada movimento, mas eu sabia bem o que estava fazendo, já tinha cozinhado cada parte da refeição de hoje inúmeras vezes. *Vitello Tonnato* de entrada, seguida por *saltimbocca* com nhoque caseiro e uma salada verde e, por último, tiramisu. Trabalhando em silêncio ao lado de Gaby e Zita, podia de vez em quando ver uma pontinha de aprovação na expressão da mulher mais velha. Misturei tudo para o molho que acompanhava a carne de vitela para a entrada, depois, me virei para Zita.

— Quer experimentar? Gostaria de saber se está bom.

Eu *sabia* que estava como deveria estar, mas queria mostrar a Zita que valorizava sua opinião. Ela parou de cortar a chicória para a salada e veio até mim, enxugando as mãos no avental. Dei um passo atrás quando ela mergulhou uma colher no molho de atum, acenou devagar antes de levantar os olhos

castanhos para mim.

— Bom.

Ali eu soube que as coisas ficariam bem entre nós. Sorri e dei uma olhada no relógio.

— Preciso me trocar. Não posso receber nossos convidados com roupas sujas.

— Nós cuidamos do resto — assegurou-me Gaby.

— Obrigada — agradei e corri para cima, me sentindo melhor do que antes.

Os Scuderi chegaram quarenta minutos depois. Minha tia Ludovica vinha na frente com seu marido, Rocco, que estava com uma mão no ombro de seu filho de nove anos, Fabiano. Cumprimentei os pais, depois, falei com ele.

— Você cresceu tanto.

Ele chegou perto de mim esticando os ombros ainda mais. Seu pai olhou para ele de um jeito que fez o sorriso sumir de seu rosto. Por que os Homens de Honra tinham que ser tão rigorosos com os filhos meninos? Meu pai sempre me mimou, mas meu irmão nunca ouviu um elogio dele. Apressei para que eles entrassem porque tinha começado a nevar outra vez. Mal conseguia esperar que o inverno acabasse. A escuridão e o frio tornavam ainda mais difícil ser otimista sobre o meu casamento.

— Meninas, cumprimentem a esposa do Capo — ordenou Ludovica.

— Ainda somos primas. Elas não precisam me tratar diferente só porque estou casada com Dante. — Abracei Gianna, que estava linda com seus cabelos ruivos brilhando com flocos de neve perdidos, depois, Lily, a irmã mais nova, que também ficava mais encantadora a cada dia.

Dante aproveitou para se juntar a nós. Ele apertou a mão de Rocco, deu um tapinha no ombro de Fabiano com um de seus sorrisos gentis antes de beijar as

mãos de Ludovica, Gianna e Lily. A última ficou absurdamente corada, ao passo que Gianna parecia querer estar em qualquer outro lugar, menos aqui. Dante foi na frente com Fabiano e Rocco. Fiquei para trás com as mulheres da família seguindo para a mesa da sala de jantar.

Durante o jantar, um assunto não foi mencionado: O casamento de Gianna com Matteo. Sob circunstâncias normais, este deveria ter sido o foco da atenção, visto que faltavam menos de seis meses, mas eu tive a sensação de que os Scuderi estavam desesperados para evitar uma cena. Depois de receber elogios justos pelos primeiros dois pratos, levantei e fui até Gianna, que encarava a mesa com desconfiança.

— Gianna, me ajuda com a sobremesa?

Ela ergueu a cabeça, o receio claro em seu rosto, mas sabia que a etiqueta mandava que concordasse. Levantou da cadeira, lançando um olhar fulminante para a mãe, depois me seguiu porta adentro.

— Mamãe pediu para você colocar juízo em mim, não é? — Resmungou ela enquanto íamos para a cozinha.

— Não, foi o seu pai.

— Uau! Você não deveria ter mentido para mim? É o que a maioria das pessoas faz.

Eu dei de ombros.

— Acho que saber a verdade facilita.

Entramos na cozinha. Zita cortava o tiramisú em quadrados e os arrumava nos pratos, e Gaby os decorava com frutas.

— Assumimos daqui — informei.

Elas pareceram entender. Com uma pequena reverência para Gianna, elas saíram para o quarto dos funcionários. Peguei a espátula e coloquei outro pedaço de tiramisú num prato, depois, fiz um gesto para que Gianna espalhasse framboesas, morangos, fatias de manga e carambola nele.

— Fala, então — disse Gianna.

— Sei que você não quer se casar com Matteo.

Gianna bufou.

— Preferia cortar meus dedos e comê-los.

Olhei para ela.

— Todas as mulheres em nosso mundo se deparam com o mesmo problema que você. Pouquíssimas têm a sorte de escolher o marido. Um casamento arranjado não precisa ser necessariamente uma coisa ruim.

— Por quê? Porque o amor vem com o tempo? — Gianna falou isso de um jeito que supus ser uma imitação da voz da mãe dela.

— Sim, é uma opção.

Gianna olhou para mim.

— Fala sério. Não sou cega. Não me diga que existe amor entre você e Dante. Vocês agem como puta estranhos. — Ela calou a boca rapidamente. — Isso foi grosseiro.

Foi, mas não podia culpá-la por falar o que pensa... e a verdade.

— Não estamos casados há muito tempo.

— Dois meses não deveria ser o bastante para saber se você consegue tolerar alguém ou não? Eu soube depois do meu primeiro encontro com Matteo que eu não gostava daquele idiota arrogante.

Larguei a espátula e encostei na bancada.

— E quanto a Aria e Luca? Ela parece feliz com o casamento arranjado.

— Aria é uma boba. Se fosse eu que tivesse me casado com Luca, um de nós dois já estaria morto a esta altura. E Matteo é tão ruim quanto ele.

— Aria tirou o melhor proveito de uma situação da qual ela não podia escapar. É tudo o que podemos fazer.

— Não é, não. Ela poderia ter escapado, se fosse mais corajosa.

Parei. Ela estava dizendo o que eu achava que ela estava dizendo?

— Ninguém escapa da máfia.

Gianna deu de ombros.

— Talvez ninguém tenha tentado de verdade.

— Ah, bastantes pessoas tentaram, mas no fim seu passado sempre te

alcança.

— Eu sei — admitiu baixinho, depois apontou para os pratos. — Não deveríamos servir a sobremesa agora?

— Sim, tem razão.

Carregamos nossos braços com os pratos e voltamos para a sala de jantar. Os pais de Gianna me olhavam com esperança. Dante olhou para Gianna, depois, para mim. Ele parecia saber o que os Scuderi não sabiam: ninguém enfrentaria Gianna. O que ela disse sobre mim e Dante me incomodou pelo resto do jantar. Aquilo me fez perceber o quanto meu casamento com Dante estava longe de ser o relacionamento o qual desejei.

Naquela noite, eu decidi ajudar Gaby e Zita a lavar a louça, desesperada para me manter ocupada. Já estávamos quase acabando quando Dante entrou, assimilando a cena diante de seus olhos sem nenhuma emoção. Eu estava debruçada com os cotovelos na lava-louças.

— Podem ir para casa — falou para Zita e Gaby, que não precisaram ouvir duas vezes. Elas saíram depressa.

Tirei os braços da lava-louças e peguei o pano de prato que Dante me estendia.

— Obrigada.

— Você cozinha muito bem.

Dei uma olhada nele, me perguntando se ele tinha ido ali para me falar aquilo.

— Fico feliz que tenha gostado do jantar.

Ele assentiu. Soprei uma mecha de cabelo que estava em meu rosto, depois, me alonguei. Dante ficou olhando o meu corpo. Eu me dei conta do quanto estávamos perto um do outro e de quanto tempo havia que não fazíamos sexo. Será que ele tinha mudado de ideia?

— Presumo que a conversa com Gianna não tenha ido bem.

Suspirei.

— Claro que não. Como é possível convencer Gianna de que um

casamento arranjado não a fará infeliz? Sou a última pessoa que ela ouviria.

Dante deu um sorriso curto.

— Tem razão. — Ele deu um passo. — Vou voltar ao trabalho, então.

Não tentei impedi-lo. Talvez algumas semanas atrás eu teria feito uma tentativa de seduzi-lo, mas hoje eu estava sem forças. Despenquei na bancada vendo Dante caminhar para fora da cozinha.



CAPÍTULO DEZOITO

Dei mais uma olhada no relógio. Passava da meia-noite, porém, eu não conseguia dormir. Ansiava pela aproximação de Dante, pelo seu toque. Já tinha passado mais de uma semana desde o jantar com os Scuderi, e duas semanas desde que Frank fugiu e Dante me fodeu. Deus, como eu sentia falta dele.

Desci da cama e saí do quarto, sem nem me incomodar em vestir um roupão. Estava escuro no corredor. Fui tateando para a escada e desci devagar. No final do corredor, por baixo da porta do escritório de Dante, a luz escapava. Bati, e logo entrei sem esperar por uma resposta. Hoje, eu conseguiria o que estava querendo. O tratamento de silêncio acabava agora.

Dante estava sentado em sua cadeira de couro atrás da mesa. Os cabelos estavam despenteados, como se ele tivesse passado a mão neles repetidamente. Tinha jogado o paletó e o colete no sofá, os dois botões de cima da camisa branca estavam desabotoados e as mangas enroladas para cima, mostrando os braços fortes, mas nem se deu ao trabalho de tirar o coldre. Ele estava olhando fixamente para algo no *laptop*, mas ergueu o olhar quando entrei. Parecia cansado.

— Algum problema? — A voz dele estava rouca pela falta de uso, praticamente grunhindo, o que me deixou ainda mais determinada a distraí-lo do trabalho e atraí-lo para o andar de cima. Seus olhos azuis assimilaram minha camisola de seda justa quando fui em direção a ele.

— Eu estava só me perguntando quando você iria para a cama — falei despreocupadamente enquanto ia para a mesa e parava ao lado dele.

Ele se recostou na cadeira, seu olhar alternando entre minhas pernas nuas e meu rosto. Há uns dois meses, eu não teria reconhecido esse olhar, mas agora eu sabia que era de desejo. Talvez ele tenha se fechado emocionalmente, só que meu corpo com certeza chamava sua atenção. Devo tê-lo pegado numa boa hora: cansado demais para continuar fingindo desinteresse.

— Las Vegas entrou em contato. Querem uma reunião.

Assenti, mas eu tinha algo diferente de uma conversa sobre os negócios da máfia em mente. Alcancei seu *laptop* e o fechei.

Dante levantou as sobrancelhas.

— Valentina, eu preciso mesmo...

Ele estremeceu quando eu me inclinei sobre ele e me ajoelhei devagar, passando as mãos pelas suas coxas. Comecei a massageá-las, olhando bem firme para Dante.

— O trabalho não pode esperar?

Os olhos de Dante escureceram pela luxúria. Um volume se formava lentamente em sua calça preta enquanto ele me encarava, e precisei conter um sorriso.

— O que você tem em mente? — perguntou com naturalidade, tentando parecer inalterado. A ereção forçava sua calça, traindo-o.

Agarrei seu membro ereto por cima do tecido.

— Não sei.

Dante sorriu sombriamente.

— Duvido.

Ele colocou a mão no zíper e o abriu, colocando o pau duro para fora. Esfregou algumas vezes, passando o polegar na ponta, que já derramava o pré-sêmen, antes de levar o dedo à minha boca. Lambi os lábios, saboreando o gosto dele em mim, e Dante soltou um suspiro baixo.

— Pare de me provocar, Valentina.

Inclinei-me para frente e lambi seu pau devagar, da base até o topo, depois enfiei a língua na pequena fenda. Dante agarrou minha nuca e me segurou com cuidado enquanto eu passava a língua em volta da cabeça do pau dele várias vezes, praticamente sem tocá-lo.

Ele enroscou os dedos em meus cabelos e me empurrou levemente para frente.

— Chupa o meu pau, Val.

Era a primeira vez que ele me chamava pelo apelido. Cobri a cabeça do pau dele com meus lábios e comecei a chupar, garantindo que minha língua percorresse o diâmetro de vez em quando. Dante massageava minha cabeça me assistindo com os olhos entreabertos.

Escorreguei o pau dele ainda mais fundo e comecei a movimentar minha cabeça para cima e para baixo do jeito que ele gostava. Dante não tirou os olhos de mim. Ele começou a sacudir o quadril e segurou minha cabeça com mais força quando eu o chupei com mais vontade.

— Vou gozar — advertiu.

Fiquei tensa quando o orgasmo tomou conta dele. O pau dele estremeceu, entrando em erupção dentro da minha boca. Tentei engolir enquanto continuava a chupar. Dante gemeu, ainda balançando o quadril, com os olhos entreabertos fixos em mim. Este era o momento em que ele me permitia aquele vislumbre esporádico por trás da sua máscara de proteção.

Senti que ele amolecia dentro da minha boca e abri os lábios para soltá-lo. Uma parte desafiadora em mim queria perguntar se aquilo significava que ele tinha me perdoado pela bagunça com Frank, mas o meu lado racional venceu.

Fechando os olhos, Dante deixou a mão que estava em minha cabeça cair largada. Enxuguei rápido a boca para ele não ver e verifiquei meu decote para garantir que não tinha manchas. Eu mesma estava muito excitada, latejando entre as pernas. Dante se mexeu, atraindo minha atenção de volta para ele. Ele me encarava com uma expressão indecifrável e eu comecei a ficar constrangida. Levantei e Dante fez o mesmo, erguendo-se sobre mim com aquela camisa

branca chique, o coldre e a calça meio aberta. Procurei pelos seus olhos, mas, como de costume, não consegui interpretar.

Ele segurou meu pescoço e colou a boca na minha. Surpresa, fiquei sem ação e sua língua deslizou para dentro. Ele usou o corpo para me levantar até que minhas pernas esbarrassem na beirada da mesa. Agarrou meus quadris e me ergueu para cima da superfície fria, se enfiou entre as minhas pernas, ainda me possuindo com a boca e a língua, deixando minhas pernas dormentes e meu coração martelando em meu peito. Deus, Dante sabia beijar. Queria que ele fizesse isso mais vezes.

Ele segurou meus ombros, parou de me beijar e me abaixou até que eu estivesse deitada na mesa. Fiquei olhando para ele, me forçando a ficar deitada e deixando-o me admirar, quando tudo o que eu queria era arrancar os botões de sua camisa e tê-lo dentro de mim. Dante parecia saber o que eu queria. O sorriso sombrio estava de volta e o requinte calmo deu lugar a algo selvagem e sexy. Mordi o lábio e arreganhei as pernas, fazendo a camisola subir.

Sabia que Dante podia ver o que estava por baixo: nada. Eu não estava de calcinha.

Ele soltou um suspiro pesado, mas ainda sem me tocar e isso estava me levando à beira do desespero. Tentei agarrar sua camisa, mas ele se afastou.

— Não — falou com autoridade. A voz que ele só usava quando dava ordens para seus soldados. Era o som mais sensual do mundo, só que eu estava fervendo de vontade.

— Me toque.

— Ainda estou bravo com você. Sexo não vai mudar isso. Você desobedeceu uma ordem direta minha.

Ele não podia estar falando sério. Se este era outro meio de me punir, eu perderia.

— Vamos ver se aprendeu a lição. Vai me obedecer agora, não vai?

Quase gemi por causa do timbre da voz dele e da expressão em seus olhos.

— Vou — falei depressa.

Ele deu mais um passo para trás com os olhos nos meus.

— Abra mais as pernas.

Nem pensei. O ar do escritório estava frio na minha pele quente, mas não contribuiu para aliviar minha necessidade ardente. Dante desatou o coldre sem pressa, nunca tirando os olhos de mim.

— Se toque.

Arregalei os olhos, mas, mais uma vez, fiz o que ele mandava. Era difícil resistir quando usava aquela voz. Deslizei a mão para baixo no meu corpo e entre as minhas pernas. Parte de mim estava envergonhada. Definitivamente, de acordo com a minha mãe, aquilo não era algo que uma esposa respeitável fizesse. Mas grande parte de mim se divertia com o jeito que os olhos de Dante obscureciam ao assistir meus dedos escorregando por entre as minhas dobras e com o jeito que os lábios deles se abriam. Ele deixou o coldre cair no chão, fazendo barulho. Estava ficando duro de novo enquanto observava meus dedos fazerem pequenos círculos sobre meu clitóris.

— Meta um dedo dentro da boceta.

Tremi de excitação seguindo suas ordens. Enfiei meu indicador dentro do meu centro quente. Um músculo se flexionou no rosto de Dante e, outra vez, seu pau pressionou o tecido que o aprisionava. Dava para notar o quanto ele queria me tocar, me foder, mas Dante não era nada além de controle... de si mesmo e dos outros. Ele veio para o meio das minhas pernas, agarrou meus pulsos e eu deslizei meu dedo para fora do meu canal apertado, esperando que ele fizesse isso para mim a partir de agora.

— Não — grunhiu. — Continue se fodendo com o seu dedo.

Como ele conseguia soar tão perigoso e sexy ao mesmo tempo? Como esse homem frio conseguia dizer essas safadezas com tanta autoridade? Empurrei o dedo de volta para dentro de mim, mesmo com o meu clitóris praticamente gritando por atenção. Dante olhou para baixo e seu maxilar travou. Ele puxou o decote da camisola para baixo, deixando meus seios à mostra. Meus mamilos enrijeceram por causa do frio e do olhar penetrante de Dante. Ele pegou meus

bicos entre os indicadores e os polegares e começou a apertá-los de um lado para o outro. Arqueei as costas, mas não tirei o dedo lá de dentro.

Alcancei a camisa de Dante, e ele beliscou meus mamilos em advertência.

— Não — rosnou.

Movimentei o quadril por causa das sensações que agitavam meu corpo, a dor sensual que eu começava a gostar mais do que jamais pensei ser capaz. Os dedos de Dante enrolavam meus mamilos incansavelmente. Meu centro de prazer estremeceu com a necessidade de gozar.

— Dante, por favor.

Ele me olhou fixamente, depois, soltou um dos meus seios e agarrou meu braço, me impedindo de continuar me tocando. Afastou a minha mão e a colocou ao meu lado na mesa. Empurrou minha camisola para cima para que minha boceta ficasse à sua vista.

— Não goze — alertou.

— O quê? — Engasguei, mas o som se transformou num gemido quando ele enfiou os dois dedos do meio em mim. Meus músculos se fecharam em volta dele, agarrando seus dedos com força. Ele começou a me foder devagar, olhando-me com advertência.

— Valentina, não.

Enterrei as unhas nas palmas das minhas mãos, tentando lutar contra o clímax. Dante empurrou os dedos ainda mais fundo e os manteve lá dentro enquanto seu polegar massageava meu clitóris. Cerrei os dentes e meu corpo começou a se contrair.

— Não goze — disse severamente.

— Dante... — Balancei a cabeça para frente e para trás, certa de que iria explodir a qualquer momento.

Dante curvou os dedos em mim e pressionou forte o meu clitóris.

— Agora — ordenou, e meu alívio irrompeu com força de enlouquecer. Minha bunda levantou da mesa enquanto eu gritava, minhas mãos deslizaram pela superfície lisa da mesa, procurando por algo onde me segurar.

— Isso mesmo — disse Dante olhando para mim.

Travei, me sentindo esgotada e satisfeita. Dante tirou os dedos de mim devagar, enviando outra onda de prazer pelo meu corpo. Ele desafivelou o cinto, a única coisa que mantinha no lugar sua calça aberta, e deixou que ela caísse no chão. O pau dele estava duro, vermelho e reluzente.

— Vire-se. — Deslizei na mesa e minhas pernas vacilaram, fiquei de pé por um segundo antes de virar para o outro lado e me curvar para frente. Fiquei apoiada nos cotovelos e empinei a bunda. Arriscando uma espiada sobre o ombro, vi Dante me olhando. Ele massageou minhas nádegas e depois segurou o pau e o levou até a minha entrada. Com agilidade, se enterrou fundo dentro de mim. Expirei e agarrei a borda da mesa, tentando me manter estável quando Dante começou a bombear em mim. Fiquei sem ar à medida que ele ia metendo mais fundo, fazendo meus mamilos roçarem na mesa fria e lisa.

— Estou perdoada? — Soltei.

Dante grunhiu. Ele se inclinou sobre mim com os dedos procurando meu montinho.

— Eu não deveria te perdoar — rosnou, acentuando cada palavra com uma empurrada violenta. — Mas por alguma razão, não consigo ficar puto com você.

Um sorriso despontou em meus lábios, mas se foi assim que Dante atingiu meu ponto G e me fez partir em mil pedaços sob a força do meu clímax. Dante se contraiu atrás de mim conforme seu próprio alívio o dominava. Minhas pernas estavam a poucos segundos de desabar e meu peito devia ficar dolorido pela fricção na mesa. Dante passou o braço em volta do meu peito, colocando nossos corpos juntos e ainda empurrando em mim enquanto depositava uma trilha de beijos no meu ombro. Ele estremeceu outra vez e lambeu minha orelha. Ficamos assim por um tempo até que Dante se afastou. Fiquei em pé.

— Vai subir comigo? — Perguntei catando minha roupa.

Dante hesitou, mas assentiu. Fui na frente para esconder dele minha cara de euforia. Parecia uma grande vitória.

Depois do banho, fomos para a cama. Eu me aconcheguei em suas costas e

joguei meu braço por cima da barriga dele. Quando estávamos quase dormindo, ele cobriu minha mão com a dele.

Caímos na mesma rotina que tínhamos antes do fiasco de Frank. Dante me fodia à noite, me envolvia em conversas sobre o cassino durante as refeições e, fora isso, me ignorava na maior parte do tempo. Todas as manhãs eu acordava sozinha, independente de quanto tempo Dante tivesse me mantido acordada na noite anterior.

Também foi o caso de quando acordei numa manhã com câimbras. Quando me sentei, uma onda violenta de enjoo matinal me atingiu. Voei para o banheiro e vomitei o pouco que tinha no estômago, puxando o ar e me sentindo tonta. Aos poucos, uma desconfiança se depositou em meu cérebro. Minha menstruação estava atrasada há pelo menos uma semana. Entretanto, meus ciclos sempre foram instáveis, então, eu não dava muita atenção.

Será que eu estava grávida? Levantei-me devagar e caminhei até a pia para lavar o rosto e a boca. Seria a explicação lógica. Dante e eu temos transado há meses sem proteção. Assim que me certifiquei que minha tontura havia passado, tomei um banho e vesti uma calça casual e um pulôver, preendi os cabelos num rabo de cavalo e desci. Tinha que descobrir se estava grávida.

Chamei Taft e disse a ele que precisava ir a uma farmácia. Enzo ainda estava com o braço engessado, então, ele não podia ser meu motorista por enquanto. Taft não me perguntou por que, e eu agradeci por isso. Não queria que ninguém suspeitasse de nada ainda. Precisava ter certeza antes de contar a qualquer um. Taft esperou no carro enquanto eu entrei na farmácia e comprei dois testes de gravidez. De volta ao carro, com minha compra escondida em segurança na bolsa, virei-me para Taft.

— Leve-me à casa de Bibiana, por favor. — Desde que comecei a trabalhar no cassino, tinha menos tempo para ela, mas isso era algo que eu

gostaria de dividir com a minha amiga.

Enviei uma mensagem de texto para ela para que soubesse da minha visita e não a surpreendesse com o marido numa hora ruim outra vez. Por sorte, Tommaso não estava em casa quando cheguei. Não havia nenhum hematoma visível em seu corpo, e eu esperava que fosse porque Tommaso a estava tratando melhor e não porque ele se assegurava de escondê-las melhor desde que Bibiana passou a noite na minha casa.

— Tudo bem? — Perguntei em tom de cumprimento.

Bibi assentiu. — Tommaso tem estado de bom humor ultimamente. — Ela me levou para a sala de estar. — Estou tão feliz em te ver de novo. Você não tem que trabalhar?

— Acho que não vou hoje. Vou ligar para o Leo mais tarde para avisá-lo.

— Aconteceu alguma coisa?

Tirei os testes de gravidez da bolsa.

Bibi arregalou os olhos.

— Você está grávida?

— Não sei. Por isso trouxe isso. Quero que esteja comigo quando eu descobrir.

— Uau. Dante não desconfia?

Neguei.

— Quero ter certeza antes de contar a ele.

— Entendi. Ele vai ficar desapontado se contar e não for nada disso. — Ela pegou um dos testes. — Então... Quer fazer agora?

Assenti. Estava nervosa. Bibi me levou até o banheiro de visita. Entrei sozinha, nunca tive o dom de fazer xixi com mais alguém ali dentro comigo. Quando acabei, coloquei os dois testes na bancada da pia e abri a porta. Bibi me envolveu pela cintura e ficamos encarando os testes.

— Acho que está na hora — indicou ela depois de uns minutos.

— Certo. — Peguei os testes e respirei fundo, olhando para os dois. Ambos com resultado positivo. — Estou grávida.

Bibi me abraçou apertado.

— Isso é maravilhoso! Estou tão feliz por você. Dante ficará tão orgulhoso quando souber. Ele espera por filhos há tanto tempo e você finalmente vai dar a ele. Vai contar hoje?

Fiquei pensando.

— Acho que é melhor confirmar com a minha ginecologista. Como você disse, devo ter certeza absoluta antes de contar a ele. — E outro motivo era que eu precisava de algum tempo para me acostumar à ideia. Sempre quis filhos, e Dante e eu nunca nos protegemos, mas agora que eu sabia que um bebê chegaria em menos de um ano, fiquei um pouco nervosa.

— Não conseguiria manter segredo. Principalmente porque Tommaso é louco para que eu engravide.

— Talvez nós duas fiquemos grávidas juntas. Seria ótimo.

Ela sorriu.

— Calma, ligue para sua médica.

— Vou ligar — falei rindo. Ela parecia mais eufórica que eu.

Como de costume, marquei uma consulta para o dia seguinte. Minha ginecologista era associada à Outfit, então, eu nunca precisava esperar muito.

Naquela noite, quando Dante se sentou para jantarmos juntos, eu estava com a notícia na ponta da língua. Ainda me sentia enjoada e não comi mais do que algumas garfadas da deliciosa lasanha de Zita. Minha taça de vinho permaneceu intocada e só consegui beber alguns goles d'água. Dante me olhou sobre a sua taça de vinho.

— Você está bem? Quase não tocou na comida.

— Não me sinto bem. Acho que estou com uma intoxicação alimentar.

Dante contraiu as sobrancelhas.

— Quer que eu peça a Zita para preparar um chá e uma canja para você?

Não pude evitar um sorriso.

— Obrigada, mas acho que vou mais cedo para cama. — Levantei e precisei segurar a borda da mesa porque fui invadida por uma onda de tontura. Imediatamente, Dante apareceu ao meu lado.

— Quer que eu ligue para o médico?

Neguei com a cabeça, e logo me arrependi do movimento.

— Não. Vou me sentir melhor quando deitar.

Dante não saiu do meu lado e me levou para o andar de cima com a mão em minha cintura.

Troquei de roupa, vestindo o pijama. Dante ficou me observando. Depois, me enfiei debaixo das cobertas.

— Quer que eu fique aí com você?

Hesitei. — Acredito que não esteja me sentindo tão bem para fazer sexo.

Dante olhou para a cama.

— Não foi o que eu quis dizer, Valentina. Não sou tão filho da puta assim.

— Só pensei... — parei de falar. — Normalmente você só se aproxima de mim quando quer transar.

Dante soltou o ar pesadamente, depois, balançou a cabeça.

— Você quer que eu te faça companhia até que durma?

Não queria parecer carente, mas queria que ele ficasse comigo. O bebê dele crescia em meu ventre, e se a minha ginecologista confirmasse o resultado dos testes, eu contaria a ele.

— Não quero te tirar do trabalho.

Dante recostou no apoio de cabeça com as pernas penduradas para fora do colchão, assim seus sapatos não tocavam o lençol. Cheguei mais perto dele e apoiei a cabeça em sua barriga. Quando ele começou a massagear meu couro cabeludo, meus olhos foram fechando. Quem sabe um bebê nos aproximasse? Isso tinha funcionado para alguns casais na Outfit.

No dia seguinte, minha ginecologista confirmou a gravidez e disse que estava de sete semanas.

Mal consegui conter minha animação e nervosismo quando cheguei à casa mais tarde. Dante não estava no escritório. Liguei para Bibi e peguei umas fatias de torrada pura da cozinha antes de me esticar no sofá, esperando que, assim, a torrada parasse no meu estômago. Minha ginecologista disse que meu enjoo poderia durar por várias semanas, mas eu esperava mesmo que estivesse entre as sortudas que sofriam de enjoo matinal por pouco tempo.

Fui acordada pelo barulho da porta sendo escancarada e sentei desorientada. Levei um tempo para me dar conta de que tinha adormecido na sala de estar. Ouvi passos pesados passando pela porta da sala de estar e recuando para os fundos da entrada. Levantei e, depois de ajeitar a roupa e os cabelos, fui até o escritório de Dante. A porta estava fechada como sempre. Bati e entrei.

Dante estava sentado atrás da mesa, seu rosto tinha uma expressão enérgica. Encostei no batente da porta, ele levantou o olhar, mas não disse nada.

— O que aconteceu? Os russos arrumaram problema com vocês? — Não mencionei Frank, porque não queria lembrá-lo da minha confusão.

Dante se encostou na cadeira e balançou a cabeça.

— Não, dessa vez o problema não são os russos — respondeu friamente.
— Nosso próprio pessoal assumiu esse papel.

Fiquei confusa.

— Como assim? Um de nossos homens o traiu?

— Parece que não haverá um casamento.

— Está falando de Gianna e Matteo? Por quê? Eles brigaram mais uma vez?

— Uma briga não teria impedido Matteo de fazer da menina Scuderi sua esposa. Ele está obcecado por ela. Não, a menina fugiu.

Entre na sala e fui até a beira da mesa, atordoada com a notícia.

— Gianna fugiu de casa? Mas como ela conseguiu escapar dos guarda-costas? — Duvidava que Scuderi a teria deixado sem supervisão por sequer um segundo. Ela era instável demais para isso.

— Tive uma reunião com Rocco, mas ainda não sei de todos os detalhes.

— Nova York não vai ficar feliz com isso. Você acredita que isso pode fazer estourar uma guerra entre eles e a gente de novo?

Dante deu um sorriso sarcástico.

— Duvido. Gianna fugiu quando estava visitando Aria, irmã dela, então, a culpa é tanto dos Vitiello quanto nossa.

— A culpa é deles, então. Como pode ser nossa se ela estava no território deles?

— As pessoas vão dizer que Scuderi não criou as meninas direito. Algumas vão começar a se perguntar como um *Consigliere* pode controlar seus soldados se nem é capaz de controlar a própria filha. Outras podem até dizer que aceitar conselhos de alguém que deixa a filha andar solta por aí vai refletir mal em mim.

— Isso é ridículo. Gianna sempre foi impetuosa. Suas irmãs se comportam perfeitamente, ou seja, ninguém pode culpar Scuderi nem você. — Lembrei-me do que Gianna disse sobre fugir quando conversei com ela. Será que eu deveria ter levado aquilo mais a sério? Pensei que ela estivesse apenas desabafando.

— Não tenho tanta certeza disso. E quem garante que Aria não ajudou a irmã a fugir?

Arregalei os olhos.

— Mas Gianna deveria se casar com o cunhado de Aria. Ela teria traído o próprio marido se tivesse ajudado a irmã a fugir.

Dante concordou, o mesmo sorriso frio de sempre em seu rosto.

— As coisas ficarão bem desagradáveis.

Afaguei minha barriga distraidamente.

— O que você vai fazer? Matteo já cancelou o casamento?

— Ah, não. Matteo não tem intenção nenhuma de cancelar o casamento.

Ele está determinado a encontrar Gianna. Ele já começou a procurá-la. — Suspirou. — Scuderi vai mandar dois soldados dele com Matteo. Os três conseguirão localizá-la. Eles são profissionais e ela, uma garota protegida que não conhece nada do mundo real.

Senti uma nova onda de enjoo subindo, mas resisti.

— Não subestime Gianna. Se existe alguém que pode fazer isso, é ela.

— Talvez. Mas ela também é cabeça quente, e isso vai acabar por levá-la a cometer erros.

Respirei fundo quando meu estômago se agitou outra vez. Dante ficou me olhando.

— Você está pálida. Ainda não está se sentindo bem? Acho melhor você ver o médico.

— Não, eu... — não cheguei a terminar a frase porque outra onda de enjoo me invadiu.

Saí correndo do escritório para o banheiro de visitas. Não conseguiria chegar ao banheiro principal no segundo andar. Quando me debrucei no vaso sanitário, despejei o pouco que tinha comido de manhã. A bile queimava a minha garganta. Fechei os olhos por um tempo e agarrei o vaso. Não ajudou com a tontura, na verdade, acho que fez piorar. Abri os olhos quando ouvi passos atrás de mim e os sapatos *Budapest* pretos de Dante apareceram na minha visão periférica. Dei descarga depressa e levantei cambaleante. Dante agarrou meu braço para me apoiar porque eu estava instável.

— Valentina? — Sua voz transmitia confusão.

Limpei a boca na pia e lavei o rosto. Dava para sentir os olhos de Dante em cima de mim o tempo todo. Encarei-o, sorrindo trêmula.

— Estou bem.

Dante não pareceu convencido disso. Ele me seguiu para o corredor, subindo as escadas para o nosso quarto. Queria trocar a blusa, só conseguia pensar que ela cheirava a vômito. Eu sabia que Dante estava desconfiado, mas não queria contar a ele sobre nosso bebê no momento em que estava de tão mau

humor por causa de Gianna. Preferia manter esse segredo por um pouco mais de tempo.

Dante tocou minha cintura.

— Você sabe que odeio quando fica de segredos. Não faça disso um hábito.

Olhei em seus olhos e coloquei a mão na barriga. Dante seguiu o movimento e seu corpo se retesou.

— Estou grávida — falei calmamente, acho.

Não sabia qual a minha expectativa. Sabia que Dante não fazia o tipo exageradamente emotivo, mas esperava por pelo menos alguma fagulha de alegria. Porém, só havia desconfiança em seu rosto. Ele se afastou com o olhar duro e calculista.

— Grávida?

— Sim. Nunca usamos proteção, então, não sei por que está parecendo tão espantado. Um herdeiro não era um dos motivos para você ter se casado comigo?

— Era o motivo pelo qual meu pai quis que eu me casasse de novo.

— Quer dizer que você não quer filhos?

A boca de Dante formou uma linha fina.

— É meu?

Desta vez eu cambaleei para longe dele, chocada e magoada. Não conseguia nem falar nada. Ele tinha mesmo perguntado o que eu acho que perguntou? Eu estava à beira de um colapso emocional.

— Responda a minha pergunta — ordenou Dante com a voz baixa.

— Claro que o filho é seu. Você foi o único homem com quem dormi na vida. Como pode sequer perguntar isso? Como se *atreve*?

— Não mantenho controle de tudo o que você faz, e existem muitos homens que frequentam o cassino onde você trabalha que não diria “não” por uma noite com você. Você criou o hábito de manter as coisas alheias a mim. Preciso te lembrar de Frank?

Não conseguia acreditar no que ouvia. Eu não queria acreditar nisso. Lágrimas de decepção e raiva queimavam meus olhos. Estar grávida não tinha exatamente ajudado meu temperamento nem meu controle emocional.

— Como você pode sequer dizer algo assim? Nunca te dei motivo algum para duvidar de mim desse jeito. Sou leal a este casamento. Existe uma diferença entre não te contar sobre Frank e te trair.

Dante ainda não parecia convencido.

— Minha primeira mulher e eu tentamos engravidar durante anos. Nunca conseguimos. Você e eu estamos casados há menos de quatro meses e você já está grávida.

— Não sei por que você está agindo como se fosse impossível. E se sua primeira mulher fosse estéril, seria uma explicação. Vocês nunca consultaram um especialista? Ou você pensou que o estéril fosse você?

— Nunca fomos a um especialista para descobrir por que não conseguíamos engravidar. Não que isso seja da sua conta. Não vou discutir meu primeiro casamento com você.

Eu sabia por que ele nunca consultou um especialista. Orgulho idiota dos Homens de Honra. Preferem viver na ignorância a arriscar saber que são inférteis.

— Só lamento. Vamos falar sobre isso agora. Eu sei por que você não quis descobrir. Não quis saber da verdade porque estava preocupado que, se a culpa por sua esposa não engravidar fosse sua, te fizesse menos homem. Mas agora nós sabemos que a culpa não era sua. Carla que era estéril. — Eu me retraí por dentro ao falar. Não tinha a intenção de insultar uma mulher morta.

Dante balançou a cabeça.

— Eu disse que não queria falar sobre Carla.

— Por que não? Porque ainda a ama? Porque não consegue seguir em frente? — Ele enrijeceu. — Sinto muito por tê-la perdido, mas eu sou sua esposa agora. — De repente tudo que havia reprimido veio à tona.

Percebi que Dante estava à beira de perder o controle, e eu queria que ele

perdesse. Estava tão farta daquela calma refinada, daquela lógica fria.

— Estou cansada de você me tratando como uma piranha. Você me ignora durante o dia e me procura à noite para transar. E agora, me acusa de te trair? Às vezes acho que me magoa de propósito para me manter na rédea curta. Quando você vai seguir em frente de uma vez por todas? Sua esposa morreu há quatro anos, já está na hora de parar de sentir pena de si mesmo e perceber que a vida continua. Quando vai parar de se agarrar à lembrança de uma mulher morta e perceber que existe alguém em sua vida que quer estar com você?

Dante parou na minha frente sem aviso com os olhos brilhando de fúria e tristeza.

— Não fale dela.

Levantei a cabeça.

— Ela está morta e não vai voltar, Dante.

Ele cerrou as mãos ao lado do corpo.

— Pare de falar nela. — Havia advertência em sua voz.

— Senão o quê? — Falei, mesmo que a raiva nos olhos de Dante me enviassem arrepios de medo na espinha. — Está com vontade de me bater? Vá em frente. Não pode ser pior que a facada nas costas que me deu me acusando de carregar o filho de outro homem.

Não era exatamente verdade. Se ele levantasse a mão para mim, este casamento estaria acabado de uma vez por todas. Eu sabia que algumas mulheres em nosso meio aceitavam abuso físico, muitas não tinham escolha a não ser aceitar, Bibiana era uma delas, mas eu jurei a mim mesma que nunca me curvaria a um homem desse jeito. Lágrimas idiotas fizeram minha visão embaçar, mas as impedi de caírem. Não podia chorar na frente de Dante.

— Você está tão ocupado honrando a memória e protegendo a imagem que tem dela na mente que não percebe o quanto me trata mal. A perda da sua primeira esposa não foi culpa sua, mas você está me perdendo porque não consegue deixá-la.

Dante me encarava completamente paralisado. Era impossível de ler a

infinidade de emoções em seus olhos, e eu estava cansada demais para me importar. Passei por ele e nem tentou me impedir, não se mexeu de modo algum.

— Vou me mudar para o quarto de hóspedes. Não tem espaço suficiente em nosso quarto para mim e as lembranças de seu passado. Se algum dia você decidir que quer dar uma chance a este casamento, então, venha a mim e se desculpe pelo que disse. Até lá, não quero mais saber de nós dois.

Corri para a escada. Dante não me seguiu. Os quartos de hóspedes estavam sempre prontos para receber visitas. Entrei no primeiro, contente quando fechei a porta. Mergulhei na cama. Talvez eu tenha selado o destino do meu casamento hoje, mas não podia voltar a como as coisas estavam, preferi cortar pela raiz. Claro que não poderia me divorciar de Dante e ele nunca permitiria isso, não que eu quisesse, mas poderíamos levar vidas completamente separadas mesmo ainda sendo casados, muitos casais em nosso mundo faziam isso. Passaríamos os dias como antes, dormindo em camas separadas e bancaríamos o casal em público. Teríamos que criar nossos filhos juntos, mas a maioria dos homens não dava muita atenção a esses assuntos de qualquer forma. Por fim, Dante começaria a frequentar o Clube Palermo ou encontraria uma amante como muitos Homens de Honra faziam, e eu gastaria toda a minha energia em cuidar das crianças. Muitas mulheres passavam por coisa pior, e, mesmo assim, a noção que acabei de ter sobre o meu futuro me deixou mal, mas eu não podia fingir que Dante não tinha me dito aquelas coisas horríveis.

Eu já não podia fazer mais nada. Dante teria que decidir se queria viver no passado ou seguir em frente para um futuro comigo.



CAPÍTULO DEZENOVE

Dante não se desculpou. Não no dia seguinte à nossa briga e não pelas semanas seguintes. Acho que não deveria estar surpresa com isso. Fui para a consulta de dez semanas na ginecologista com Bibi. Nem contei a Dante sobre isso. Se ele pretendia ignorar o fato de que eu estava grávida, o problema era dele.

Uma semana depois da consulta, Ines, a irmã de Dante, e Pietro, o marido dela, vieram nos visitar. Eu tinha visto Ines apenas duas vezes desde o casamento quando ela deu à luz seu terceiro filho há quatro semanas. Já que eu estava muito cansada na maior parte do tempo, Zita fez o jantar.

— Posso segurá-la? — Perguntei quando Ines ergueu a filha da cadeirinha do carro.

Ela olhou para mim, depois, me entregou o bebê, que tinha bolhinhas de saliva nos lábios e era mais adorável do que poderia descrever. Os gêmeos brigavam ao fundo, mas eu não conseguia tirar meus olhos da menina fofinha em meus braços. Levei-a para a sala de estar, balbuciando com ela. Quando levantei o olhar, Dante me observava com algo parecido a afeto nos olhos. Baixei os olhos na hora. Mais tarde depois do jantar, Ines e eu fomos para a biblioteca conversar enquanto os homens e os gêmeos ficaram na sala de estar. Ines começou a amamentar a filha, então, me olhou fixamente como se soubesse.

— Você está grávida, não está?

— Como você sabe? Ainda não contamos a ninguém. — Não que eu não

quisesse, mas a decisão de levar a público era de Dante.

— Você não tocou no vinho durante o jantar e fica o tempo todo colocando a mão na barriga.

Corei.

— Não fazia ideia de que estava tão evidente.

— Provavelmente não para um homem. Ainda não está aparecendo.

— Por favor, não conte aos seus pais. Acho que Dante não quer que ninguém saiba.

Ines trocou a filha de lado porque ela estava muito inquieta para se segurar direito.

— Por que não?

É estranho pensar que seria eu nesta situação em menos de um ano. Dei de ombros.

— Vocês estão com problemas? Ele não está feliz com a gravidez?

— Acho que ele precisa de tempo para se acostumar com a ideia.

— Ele fez alguma coisa idiota, não fez? É meu irmão. Sei o quanto pode ser cabeça-dura.

— Cabeça-dura nem começa a descrevê-lo. Ele alguma vez já se desculpou com você quando fez algo de errado?

Ines riu.

— Não. Às vezes, acho que ele não consegue nem dizer as palavras certas. Na maioria das vezes, ele tenta ignorar o problema até que eu desista e não espere mais um pedido de desculpas dele.

Aquilo soava familiar.

— Daqui a uma semana é o aniversário de morte de Carla.

— Ah... — expirmi, congelando. Havia me esquecido completamente disso.

— Só achei que você deveria saber. Dante sempre fica especialmente mal-humorado nesse dia. Talvez seja melhor evitá-lo.

Isso não seria um problema.

Meu enjoo matinal finalmente tinha parado e eu me sentia fisicamente perfeita. Quando saí do quarto de hóspedes no dia primeiro de junho, o dia da morte de Carla, esperava que Dante estivesse ou fora de casa ou escondido em seu escritório. Parei assustada quando vi entreaberta a porta do quarto onde ele mantinha as coisas antigas de Carla. Dava para ouvir sons de coisas sendo reviradas. Será que ele estava lá dentro olhando para aquelas fotos antigas dos dois juntos? Lembrei-me do que Ines disse. Que eu deveria deixar Dante sozinho, só que já tinha mais do que cinco semanas que eu saí do nosso quarto. Sentia saudades dos nossos momentos de intimidade. No entanto, o orgulho me impedia de dar um passo sequer. A porta abriu e Dante estava parado no batente, carregando uma caixa de papelão. Sorri me desculpando.

— Desculpe. Não tive a intenção... — parei de falar porque não sabia ao certo o que dizer.

Meus olhos perceberam a caixa de papelão.

— O que está fazendo?

— Tirando essas caixas de dentro de casa.

— Todas elas?

Ele assentiu. — Enzo e Taft vão desmontar os móveis daqui a pouco e se desfazerem deles.

Engoli em seco. — Por quê?

— Podemos arrumar uma utilidade melhor para o quarto. Daria um bom quarto de bebê.

Um nó crescia em minha garganta.

— É verdade. Mas não temos móveis para o bebê ainda.

Dante limpou a garganta. — Você pode ir às compras nas próximas semanas.

— Sozinha?

— Posso ir com você.

Assenti. — Se é o que você quer.

Ele não disse nada. Por que não podia facilitar para nós dois? Achava que eu iria cair de joelhos de alívio? Ele nem se desculpou. Era a primeira vez que reconhecia que iríamos ser pais, e apenas indiretamente, nem admitiu que era o pai do meu filho.

— Precisa de ajuda para carregar as caixas? — Fiz um sinal em direção às caixas empilhadas atrás dele no quarto.

— Não, você não deve carregar nada pesado.

— A gravidez não está tão avançada. — Silêncio novamente e uma expressão que eu não conseguia decifrar. Virei-me, pronta para descer as escadas e ir tomar o café da manhã.

— Quero que você volte para o nosso quarto, Val.

Parei. Era um pedido, mas mais parecia uma ordem. Ele não pediu desculpas. Apesar de tudo, me ouvi dizendo:

— Tudo bem.

Naquela noite, eu voltei para o nosso quarto e quando as mãos de Dante começaram a alisar minhas costas e minha bunda, e ele sussurrou “Eu quero você”, assenti e relaxei sob seu toque.

Alguns dias depois, quando saí da casa de Bibi, Enzo me levou à farmácia para comprar algo para meus enjoos, que haviam reaparecido há uns dois dias. Como sempre, ele ficou no carro para me dar privacidade. Bibi também tinha me pedido para levar um teste de gravidez porque ela suspeitava que estivesse grávida, mas não queria que Tommaso descobrisse; ele ficaria mais furioso se a suspeita dela não se confirmasse. Aquele homem não a merecia. Vaguei pelo corredor dos testes de gravidez.

— Val — sussurrou alguém. Virei devagar, reconhecendo aquela voz de

algum lugar.

Paralisei em choque quando olhei para o rosto do meu primeiro marido. Seus cabelos estavam na altura dos ombros e bem mais claros do que costumavam ser. Ele usava óculos de que provavelmente não precisava e tinha ganhado alguns quilos, estava praticamente irreconhecível, principalmente pelo jeito que se vestia. Como um estudante que saíra da cama sem pensar muito no que vestir. Era um bom disfarce.

— Antonio? — Perguntei tremendo, sentindo que iria desmaiar.

Não conseguia acreditar que ele estava mesmo na minha frente, vivo e inteiro. Como isso era possível? Seu corpo tinha sido encontrado, um corpo gravemente queimado e sem cabeça.

— Shh — manifestou ele depressa. — Não fale tão alto.

Antonio se aproximou e me deu um abraço apertado. A princípio, fiquei dura como uma tábua, mas depois me rendi ao abraço.

— Precisamos nos apressar. Vi seu guarda-costas no carro lá fora. Não quero que ele suspeite de alguma coisa e entre aqui.

Meus olhos encheram de lágrimas, recuei, delineando com o olhar as linhas familiares de seu rosto.

— Você está vivo.

Ele sorriu. Estava um pouco diferente.

— Estou.

— Frank sabe?

— Sabe, foi por isso que ele quis se encontrar com você. Eu mandei.

— Por que ele não me contou?

— Porque eu queria que ele descobrisse primeiro sobre sua lealdade.

Minha lealdade? Será que Antonio estava preocupado que eu contasse a Dante sobre ele? Eu franzi a testa.

— Certo... Por que alguém tentou me matar quando me encontrei com ele? Antonio riu.

— Eu não tentei te matar. Mirei uns centímetros acima da sua cabeça.

Tinha que ajudar Frank. Dante o teria matado se eu não tivesse feito nada.

Eu ainda não gostava de que ele tivesse mirado em qualquer parte perto de mim. As balas atingiram a parede a menos de meio metro acima da minha cabeça.

— Quer dizer que você estava lá o tempo todo e não me contou?

— Dante e o guarda-costas apareceram quando eu estava prestes a me revelar. Ele estragou tudo.

— E como você conseguiu me seguir até aqui sem que Enzo percebesse nada?

— Eu já fui um deles. Poderia enganar aquele cara a qualquer hora.

Minha cabeça latejava. Afastei-me um pouco dele.

— Chorei no seu túmulo! Fiquei de luto por você durante meses.

— Eu sei — afirmou. — Mas eu não podia te contar sobre meu plano.

— Por que não? Você contou para Frank sem problema algum.

Ele me olhou suplicante.

— Não queria envolvê-la nisso. Teria sido perigoso demais.

— De quem era o corpo que encontraram? Sua faca preferida estava com ele.

— Era só um sem-teto qualquer — respondeu com desprezo.

— Você o matou e fez parecer que os russos tinham te matado?

Antonio assentiu com um olhar orgulhoso.

— Eu o decepei para que ninguém tentasse me identificar pelos dentes.

Encarei. — A Outfit quis vingança depois de te encontrarem! Eles atacaram os russos e mataram vários deles.

— Os russos merecem a morte. O mundo é melhor sem eles.

O mundo seria muito melhor sem muitas das pessoas que eu conhecia.

— Não acredito que você não me contou. Casei com você para te ajudar e você não confiou em mim o suficiente para me envolver em seu plano. Você ao menos considerou que talvez eu também quisesse sair dessa vida?

— Eu confiava em você. Ainda confio, Val. Tem poucas pessoas em quem

confio mais, mas não podia te envolver nisso. E como eu teria te levado comigo? Pareceria suspeito se nós também forjássemos a sua morte.

Não conseguia entender como teria sido mais suspeito. Poderíamos ter encenado uma cena de crime em nossa casa e queimado dois corpos. Mas eu não teria querido que um inocente morresse para que eu seguisse Antonio. Não era como se eu amasse Antonio igual ao começo do casamento.

— E seja franca, você deixaria mesmo essa vida para trás?

Neguei com um gesto de cabeça. Era a única vida que eu conhecia. Eu nem saberia agir numa sociedade normal. Analisei seu rosto.

— Então... por que você está aqui? Se você queria deixar essa vida para trás, encontrar-se comigo não é muito inteligente. Por que você ainda está em Chicago? Não deveria estar em algum lugar do Caribe ou na América do Sul aproveitando sua liberdade recém descoberta da máfia?

— Soube de seu casamento com Dante Cavallaro.

Ri zombando.

— Não foi por isso que você voltou. Por que você sairia do esconderijo para isso? Estava seguro.

Antonio desviou o olhar. Dava para ver que ele relutava para me responder.

— Eu tentei. Frank e eu tentamos uma vida diferente, normal. Tinha dinheiro o suficiente para viver confortavelmente no México por um tempo, e depois, o plano era arrumar emprego, viver como as pessoas normais vivem.

— E?

— Eu não consegui, Val. Tentei trabalhar, mas era um trabalho degradante como se eu não fosse nada, trabalhar por migalhas, viver sem dinheiro. Fiquei entediado. Tentei durante um tempo por Frank, mas ele percebeu que eu estava infeliz, então, decidimos voltar a Chicago.

— Mas por quê? — Perguntei. — Você não pode ir entrando no escritório de Dante e contar que está vivo. Você quebrou o juramento ao deixar a Outfit. Você os traiu. Não vão te receber de braços abertos.

Antonio concordou sorrindo.

— Eu sei. Você não acha que eu sei disso?

Então, me dei conta de algo.

— Você quer que eu fale com Dante para te perdoar? Você quer que eu invente alguma mentira louca para salvar a sua vida? — Não tinha certeza se tinha alguma coisa que eu pudesse fazer ou falar que impedisse Dante de colocar uma bala na cabeça de Antonio. Ele tinha quebrado a regra número um da máfia. Não se podia simplesmente deixar a Organização, era para a vida toda.

Antonio segurou meus ombros implorando.

— Se eu pudesse, desfaria o que fiz. Não teria te deixado para trás como uma viúva. Você sabe que eu te amo, Val. Não sabe?

Expirei devagar.

— Eu sei, Antonio. Você me disse mais de uma vez que me amava como a uma irmã.

Antonio se aproximou ainda mais.

— Talvez eu pudesse ter te amado mais que isso. Talvez se tentássemos outra vez poderíamos ser mais do que um casal de mentira.

— O que está dizendo?

— Quero voltar para a minha antiga vida, para você. Quero tentar de verdade dessa vez.

Eu estava mais confusa do que nunca.

— Antonio, você tem Frank. E quanto a ele? Você é gay.

Antonio evitava meus olhos.

— Eu sei. Mas você pode ser a exceção. Frank não se importaria se eu agisse como um marido de verdade. Ele não se importa de dividir.

Pisquei, à beira de um ataque de risos.

— Você quer... um triângulo amoroso? — Não sabia direito de que outra forma chamar isso. Era ridículo demais até para considerar.

Antonio sorriu do jeito mais cativante. Aquele sorriso que trazia lembranças de volta da nossa juventude juntos, aquele sorriso que me manipulou

inúmeras vezes antes.

— Estou casada com Dante agora. Você nem é mais meu marido. Foi declarado morto.

— Mas você não pode ser casada com Dante se eu não estou morto, porque nosso casamento ainda é válido.

— Você tem noção de que Dante pode se recusar a concordar com a sua proposta insana, certo? — Repliquei. Isso era surreal. Talvez essa conversa não estivesse acontecendo. Quem sabe eu não estava dormindo e sonhando.

— Sim. Ele não permitiria isso e me mataria se descobrisse que estou vivo. É por isso que preciso da sua ajuda.

Fui tomada pelo temor que me atingiu como um peso mortal.

— Que tipo de ajuda?

— Eu sei que você não queria se casar com Dante. Ele sempre foi um canalha insensível. Você não vai ser feliz com ele.

— Antonio — implorei. — Fala logo.

— Quando decidi voltar a Chicago, contatei alguns dos meus antigos amigos que não são muito fãs do jeito que os Cavallaro dirigem a Outfit, principalmente Dante e as novas regras. Falei com eles que fingi minha morte porque estava cansado de servir as regras dos Cavallaro. Eles me receberam de braços abertos, querem mudanças tanto quanto eu. Dante não será Capo por muito mais tempo. É o momento perfeito para forçar uma mudança.

Engoli em seco, preocupada para onde isto ia dar.

— Quem são esses amigos?

Antonio balançou a cabeça.

— Não posso te dizer, mas eles querem o melhor para a Outfit. Assim que estiverem no poder, posso voltar em segurança e fazer parte da Organização de novo.

— Você contou a eles que é gay?

— Ainda não, mas uma hora eu conto.

— Eles não aceitarão.

— Deixe que eu me preocupe com isso quando a hora chegar. O que importa é que vou ter a oportunidade de morar em Chicago novamente, de voltar para você.

— O que você quer que eu faça? — Perguntei com cuidado.

— É muito arriscado atacar Dante em público. Não queremos uma guerra declarada. Assim que Dante estiver fora do caminho, tudo ficará em seu devido lugar. Será fácil eliminar o velho Fiore Cavallaro quando seu filho estiver morto. Mas precisamos de você para o nosso plano funcionar. — Antonio tirou do bolso uma pequena ampola, verificou o corredor, mas éramos os únicos clientes, exceto por uma velha senhora no balcão conversando com o farmacêutico. Ele estendeu a ampola para mim. — Você é a única em quem confio o bastante para pedir e que tem acesso direto a Dante.

— O que é isso? — Sussurrei, embora eu soubesse.

— É veneno, Val. Você só precisa colocar na bebida de Dante sem ninguém ver e estaremos livres dele.

Afastei-me do abraço de Antonio. Meu estômago revirava.

— Você quer que eu mate meu marido?

— Eu sou o seu marido, Val — Antonio segurou a minha mão e me puxou para perto dele, implorando. — Ele te ama como eu? Ele ao menos se importa com você? Nós nos conhecemos a vida inteira.

Não conseguia respirar. Procurei um sinal de que ele estava brincando em seus olhos, mas não encontrei nenhum. Ele estendeu a ampola.

— Pegue.

Peguei a ampola, encarei o líquido incolor dentro dela.

— Ele nem vai perceber. Não tem gosto nem cheiro, não se preocupe.

Eu ainda não havia guardado a ampola, parecia não conseguir mexer nenhum músculo.

— Faz efeito rápido. É um relaxante muscular e provoca parada cardiorrespiratória. Uma morte mais rápida do que ele merece.

— Você quer mesmo que eu mate alguém? — Minha voz quase não tinha

tom nenhum. — Se algo sair errado e eu for descoberta, eles vão me matar. Ou, mais precisamente, Dante mesmo provavelmente me mataria depois de tamanha traição.

— Você é esperta demais para ser pega, Val. E quando ele estiver morto, assumiremos o poder na mesma hora. Você estará sob minha proteção. Tudo vai ficar bem. Antonio se abaixou e pousou um selinho de leve em meus lábios. Eu estava atordoada demais para recuar. Coloquei a ampola devagar dentro da bolsa.

— É melhor você fazer isso esta noite. O quanto antes agirmos, melhor. Não quero arriscar ficar em Chicago desse jeito por muito mais tempo.

— Frank sabe sobre tudo isso? — Eu tinha que perguntar, precisava saber. Lutei contra as lágrimas que teimavam em chegar aos meus olhos.

— Sabe. Na verdade, a ideia foi dele. Ele acha mais seguro do que arriscar um tiroteio. Dante é muito bom de tiro, e o desgraçado nunca baixa a guarda, exceto quando está em casa.

Antonio sorriu largamente para mim. Era um jeito de alcançar seu objetivo... Mais uma vez. Antes, ele usou meus sentimentos me atraindo para um casamento falso e, agora, ele queria me manipular para matar meu marido. Talvez eu devesse ter tentado conversar com ele para convencê-lo a desistir, mas assim que eu tentasse, ele ficaria desconfiado, se esconderia de novo e atacaria Dante em outro momento. Era arriscado demais.

— Eu me sentiria mais confortável mesmo se soubesse os nomes de seus amigos. Eu confio em você, mas e eles?

— Eu confio neles.

Olhei para ele com súplica.

Antonio afastou uma mecha de cabelo do meu rosto. O gesto era tão delicado e amoroso que me fez engasgar de emoção. Antonio deve ter percebido porque ele concordou.

— Posso te dar um nome, mas os outros permanecerão em segredo até que as coisas tenham se ajeitado.

— Certo.

— Raffaele, você o conhece do cassino, não é?

Ah, eu conhecia Raffaele. E ele seria a última pessoa na Outfit que aceitaria a homossexualidade de Antonio.

— Conheço.

Eu estava prestes a explodir em lágrimas. Fingi olhar para o relógio a fim de esconder isso de Antonio. Quando me assegurei de estar no controle das minhas emoções, levantei o rosto.

— Então, você fará esta noite? — Antonio perguntou quase ansioso. — Por mim, *por nós*?

Dei um tapinha na bolsa onde estava escondida a ampola, depois, levantei a mão e coloquei no rosto de Antonio.

— Eu te amei desde os quatorze anos. Fiquei tão feliz quando nos casamos.

Antonio sorriu, seus olhos transbordavam satisfação.

— Eu sei, Val. Eu deveria ter sido um marido melhor para você.

Sim, deveria.

— Mas as coisas logo vão mudar. E, dessa vez, tudo será melhor.

Assenti. *Não, não será.* Recuei.

— Preciso voltar para o carro antes que Enzo desconfie.

— Meu número está aqui. Ligue assim que estiver feito, certo? — Ele enfiou um pedaço de papel no meu bolso.

Assenti mais uma vez.

— Diga adeus a Dante por mim — disse Antonio dando uma piscadinha.

Ele ainda era tão confiante no poder que um dia teve sobre mim, mas eu não era mais aquela menina inocente e devota que costumava ser.

Virei-me e caminhei devagar para fora da farmácia, voltando ao carro.

Adeus.



CAPÍTULO VINTE

Eu virava a ampola nas mãos sem parar. A esta altura, as lágrimas já tinham secado e meu rosto estava quente e pegajoso de tanto chorar, mas tomei uma decisão. Só havia uma coisa que eu podia fazer. Ouvi os passos de Dante no corredor e guardei a ampola depressa no bolso. A porta abriu e Dante entrou, logo parou com um olhar surpreso no rosto quando me viu parada em frente à janela.

— Valentina, o que está fazendo aqui? — Seus olhos percorreram meu rosto choroso. — Aconteceu alguma coisa? Você está bem?

— Precisamos conversar.

Dante fechou a porta devagar, cada movimento proposital e calculado. Ele sabia que tinha algo no ar. Eu não tinha visto o meu rosto para saber se ele tinha entregado tudo, não apenas pelos meus olhos inchados. Nunca tremi tanto na minha vida quanto hoje. Ele se aproximou com cuidado, depois, parou a uma distância fora do meu alcance. Procurei por algo em sua expressão, algum tipo de gentileza, mas só havia atenção. Este era o homem que me acusou de traí-lo, que rejeitou nosso bebê ainda não nascido porque pensou que não era dele, um homem que nunca me deixou aproximar. Será que ele me amaria algum dia? Será que eu encontraria neste casamento o que eu desejava desesperadamente?

A análise fria de Dante era completamente diferente da ternura e dos sorrisos fáceis de Antonio. Antonio prometeu me dar o que eu queria, ser o marido que eu merecia. Três anos atrás eu daria tudo para ouvir aquelas palavras

dele, até mesmo teria colocado veneno no copo de alguém que quisesse Antonio morto. Mas, de alguma forma, nos últimos meses do meu casamento com Dante, algo mudou. Meu coração seguiu de um homem inatingível para outro. Apesar de tudo o que Dante havia dito e feito, ele era meu marido e eu passei a amá-lo, independente de quão estúpida isso fizesse de mim. Ele era o pai do meu filho, mesmo que não acreditasse nisso.

— Valentina? — Uma pontada de impaciência crepitava na voz de Dante.

— Vi Antonio hoje.

Dante ficou confuso.

— Você foi visitar o túmulo dele?

— Não — falei em tom histérico. — Eu o vi pessoalmente. Ele não está morto.

Dante travou. Dava para ver que ele não sabia se deveria acreditar em mim. Provavelmente pensou que eu estava enlouquecendo.

— O que você está querendo dizer?

Lágrimas caíram.

— O que eu disse. Ele não está morto.

O rosto de Dante endureceu, mas ele continuou em silêncio.

— Foi por isso que Frank entrou em contato comigo. Antonio estava lá na noite do armazém. Ele atirou na gente para proteger Frank. Não eram os russos.

— Por que você foi encontrar com ele sem me contar depois de ele já ter tentado te matar uma vez?

— Eu não fui! Ele me seguiu até a farmácia hoje.

A desconfiança fazia sombra no rosto de Dante.

— Por que você não chamou Enzo? Onde ele estava? — Ele não parecia um marido falando, ele parecia meu Chefe e eu, um de seus soldados.

— Eu não sei. Estava em choque. Pensava que Antonio estava morto e, de repente, estava olhando para ele. Queria ouvir o que ele tinha a dizer. Ele me contou que forjou a própria morte para escapar da Outfit e viver com Frank.

— E agora ele está de volta. Ele quer o meu perdão? Não perdoo ninguém.

Espero que ele não esteja contando que eu o receba calorosamente. A única coisa que posso dar a ele é uma morte rápida.

Envolvi meu corpo com os braços.

— Ele não quer te pedir perdão.

Dante ficou me olhando.

— Ele te quer morto. Ele e alguns outros querem você e seu pai fora para tomarem o poder.

Dante cerrou o maxilar.

— Eles farão isso agora? E como pretendem fazer?

— Antonio me pediu para te envenenar.

Dante cravou os olhos em mim.

— Por que ele achou que você concordaria?

— Porque ele está certo de que eu ainda o amo. Porque ele confia em mim. Porque provavelmente está óbvio para todo mundo o quanto eu estou infeliz. — Coloquei a mão inconscientemente na minha barriga ainda bem lisa. Havia somente uma leve protuberância visível quando eu ficava nua.

Dante acompanhou o movimento com os olhos e um pouco da dureza em seu olhar diminuiu.

— E o que respondeu a ele?

Emiti um som irritado.

— Eu estaria te contando sobre tudo isso se quisesse te matar? Já era ruim o bastante você me acusar de te trair e não acreditar em mim quando eu contei que estava grávida de um filho seu, embora você fosse o único homem com quem já estive. Mas isso? Pensar que eu concordei em te matar é demais, até para mim.

Dante caminhou até mim e tocou meus braços de leve.

— Não perguntei o que você decidiu. Não pensei que me mataria. Perguntei o que falou para Antonio. Há uma diferença.

— Fingi concordar com o plano dele. Fiquei preocupada que ele encontrasse outro jeito de te matar.

— Provavelmente. E aposto que teria tentado te matar também.

Respirei fundo.

— Antonio nunca me machucaria.

— Tem certeza? Pelo que sei, ele é um homem que passa por cima de tudo para conseguir o que quer.

— Não sei. Não sei de mais nada.

Dante continuava com as mãos em meus braços.

— Ele te contou quem mais está envolvido?

Acenei com a cabeça concordando apaticamente.

— Ele mencionou Raffaele, mas não quis me dizer os outros nomes.

— Certo — disse Dante sem exaltação. — Tem algum jeito de entrar em contato com ele?

— Você vai matá-lo.

— Vou matar todos eles, Valentina. Eu tenho que matar.

Encarei seus olhos azuis determinados. Sem hesitação, sem pena, sem misericórdia.

— Tenho o número do telefone dele.

— Você vai mandar uma mensagem dizendo que me deu o veneno e agora está em pânico porque não sabe o que fazer com o meu corpo. Peça que ele te encontre no armazém de novo.

Uma lágrima correu pela minha bochecha. Dante a secou com o polegar.

— Sabe o que é estranho? — sussurrei. — Em algum momento, eu achei que nunca amaria alguém como amei Antonio, independente do quanto esse amor não fosse correspondido. E hoje, eu o estou condenando à morte por outro homem que nunca retribuirá o meu amor.

Os dedos de Dante congelaram no meu rosto. Ele piscou e uma partezinha de mim esperava que ele me dissesse que me amava também. Isso teria facilitado as coisas. Ele limpou a garganta.

— É melhor não demorarmos muito. Talvez ele se dê conta de que foi burrice entrar em contato com você e vai decidir voltar a se esconder.

Precisamos chegar a ele antes disso.

Afastei-me de seu toque e assenti. Peguei meu celular na bolsa, meus dedos roçaram na ampola com o veneno, deveria contar a Dante sobre isso. Tirei o celular e abri a caixa de mensagens. Digitei depressa o que Dante me disse e enviei. Em seguida, fiquei olhando a tela ansiosa. Menos de um minuto depois, a resposta chegou.

Encontre-me em 30 minutos. Traga o corpo. Vou cuidar de tudo.

— Como eu poderia levar seu corpo para o meu carro?

— Acho que arrastando daria certo — disse Dante friamente.

Eu ri e engasguei.

— E agora? Você vai precisar de reforços.

Dante balançou a cabeça.

— Não sei em quem confiar neste momento. Não até falar com Antonio.

Eu sabia que ele não iria simplesmente conversar com Antonio e pensar nisso me fez sentir como se tivesse sido esfaqueada no coração.

— Mas, e se Antonio não estiver sozinho? Não é muito arriscado você ir sozinho? Quem sabe não seja melhor chamar um dos seguranças? Eles têm acesso a esta casa. Se te quisessem morto, provavelmente já teriam descoberto um jeito de te matar.

— Prefiro ter uma ideia da situação antes de envolver outra pessoa. É crucial que eu não pareça vulnerável diante dos meus homens. Preciso estar no controle o tempo todo. Lidarei com isto sozinho. Quando souber de mais, chamo meus soldados, eles precisarão mesmo ver o que faço com traidores.

Engoli em seco. — Pode matar Antonio rápido? Você pode conseguir a informação que quer com Raffaele.

— Raffaele pode desconfiar e sumir, ou ele pode não saber de tudo o que Antonio sabe. Tenho que me certificar de descobrir exatamente quem está envolvido nisso.

Toquei seu braço.

— E se você levar um tiro?

— Posso lidar com isso sozinho. Lutei muitas batalhas na vida. Caso contrário, não seria Capo.

— É melhor eu ir com você.

— Não — proibiu Dante imediatamente.

— E se Antonio não aparecer até que me veja no meu carro? Se eles tiverem binóculos te verão atrás do volante. Irão fugir e nunca saberemos quem estava por trás do golpe.

Dante me encarou com respeito.

— Eu não arriscaria a sua vida.

— Eu não vou sair do carro. É blindado, lembra? Estarei perfeitamente segura.

— Você quer estar lá quando eu cuidar de Antonio?

Hesitei. Era a última coisa que eu queria.

— Não — Fui honesta. — Mas não há outro jeito. Assim que a situação estiver sob controle e você chamar seus homens, eu vou embora.

Por um longo momento ficamos nos olhando.

— Você não deveria arriscar sua vida por mim. E não é apenas a sua vida que está em jogo.

— Nada vai acontecer comigo ou com o bebê. Sei que nos protegerá.

Dante não disse nada. Desejei que ele tivesse dito que acreditava que o bebê era dele, desejei que ele retirasse o que disse que me magoou tanto.

— Então, vamos.

Dante se escondeu no banco de trás do carro enquanto eu dirigia. Quando passamos pelo portão, Enzo me olhou estranho, mas não tentou me parar. Dante estava com duas armas presas no coldre e outra na mão. Também havia facas nas pernas e eu tinha uma arma no porta-luvas. Não que isso fosse me fazer algum bem. Nunca manejei uma arma na vida.

Meu pulso acelerou enquanto eu dirigia o carro em direção ao estacionamento deserto em frente ao depósito abandonado.

— Estamos quase chegando — informei.

— Quando estiver às vistas de Antonio, não tente falar comigo a não ser que seja absolutamente necessário. Ele não pode saber que você não está sozinha.

Avistei o ponto de encontro. Antonio estava parado ao lado de seu carro. Pelo que consegui distinguir, Frank não estava com ele, mas ele não estava sozinho. Meu coração acelerou, minhas mãos suavam e eu segurava o volante mais apertado. Havia um segundo carro. Raffaele e dois homens que eu não conhecia estavam dentro dele.

— Antonio não está sozinho — sussurrei sem mexer muito os lábios.

— Quantos são?

— Mais três. Raffaele e dois homens que não estou reconhecendo.

Dante pegou o celular e levou ao ouvido.

— Enzo, prepare a equipe. Preciso me livrar de alguns ratos. Traga apenas o pessoal mais próximo com você. — Ele passou o endereço a Enzo rapidamente e desligou.

Diminuí a velocidade do carro e forcei um sorriso trêmulo quando parei a uns centímetros de onde Antonio estava. Ele parecia ansioso e ficava olhando para Raffaele que saiu do carro, seguido pelo homem do banco de trás. Por que Antonio traria Raffaele para um encontro comigo? Raffaele me odiava. Ele preferia me ver morta a me ver ao lado de Antonio.

E se Dante estivesse certo e Antonio queria se livrar de mim também? Eu não queria acreditar nisso. Desliguei o motor. Depois de olhar mais uma vez em direção a Raffaele, Antonio veio até meu carro. Fiquei tensa, mas me obriguei a não entregar nada com a minha expressão. Quando ele já estava quase perto, olhou para o banco traseiro e parou. Seu olhar correu para mim por um breve instante antes de seus lábios abrirem, provavelmente para gritar em alerta. Era tarde demais, Dante abriu a porta e apontou a arma para Antonio. Meu estômago encolheu de tristeza e culpa quando a primeira bala atingiu a barriga de Antonio, a segunda foi direto para a sua mão direita, que estava prestes a sacar a arma. Antonio caiu no chão, pressionando o meio de seu corpo, seu rosto contraído de

dor.

Agarrei o volante com toda a minha força. Parte do meu cérebro gritava para que pegasse a arma do porta-luvas por precaução, mas a outra parte, a que gritava ainda mais, apenas gritava. Gritava de angústia, pavor e culpa.

Dante estava protegido pela porta blindada do carro quando disparou o tiro seguinte. A bala rasgou a garganta do homem que saiu do carro junto com Raffaele.

Raffaele tentava alcançar seu carro em segurança, disparando bala atrás de bala em nossa direção, mas nenhuma delas conseguiu atravessar nossas janelas protegidas.

Quando Raffaele mergulhou no assento do carona de seu carro, Dante saiu de trás da porta que o protegia. Meu coração bateu loucamente no meu peito quando ele ergueu os ombros e mirou calmamente. Rapidamente, Dante puxou o gatilho, atingindo Raffaele, primeiro na mão esquerda, depois, no joelho direito. Raffaele caiu no chão com o rosto se contorcendo de agonia. O homem atrás do volante ligou o carro, sem nem se importar em fechar a porta do carona, tentando escapar e salvar a própria vida. Três outros carros, o reforço de Dante, já estavam vindo em nossa direção numa velocidade atordoante, mas Dante não deixou o carro inimigo ir embora. Ele mirou nos pneus e os atingiu um depois do outro, fazendo o homem perder o controle do carro, que começou a rodar e, por fim, colidiu com o armazém abandonado. Os *airbags* abriram, preenchendo o carro e escondendo momentaneamente o motorista.

Soltei um suspiro pesado, agora que o silêncio caiu sobre o lugar, mantive os olhos focados em frente. Se eu olhasse para trás, onde Antonio sangrava lentamente até a morte, eu me descontrolaria. Ele não deveria ter me procurado, não deveria ter me pedido para matar Dante. Ele deveria saber... Agora não havia nada que eu pudesse fazer por ele, a não ser esperar que Dante não prolongasse sua agonia por muito tempo. Lágrimas embaçaram minha visão e os nós dos meus dedos ficaram brancos e doloridos por causa da força com que eu segurava o volante. Pelo canto do olho, consegui distinguir Raffaele. Com a perna inútil,

ele se arrastava para frente com os braços, deixando um rastro de sangue no asfalto empoeirado.

Os carros com o reforço de Dante pararam perto de mim. Enzo me lançou um olhar breve antes de correr para Dante. Não sabia o que estavam dizendo, mas Enzo caminhou em direção a Raffaele, pegou-o pela nuca e o colocou na posição vertical. Claro que as pernas de Raffaele cederam mais uma vez, e Enzo começou a arrastá-lo apesar dos gritos de dor. Com ajuda de Taft, eles enfiaram Raffaele no carro ao lado do meu.

Dante apareceu na minha janela. Não consegui me mexer nem para abri-la. Meus dedos, meu corpo, todo o meu ser pareciam paralisados. Logo depois, Dante abriu a porta e se agachou ao meu lado. Era um gesto tão incomum dele que fiquei olhando em seu rosto.

— Valentina — disse Dante com cuidado. — Você tem condições de dirigir para casa ou quer que um dos meus homens faça isso?

Eu quero você. Eu preciso de você mais do que nunca.

— Não, estou bem. Posso dirigir.

Dante me analisou. Os cabelos dele ainda estavam perfeitamente penteados para trás, seu terno impecável como sempre. Nada indicava que ele tinha acabado de matar um homem e ferido outros três.

— Vou mandar Taft com você — disse com firmeza. — Vou demorar um pouco para voltar para casa.

Ele não precisou falar mais nada. Eu não queria ouvir mais nada. Simplesmente concordei com um aceno de cabeça. Dante levantou e acenou para Taft, que deslizou para o banco do carona sem dizer nada. Ele me olhou estranho. Eu devia estar parecendo estar à beira de um ataque de nervos. E era exatamente assim que eu me sentia.

Dante hesitou antes de fechar a minha porta e se afastou um pouco do carro. Como se estivesse em transe, pisei no acelerador. Não olhei para trás, não conseguiria. Eu tinha dado meu adeus a Antonio naquela tarde. Não, na verdade eu disse adeus a ele há muito tempo.

Taft continuava me olhando. Eu estava dirigindo devagar demais, mas ele não falou nada. Tinha um nó na garganta e me sentia enjoada, mas não o enjoo que fazia parte da gravidez. Era algo que parecia se apossar do meu corpo inteiro, mas eu lutei contra ele. Precisava manter as aparências. Dante era um homem forte e orgulhoso, e eu era a esposa dele, não iria vomitar na frente de um de seus homens.

Não tenho certeza de quanto tempo levei para chegar à mansão, mas pareceu uma eternidade. Quando eu finalmente estacionei o carro na garagem, estava à beira de um ataque de nervos. Abri a porta e saí. Enquanto ia para a porta de casa, minhas pernas cederam. Mãos fortes me seguraram por baixo dos braços e me impediram de atingir o chão duro. Movida por pura determinação, obriguei minhas pernas a pararem de tremer.

— Você está bem? — Perguntou Taft. — Devo chamar o Chefe?

— Não — respondi rapidamente. — Ele tem que cuidar dos negócios. De Antonio.

Uma nova onda de enjoo me invadiu. Dei um passo à frente, saindo das mãos de Taft, com a cabeça erguida e as costas eretas. Quase sem respirar, entrei na casa e, agarrando o corrimão bem forte, me arrastei pelos degraus escada acima. Cambaleei para dentro do quarto principal e direto para o banheiro onde esvaziei meu estômago dentro do vaso sanitário. Meu abdômen contraía dolorosamente e por um segundo eu congelei de medo, mas a sensação foi embora.

Levantei e comecei a me despir devagar, deixando as roupas espalhadas pelo chão. Liguei o chuveiro e entrei debaixo da ducha de água quente, fechando os olhos e finalmente deixando os soluços dominarem meu corpo. Abaixei ali e fui escorregando devagar até sentar no chão de mármore gelado. Encolhi as pernas contra meu peito e chorei. Chorei por Antonio, pelo garoto com quem cresci, pelo homem que amei, por alguém por quem eu já havia traído a Outfit. Mas hoje tomei uma decisão e foi contra Antonio. Eu sabia o que teria significado para ele, sabia que assinaria sua sentença de morte no instante em

que contasse a Dante sobre o plano. E mesmo assim não hesitei, escolhi Dante e escolheria outra vez. Ele era meu marido, o pai do meu filho que ainda ia nascer, o homem que eu amava mesmo que ele nunca me desse motivos para isso. Enterrei o rosto nas pernas, sofrendo, sofrendo tanto que não suportei. Havia sangue em minhas mãos agora. Chorei ainda mais forte.

Foi assim que Dante me encontrou. Eu não tinha noção de quanto tempo havia passado, por quanto tempo ele ficou fora. Eu tremia, minha pele estava enrugada e vermelha por causa da água quente. Dante ficou parado no batente da porta por um instante, me observando, antes de ir até o chuveiro. Ele não usava as mesmas roupas de quando o vi pela última vez. Tinha se trocado. Tinha que se trocar. Minha garganta fechou. Levantei a cabeça para olhar para ele, tremendo e chorando silenciosamente. Ele entrou no box completamente vestido e desligou o chuveiro. Aqueles frios olhos azuis pousaram em mim, encolhida no chão. Havia preocupação e empatia, consumidas por algo bruto e sombrio em sua expressão. Não me mexi, não conseguia.

Ele se abaixou, deslizou os braços sob mim e se levantou devagar comigo recostada em seu peito, ensopando sua camisa cara. Cravei meus dedos em seus ombros quase que desesperadamente. Ele me abaixou com cuidado, mas sem me soltar. Não sei se conseguiria ficar em pé sozinha. Ele pegou uma toalha e começou a me enxugar sem pressa, com os olhos seguindo as mãos à medida que esfregavam o tecido felpudo sobre a minha pele. Deitei o rosto no vão do seu pescoço, aspirando seu cheiro familiar, agora misturado com pólvora e sangue. Sangue. Doce e metálico. Sangue, tanto sangue.

— Ah, Deus — tossi, e tossi, e tossi, mas não conseguia respirar.

Dante me levantou nos braços outra vez e me carregou para o quarto onde me colocou na cama, tirou os sapatos e deitou ao meu lado, acariciando meu rosto até meu olhar perdido se acomodar em seus olhos intensos.

— Shh, Val. Está tudo bem.

Mas não estava, não podia estar.

— Eu o matei. — Fechei os olhos bem apertados lutando contra as imagens que a minha mente criava, mas elas ficavam ainda mais coloridas na tela negra das minhas pálpebras fechadas. — Eu o matei — repetia sem parar, até que não tinha mais certeza se as palavras ainda deixavam meus lábios ou se eram um eco nos meus ouvidos.

— Val — disse Dante com firmeza, pressionando os dedos em meu rosto. — Olhe para mim.

Abri os olhos, encarando o lindo rosto do meu marido. Lindamente frio. Sem nenhum sinal de arrependimento.

— Você fez o que era certo.

Fiz? Às vezes era difícil enxergar a linha entre o certo e o errado de todas as mortes e sangue espalhados pelo caminho da máfia.

— Você fez o que tinha que fazer para me proteger. — Ele acariciava meu queixo. — Nunca vou me esquecer. Nunca.

— Eu disse que podia confiar em mim — sussurrei.

— Eu sei, e confio.

Queria acreditar nele, mas ele ainda não havia dito nada sobre nosso filho, ainda não havia admitido que era dele, que errou ao me acusar de traição. Orgulhoso demais, cabeça-dura demais. Ele devia saber que estava errado o tempo todo, porque se achasse mesmo que eu o traí, teria movido céus e terras para encontrar o homem que me tocou. Não queria pensar nisso, mas à medida que minha mente se esquivava de um assunto doloroso, se apegava ao próximo.

— Você conseguiu os nomes dos outros traidores?

Dante assentiu sorrindo. — Consegui. Estou bem certo. Enzo e alguns outros estão cuidando dos ratos menos importantes neste exato momento.

— O que... O que fez com Antonio? — Eu sabia que não deveria perguntar. Não deixaria nada melhor, apenas colocaria mais lenha na fogueira da minha culpa.

Dante balançou a cabeça.

— Ele está morto, Val.

— Eu sei, mas o que você fez com ele?

— Se te serve de consolo, concentrei quase toda a minha atenção em Raffaele. Antonio teve uma morte mais rápida do que qualquer outro traidor.

Meus olhos encheram de lágrimas.

— Obrigada. — Em que tipo de mundo distorcido nós vivemos que eu agradeço meu marido por matar meu primeiro marido rápido, por torturá-lo o mínimo possível? Um mundo de sangue e morte. Um mundo onde nosso filho nascerá e crescerá, e talvez algum dia, se for menino, ele seguirá os passos de Dante e matará e torturará outros homens para se manter no poder. Um círculo interminável de sangue e morte.

Dante me olhou nos olhos.

— Val, estou ficando preocupado com você.

Levantei a cabeça e pressionei meus lábios pegajosos pelas lágrimas nos de Dante. Ele não se afastou, apenas me observou desconfiado. Recuei alguns centímetros, agarrando seus cabelos, implorando com o olhar.

— Por favor — pedi baixinho. — Faça amor comigo. Só hoje. Eu sei que você não me ama. Finja, só por esta noite, me envolva em seus braços pelo menos uma vez.

A palavra certa para descrever a expressão no olhar de Dante não era conturbado, mas foi a única em que consegui pensar.

— Por Deus, Val...

Ele soltou um suspiro pesado, depois, pressionou os lábios nos meus, abrindo-os e me saboreando, saboreando minhas lágrimas, meu sofrimento, e, de algum modo, levando um pouco disso tudo embora a cada beijo leve. Ele passou a mão pela minha clavícula, meu braço, o lado do meu corpo, meu quadril, como o toque de uma brisa, quase inexistente e, mesmo assim, era a única coisa da qual eu estava ciente. Ele se sentou e desabotoou a camisa depressa, jogando-a descuidadamente no chão e logo seu peito nu estava contra o meu, tão quente e

forte. Pousou beijos suaves na minha cabeça, na testa e na bochecha, antes de encontrar meus lábios mais uma vez para um beijo de tirar o fôlego. Sua mão descobriu meu seio como se fosse pela primeira vez, as pontas dos dedos depositando toques leves como uma pluma na minha pele, me reivindicando sem a possessividade intensa de sempre. Gemi em sua boca enquanto seus dedos passeavam por todo o meu corpo, escorregando por entre as minhas pernas. Ele as abriu e explorou minhas dobras levemente, gentil e sem pressa. Choraminguei de leve, mas Dante me calou com outro beijo antes de roçar em meu pescoço e clavícula, quando seus lábios finalmente chegaram perto do meu mamilo, eu já estava ofegante. Dante enfiou um, depois dois dedos em mim e, então, saiu da cama e ficou em pé, se livrou rápido do resto das roupas, e já foi para a cama, gloriosamente nu e duro, se encaixou no meio das minhas pernas e se abaixou, se apoiando nos cotovelos, moldando nossos corpos juntos como se fôssemos um só. Ele não entrou em mim. Em vez disso, acariciou minha perna e a fez subir até que ela estivesse sobre ele. Sua ereção pressionava a parte interna da minha coxa, mas Dante não parecia estar com pressa. Ele me beijava, seus olhos sombrios e atentos me observavam. Acariciou levemente meu seio, me fazendo sofrer querendo que ele finalmente me tomasse.

Ele deve ter visto a necessidade em meu rosto, porque colocou a mão entre nós dois e posicionou sua ereção bem na minha entrada. Seu desejo não foi reivindicado em um movimento único, duro e rápido, como costumava ser. Foi uma conquista lenta e minhas paredes se renderam a ele como sempre. Fiquei sem ar quando meteu tudo dentro de mim. Dante segurava a minha cabeça por trás, seus antebraços fixos em cada lado do meu rosto e, então, ele começou a se movimentar dentro. O tempo pareceu parar quando nossos corpos deslizaram um contra o outro. Seria isso fazer amor?

Envolvi meus braços em volta de Dante, tentando trazê-lo mais para perto, ele não resistiu, aproximou seu rosto do meu, beijou meus lábios, depois as bochechas até que sua boca fosse parar na minha orelha.

— Eu deveria ter feito amor com você antes — admitiu baixinho.

E chorei em resposta. Não sabia se isso fazia parte do fingimento, e não liguei. Neste momento, era real e era só o que me importava. Quando Dante estremeceu ao gozar, ele me segurou e, mesmo tendo começado a amolecer dentro de mim logo em seguida, não se afastou.

Ele ficou deitado em cima de mim, ainda enterrado, respirando no meu rosto. Eu sabia que muitas mulheres em nosso mundo preferiam uma mentira bonita a uma verdade dura em qualquer dia, e pela primeira vez, eu entendia. Depois de tudo o que aconteceu hoje, me permiti essa fraqueza. Amanhã, eu encararia a realidade.



CAPÍTULO VINTE E UM

Quando saí de casa antes do café da manhã no dia seguinte, Dante não estava lá. Eu não esperava que estivesse, ele também não estava deitado ao meu lado quando acordei. Ontem, eu o havia forçado a me deixar chegar mais perto do que ele se sentia confortável, agora, ele se afastaria até que fôssemos meramente civilizados outra vez. Acenei para Taft e ele se aproximou na hora.

— Preciso que me leve na casa de Bibiana — falei enquanto caminhávamos para a garagem. Ele pegou as chaves, entramos no carro e logo estávamos saindo. O tempo era crucial. — Depressa — acrescentei quando saíamos de casa. Taft não perguntou por quê.

Assim que estacionamos em frente à casa de Bibiana, saí do carro e fui correndo para a porta de entrada. Toquei a campainha. Sabia que Tommaso ainda estava em casa porque não havia um segurança sentado dentro de um carro na rua. Esperava que fosse assim.

Ouvi Tommaso gritando furioso e, depois, passos rápidos; Bibiana abriu a porta, ainda de roupão. Ela arregalou os olhos confusa quando me viu.

— Val? Tommaso me contou o que aconteceu ontem. Você está bem? — Havia um hematoma em forma de mão no rosto dela, o que tornou minha decisão mais fácil.

Puxei-a para mim em um abraço e enfiei a ampola com o veneno na mão dela.

— Ninguém sabe que eu tenho isso. É veneno, Bibi. Se você quer mesmo

ser livre, coloque isso no café hoje. Amanhã será tarde demais. Hoje ainda podemos culpar os traidores. Ninguém fará perguntas. — Me endireitei sorrindo, minha expressão mascarada como tinha aprendido com Dante. Bibi sorriu de volta, mas havia surpresa, incredulidade e gratidão em seus olhos.

— Bibiana, por que está demorando tanto? — Tommaso berrou enquanto descia as escadas. Ele parou quando me avistou, Bibiana escondeu depressa a ampola com veneno no roupão.

— Sinto muito por te incomodar — falei. — Só queria certificar que Bibiana soubesse que estou bem. Mas não tenho muito tempo. Preciso voltar para casa.

— Dante convocou a Outfit toda para uma reunião. O e-mail acabou de chegar. Presumo que você não possa me dar detalhes sobre o que aconteceu?

Neguei.

— Tenho mesmo que ir. — Sorri para Bibiana, depois, dei meia-volta e fui para o carro. A última coisa que eu ouvi foi Bibiana dizendo a Tommaso que prepararia um café da manhã rápido para ele antes de sair.

Este era o segundo homem ao qual eu condenei à morte. Entretanto, desta vez, não havia culpa nenhuma.

— Valentina, gostaria de falar com você — disse Dante antes de desaparecer dentro do escritório.

Hesitei. Era a primeira vez que Dante me chamava de fato para entrar em seu escritório para conversar. Todas as vezes anteriores, eu tive que procurá-lo.

A preocupação me corroía por dentro quando entrei no cômodo e fechei a porta atrás de mim, Dante olhava pela janela, mas se virou. Por um longo tempo, seus olhos azuis me encararam.

— Tommaso não apareceu na reunião que convoquei.

Obriguei meu rosto a não manifestar nenhuma expressão.

— E?

— Os homens que enviei para buscá-lo encontraram-no morto na sala de estar da casa dele. Envenenado.

— E Bibiana? — Perguntei, tentando parecer preocupada e chocada. Ela não me enviou nenhuma mensagem, nem tentou me ligar. Teria sido muito arriscado mesmo.

— Ela está com os pais agora, mas terei que ir até lá para interrogá-la.

Congelei.

— Por quê?

— Porque como Capo, eu preciso investigar quando um de meus homens é assassinado. — Dante caminhou lentamente em minha direção. — Claro, estou bem seguro de que sei o que aconteceu.

Levantei o queixo quando ele parou na minha frente.

— Sabe? — Fiquei olhando em seus olhos, qualquer outro gesto pareceria culpado, mesmo que fosse muito tarde para isso de qualquer forma.

— Você é a melhor amiga de Bibiana e queria ajudá-la. — Eu não disse nada, mas ele parecia esperar que eu falasse. Ele continuou com a mesma voz calma e suave. — Antonio te deu veneno quando pediu para me matar, não foi?

Considerarei mentir para ele, mas precisava dele do meu lado e ele não aceitaria bem uma mentira.

— Foi — confirmei baixinho.

— Você não me contou sobre isso porque sabia que era a oportunidade de ajudar Bibiana, então, o deu a ela e disse para culpar Raffaele.

— Ela disse isso?

— Quando meus homens a levavam para os pais, ela mencionou que Raffaele os visitou ontem, mas ela estava histérica demais para dizer mais alguma coisa.

Será que Bibi se arrependeu do que fez? Ou será que o colapso foi só um teatro?

— Então, por que você não acredita que foi Raffaele?

Dante estreitou os olhos.

— Porque ele teria mencionado isso quando o interroguei.

Concordei.

— E agora?

Dante balançou a cabeça.

— Porra, Valentina. Você vai ter que vir comigo.

— Eu vou com você. Perguntei se havia alguma coisa que você pudesse fazer contra Tommaso, mas você disse que não.

— Você me pediu para matá-lo e eu disse que não podia porque ele não era um traidor.

Ri, zombando.

— Como se fizesse diferença. Você é matador, Dante. Pode matar quem quiser. Não me diga que nunca matou ninguém por outros motivos que não seja proteger a Outfit.

Dante agarrou meus ombros, nos aproximando ainda mais.

— Claro que já. Mas eu te disse “não” e você deveria ter ouvido.

— Porque sua palavra é lei — debochei.

— Sim — falou baixo. — Até para você.

— Eu faria de novo. Não me arrependo de libertar Bibi daquele bastardo cruel. Só me arrependo de fazer pelas suas costas, mas você não me deixou escolha.

Os olhos de Dante brilharam.

— Não te deixei escolha? Você não pode andar por aí matando meus homens!

— Ele mereceu. Você deveria ter visto o que ele fez com Bibi. Você deveria querer matá-lo pelo jeito como ele tratava uma mulher inocente, esposa ou não.

— Se eu matasse cada homem na Outfit que trata as mulheres mal, ficaria com metade dos meus soldados. Esta é uma vida de brutalidade e crueldade, e muitos soldados não entendem que, como Homens de Honra, nós devemos

proteger nossa família disso, e não descarregar nossa raiva nela. Eles sabem que não aprovo seus atos. É só o que posso fazer.

— Mas eu tive a oportunidade de fazer algo e fiz.

— Você ajudou uma esposa a matar o marido. Alguns homens na minha posição achariam preocupante estar com uma mulher que não hesita em usar veneno.

Arregalei os olhos.

— Dei a Bibi uma oportunidade, uma escolha. Isso não significa que eu te mataria. Eu brigaria com você se algum dia me tratasse como Tommaso tratava Bibi. Tommaso se aproveitava da fraqueza de Bibi. Ela foi dada àquele velho infeliz quando tinha apenas dezoito anos e nunca soube se defender contra ele. Ele teve quatro anos para se tornar um homem melhor, para tratá-la decentemente. E falhou. Nosso casamento não tem nada a ver com o deles. Você não precisa me bater nem me estuprar para se sentir um homem, e eu não deixaria você fazer nada disso. E, de qualquer forma, não sou vingativa, senão não teria engolido o jeito como me tratou nos últimos meses, o jeito como me acusou de traição. E Bibi nunca amou Tommaso, então... — me calei. Não deveria ter deixado a última parte escapar.

Os dedos de Dante em meus ombros afrouxaram. Desviei meu olhar do seu, penetrante, incapaz de continuar.

— Não estou preocupado que você me envenene. Como já falei, confio em você — completou depois de um tempo, tirando as mãos dos meus ombros. — Mas tenho que investigar a morte de Tommaso.

— Você não vai castigar Bibi, vai? — Perguntei com medo. — Por favor, Dante, se você se importa um pouco comigo, vai determinar que o assassinato de Tommaso está relacionado aos traidores e que Bibi é inocente. Ela já passou por muita coisa.

— Pode ser que tenha gente lá fora que não acredite que Bibiana não está envolvida na morte de Tommaso exatamente pelos motivos que você relatou. Ela tinha motivos para odiá-lo. Ela tinha motivos para matá-lo.

— Então, me culpe. Eu poderia ter feito isso sem que Bibiana soubesse para ajudá-la.

— E depois? — Perguntou com calma.

— Depois você castiga a mim e não a ela.

— E se a pena para tal crime for a morte em troca? Olho por olho, Valentina.

Encarei. Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Não machuque a Bibi. Não faça isso. Sem mim, ela nunca teria encontrado um jeito de matá-lo. A culpa é tanto minha quanto dela. Vou dividir qualquer punição que seja infligida a ela.

— Temo que esteja dizendo isso porque sabe que não vou te punir — disse Dante com um sorriso sombrio nos lábios.

— Não vai?

Dante me beijou com vontade, depois, se afastou e acariciou minha barriga de leve. Será que era por causa do nosso bebê? Ou eu estava interpretando demais o gesto? Ou talvez ele tenha encostado na minha barriga por acidente.

— Enquanto eu comandar a Outfit, você não sofrerá mal algum.

E se afastou.

— Preciso falar com Bibiana agora.

— Deixe eu ir com você — pedi apressadamente.

— Seu pai e meu *Consigliere* também estarão lá, então, não interrompa. Não quero que suspeitem de você. Seu pai ignoraria, mas eu teria que obrigar Rocco a manter silêncio sobre isso.

Já tinha um tempo que eu não ia à casa onde Bibiana cresceu. Nunca gostei muito dos pais dela. O que não mudou quando eles obrigaram Bibi a casar com um homem velho. Meu pai e Rocco Scuderi nos esperavam em frente à porta. Quando fomos até eles, Papá me abraçou, beijando minha cabeça e colocou a

mão na minha barriga.

— Como você está?

Pude sentir os olhos de Dante em nós dois. Scuderi também nos observava com olhos de águia. Não tinha certeza se ele sabia sobre a minha gravidez. Ainda não tinha se tornado pública, mas em breve ficaria difícil esconder. Um olhar mais atento já daria para levantar suspeitas.

— Estou bem — sussurrei. Papá assentiu e se afastou.

— Você está aqui para dar apoio a Bibiana?

Fiz um gesto concordando, mas me distraí quando a porta abriu e os pais de Bibiana nos receberam dentro de casa. Bibiana estava na sala de estar, encolhida debaixo de um cobertor. Corri para ela e a abracei apertado.

— Eu fiz. Eu fiz de verdade — sussurrou em meu ouvido.

— Shh — murmurei, dando um tapinha nas costas dela.

Quando me afastei, Dante, meu pai e Rocco Scuderi pararam de pé ao nosso lado. Bibi se endireitou, seus olhos anunciavam medo ao olhar em volta. Os pais dela pairavam no batente da porta. Se Bibi fosse minha filha, eu não sairia do lado dela num momento como este.

— Eles estão aqui para interrogá-la sobre a morte de Tommaso. É o procedimento padrão. Tudo vai ficar bem — falei.

Dante se aproximou de nós.

— Seria melhor se pudéssemos falar a sós com Bibiana — disse ele para mim. Os pais de Bibiana saíram sem protestar. Eu levantei, mas não saí do lugar. O olhar suplicante de Dante me fez recuar alguns passos. Bibiana levantou e olhou cheia de medo para Dante quando ele se pôs diante dela. Ela estava quase se encolhendo, o que despertou meu lado protetor, mas Dante me lançou um olhar de alerta. Ele queria que eu confiasse nele, que deixasse ele lidar com isto, e eu sabia que não tinha opção. Sorri encorajadoramente para Bibi e saí da sala de estar, mas não fui muito longe, encostei o ouvido na porta, tentando ouvir a conversa, eles falavam baixo demais, o que deveria ser um bom sinal sob circunstâncias normais. Nenhuma voz alterada seria algo positivo, mas Dante era

mais perigoso quando ficava quieto.

Quinze minutos depois, ouvi passos se aproximando da porta e logo recuei. Papá a abriu e acenou para mim.

— Está tudo bem — falou quando viu minha expressão preocupada.

Entrei. Bibi estava sentada no sofá com o rosto molhado pelas lágrimas, enquanto Dante e Scuderi estavam parados ao lado da janela, conversando em voz baixa. Corri até ela e sentei. Ela segurou minha mão imediatamente e eu a apertei. Os pais dela chegaram e Dante se voltou para nós.

— O responsável mais provável pela morte de Tommaso está morto. Não há pena a ser atribuída, então, eu digo que o caso está encerrado.

Quase desmaiei de alívio.

— Isso significa que temos permissão para procurar um novo marido para a nossa filha? Recentemente, o hábito de esperar um ano passou a não ser mais necessário — disse o pai de Bibiana e claro que se referia a mim. Aquele infeliz. Bibiana mal se tornou livre de um marido que eles escolheram para ela e já estavam ansiosos para encontrar um novo.

O olhar fuzilante de Dante em resposta fez os outros homens abaixarem as cabeças.

— Bibiana está grávida de Tommaso.

Meu olhar voou para Bibi, que sorriu feliz.

— Eu já suspeitava há um tempo, mas confirmei esta manhã — sussurrou.

Os pais dela estavam com cara de quem tinham levado um soco. Dificilmente eles conseguiriam casar uma viúva grávida. Seria de mau gosto. Bibi encontrou o olhar decepcionado deles de cabeça erguida.

— Não vou voltar a morar com vocês.

— Dou minha palavra de que sua filha ficará segura na casa que dividia com Tommaso — assegurou Dante.

Tive que conter um sorriso. Os pais de Bibi não podiam argumentar contra isso. Logo depois, Dante e eu levamos Bibi de volta para a casa dela. Embora não tenhamos falado sobre o que realmente aconteceu, a expressão de alívio de

Bibi quase não deixava dúvidas. Ela tentava parecer séria sempre que se lembrava, mas na maior parte do tempo seu alívio gritava bem alto.

Eu estava agradecida por Dante saber da verdade. Ele teria descoberto de qualquer maneira. Quando Bibi saiu do carro e nós estávamos a caminho de casa, coloquei minha mão na perna dele.

O olhar de Dante era de surpresa. Eu normalmente respeitava sua relutância em demonstrações públicas de afeto.

— Obrigada por ajudar Bibi.

— Fiz por você — respondeu simplesmente. Isso provavelmente era o mais próximo de uma declaração de quê... amor? Afeição? Que eu teria dele.

— Obrigada.

Tirei minha mão e a deixei no meu colo, mas Dante me surpreendeu ao pegá-la, levá-la à altura de seu rosto e pousar um beijo nos nós dos meus dedos. O ar ficou preso na minha garganta e imediatamente lágrimas encheram meus olhos. Um gesto tão pequeno não deveria significar tanto, mas significou, e os hormônios da gravidez não ajudavam. Dante não soltou a minha mão e me olhou com interrogação.

— Valentina? Você está bem?

— São os hormônios. Desculpe. Apenas me ignore.

Dante repousou nossas mãos entrelaçadas na coxa e dirigiu com uma mão só. Ele não fez nenhum comentário quando sequei os olhos e coloquei a mão livre na protuberância da minha barriga.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Nas semanas seguintes depois da morte de Tommaso, Bibiana desabrochou para uma nova vida. Ela parecia prosperar na solidão de sua casa. Queria poder lidar tão bem com a solidão. Dante estava mais ocupado do que nunca. Ele queria garantir que o resto de seus homens estava cem por cento com ele. Não sobrava muito tempo para mim, exceto pelas noites em que ele me acordava com carícias e beijos. Desde quando eu pedi para ele fazer amor comigo depois da morte de Antonio, ele permitia mais intimidade durante o sexo, frequentemente me segurava em seus braços, mas eu tinha a sensação de que ele ainda preferia me tomar por trás porque isso lhe permitia manter distância.

Eu passava os dias ou trabalhando no cassino ou com Bibiana ou Ines, que se tornou uma presença forte na minha vida conforme a gravidez progredia. Hoje, Bibiana, Ines e eu concordamos em ir às compras juntas. É óbvio que roupinhas de bebê eram o item número um da nossa agenda para o dia.

Quando entramos na primeira loja infantil, Ines fez a pergunta que eu sabia que morria de vontade de fazer há horas.

— Então, como Dante está lidando com a gravidez?

— Ele simplesmente não está — respondi casualmente. Eu não queria que Ines soubesse o quanto me incomodava ele não me perguntar diretamente sobre nosso bebê nenhuma vez. Sempre queria saber como eu estava e ficava muito mais cuidadoso quando transávamos, mas a palavra *bebê* nunca passava pela sua boca. Ele ainda nem havia perguntado se era menino ou menina. — Na maior

parte do tempo, ele finge que não existe gravidez nenhuma.

Ines olhou minha barriga protuberante. Ainda não era tão evidente quando eu vestia uma blusa larga porque eu estava apenas com vinte e seis semanas, mas claro que Dante a via o tempo todo.

— Ele está sendo impossível. Você quer que eu converse com ele?

— Deus, não — falei depressa, mas sorri me desculpando com Ines. — Mas obrigada. Dante vai ficar furioso se você interferir.

— Acho que tem razão. Ainda não gosto disso. Às vezes, não entendo os homens. Por que não conseguem admitir quando estragam tudo?

Eu dei de ombros. Era algo que eu me perguntava com frequência, mas nunca cheguei a uma conclusão. Bibiana estendeu um macacão fofo com a frase “Segurem seus meninos, meu Papai tem uma arma” escrita na frente.

— Não que alguém precise ser lembrado disso, mas por que não? Você deveria ter algo assim. — Ela sorriu, depois, ficou séria. — Algum problema?

Não tinha certeza. Senti uma pontada estranha na parte baixa da minha barriga. Talvez meu bebezinho estivesse deitado numa posição esquisita e pressionava meus rins.

— Estou bem — falei. Peguei um macacão igual. — Nem sei se é menina.

— Eu realmente espero que seja, aí, nossas meninas podem brincar juntas. — Bibiana estava apenas com dezoito semanas, mas já tinha perguntado o sexo para o médico. Ela ficou aliviada quando descobriu que era menina porque sua preocupação era que um menino pudesse lembrá-la demais de Tommaso.

— Quero que seja uma surpresa. — Não era verdade. Eu estava curiosa. Fiquei curiosa assim que descobri que estava grávida, mas queria Dante ao meu lado quando o médico dissesse o sexo do nosso bebê. Mas eu nem tinha certeza se isso aconteceria.

— Não sei como você consegue. Eu estava curiosa demais — disse Bibiana.

Ines concordou. — Isso, e Pietro queria saber desesperadamente se ele teria um herdeiro. Acho que com os gêmeos, o resultado acabou sendo perfeito

para nós dois. — Ela riu, depois se calou quando olhou para mim. — Meus pais te chatearam? Sei que meu pai está ansioso para que Dante tenha um filho para poder se tornar Capo no futuro. Não deixe que eles te pressionem.

— Não os vejo muito — falei. — Mas claro que eles me perguntaram sobre o sexo. Seu pai não pareceu muito feliz quando eu disse a ele que não queria saber.

— Homens. Eu estou surpresa, de verdade, que Dante não esteja interessado em descobrir se terá um herdeiro em breve. Mas ele sempre foi tranquilo quanto a essas coisas. Muitos homens achariam um jeito de gerar um herdeiro em qualquer outro lugar se as esposas fossem estéreis, mas Dante nunca culpou Carla. Ele ficou ao lado dela mesmo quando nosso pai o pressionou para achar uma amante para engravidar.

— Isso é horrível — falei. Ainda sentia uma pressão estranha na barriga, mas parecia estar melhorando agora que não estava falando tanto.

— É. Papai sugeriu que Dante e Carla criassem a criança como se fosse deles, mas Dante se recusou.

— Talvez porque estivesse preocupado que ele que não pudesse gerar filhos — disse Bibiana baixinho.

Eu dei de ombros. Não queria falar sobre isso em público. Dante não ficaria feliz se descobrisse. Óbvio que agora nós sabíamos que Carla devia ser estéril, mesmo que Dante e eu não tivéssemos falado sobre isso outra vez desde nossa maior briga.

— Então, o que me diz? — Perguntou Bibi com um sorriso brilhante, ainda segurando o macacão com a frase fofa.

Concordei com um sorriso conformado.

— Está bem. Vou levar. Mesmo que eu tenha um menino, talvez da próxima vez seja uma menina, então, não é como se eu estivesse jogando dinheiro fora.

Ines tocou minha barriga suavemente.

— Mal posso esperar. Nada é melhor do que o cheirinho de um recém-

nascido, aqueles dedinhos minúsculos.

— Verdade — falei olhando para o carrinho onde a bebezinha de Ines dormia profundamente.

Bibi e eu compramos os macacões. Depois nos despedimos de Ines, que voltou para o seu carro com seu próprio guarda-costas, enquanto Taft vinha atrás de mim e Bibi ao voltarmos para a *Mercedes*. Ele fingia não estar lá e eu estava grata por isso. Quando era casada com Antonio, saía sempre de casa sozinha, mas isso era coisa do passado agora.

Taft nos levou para a minha casa. Bibi e eu queríamos passar o resto da tarde juntas, folheando livros com nomes de bebês e comendo um bolo de amêndoas italianas delicioso que Zita assou de manhã.

O leve desconforto na barriga que senti o dia inteiro aumentou quando caminhamos os poucos passos até a porta da frente e entramos em casa. Taft pediu licença discretamente e se retirou, provavelmente de volta para a guarita, agora que não precisávamos mais dele. A casa estava silenciosa, exceto pelo barulho de vozes masculinas ao longe. Dante ainda devia estar em reunião.

— Venha. Vamos levar nossas compras lá para cima. Quero te mostrar a luminária que comprei para o quarto do bebê — disse a Bibiana.

Congelei assim que coloquei o pé no primeiro degrau da escada. Senti uma dor aguda. Larguei as sacolas que estava carregando e apertei a barriga instantaneamente enquanto a outra mão disparou para segurar o corrimão. Algo quente escorreu pelas minhas pernas. Olhei para baixo, vendo apavorada o meu corpo. Minha calça bege logo escureceu. Será que minha bolsa tinha estourado? Era muito cedo. Cedo demais. Não parecia muita água, mas o que eu sabia?

Bibiana soltou um grito de espanto. Eu estava atordoada demais para pronunciar qualquer palavra.

— Valentina? Fale comigo.

— É cedo demais — falei devagar. Quatorze semanas era cedo demais. Comecei a tremer apertando a barriga.

— Você está sangrando — sussurrou Bibiana.

Ela estava certa. Minha calça tinha um tom vermelho claro. Minha visão ficou turva.

— Precisamos de uma ambulância — falou Bibiana. E balançou a cabeça.
— Precisamos chamar Dante.

Minhas pernas começaram a tremer e eu me apoiei na parede com medo de cair. Dante estava numa reunião importante. E eu nem tinha certeza se ele queria esta criança. Ele ainda devia pensar que eu o traí para engravidar.

— Não, Dante está ocupado.

Bibi me olhou com incredulidade.

— Uma ova que ele está. Socorro! Ajudem! — começou a gritar.

Eu estava ocupada tentando me manter em pé, então, não tentei impedi-la. A porta do escritório de Dante escancarou e Dante irrompeu com uma arma na mão. Meu pai e Rocco Scuderi estavam atrás dele, com as armas em punho. Os olhos flamejantes de Dante me viram, e a raiva foi embora de seu rosto, sendo substituída por preocupação.

— Valentina? — Disse Dante enquanto corria em minha direção, já devolvendo a arma para o coldre. — O que está acontecendo?

— Não é nada. Não queria atrapalhar sua reunião.

Dante me segurou com os braços em volta do meu corpo conforme minhas pernas cediam. Seu olhar percorreu minha calça molhada. Nunca vi aquele olhar em seu rosto. Será que ele estava mesmo preocupado comigo? Tossi com a dor me cortando mais uma vez. Meu pai apareceu na minha frente.

— Valentina?

— Precisamos levá-la ao hospital — falou Bibiana severamente.

Dante concordou e me levantou.

— Sua camisa. Vai sujar.

Dante me segurou ainda mais apertado e me carregou para fora. Imediatamente, Taft e Enzo irromperam em nossa direção.

— Quero que vocês vão na frente abrindo caminho — ordenou Dante. A eficiência calma foi substituída para algo urgente em sua voz. Eles assentiram e

saíram correndo. Meu pai segurou a porta da *Mercedes* e Dante me colocou lá dentro com cuidado.

— Vou pegar a sua mãe — anunciou Papai tocando em meu rosto. — Logo estaremos no hospital.

Ele fechou a porta, e assim que Dante deslizou para trás do volante, acelerou o motor e saímos correndo da garagem pela estrada. O carro de Enzo e Taft esperava na frente, mas acelerou para a rua pouco antes de o alcançarmos.

Dante dirigiu bem acima do limite de velocidade. Cada solavanco na rua me fazia retrair. A dor não estava mais tão forte, agora, havia apenas uma dor chata, mas e se isso fosse um mau sinal?

— Deveríamos ter colocado uma toalha no banco. Estou molhando tudo — falei.

Dante me olhou.

— Eu não me importo porra nenhuma com o banco, nem com o carro, nem com nada neste momento. Tudo o que importa é você. — Ele colocou a mão para trás e pegou a minha, que repousava na minha barriga. — Estamos quase chegando. Está com dor?

— Não tanto quanto antes — sussurrei. Então, eu não consegui mais segurar. — O bebê é seu, Dante. Eu nunca te traí, e nunca vou fazer isso.

Dante inspirou fundo. — Esse é o motivo para isso acontecer?

— Você está achando que minha bolsa estourou porque eu estava chateada com você?

— Eu não sei. — Havia algo parecido com desespero em seu rosto. — Sou um idiota filho da puta, Val. Se você perder esta criança... — ele balançou a cabeça e voltou a focar no para-brisa quando estacionou em frente à entrada do hospital. O carro com nossos seguranças já estava lá, e também um médico e uma enfermeira com uma maca. Dante pulou para fora do carro deu a volta e os ajudou a me tirar dali de dentro. Assim que me colocaram na maca, fui levada para dentro do hospital. Dante não saiu do meu lado. E só soltou a minha mão quando ficou no caminho dos médicos e das enfermeiras.

Depois de horas de ultrassonografias, exame de sangue e todos os tipos de exames, finalmente fui levada para um quarto. Estava cansada e assustada, porém, não tanto quanto antes. Dante se encostou na beira do colchão e tirou algumas mechas de cabelo do meu rosto. Minhas pálpebras pesavam, mas eu não queria dormir. Dante conversou com os médicos, porque eu não me sentia muito bem para conseguir acompanhar as explicações neste momento.

— O que eles disseram? — Perguntei.

— Que você teve uma ruptura prematura da placenta. Foi por isso que perdeu um pouco do líquido amniótico.

— O que isso significa? Vão ter que tirar o bebê antes do tempo? — O medo parecia uma prensa na minha garganta. Seria cedo demais. E se eu perdesse nosso filho?

Dante encostou no travesseiro e me colocou em seu peito.

— Não. Não se rompeu completamente, mas claro que tem um alto risco de infecção agora, e é por isso que você vai ter que tomar antibióticos por um tempo. Você não entrou em trabalho de parto, e isso é bom. Eles esperam retardar o nascimento até a trigésima semana pelo menos. Você vai ter que ficar na cama o máximo possível e não tem permissão para fazer nenhum tipo de esforço.

— Tudo bem — sussurrei. — Só quero que nosso bebê fique seguro.

— Vai ficar. Não deixaremos nada acontecer a ela — disse com a voz calma e tranquila.

Eu me assustei.

— Ela?

Dante assentiu. — Perguntei ao médico. Eles viram quando fizeram o ultrassom. É uma menina.

Queria ficar feliz, e estava. Eu amaria nosso bebê independente de ser

menino ou menina, mas eu sabia o que era esperado de mim. Lambi meus lábios, que estavam ressecados, procurando os olhos de Dante.

— Você está com raiva por não ser um menino? Sei que precisa de um herdeiro. Seu pai...

Dante segurou meu rosto com ambas as mãos, me impedindo de dizer mais alguma coisa.

— Eu estou feliz. Não ligo se é menino ou menina. E meu pai vai acabar voltando à razão.

Ele parecia sincero, mas eu sabia da realidade da vida na máfia, e a necessidade de um Homem de Honra ter um menino que pudesse seguir seus passos, ser iniciado na máfia e garantir o sucesso da Outfit. Um homem precisava de um filho para ser totalmente respeitado pelos seus companheiros Homens de Honra.

— Você não precisa suavizar as coisas por mim, Dante. Sei como as coisas funcionam em nosso mundo.

Dante recuou alguns centímetros com a expressão incrédula.

— Não estou suavizando nada. Eu disse a verdade. Estou feliz que teremos uma filha. Ficarei feliz com cada filho que tivermos. Não vou mentir, muitas pessoas na Outfit verão isso como algo pouco desejável. Eles só vão me parabenizar de verdade quando você estiver grávida de um menino, mas eu não ligo para eles. Você ainda é nova e nós temos tempo. Teremos mais filhos e talvez haja um menino entre eles. Mas, por enquanto, vamos ficar felizes pela nossa filha.

— Você está feliz? — Perguntei, começando a lacrimejar outra vez. Essa era a coisa que eu mais odiava em estar grávida: a perda do meu autocontrole quando se tratava das minhas emoções, principalmente as lágrimas. — Desde que eu contei que estava grávida, você nunca perguntou nada sobre o bebê. Fingia que ela não existia. Você me fez sentir horrível por algo que deveria ser motivo de alegria. Por que mudou de ideia? Porque eu quase perdi nosso bebê?

— Não mudei de ideia. Já estou feliz com a sua gravidez há um tempo.

Olhei para ele com dúvida.

— Não foi o que vi.

— Sou bom em esconder meus pensamentos e emoções — disse lamentando. — Mas não deveria ter feito isso neste caso. Você está certa, estraguei a primeira gravidez para você. Tudo porque era orgulhoso demais para admitir que estava errado.

Esperei pacientemente para que ele continuasse a falar. Eu não estava pronta para aceitar suas desculpas implícitas ainda.

Dante repousou a mão suavemente na minha barriga.

— Você estava certa quando brigamos depois de me contar sobre a gravidez. Nunca quis que Carla consultasse um especialista sobre a impossibilidade de conceber porque não queria descobrir que o estéril era eu. Sou um homem orgulhoso, Val. Orgulhoso demais, e de algum modo eu me convenci de que não poderia me tornar Capo se descobrisse que era incapaz de dar um filho à minha esposa. Eu seria um homem pela metade.

— Não, não seria. Mas eu conheço a sua origem. E nesse caso, então, por que você não ficou feliz quando contei que estava grávida de um filho seu? Afinal, isso significava que você não é estéril. Não deveria ter ficado orgulhoso?

O sorriso de Dante era solene.

— É, acho que sim. — Ele parou e eu dei o tempo que ele precisava para encontrar suas próximas palavras. Tinha a sensação de que iria compartilhar algo muito pessoal comigo. — Só que quando você me contou sobre a gravidez, senti quase como se fosse uma ofensa à memória de Carla, como se você a estivesse culpando pela incapacidade de me dar um filho ao engravidar tão rápido.

— Nunca quis ofender sua esposa — falei horrorizada. — Eu sei que você a amava mais que tudo. Sabia disso antes do nosso casamento, e você nunca me deixou esquecer disso em todas as vezes que estivemos juntos. — A última parte saiu mais acusadora do que eu pretendia.

— Eu sei — admitiu Dante, com aqueles frios olhos azuis delineando meu rosto. — Eu te tratei mal. Você não fez nada para merecer isso. Quando se

entregou a mim pela primeira vez, eu deveria ter ficado abraçado com você depois. Teria sido a coisa mais decente e digna a se fazer. Ao invés disso, fui embora. Não queria me permitir me aproximar de você. Eu me permiti amar uma vez e depois que vi Carla ter uma morte lenta, jurei a mim mesmo que não deixaria nenhuma mulher entrar na minha vida outra vez.

Assenti devagar.

— Sinto muito pelo que aconteceu com Carla. Sinto muito que a tenha visto morrer.

O olhar de Dante estava distante. Ele não estava chorando. Eu não acho que ele tenha se permitido algum dia fazer isso na frente de ninguém, mas havia uma tristeza profunda em seus olhos que me despedaçou.

— Eu a matei.

Estremeci em seus braços e arregalei os olhos.

— Você fez o quê? Eu pensei que ela tinha morrido por causa do câncer.

— Ela teria. Os médicos disseram que não havia nada que pudessem fazer por ela. Ela estava em casa, sedada na maioria dos dias para não sentir muita dor, mas chegou uma hora que nem mesmo a morfina ajudava mais. Ela me pediu para ajudá-la, para libertá-la do horror que a vida dela tinha se tornado. Ela não queria passar mais nenhuma semana presa à cama, incapaz de sair e destruída pela dor. — Ele parou e eu chorei copiosamente, mesmo que ele não conseguisse. Coloquei a mão em seu peito, tentando mostrar a ele que estava tudo bem, que eu entendia. — Ela queria que eu atirasse nela porque pensou que seria mais fácil para mim, menos pessoal. Eu não podia fazer aquilo. Não daquele jeito. Não do mesmo jeito que eu lidava com traidores e os vermes que nem mesmo valiam a poeira que ela pisava. Injetei insulina e ela adormeceu em meus braços... E nunca mais acordou.

— Eu não sabia. Fiquei sabendo que ela morreu porque os órgãos falharam no fim.

Ele pousou os olhos sombrios e assombrados em mim. Passou o polegar embaixo dos meus olhos, secando minhas lágrimas.

— Fui eu quem quis assim. Nunca contei a ninguém.

Eu me arrepiei abraçada a ele, emocionada demais para dizer qualquer coisa. Enterrei o rosto em seu pescoço, procurando pelo seu calor e seu cheiro. Ele traçava pequenos círculos na minha barriga.

— Se eu soubesse, não teria te pressionado tanto.

— Você não me pressionou, Val. Quando casei com você, fiz uma promessa de cuidar de você e tentar ser um bom marido, e eu levo minhas promessas a sério. Sou um homem de honra, e mesmo assim, não cumpri as promessas que te fiz.

— Por que concordou em casar se sabia o quanto seria difícil para você?

— Meu pai queria que eu me casasse, e eu sabia que estava começando a parecer fraco por não conseguir seguir em frente depois de Carla, então, fiz o que achei ser o melhor para a afirmação do meu poder. Você parecia a escolha perfeita.

O jeito que ele falou soou como se eu não fosse, mas não queria interrompê-lo.

— Pensei que você ficaria relutante em permitir intimidade tão cedo depois de seu primeiro marido morrer.

A menção a Antonio deu um nó na minha garganta, mas a engoli.

— Eu ficaria se fôssemos apaixonados um pelo outro, ou se tivesse tido qualquer coisa semelhante a um casamento de verdade.

— Não estou te culpando por querer algo real depois do jeito que Antonio te usou. O que piora ainda mais o fato de você ter casado com outro homem que a usou para seus próprios objetivos. — Ele deixou escapar um suspiro leve.

— Então, quando você decidiu casar, nunca teve a intenção de ir para a cama comigo?

Dante riu de maneira sombria.

— Não sou tão nobre assim. Não... pensei em consumir nosso casamento e, depois, transar com você sempre que quisesse, sem nenhum tipo de ligação sentimental.

— Então, por que você não transou comigo na nossa noite de núpcias nem nos dias seguintes?

— Eu queria. Quando te levei para o meu quarto na noite do nosso casamento, não queria nada além de arrancar seu vestido e meter em você. Estava furioso. Queria te foder até tirar toda a raiva de dentro de mim, mas, então, você saiu do banheiro naquela camisola pequena de seda, parecendo uma dama e minha esposa, o que você era, e tinha aquela porra de olhar esperançoso e inseguro, eu soube que não poderia te usar daquele jeito.

Fiquei boquiaberta.

— Você não desconfiou que eu nunca tinha dormido com um homem?

Dante balançou a cabeça.

— Não. Dava para notar que você não tinha prática nas investidas e tentativas de sedução, mas achei que seu primeiro marido fosse dominador na cama e não te deixava tomar a iniciativa, embora isso não condissesse com a minha avaliação sobre Antonio.

— Eu fui tão mal assim tentando te seduzir? — Perguntei com uma risada envergonhada. Era incrível conversar com Dante assim, tão abertamente, e estar em seus braços sem ele tentar se afastar era ainda melhor.

Dante deu um sorriso sarcástico.

— Sou um homem que se orgulha de ter autocontrole. Acredite, a maioria dos homens não seria capaz de resistir aos seus encantos. Sendo honesto, quando descobri que seria o seu primeiro foi mais difícil ainda de me segurar. Deve ser coisa de homem, mas eu queria reclamar meu direito sobre você.

— Isso soa bem animalesco.

— E é. Antes de me casar com você, eu não queria uma noiva inexperiente, mas assim que soube a verdade, tive bastante dificuldade em pensar em outra coisa que não fosse te fazer minha. — O olhar de Dante foi para a minha barriga arredondada onde sua mão ainda repousava. — E saber que você carrega meu bebê me deixa orgulhoso, embora isso realmente não seja algo que cause essa sensação em mim. Afinal, não é um grande feito engravidar a própria

esposa.

Balancei a cabeça com um sorriso que desapareceu lentamente quando meu olhar procurou o de Dante.

— Eu amo isto. Amo conversar com você como marido e mulher de verdade. Por favor, não se afaste de mim de novo. Não posso voltar a estar sozinha.

Dante segurou meu rosto com as duas mãos.

— Não vou. Hoje foi o alerta que eu precisava. Vou tentar ser o melhor marido que puder ser, o que provavelmente é bem menos do que você merece. Não sou um homem emotivo, e odeio demonstrações públicas de afeto, mas não vou voltar a te ignorar. Isso eu prometo.

Eu o beijei.

— Obrigada.

Ficamos deitados um ao lado do outro em silêncio até que eu senti nossa filha mexer. Depressa, levei a mão de Dante para que ele também sentisse. Ele travou.

— Sentiu ela mexendo?

Dante assentiu. Ele não disse nada, mas eu sabia que não era porque não foi afetado pelo que estava acontecendo. Sorrindo, repousei a cabeça em seu ombro.

— Quando vou poder voltar para casa?

— Amanhã. Querem que você passe a noite aqui.

— Certo.

Eu não estava muito contente com isso. Estava preocupada em ficar separada de Dante por muito tempo; não porque eu era grudenta e não queria ficar sozinha; não, eu estava preocupada que apesar da promessa, Dante encontraria motivos para se afastar de mim mais uma vez se não estivéssemos juntos logo depois de termos nos entendido.

— Eu vou ficar com você. Não vou te deixar sozinha neste lugar — disse como se soubesse das minhas preocupações, e meu coração se encheu de

gratidão. — E eu já falei com Leo que ele terá que lidar com o cassino sozinho por um tempo.

— Você não quer mais que eu trabalhe?

— O médico disse que você precisa ficar na cama o máximo possível, então, não vai poder trabalhar. Quando nossa filha nascer e você estiver se sentindo bem o bastante, podemos conversar sobre encontrar um novo trabalho para você.

— É justo — falei, depois o puxei e o beijei outra vez. Agora que ele deixava, queria fazer isso sem parar. Minha respiração logo acelerou, mas Dante recuou com um sorriso e balançou a cabeça.

— Não devemos. Você precisa descansar.

— O médico falou algo sobre sexo?

— É muito arriscado fazer sexo devido à ruptura. Poderia levar a uma infecção ou causar uma dilatação.

— Então, não poderemos transar por três meses se a gravidez levar o tempo certo?

— Isso. É isso mesmo.

Eu sabia que alguns homens começavam a ter amantes quando suas esposas engravidavam. Não achava que Dante fizesse esse tipo, mas ainda me preocupava. E não era como se eu não gostasse de sexo. Três meses, e possivelmente mais, sem nenhum tipo de alívio me soava como um desafio.

Dante alisou os sulcos entre as minhas sobrancelhas.

— Em que está pensando?

— Você vai ficar bem com isso?

— Quer dizer sem sexo? — perguntou com uma pitada de diversão. — Sim. Como eu disse, autocontrole não é um problema para mim.

— Espero que você tenha o suficiente para nós dois.

Dante deu um beijo atrás da minha orelha.

— Não estou dizendo que vai ser fácil. Eu sempre te quis, Valentina. Você me deixa louco de desejo, mas não vou fazer nada que possa pôr em risco nossa

filha.

— Eu sei. Nem eu. — Sorri. — Ainda não consigo acreditar que vamos ter uma menininha em breve. Quando voltarmos para casa amanhã, tenho que te mostrar uma coisa que comprei hoje. — Mal conseguia esperar para ver a cara dele quando visse o macacão. Odiava o fato de que algo tão horrível quanto o rompimento da placenta tenha nos aproximado, mas estava contente por ter acontecido. Agora, poderíamos ansiar pelo nascimento de nossa filha juntos.

Dante mantinha o braço em volta da minha cintura ao me levar para dentro de nossa casa, embora eu estivesse perfeitamente possibilitada de andar sozinha. Eu me sentia bem, talvez a medicação ajudasse. Ou talvez nossa menininha tenha decidido que gostava de estar na minha barriga agora que os pais se acertaram. Evidente que eu sabia que precisava ter cuidado, não podia arriscar entrar em trabalho de parto nas próximas semanas, nossa menina ainda precisava crescer mais um pouco.

Dante estava prestes a me levar para a sala de estar, mas eu neguei.

— Quero muito tomar um banho.

Em vez de me levar para a escada, ele me pegou no colo e me carregou para cima. Eu era alta e não devia ser fácil para Dante subir as escadas comigo e meu peso adicional. Quando ele me abaixou no alto da escada, eu disse:

— Não precisa me carregar. Nem sempre você vai estar por perto quando eu precisar usar as escadas.

— Não quero que você use as escadas, Valetina — falou com uma voz que não admitia argumentos. — Se eu não estiver por perto para te levar, você vai chamar um dos seguranças.

Dava para perceber que ele não cederia e eu estava contente por ele tentar cuidar de mim.

— Está bem. Prometo.

Quando entrei em nosso quarto, vi que alguém, provavelmente Gaby, levou as sacolas com as compras e as colocou na cadeira em frente à penteadeira. Sorrindo, fui até ela e peguei o macacão que tinha comprado ontem antes que tudo piorasse. Estendi para que Dante visse.

— Então, o que me diz? — Minha voz era só empolgação. Quase me senti mal por estar tão eufórica depois do que tinha acontecido ontem e com o que ainda poderia acontecer com a nossa bebê, mas estava esperançosa demais para deixar que as preocupações ofuscassem minhas outras emoções.

Dante levantou uma sobrancelha.

— Duvido que alguém precise do lembrete.

Eu ri.

— Foi o que Bibi disse. Mas é fofo, não acha?

Ele pôs o braço na minha cintura.

— Acho. Pensei que não soubesse se era menina ou menino...

— Não sabia, mas Bibi queria comprar macacões iguais. Ela queria mesmo que fosse menina para a filha dela e a nossa poderem ser melhores amigas. Ela vai ficar fora de si de alegria quando eu contar. — Dei uma pausa. — Você já contou aos seus pais que é uma menina?

Dante franziu um pouco a testa.

— Falei com a minha mãe ontem à noite depois que você dormiu. Ela ficou feliz por nós.

— Mas o seu pai não?

— Ele ainda não entrou em contato comigo, deve estar tentando o tratamento de silêncio como um jeito de me mostrar sua insatisfação.

— Sério? Não é como se fosse nossa escolha ter uma menina. E, seja como for, odeio essa fixação em meninos. Uma menina também é digna.

— Você não precisa me convencer disso — falou. — Mas meninos são vistos como algo que fortalece a Organização, ao passo que meninas só significam um elo fraco que os homens precisam proteger. Sempre foi assim. E não vejo isso mudando tão cedo.

— Você sabe se já houve alguma mulher introduzida em qualquer Família da América do Norte ou outros lugares?

Dante sorriu ironicamente.

— Isso seria novidade para mim. E não vai acontecer. Eu não iria querer minha filha fazendo parte da Outfit. Quero que ela esteja segura e protegida, não quero sangue nas mãos dela e morte em seus sonhos.

— Mas quer para nosso futuro filho? — Perguntei tranquila.

Dante colocou uma mecha de cabelo para trás dos meus ombros.

— As coisas são assim, Val. Vou proteger todos os nossos filhos enquanto eu puder, mas em algum momento nosso filho vai acabar tendo que enfrentar os perigos do nosso mundo. Mas ele será forte.

— Meu pai sempre tratou meu irmão, Orazio, com uma severidade cruel e seu próprio pai te torturou para te endurecer. Às vezes, eu não quero ter um filho porque fico preocupada que ele terá que passar pelas mesmas coisas. — Não achava que poderia ficar de fora e assistir Dante tratar nosso filho desse jeito. Até mesmo minha mãe teve que proteger Orazio vez ou outra quando Papá foi muito rigoroso. Não que ele tenha agredido Orazio como Fiore fez com Dante.

— Terei que ser rigoroso com nosso filho, mas juro que não serei como meu pai.

Assenti. Acreditava nele.

Percebi que já começava a ficar cansada, embora não tivesse feito nada.

— É melhor eu tomar um banho agora. Acho que vou deitar logo.

Dante me seguiu ao banheiro com os olhos atentos em mim enquanto tirava os sapatos. Alcancei o zíper nas costas do meu vestido, mas Dante o abaixou para mim. Seu polegar trilhou a minha coluna conforme ele abaixava o zíper, e pude sentir até os dedos dos pés. O vestido foi ao chão. Agora, só havia as minhas meias. Dante as abaixou, e, ajoelhado diante de mim, seu olhar passeou lentamente pelo meu corpo. Eu não queria nada mais do que me jogar em seus braços e senti-lo dentro de mim.

Sussurrei lambendo os lábios:

— Isso vai ser difícil.

Dante se levantou e sua expressão confirmava minhas palavras.

— Tome um banho. Vou esperar aqui caso se sinta fraco.

— Você poderia tomar banho comigo — falei.

Dante parecia hesitante, mas concordou. Ele tirou a roupa e quando virou para mim, pude ver que ele já estava praticamente ereto.

— Pensei que tivesse autocontrole — provoquei.

Dante me levou para o chuveiro, me estabilizando.

— Eu tenho, se não meus dedos já estariam penetrando seu calor úmido.

Ele ligou o chuveiro, deixando que a água morna caísse sobre nós, antes de fechar o box e virar para mim com as mãos no meu quadril.

— Como sabe que estou molhada? — Perguntei num tom desafiador.

Dante pegou a esponja e a esfregou suavemente sobre meus seios e barriga. Depois, se inclinou chegando mais perto, até sua boca se aproximar do meu ouvido.

— Porque eu vi quando me ajoelhei na sua frente. Você estava molhada para mim.

Eu estava. Não pensei que o quisesse tanto quanto o queria agora que não podíamos transar. Lavamos um ao outro com a esponja, nos beijando vez ou outra e nossas respirações se tornavam mais aceleradas a cada momento que passava. O membro de Dante estava duro e vermelho.

— Você quer que eu te chupe? — Sussurrei me encostando no corpo de Dante.

Ele gemeu quando segurei seu pau, mas travou meus movimentos com a mão e puxou a minha para longe da sua ereção.

— Não — rosnou. Ele não parecia muito convincente. — Eu fico bem.

Ele me virou para que as minhas costas ficassem contra seu peito e sua ereção ficasse imprensada entre sua barriga e minhas costas. Ele pôs os braços em volta da minha barriga, com as palmas das mãos na minha pele e beijou meu pescoço devagar.

— Acho que é melhor a gente sair. Você precisa se deitar.

Não reclamei. Todos aqueles beijos estando nus tornava mais difícil conter meu desejo por ele. Dante ajudou a me secar e pareceu quase aliviado quando eu finalmente me vesti com um pijama confortável de cetim e me estiquei na cama. Nós teríamos que lidar com nossos desejos pelas próximas semanas. Nosso bebê era mais importante que qualquer outra coisa.

Dante me embalou em seus braços enquanto seus dedos penteavam meus cabelos.

— Obrigada por não ter desistido de mim, Val.

— Eu sabia que minha teimosia seria útil algum dia — falei com uma risada leve.

Seis semanas depois, os médicos decidiram fazer uma cesariana. Ainda faltavam pelo menos oito semanas, mas o risco de contrair uma infecção havia se tornado muito alto. Dante não saiu do meu lado quando minha barriga foi aberta. A presença dele, seu olhar firme, o absoluto controle e a força que ele emanava me ajudaram absurdamente. Com Dante ao meu lado, eu sabia que nada daria errado. Como se o enorme poder de sua vontade pudesse fazer as coisas ficarem bem, Dante podia fazer acreditar que ele estava no controle da situação mesmo quando não estava.

Ele segurou minha mão durante toda a cesária e quando ouvimos o primeiro choro, ele procurou meus olhos antes de nos virarmos para nossa filha, enrugada e manchada quando a enfermeira a apresentou para nós. Soltei a mão de Dante.

— Vá até a nossa filha. Vai.

Ele pareceu relutante em sair do meu lado, mas depois de pousar um beijo na minha testa, se ergueu e foi direto para a ponta da mesa de operação. Dante nem se abalou com o tanto de sangue, mas eu não esperava que isso acontecesse.

Se as enfermeiras e os médicos estavam surpresos com a calma dele, esconderam, ou talvez acreditavam nos rumores sobre Dante: que ele era um chefe do alto escalão da máfia. Claro que ninguém nunca confirmaria essa suspeita. Depois de um tempo, a enfermeira entregou-lhe a nossa filha, enrolada numa manta. Ela parecia tão pequenina nos braços de Dante enquanto ele a olhava com a expressão mais suave que eu já tinha visto. Também havia algo de feroz ali, o que substituiu a gentileza quando olhou para cima e viu as enfermeiras e os médicos o observando. Eu sabia que nossa filha estaria segura.

O olhar de Dante era protetor, pura determinação em destruir qualquer coisa e qualquer pessoa que pudesse significar perigo para ela. Desviando o olhar do pessoal do hospital, Dante se aproximou de mim com nossa filha e se sentou na cadeira ao meu lado para poder me mostrar nossa menininha. Eu sabia que o médico teria que levá-la logo. Ela teria que passar um tempo na incubadora antes de poder ir para casa conosco.

— Ela é tão linda — sussurrei. Nem liguei que os médicos estivessem me costurando de volta, nem que Dante e eu não estivéssemos sozinhos.

— Ela é, assim como você — disse Dante baixinho.

Passei um dedo pelo rosto dela. Ela piscou para mim com aqueles olhinhos vidrados. Os cabelos dela eram loiros como os de Dante, ainda que opacos. Ela era pequena e eu não queria nada além de protegê-la.

— Anna — falei, chamando-a pela primeira vez pelo nome que Dante e eu escolhemos há apenas alguns dias. — Seu pai sempre vai te amar e te manter segura.

Dante deu um beijo na testa de Anna, depois, na minha.

— As duas, você e Anna.

Procurei seu olhar, e as lágrimas que eu tinha conseguido segurar com sucesso até agora, finalmente encontraram um jeito de sair.



EPÍLOGO

Mergulhei na água quente da nossa banheira suspirando. Anna tinha finalmente adormecido no berço e Gaby passaria a noite com ela no quarto para garantir que estivesse tudo bem. Dante tinha uma reunião com meu pai no escritório lá embaixo. Embora eu suspeitasse que o aumento repentino de reuniões curtas fosse o resultado da ansiedade de meu pai em ver Anna o tanto quanto possível. Ele definitivamente não compartilhava a decepção de Fiore Cavallaro em ter uma neta ao invés de um neto. Tinham se passado cinco semanas desde o nascimento da nossa filha e eu já mal conseguia imaginar como era antes dela. Mas esta noite eu precisava de um tempo para mim... e Dante. Felizmente, Anna atingiu uma fase de longos trechos de sono ininterrupto. Às vezes, ela dormia por cinco horas sem nenhum contratempo.

Recostei na banheira com os olhos fechados, relaxando pela primeira vez no dia de hoje. Meus dedos coçavam para deslizar para o meio das minhas pernas e aliviar a tensão que havia ali, mas eu não fiz isso. Passaram-se meses desde que Dante e eu tivemos alguma intimidade e eu queria mudar isso, ele foi paciente, mas não deixei de perceber que ele sempre demorava bastante tempo no chuveiro. Não precisava adivinhar o que ele fazia. Agora que a minha cicatriz tinha fechado, mal conseguia esperar para estar com ele outra vez. Só que dessa vez seria diferente. Pela primeira vez, eu saberei que ele me ama enquanto estiver fazendo amor comigo, mesmo que nunca tenha dito as palavras em voz alta. O jeito que olhava para mim e para Anna valia mais do que todas as declarações de amor expressas em palavras no mundo.

— Val? — Chamou Dante e eu o ouvi entrando no quarto e logo depois no banheiro. Os olhos dele permaneceram no volume dos meus seios, quase inteiramente cobertos pela espuma. Ele estava maliciosamente lindo com o colete e a calça cinza escuros. Os dois primeiros botões da camisa branca estavam abertos e as mangas enroladas para cima, revelando o delineado de seus músculos. — Verifiquei Anna. Ela está dormindo. Gaby está cantando para ela.

— Ótimo — falei sorrindo.

Como Dante sugeriu, nós mudamos o quarto da bebê para o quarto que ele dividiu com a primeira mulher muito tempo atrás. Levando em conta que ficava a três portas distante do nosso, não me preocupava que Gaby pudesse nos ouvir. Os olhos de Dante estavam quase transparentes de luxúria, mas ele só ficou parado no batente da porta. Seu autocontrole era admirável e um pouco frustrante.

— Você parece cansada — disse atencioso. — Quer descansar um pouco?

O corpo dele dizia outra coisa. Era difícil não perceber o volume crescente em sua calça.

Neguei com um sorriso e me levantei, deixando a água e a espuma escorrerem pelo meu corpo nu enquanto eu ficava de pé diante de Dante. Seu olhar deixou um rastro ardente na minha pele à medida que deslizava pelo vértice entre as minhas coxas. Minha mão subiu para cobrir a cicatriz da cesariana, pequena, mas bem vermelha, que deformava a parte de baixo da minha barriga. Eu sempre encontrei um jeito de escondê-la da vista de Dante até agora. O médico disse que iria clarear com o tempo, mas nunca desapareceria por completo.

Dante seguiu na minha direção e com carinho tirou a minha mão dali, deixando minha cicatriz à mostra.

— Não se esconda de mim.

— Eu não sabia se você ficaria desmotivado quando visse a cicatriz.

Dante riu, um som rouco e profundo. Ele agarrou a minha cintura com o olhar faminto e possessivo.

— Você parece uma deusa, Val. Sua cicatriz não te deixa nem um pouco menos desejável para mim. Ou você acha as minhas cicatrizes repulsivas? Tenho um monte delas.

— Claro que não. Mas você é homem. É diferente para as mulheres.

Dante acariciou minha cicatriz com cuidado.

— Isso te deixa ainda mais linda porque eu sei o motivo de ela estar aí.

Coloquei as mãos em seus ombros, ensopando a camisa dele, mas Dante não pareceu se incomodar. Seu olhar continuava vagando pelo meu corpo. Inclinei-me para frente e o beijei.

— Dante, eu preciso de você. Preciso tanto de você.

Os olhos dele brilhavam de desejo.

— Tem certeza? Já está recuperada o bastante? Não quero te machucar.

Meu coração martelava de amor por ele. Significou muito ele ter me perguntado quando era visível o quanto ele queria me jogar na cama e me tomar. Uma de suas mãos já tinha encontrado a minha bunda, acariciando as nádegas de um jeito carinhoso, mas bastante displicente.

— Não vai — falei. — Contanto que façamos devagar, ficaremos bem. — A última coisa que eu queria fazer era ir devagar. Eu queria arrancar as roupas de Dante, lambar cada centímetro da pele dele e que ele metesse sem parar em mim.

Dante não disse nada, mas me ajudou a sair da banheira e me vestiu com o roupão felpudo. Ele me massageou por cima do tecido espesso até minha pele estar seca e minha respiração vir em sopros rápidos, me ergueu em seus braços e me carregou para o quarto onde me deitou na cama. Meus dedos dos pés se curvaram de ansiedade quando me olhou. Devagar, ele se arrastou para a cama e alcançou a faixa que mantinha meu roupão fechado. Deu um puxão e ele abriu, me deixando nua.

— Tão linda — disse impetuosamente. — Senti falta do seu sabor.

Só o que ele disse já me deixou excitada e mexi o quadril num convite silencioso. Um sorriso curvou seus lábios antes de ele abaixar a cabeça e beijar meus seios, primeiro o esquerdo, depois o direito, depois, foi beijando até chegar

à minha barriga. Enrijeci quando seus lábios roçaram minha cicatriz, não porque doía, mas Dante não recuou. Meu susto pareceu deixá-lo ainda mais determinado a dar uma atenção especial a esta parte do meu corpo. Seu olhar subiu quando ele pousou outro beijo na marca, continuava impiedoso, até meus músculos finalmente relaxarem sob seus lábios. Depois de mais um beijo rápido, ele chegou para baixo, empurrou minhas pernas afastando-as e enfiou a língua no meio das minhas dobras. Gritei, já tão perto do meu limite que pude sentir os músculos da minha perna travarem com a expectativa. Depois de mais alguns golpes e lambidas suaves, o orgasmo se apoderou de mim.

— Dante!

Enfiei os dedos nos cabelos deles, segurando-o em mim conforme eu me rendia ao prazer que ele me dava. Dante levantou o rosto e beijou a parte interna da minha coxa antes de sentar. Fiz o mesmo, minhas mãos foram até seu colete, tirando-o pelos ombros antes de desabotoar a camisa com as mãos trêmulas.

— Levante — mandei, sussurrando sem fôlego. Dante obedeceu com surpresa nos olhos.

Eu meio que rasguei a calça dele ao tentar tirá-la, deixando seu membro duro livre. Dei uma olhada em Dante enquanto o colocava na boca, saboreando o pré-goço salgado na língua, à medida que ele escorregava para o fundo da minha garganta. Dante gemeu. Ele entrou e saiu da minha boca algumas vezes antes de recuar, ficando fora do meu alcance.

— Tão bom do jeito que está, vou gozar se você continuar. Você não tem ideia do quanto eu te quero.

Dante estendeu a mão e eu a segurei sem pensar, deixando que ele me colocasse em pé. Ele empurrou o roupão dos meus ombros, que caiu aos meus pés e, quando eu já estava nos braços de Dante, grudei em seu corpo quente e firme. Ele chegou para trás comigo até que as costas das minhas pernas bateram na cama e eu caí no colchão macio. Dante se abaixou junto a mim. Fiquei confusa quando ele me virou de lado.

— O que está fazendo?

Ele deslizou atrás de mim, colando o peito nas minhas costas e sua ereção cutucava a minha coxa.

— Vamos tentar uma posição nova. Vou facilitar as coisas para você, assim meu peso não vai ficar sobre seu corpo.

— Tá bom — minha voz tremia de excitação.

— A pílula já está fazendo efeito?

Assenti depressa.

Dante roçou no meu pescoço e sua mão passeou pelo meu seio, indo para a minha barriga até deslizar para o meio das minhas pernas. Ele enfiou um dedo em mim, depois outro, me fazendo gemer.

— Você está pronta — grunhiu.

Eu estava mais do que pronta. Precisava desesperadamente dele. Todo o meu corpo ansiava por ele. Dante mexeu a mão pela minha coxa e envolveu meu joelho, levantando minha perna até que meu pé estivesse estendido na cama e minhas pernas abertas num “V” amplo. Ele me puxou ainda mais apertado para o seu corpo, me envolvendo e guiando sua ereção para a minha abertura, deslizou lentamente a ponta para dentro de mim e eu fechei os olhos por causa da sensação da minha pele se alargando. Dante envolveu meu seio com a palma da mão enquanto seus lábios beijavam o ponto atrás da minha orelha, empurrando pouco a pouco dentro de mim. Fiquei com o ar preso na garganta quando ele me preencheu por completo e soltou um suspiro pesado.

— Deus, você está tão apertada, Val.

Já tinha muito tempo desde a última vez e meu canal se acostumou à sua largura normal de novo. Dante parou, nossos corpos pareciam um só com o pau dele me esticando. Ele acariciava o lado do meu corpo e minha barriga.

— Você está bem?

Olhei sobre o meu ombro para ele, busquei seus lábios para um beijo, depois, me afastei e sussurrei:

— Senti falta disso.

Dante correu os dedos pelas minhas dobras e começou a desenhar círculos

delicados no meu montinho sensível.

— Mexa, por favor — meio que implorei entre gemidos.

E Dante se mexeu. Ele tirou quase tudo e colocou de novo. Quando meus músculos internos relaxaram, ele definiu um ritmo lento e delicioso. Parecia que éramos um só conforme nos movimentávamos. Nossas respirações aceleraram e o ritmo de Dante também, mas ele continuava me abraçando, com os lábios beliscando meu pescoço. Não sabia ao certo por quanto tempo fizemos amor daquele jeito, o prazer construído lentamente até eu enfiar meus dedos dos pés no colchão, desesperada para gozar, e, quando finalmente chegou, meus músculos apertados levaram Dante comigo e ele despejou tudo dentro de mim com um grito rouco.

Ele não se afastou de imediato. Em vez disso, me envolveu ainda mais apertado em seu abraço, nossos corpos ainda unidos, minha respiração baixava lentamente conforme Dante deixava um rastro de beijos pelo meu pescoço e, então, envolveu meu lóbulo com os lábios. Gemi e arqueei meu corpo contra o dele à medida que seus dedos brincavam novamente pelas minhas coxas.

— O que acha de outro *round*? — perguntou com a voz rouca.

Só consegui concordar com um aceno de cabeça porque sua outra mão torcia meu mamilo e eu sentia o pau dele começar a crescer duro dentro de mim de novo. Ele saiu de dentro de mim, me fazendo olhar confusa para ele. Ele esfregou a minha bunda levemente, sentando e abrindo seus braços em convite.

— Outra posição nova? — Perguntei animada.

O pau de Dante estava tão duro que repousava contra seu abdômen forte. Rastejei até ele e agachei por cima de seu corpo antes de sentar devagar em seu membro. Coloquei meus braços em volta do pescoço de Dante, aproximando nossos peitos e coleí minha boca na dele. Dante envolveu a minha bunda com ambas as mãos e me guiou para cima e para baixo em sua ereção.

— Olhe para mim — exigiu com a voz grossa. Abri os olhos, encontrando os seus. — Amo ver seu olhar quando estou dentro de você.

Mantivemos nossos olhares presos enquanto nossa respiração acelerava e

meus movimentos se tornavam irregulares, e até mesmo quando gritei de alívio, seguido pelos próprios gemidos roucos de Dante. Seu olhar era toda a declaração de amor que eu precisava enquanto estávamos grudados, relutantes em nos separar mesmo agora que estávamos esgotados e satisfeitos.

Dante se deitou devagar, me levando com ele, logo eu estava deitada sobre seu corpo. Um sorriso bobo surgiu em meu rosto quando olhei para Dante. Seus cabelos bagunçados, a barba por fazer, sua expressão desarmada... Enterrei meu rosto no vão de seu pescoço, sussurrando:

— Eu te amo.

Ele me abraçou mais apertado e beijou o lado da minha cabeça. Fechei os olhos, ouvindo a cacofonia de seu coração acelerado.

Ficamos deitados daquele jeito por um longo tempo. Não queria me mexer, mas acabamos indo para o chuveiro.

Logo depois, estávamos no quarto da bebê. Encontramos Gaby sentada na cadeira de balanço lendo um livro, mas ela se levantou assim que nos viu.

— Pode ir — sussurrei. — Vamos ficar com ela pelo resto da noite.

Gaby assentiu e saiu, fechando a porta sem fazer barulho. Anna estava deitada no berço, com as mãozinhas fechadas e a fisionomia tranquila. Ela ainda era pequena, mas tinha crescido bastante desde o dia que a trouxemos do hospital para casa há duas semanas. Fui até o berço na ponta dos pés e coloquei as mãos na grade, morrendo de vontade de acariciar sua bochecha rosada, mas não queria acordá-la. Eu amava observá-la nesses momentos tranquilos. Nunca me senti tão calma. Dante apareceu atrás de mim e me envolveu pela cintura, apoiando a cabeça na minha.

— Nunca vou deixar que nada aconteça a você nem a Anna. Vou protegê-las até meu último suspiro.

Eu sabia disso.

Levou um tempo e nós encontramos alguns obstáculos pelo caminho, mas eu finalmente tinha o que sempre desejei: um marido que se importava profundamente comigo e uma bebê linda que nós dois amávamos mais do que

qualquer coisa no mundo. Parecia que eu finalmente tinha chegado onde deveria estar.

SOBRE A AUTORA

Cora Reilly é autora de séries cujos personagens apresentam-se como *bad boys* perigosamente *sexies*. Antes de encontrar sua paixão em livros de romance, ela era uma autora publicada tradicionalmente de literatura para jovens adultos.

Cora mora na Alemanha com um bonito, mas louco cãozinho da raça *Bearded Collie*. Quando ela não passa seus dias sonhando com histórias de fazer suspirar, ela planeja sua próxima aventura de viagem ou cozinha pratos muito picantes de todo o mundo.

Apesar de sua graduação em Direito, Cora prefere conversar sobre livros ao invés de sobre leis, a qualquer momento.

Siga-a em suas redes sociais:

Facebook: <https://www.facebook.com/CoraReillyAuthor/>

Twitter: @CoraReillyBooks

Instagram: @corareillyauthor

LIVROS LANÇADOS

Ligados pela Honra

Ligados pelo Dever



Nos braços do roqueiro

Browning, Terri Anne

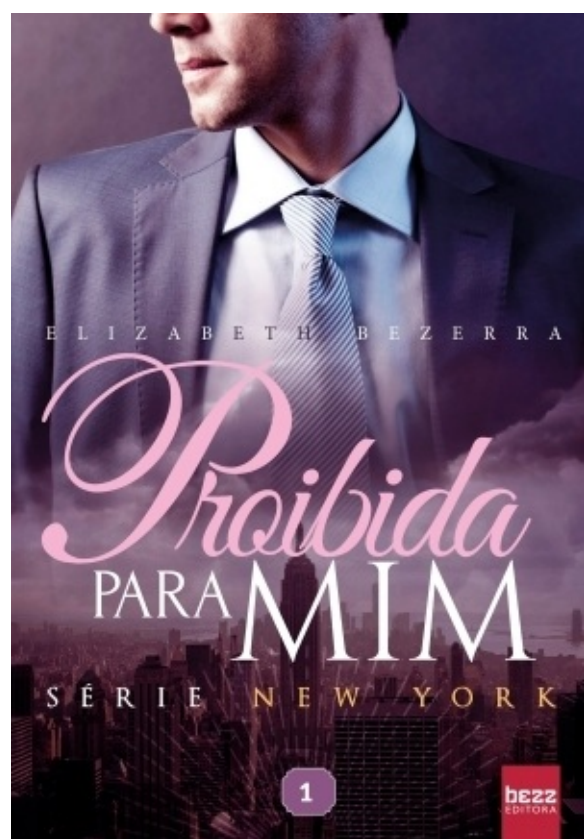
9788568695449

147 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sair em turnê com quatro roqueiros parece um sonho... pelo menos é o que as pessoas me dizem. Para mim, esses quatro roqueiros são a minha família. Cuidam de mim desde meus cinco anos de idade, protegendo-me da minha mãe e de seus episódios de fúria quando estava bêbada e drogada. Mesmo depois de famosos, continuaram cuidando de mim. E quando meu monstro de mãe morreu, eles se tornaram meus guardiões. Há seis anos eu cuido dos quatro homens que são tudo para mim. Tomo conta deles da mesma maneira que sempre cuidaram de mim. Resolvo tudo, até as sujeiras dos bastidores da vida de um roqueiro. Nem sempre é bonito. Às vezes, chega a ser quase repugnante, principalmente quando tenho que me livrar das transas aleatórias. Ugh! E se apaixonar por um roqueiro NÃO é inteligente. Tudo bem, então não sou inteligente. Eu amo os meus garotos, e um deles, meio que tem meu coração em sua, grande e calejada, mão roqueira.

[Compre agora e leia](#)



Proibida para mim

Bezerra, Elizabeth

9788568695371

310 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreende e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

[Compre agora e leia](#)



C. J. ANAYA

ENLACE SEU *Bilionário*

Uma comédia romântica

*Está aberta a temporada de Caça ao Marido,
mas, na verdade, o alvo era... ELA*



Enlace seu bilionário

Anaya, C. J.

9788554288259

148 páginas

[Compre agora e leia](#)

Midge Knightly não queria ter nada a ver com o mundo de seu pai, um famoso produtor de Hollywood que se enveredou para o mundo dos shows de TV. Focada em seus estudos, e faltando apenas um semestre para se formar, ela descobre que sua bolsa de estudos foi cancelada.

Seu pai ausente, então, lhe oferece uma solução: ele paga pelo restante dos estudos se ela for uma das participantes de seu próximo reality show, um programa no qual um solteirão terá que escolher uma noiva. Ela nem precisava ganhar, apenas fazer número.

Para Midge isso significaria voltar ao mundo que ela tanto despreza, ter que lidar com playboys e suas segundas intenções, além de aturar outras candidatas. Sem saída, ela acaba cedendo, mas ela não sabia quem era o candidato...

Brody Prescott, CEO e proprietário de uma empresa de namoro online, foi seriamente acusado de uso privilegiado de informação por uma mulher vingativa, e isso poderia arruinar os seus negócios. Para virar esse jogo, ele decide aceitar ser o solteirão do próximo reality show 'Enlace seu Bilionário'. Seu entusiasmo não é muito grande até que ele descobre quem será uma das candidatas e, a partir daí, o jogo muda completamente, mesmo quando Midge faz de tudo para ser uma das primeiras eliminadas.

Midge e Brody podem não ter tido um início muito promissor, mas ele sabe quem ele quer e como fazer para enlaçar a noiva perfeita.

Enlace seu Bilionário é uma comédia romântica, tendo como pano de fundo

o reality show. Coloque seu pijama, pegue um pouco de chocolate e pipoca e se acomode para conhecer esta divertida história de amor.

[Compre agora e leia](#)

KATY REGNERY
BESTSELLER DO THE NEW YORK TIMES

O Coração da Fera

Conto de Fadas Moderno
BASEADO EM BELA E A FERA



bezz
EDITORA



O coração da fera

Regnery, Katy

9788554288006

347 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conto de Fadas Moderno de A Bela e a Fera, vencedor do Kindle Book Awards® de 2015, na categoria Romance, e finalista do prêmio RITA®, no mesmo ano. Contém vocabulário e cenas de conteúdo adulto. Recomendável para leitores acima de 18 anos.

Um erro de julgamento destruiu a carreira dela...

A promissora jornalista investigativa, da cidade de Nova York, Savannah Carmichael, viu sua carreira ir por água abaixo quando foi enganada por alguém em quem confiava ao ser apresentada a uma fonte não fidedigna. Voltando à sua cidade natal, ela tem uma nova oportunidade quando um jornal de menor expressão lhe dá a chance de provar seu valor, escrevendo uma matéria especial para a edição de Quatro de Julho. Imediatamente, Savannah se lembra do "eremita" da cidade; um veterano ferido que retornou há oito anos e nunca mais foi visto. Ele seria seu passaporte para voltar à ativa.

Um passo em falso destruiu a vida dele...

Asher Lee quis fazer a diferença na vida dos outros, pelo seu país, e se alistou após o 11 de Setembro. Alguns anos depois, teve sua vida modificada quando uma mina no Afeganistão praticamente destruiu o lado direito de seu corpo.

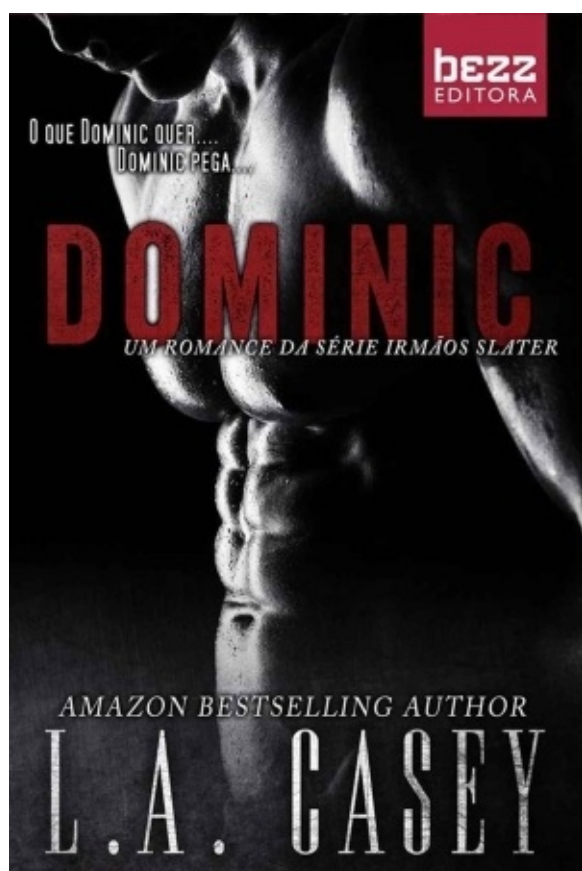
Agora, ele faz jus ao apelido que recebeu na cidade ao viver escondido em sua enorme casa; uma 'fera' vivendo uma semi-vida através dos romances que lê avidamente. Quando uma bela repórter aparece à sua porta, trazendo-lhe brownies e querendo fazer sua história conhecida, a princípio ele reluta, para

mais adiante, não só aceitar, como se ver enredado em sentimentos que nunca ousou pensar que lhe seriam permitidos novamente. Ela era seu passaporte para a esperança.

E juntos, tornaram suas cicatrizes uma ponte para o Amor.

Savannah e Asher criaram um vínculo imediato, tocando o coração um do outro de formas que nem imaginavam ser possível. Mas um terrível erro ameaça distanciá-los, e terão que decidir se o amor que aprenderam a conhecer é forte o suficiente para lutarem por seu final feliz.

[Compre agora e leia](#)



Dominic

Casey, L.A

9788568695104

371 páginas

[Compre agora e leia](#)

Depois de um acidente que matou seus pais, quando ainda era uma criança, Bronagh Murphy escolheu se afastar das pessoas, em um esforço para se proteger de futuras mágoas. Se ela não se apegar, se não conversar ou tentar conhecê-las, elas a deixarão em paz, exatamente como ela quer. Quando Dominic Slater entra em sua vida, ignorá-lo é tudo que ela precisa fazer para deixá-lo intrigado. Dominic está acostumado se destacar, e quando ele e seus irmãos se mudam para Dublin, na Irlanda, por causa de um negócio de família, isso é exatamente o que ele consegue: a atenção de todos. Menos da linda morena de língua afiada.

[Compre agora e leia](#)